

**Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas**  
**Universidade Técnica de Lisboa**



# **Estratégia energética da Rússia**

O caso do gás natural nas relações com a Europa

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Estratégia

Trabalho orientado pela Professora Doutora Patrícia Daehnhardt e co-orientado pelo  
Professor Doutor Pedro Borges Graça

**Mestrando: João Miguel Chaves Rafael**

Lisboa, 2012



*“Russia enjoys vast energy and mineral resources which serve as a basis to develop its economy as an instrument to implement domestic and foreign policy. The role of the country on international energy markets determines, in many ways, its geopolitical influence” – Vladimir V. Putin*



# Índice

<b>Resumo</b>	4
<b>Abstract</b>	4
<b>Introdução</b>	5
O âmbito da dissertação	5
A justificação do tema	5
Enquadramento teórico	6
Apresentação da problemática	9
O objectivo da investigação	10
Definição e delimitação do objecto de estudo	11
Metodologia	11
Trabalhos futuros	13
<b>Estado da arte</b>	14
<b>1. A nova Rússia</b>	20
1.1 A nova política externa da Rússia	20
1.2 A posição russa nos mercados energéticos	25
1.3 A Gazprom - forças e fraquezas	30
<b>2. A dependência da Europa da energia russa</b>	36
2.1 O poder russo e a segurança energética na Europa	36
2.2 A dependência dos Estados bálticos	43
2.3 A dependência da Ucrânia	43
2.3.1 A natureza das crises russo-ucranianas	48
2.3.2 A falta de transparência nas relações comerciais energéticas russo-ucranianas	52
2.3.3 A reforma da rede de gás natural ucraniana: modernização, transparência e cooperação	56
2.4 A dependência da União Europeia	58
<b>3. A estratégia da União Europeia</b>	67
3.1 O objectivo energético da Europa: a diversificação dos fornecimentos de	

gás natural	67
3.2 O projecto Nabucco	68
3.2.1 O financiamento do Nabucco	71
3.2.2 O fornecimento do Nabucco	73
3.2.3 Alternativas europeias ao Nabucco	83
3.3 (In)coesão institucional na estratégia de diversificação	92
3.4 Estratégia de transparência e liberalização	98
3.5 À conquista da Ásia Central e do Cáucaso	99
<b>4. A estratégia da Rússia</b>	<b>106</b>
4.1 O objectivo estratégico central da Rússia e da Gazprom	106
4.2 O projecto <i>Nord Stream</i>	108
4.2.1 O valor estratégico do <i>Nord Stream</i> para a Rússia e para a Alemanha	110
4.3 O projecto <i>South Stream</i>	115
4.4 Lidar com a União Europeia e com a Ásia Central	121
<b>Conclusão</b>	<b>126</b>
<b>Índice de ilustrações</b>	<b>130</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>132</b>

## Resumo

Esta investigação demonstra como a riqueza de matérias-primas energéticas, e em particular de gás natural, actua como factor de afirmação geopolítica e de potencial estratégico fundamental para a reemergência da Rússia enquanto potência no sistema internacional.

Para demonstrar este potencial, importará em primeiro lugar abordar brevemente as linhas gerais da nova política externa russa após o fim da URSS em Dezembro de 1991. De seguida demonstrar-se-á empiricamente a riqueza da Rússia a nível energético, nomeadamente as suas reservas e produção de petróleo e gás natural.

Neste trabalho é estudada a enorme dependência da Europa em relação ao gás russo, já que esse facto é preponderante para a reconquista do estatuto de grande potência por parte da Rússia. A Europa constitui o principal cenário de actuação da Rússia na consolidação do seu poder energético, e consequentemente político. É também na Europa que se centram as estratégias da Rússia com os seus projectos de novos gasodutos como *Nord Stream* e o *South Stream*, o que não dispensará os russos de seguir também um jogo estratégico no Cáucaso e na Ásia Central de modo a garantir o sucesso das suas ambições dentro da Europa. Será abordado o projecto Nabucco como vanguarda da estratégia da União Europeia no combate à sua dependência em relação à Rússia, apresentando várias debilidades quanto à sua viabilidade, mas que a ter sucesso, compromete o futuro da Rússia no mercado do gás.

A Rússia, por outro lado, tem pela frente grandes ameaças ao seu poder energético no longo prazo como a queda da produção, que poderá ameaçar a Europa também, e a baixa competitividade do gás russo que por enquanto é salva por um mercado onde a concorrência dificilmente consegue entrar.

Concluindo, esta investigação demonstra que por um lado, não é claro que a actual estratégia da União Europeia, nomeadamente o projecto Nabucco, seja uma solução eficaz para evitar a dependência da Rússia, e que por outro lado, a Rússia depara-se com ameaças ao seu domínio no mercado europeu e os investimentos astronómicos dos dois *Streams* podem não ser suficientes para consolidar e expandir o poder da Rússia e a hegemonia da Gazprom no mercado europeu do gás.

**Palavras-chave:** Rússia, Europa, gás natural, *South Stream*, *Nord Stream*, Nabucco

## Abstract

This research shows how the wealth of energy raw materials, and natural gas in particular, play a role on geopolitical assertion and fundamental strategic potential for the re-rising of Russia as an influential nation in the international system.

In order to demonstrate this potential, it is primarily required to briefly approach the general guidelines of Russia's new foreign policy after the breakup of the USSR in December 1991. Afterwards, we will empirically demonstrate the wealth of Russia on an energy level, namely its reserves and production of oil and natural gas.

This dissertation studies the huge European dependence on the Russian gas, as this fact is crucial for the Russians to re-conquer their great power status. Europe is Russia's main acting scenario to consolidate its energetic and political power. It is also in Europe that Russia's strategies are focused with its projects of new gas pipelines like the *Nord Stream* and *South Stream*. This, however, does not exempt Russians from pursuing a strategic game in the Caucasus and Central Asia, in order to ensure the success of their ambitions within Europe.

We will cover the Nabucco project as the European Union's head strategy, in its struggle against the dependence from Russia, while showing several weaknesses regarding its viability. However, should it succeed, it will undermine Russia's future in the gas market.

Nevertheless, Russia faces great threats to its energetic power in the long run, i.e. the fall of production which might also threaten Europe, as well as the low competitiveness level of the Russian gas that for the moment is saved by a market where the competition hardly penetrates.

In conclusion, we will demonstrate that on one hand, it is not clear that the current European Union strategy, namely the Nabucco project, is an effective solution to avoid its dependence from Russia and that, on the other hand, Russia is facing several threats to its dominant position in the European market while its heavy investments in both streams may not be enough to consolidate and extend its power and consequent Gazprom hegemony in the European gas market.

**Keywords:** Russia, Europe, natural gas, *South Stream*, *Nord Stream*, Nabucco



# Introdução

## O âmbito da dissertação

Esta é uma dissertação realizada com vista à obtenção do grau de Mestre no âmbito do Mestrado em Estratégia do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa. A dissertação é orientada pela Professora Doutora Patrícia Daehnhardt e co-orientada pelo Professor Doutor Pedro Borges Graça.

Tratando-se de um Mestrado multidisciplinar, esta é uma dissertação que se pode inserir em diversas áreas. Insere-se na área da estratégia, pois a busca pelo controle de matérias-primas energéticas será sempre um palco de disputas estratégias entre actores públicos e privados, nomeadamente os Estados que procuram atender àquilo a que se convencionou chamar de “segurança energética”, e as multinacionais públicas ou privadas que se envolvem em estratégias por vezes conflituosas de modo a assegurar e expandir os seus mercados.

Insere-se igualmente na área das relações internacionais, pois os conflitos em torno da energia traduzem-se muitas vezes nas relações entre Estados, quer cooperantes quer antagónicas.

O comércio internacional é outra área que diz respeito a este estudo. O mercado da energia é crucial na estrutura do comércio internacional, qualquer fractura neste mercado tem repercussões em todos os sectores económicos dos Estados, o que tem sido visível nos tempos actuais.

## A justificação do tema

A energia é um tema actual e de crescente importância na área das relações internacionais e do comércio internacional. Com a globalização da economia internacional e a expansão industrial que se regista em vários pontos do globo, as matérias-primas energéticas conquistam cada vez mais procura nos mercados internacionais, tornando-se alvo de disputas internacionais por parte de Estados e de grandes multinacionais energéticas. Ter acesso a bens energéticos é decisivo para o funcionamento de qualquer economia, e por isso mesmo os agentes económicos cada vez mais tornam-se conscientes da relevância de possuírem uma estratégia no âmbito da segurança energética.

Para além da sua relevância e actualidade, este é um tema que me desperta muito interesse. Não é a primeira vez que tomo contacto com o estudo das questões energéticas. Tomei-o pela primeira vez durante a minha licenciatura em Relações Internacionais nas unidades curriculares de “Geopolítica e Geoestratégia” e “Ásia: questões políticas, económicas e sociais.” Por outro lado tenho também um especial interesse no estudo da política externa da Rússia. Juntando todos estes factores não me foi particularmente difícil a escolha deste tema para esta dissertação.

### **Enquadramento teórico**

As relações internacionais caracterizam-se actualmente por uma proliferação de actores no sistema internacional. O número de territórios a reclamar a independência e a procurar reconhecimento internacional como Estado soberano tem aumentado drasticamente nas últimas décadas. Em 1930 contávamos apenas 60 Estados, enquanto que agora esse número ultrapassa os 190.<sup>1</sup>

O aparecimento de várias organizações políticas e económicas internacionais é outra tendência da nova estrutura do sistema internacional. Estas organizações têm sido responsáveis por um aprofundar das relações entre os Estados-membros, pelo fomento das suas trocas comerciais e da cooperação aos mais diversos níveis. A União Europeia constitui hoje o melhor exemplo destes actores, incluindo um estatuto supranacional onde os Estados membros delegam alguns direitos soberanos à organização, e onde se verifica uma cooperação em várias áreas como a política, económica, judicial, cultural, educativa, entre outras.

Temos assistido também a uma multiplicação de novos actores privados mais ou menos transparentes de grande influência nas decisões políticas. Dentro dos novos actores privados temos as Organizações Não Governamentais que influenciam a política e a opinião pública, as organizações criminosas transnacionais, os grupos terroristas, as entidades religiosas, os lóbis dos mais diversos campos e as grandes multinacionais.

A toda esta multiplicidade de actores podemos aplicar a lei da complexidade crescente: *«Adaptando o pensamento de Teilhard de Chardin, Adriano Moreira enumera a lei da complexidade crescente nas relações internacionais, segundo a qual a marcha para a unidade do mundo é acompanhada por uma progressiva multiplicação qualitativa e quantitativa dos centros de decisão (divergência) e de uma multiplicação quantitativa e qualitativa das mútuas relações, tudo originando novas formas políticas (grandes espaços) e órgãos supranacionais de diálogo, cooperação e decisão (...) Segundo o ensino do Professor Adriano Moreira, há movimentos de convergência mundialista, ao mesmo tempo que se aceleram processos de divergência e de dispersão e dessa complexidade surgem novas formas políticas, desde os grandes espaços aos órgãos supranacionais de diálogo, cooperação e decisão.»*<sup>2</sup>

A crescente influência dos grupos económicos nas decisões políticas constitui um dos mais modernos obstáculos à transparência dos regimes democráticos. Perante casos mais extremos adoptou-se o conceito de “República das Bananas” para descrever um Estado demasiadamente dependente da actividade de uma determinada empresa e que por isso ganha um poder de decisão indirecta perante os governos através da chantagem económica. O termo foi cunhado dado o enorme poder que a empresa United Fruit Company exercia em alguns países da América Latina como Honduras e a Guatemala. A promiscuidade entre empresários e políticos baseada em favores e na corrupção recebeu o conceito de *crony capitalism*: *«An economy that is nominally free-market, but*

---

<sup>1</sup> DOUGHERTY, James, PFALTZGRAFF, Robert, *Relações Internacionais – As teorias em confronto*, Gradiva, s.l., 2003, p.39

<sup>2</sup> MAZTEZ, José Adelino, *complexidade crescente*, 2003, [http://maltez.info/respublica/topicos/aalettrac/complexidade\\_crescente.htm](http://maltez.info/respublica/topicos/aalettrac/complexidade_crescente.htm) (acedido a 02/03/2012)

*allows for preferential regulation and other favorable government intervention based on personal relationships. In such a system, the false appearance of "pure" capitalism is publicly maintained to preserve the exclusive influence of well-connected individuals.»<sup>3</sup>*

Quando os decisores políticos traçam estratégias no âmbito da segurança energética, é comum o trabalho conjunto entre governos e empresas como acontece com os Estados europeus e a Rússia, por isso mesmo os investimentos com propósitos de segurança energética são financiados simultaneamente por governos e companhias energéticas. Assistimos também a um grande número de companhias energéticas sob o controle político, quer através da detenção da maioria das acções pelo Estado, quer através de *golden shares*. As empresas públicas do sector energético produzem 60% do petróleo mundial e detêm 90% das reservas mundiais.<sup>4</sup> O controlo político destas companhias tem sido um entrave à transparência e ao desenvolvimento de um verdadeiro mercado livre, levando estas empresas a satisfazer simultaneamente projectos políticos e objectivos comerciais. Concluimos que tais companhias energéticas funcionam como actores híbridos, i.e, um meio-termo entre actor privado e actor público.

O controlo político da Gazprom pelo Kremlin e a riqueza em gás natural pode explicar em parte o fraco desenvolvimento de outros sectores da economia russa, à semelhança do atraso que Portugal conheceu na sua indústria por se ter acomodado às receitas do ouro vindo do Brasil. Há autores que consideram que o controlo político de riquezas energéticas também pode explicar em parte o *deficit* democrático verificado em alguns países: «(...) *New York columnist, Thomas Friedman (2004) who identified the 'First Law of Petropolitics' which is that 'the higher the price of crude oil, the more free speech, free press, fair elections, and independent judiciary, the rule of law and independent political parties are eroded'. This can be seen as the classic statement of the causal linkages between oil wealth and illiberalism.»<sup>5</sup> Como sugere a escola liberal da economia e das relações internacionais, um mercado energético livre, concorrencial, e transparente, seria a melhor contribuição para assegurar a segurança energética das economias evitando a competição política dos recursos naturais entre Estados, i.e, impedir que questões comerciais se transformem em questões exclusivamente geopolíticas e geoestratégicas.<sup>6</sup>*

O autor Mikko Palonkorpi faz a ligação entre a segurança energética e a teoria dos complexos regionais de segurança de Buzan e Wæver. Estes autores definem a sua teoria da seguinte forma: «*The central idea in RSCT [Regional Security Complex Theory] is that, since most threats travel more easily over short distances than long ones, security interdependence is normally into regionally based clusters: security complexes. [...] Process of securitization and thus the degree of security interdependence are more intense between actors inside such complexes than they are between actors inside the complex and outside of it.»<sup>7</sup> Por outras palavras, Palankorpi explica-nos que os*

<sup>3</sup> *crony capitalism*, BusinessDictionary, <http://www.businessdictionary.com/definition/crony-capitalism.html> (acedido a 02/03/2012)

<sup>4</sup> CHASE, Howard, *European Energy policy*, Seminário do Aleksanteri Institute, 2006

<sup>5</sup> DANNREUTHER, Roland, *International Relations Theories: Energy, Minerals and Conflict*, Polinares, Setembro de 2010, p.7

<sup>6</sup> *Ibidem*, p.5-9

<sup>7</sup> BUZAN, Barry & Wæver, *Regions and Powers: The Structure of International Security*, Cambridge University Press, 2003, p.4

complexos regionais de segurança podem ser vistos como um conjunto de dilemas de segurança numa determinada área geográfica, onde as percepções de ameaça pelos Estados estão de tal forma interligadas, que criam um sistema de interdependência onde a segurança de um Estado não pode ser entendida separadamente da segurança de outro.<sup>8</sup> Assim, Palonkorpi identifica os complexos regionais de segurança energética: «*The regional energy security complexes are formed by energy related interaction between two or more states in a limited geographical area, which includes an energy dependency relationship between the states involved and perception of this dependency as a threat (securitization). (...) In order to outline an energy security complex one needs to evaluate the relative strength of energy dependencies by measuring such factors as energy trade balance, level of (domestic) energy resources and possibilities for energy diversification.*»<sup>9</sup> O mesmo autor refere que a percepção de dependência energética, e consequentemente a percepção de ameaça, é relativa, ou seja, depende das relações entre actores. Por exemplo, um Estado que seja dependente do gás de outro em 30%, pode não perceber esse facto como uma insegurança no caso dos dois actores gozarem de boas relações. Por outro lado, se os dois Estados tiverem más relações, então uma dependência de apenas 10% pode ser percebida como uma ameaça à segurança nacional.<sup>10</sup>

Considera ainda Palonkorpi que a estrutura do complexo regional de segurança energética dita o grau de dependência ou de interdependência energética. Numa estrutura unipolar o sistema tende para uma situação de dependência, enquanto que numa estrutura multipolar maior será o grau de interdependência.<sup>11</sup> Em termos práticos, numa estrutura unipolar podemos ter um Estado que é dependente em 100% da importação de gás de outro, já numa estrutura multipolar podemos ter um Estado que é 50% dependente da importação de gás de outro, ao mesmo tempo que o Estado dependente representa 50% das exportações totais de gás do primeiro.

Outra transformação do sistema internacional prende-se com a crescente multipolaridade do seu sistema de ordenamento. A emergência económica dos BRIC (Brasil, Rússia, Índia, China) tem produzido novas distribuições de poder, que apesar de ainda não serem perfeitamente notórias, comprometem no longo prazo a hegemonia dos Estados Unidos enquanto única superpotência mundial. Por agora os BRIC concentram-se mais numa ascensão económica do que militar. A hegemonia militar dos Estados Unidos levará décadas até encontrar um rival de peso, pelo menos contando com o sector militar convencional e excluindo o poder nuclear. Os BRIC sabem que para se equipararem aos EUA necessitam de grandes investimentos militares, mas o esforço financeiro para essa opção não pode ser feito sem antes se consolidar o poder económico destes Estados. Na era da globalização a ascensão económica é fundamental para o estatuto de poder de um Estado, hoje o poder militar dificilmente poderá ser reconhecido como o único factor de poder, mas se os Estados Unidos não retomarem o crescimento económico vivido há várias décadas, então será difícil acompanhar os orçamentos militares de outros Estados no futuro, em particular da China.

---

<sup>8</sup> PALONKORPI, Mikko, Energy Security and the Regional Security Complex Theory, Aleksanteri Institute, s.d, p.2-3

<sup>9</sup> Ibidem, p.3

<sup>10</sup> Ibidem, p.5

<sup>11</sup> Ibidem, p.10

Na América Latina assistiremos provavelmente à tentativa do Brasil em substituir a influência americana pela brasileira. A Rússia tentará afastar os Estados Unidos da Europa de Leste, do Mar Negro, do Cáucaso e da Ásia Central. Quanto aos rivais da Índia e da China poderão igualmente tentar substituir os Estados Unidos como o principal actor que garante a segurança da região asiática. Tudo isto são cenários de longo prazo que não se verificarão antes dos BRIC modernizarem fortemente as suas forças armadas.

As disputas características da emergência de novas potências agudizarão os conflitos energéticos, já que será crucial o acesso ao petróleo e ao gás natural para sustentar o crescimento económico destes países. Neste contexto estão em vantagem o Brasil e a Rússia que possuem grandes riquezas a nível energético. A China e a Índia, por serem os Estados mais populosos dos BRIC e por não serem ricos em petróleo ou gás, irão procurar garantir a sua segurança energética buscando recursos à Rússia, à Ásia Central e ao Médio Oriente. A China faz fronteira com a Rússia e com a Ásia Central onde os russos têm grande influência, e a crescente procura de bens energéticos na China pode levar tanto a uma aproximação política com a Rússia dado o potencial do comércio bilateral, quer a uma relação mais conflituosa enquanto disputam a presença na Ásia Central.

Os conflitos energéticos promoverão cada vez mais a acção estratégica dos Estados e dos actores privados de modo a assegurar o fornecimento de energia. Esta acção estratégica procura satisfazer os objectivos de abastecimento, transporte e diversificação. Inspirando-me na definição de Abel Cabral Couto segundo a qual estratégia é definida como *«a ciência e arte de, à luz dos fins de uma organização, estabelecer e hierarquizar objectivos e gerar, estruturar e utilizar recursos, tangíveis e intangíveis, a fim de se atingirem aqueles objectivos, num ambiente admitido como conflitual ou competitivo (ambiente agónico).»*,<sup>12</sup> defino estratégia como o conjunto de processos levados a cabo por uma ou várias organizações, que recorrendo aos meios disponíveis, procura alcançar os seus fins num ambiente adverso. Tive o cuidado de conceber uma definição com uma aplicabilidade multidisciplinar, i.e, aplica-se tanto à gestão de empresas como à actuação dos Estados no sistema internacional, o que se torna mais apropriado numa investigação multidisciplinar. Nesta definição, o mercado da energia é o ambiente onde os actores (Estados e companhias energéticas) actuam de modo a satisfazer os seus objectivos. É adverso porque nele encontramos actores com interesses antagónicos, nomeadamente a Rússia que procura consolidar e expandir o seu poder energético, e a Europa que pretende conter essa influência russa através da diversificação de fornecedores energéticos.

### **Apresentação da problemática**

Pelo seu papel crucial em qualquer economia, o mercado da energia é um mercado de altos interesses estratégicos. Consequentemente, o mercado da energia nunca poderá ficar de fora da

---

<sup>12</sup> CABRAL COUTO, Abel apud ABREU, Francisco, Fundamentos de Estratégia Militar e Empresarial. Obter superioridade em contextos conflituais e competitivos, Sílabo, Lisboa, 2002, p. 15

agenda da política externa das grandes potências. Este é um mercado altamente competitivo e está muitas vezes na base de disputas estratégicas entre Estados.

A Rússia é um Estado altamente privilegiado no mercado da energia. É rico em matérias-primas energéticas, controla a exploração destas riquezas naturais e dada a sua dimensão territorial domina os principais gasodutos que abastecem a Europa. Esta riqueza, aliada ao facto da Rússia ser o principal fornecedor de gás natural de muitos países europeus, confere-lhe um estatuto especial na economia internacional e nas relações internacionais, atribuindo-lhe poder de negociação na arena internacional e possibilitando-a de utilizar a energia como instrumento de *hard power* ser for essa a escolha dos líderes políticos.

Esta situação tem levado muitos Estados a procurar estratégias de modo a diminuir a sua dependência da Rússia em termos de importação de gás natural.

De uma forma resumida, eis alguns aspectos a reter em relação à problemática do estudo:

- A riqueza de gás natural é um elemento fundamental no potencial estratégico e geopolítico da Rússia.
- Podemos incluir a Rússia dentro de um conceito de “potência energética”.
- O gás natural russo é um instrumento de política externa.
- Existência de uma disputa estratégica entre a Rússia e os seus principais importadores de gás natural.
- Os Estados dependentes do gás russo tentam encontrar estratégias alternativas de modo a diversificar a origem das suas importações de gás.

### **O objectivo da investigação**

Esta dissertação de Mestrado tem como objectivo estudar a Rússia enquanto potência energética. Entende-se por potência energética, um Estado que dispondo de matérias-primas energéticas, tem a capacidade de se afirmar internacionalmente e conquistar poder de influência dentro do sistema internacional através das mesmas.

O seu poder imenso no mercado de combustíveis fósseis, aliado a outros factores tais como a sua natureza transcontinental, confere à Rússia um estatuto de grande potência no sistema internacional. Este trabalho analisa como a sua posição quase monopolista na Europa, possibilita à Rússia a reconquista do seu estatuto político internacional após a dissolução da URSS e do Pacto de Varsóvia. Assim, ficará demonstrado que o mercado da energia joga um papel central na política externa russa, quer pela importância crucial na ascensão económica do país, quer pelo seu peso na recuperação do prestígio desta antiga superpotência. Pretende-se estudar como e por que meios, a Rússia procura a consolidação, a manutenção, e a expansão desse poderio energético que se traduz em mais poder económico e político, quer a nível regional, quer a nível global. Por outro lado, procura-se compreender também a forma como a Europa, e particularmente a União Europeia, tem tentado contornar o potencial estratégico russo através de estratégias de diversificação de fornecedores de gás e de fontes de energia.

Para além da oposição estratégica de Bruxelas, serão analisados outros desafios ao poder russo nos mercados energéticos, tais como problemas internos relacionados com a política russa e com a Gazprom.

### **Definição e delimitação do objecto de estudo**

O objecto de estudo nesta investigação é o gás natural russo, cuja temática central se insere na estratégia energética.

O ponto de partida da investigação é a Rússia como actor principal do estudo. Embora o trabalho inclua outros actores, o objectivo central é o estudo da estratégia energética da Rússia e o caso do gás natural em particular.

A minha delimitação temática prende-se com o estudo do gás natural e não do petróleo. No caso particular da Rússia, o gás natural tem particularidades estratégicas que o petróleo não tem. O potencial estratégico da Rússia no mercado da energia, deve-se essencialmente à dependência de vários países em relação à importação de gás russo. Quando estes Estados altamente dependentes do gás russo procuram alternativas ao seu abastecimento, deparam-se com dificuldades quase insuperáveis, pois a rede de gasodutos é essencialmente controlada pela Rússia. O mesmo não acontece com o petróleo, já que matéria-prima é exportada em estado líquido, pelo que o seu transporte é mais simples tornando a diversificação das importações mais fácil.

Em termos de delimitação cronológica, o meu estudo incidirá sobre a Rússia pós-soviética e especialmente a partir do início da presidência de Vladimir Putin até 2011. A opção por esta delimitação é justificada pelo facto do gás natural russo só ter adquirido o seu papel depois do fim da URSS: apesar da sua relevância estratégica já durante a Guerra Fria, a antiga União Soviética não chegou a instrumentalizar a posse de gás natural através de uma ameaça de aumento de preços ou de corte nos abastecimentos ao bloco ocidental.

Procurei também fazer uma delimitação geográfica ao meu estudo. A área geográfica abrangida será território da Federação Russa. No entanto a investigação também incidirá sobre outros espaços geográficos que jogam um papel crucial neste tema: a Europa de Leste, pela sua alta dependência das importações de gás vindas da Rússia, o espaço da União Europeia, que como actor institucional tem procurado até hoje, embora sem grande sucesso, encontrar estratégias que permitam aos Estados europeus diversificar a origem das suas importações de gás, e finalmente o Cáucaso e a Ásia Central, ambos por serem zonas ricas em gás e disputadas por russos e europeus. A Ásia Central é uma das alternativas apontadas pelos países europeus para a importação de gás natural não-russo, enquanto que os russos actuam na região de modo a consolidar a sua hegemonia comercial no mercado europeu.

### **Metodologia**

A dissertação começará com um capítulo de enquadramento. Será apresentada a nova política externa da Rússia surgida no final dos anos 90 com o fim da URSS. Serão apresentados uma série de dados empíricos que provam o potencial da Rússia no mercado da energia, o que lhe permite que a ascensão no sistema internacional se faça em grande parte pela riqueza em matérias-primas energéticas.

O segundo capítulo diz respeito à dependência da Europa relativamente ao fornecimento de gás russo, o que tem implicações a nível da balança de poderes entre a Europa e a Rússia.

O terceiro capítulo aborda a estratégia da Europa para diversificar os seus fornecimentos de gás. Pode parecer paradoxal ser um capítulo tão longo já que o objectivo do trabalho é a estratégia da Rússia e não a da Europa. Esta opção metodológica justifica-se pelo facto de que as estratégias europeias têm influência nas estratégias da Rússia e representam uma ameaça ao potencial estratégico russo no mercado da energia.

O quarto capítulo é sobre a estratégia da Rússia, embora esta já vá sendo apresentada ao longo do trabalho.

É notória a opção pelo uso frequente de gráficos e mapas. Os gráficos dizem normalmente respeito aos dados do gás natural: exportação, importação, reservas etc. Os mapas têm um papel fundamental para a compressão do funcionamento do mercado do gás na Europa, assim como nos permite compreender a estratégia de diversificação da Europa e a estratégia de consolidação russa. No estudo das estratégias europeias e russas optou-se por abordar principalmente a componente dos projectos de novos gasodutos, o que torna o uso de mapas inevitável.

A bibliografia utilizada é essencialmente artigos, ensaios e *papers* por duas razões: a primeira é a de que a informação deste tipo é geralmente mais actualizada e sempre mais abundante do que as obras. A segunda razão é a da acessibilidade, já que em Portugal os artigos e obras publicadas sobre o assunto são muito escassos, e por isso a bibliografia usada é praticamente toda em língua inglesa. A maior parte das fontes são institutos de estudo e investigação ligados à área, muitas vezes pertencentes a universidades, *think tanks* ligados às relações internacionais, agências noticiosas, sites de companhias energéticas e agências governamentais. A bibliografia mais relevante será apresentada no Estado da Arte. Apesar de existirem obras em inglês publicadas na área, sempre preferi os artigos: são mais curtos, mais específicos, e permitem ao aluno uma selecção bibliográfica mais fácil, já que lhe permite encontrar facilmente todos os subtemas que pretende.

Procurei sempre utilizar as fontes mais credíveis, mas nem sempre foi fácil encontrar toda a informação particular que pretendemos. Uma dessas dificuldades foi encontrar nalguns casos dados empíricos actualizados, o que ainda assim não comprometeu a credibilidade da investigação. Por ser um tema actual esta dissertação não encerra totalmente o tema com as suas conclusões. O tema da energia requer um estudo constante, e por isso mesmo são publicados novos artigos a um grande ritmo como pude constatar durante a minha recolha bibliográfica que foi sendo feita desde o início até à conclusão do trabalho.



**Trabalhos futuros**

Dadas as limitações quanto à dimensão do trabalho, impostas pelos regulamentos das dissertações de Mestrado, ficam de fora alguns espaços geográficos que constituirão elementos de estudos futuros. Fica excluído o estudo do Norte de África como eventual solução europeia para a diversificação dos seus fornecedores de gás, o que por sua vez constituiria uma ameaça ao potencial russo no mercado energético europeu. Fica também de fora o papel dos EUA, apoiante político dos projectos apoiados por Bruxelas, rival estratégico da Rússia no sistema internacional, interessado em travar a expansão da influência russa na Europa, no Cáucaso e na Ásia Central. Pelo seu incontestável potencial económico, a China é um consumidor crescente de matérias-primas energéticas, e em particular de petróleo, o que justifica a sua inclusão num próximo trabalho nesta área. Por enquanto, contudo, a China ainda não está entre os maiores importadores de gás natural do mundo. Neste sentido, e sendo sobre a Europa a principal região geográfica sobre a qual a Rússia tem exercido o seu poder no mercado do gás natural, optou-se por centrar este relacionamento como ponto fulcral da dissertação

Também a questão da divisão do Ártico seria interessante para outra investigação na área. Esta região é disputada por vários países, incluindo a Rússia, para a exploração de gás e petróleo.

Numa próxima oportunidade, será igualmente pertinente um estudo ainda mais aprofundado das problemáticas internas da política russa e da Gazprom que lhe impedem de tirar o máximo proveito das suas riquezas energéticas, tais como a questão da queda de produção de gás no longo prazo, a necessidade de modernizar as infra-estruturas de exploração e produção, e um mercado altamente rígido e vedado politicamente onde as reformas teimam em não avançar. Também as vantagens do mercado livre poderão ser analisadas noutro trabalho, isto numa abordagem mais económica do problema, trazendo para o mercado do gás mais concorrentes, mais eficiência, e preços mais baixos.

## Estado da arte

Por ser um tema tão actual e em constante actualização, são vários os autores e os institutos de investigação que se dedicam a ele.

Entre os investigadores do tema, é unânime que a riqueza de matérias-primas energéticas constitui um dos factores fundamentais para o poder político dos Estados e para o seu potencial económico num contexto internacional cada vez mais globalizado, onde o consumo de bens energéticos vai crescendo de modo a sustentar o progresso económico das nações. Por isso é consensual que a riqueza da Rússia em petróleo e gás natural apresenta-se como o grande instrumento de afirmação política da Rússia como potência económica emergente do sistema internacional.

É também notória a opção dos autores em apresentar a Rússia como uma potência energética referindo-se sempre mais frequentemente ao gás natural do que ao petróleo. Devido ao seu potencial estratégico na afirmação externa da Rússia, o gás natural assume um papel relevante na definição das agendas de política externa do país. Os responsáveis políticos russos fazem questão de controlar o seu mercado energético através de um sistema altamente regulado e proteccionista onde a companhia estatal Gazprom detém o privilégio de ser a única companhia exportadora do gás natural russo, para garantir por meios comerciais e políticos a consolidação da dependência da Europa face à importação de gás russo. O modelo proteccionista russo é coordenado com outras estratégias tais como os projectos *Nord Stream* e *South Stream* que examinaremos ao longo do trabalho.

A estratégia da Rússia na intenção de manter um mercado de quase monopólio a favor da Gazprom é analisada de várias formas por diversos autores. Muitos consideram que o Kremlin opta por uma política externa agressiva com vista a exercer um poder do tipo *hard power*, não só contra a União Europeia e contra a influência americana nos dois continentes da Rússia, mas principalmente contra as suas antigas repúblicas soviéticas por meio de chantagens políticas de modo a dominá-las numa nova esfera de influência pós-guerra fria. Autores como Vladimir Socor (da *Jamestown Foundation*) ou Keith Smith (do *Center for Strategic and International Studies*), argumentam que crises energéticas ocorridas entre a Rússia e outros Estados, como quando a Gazprom opta por interromper os fornecimentos de gás natural a um Estado, como aconteceu repetidamente à Ucrânia, ilustram a dureza da diplomacia económica e a chantagem política que Moscovo pratica contra os governos vizinhos na defesa dos interesses russos. Keith Smith, que como diplomata norte-americano estudou de perto a política energética da Rússia após o fim da URSS, considera que estas matérias-primas são usadas pela Rússia como arma económica para uma política externa agressiva contra os seus Estados vizinhos.<sup>13</sup>

Este tipo de análise encerra em si dois problemas: por um lado, a Rússia tem com a Europa uma relação de interdependência na venda e compra do gás natural. Não obstante o facto de a

---

<sup>13</sup> SMITH, Keith, *Russia and European energy security – Divide and Dominate*, CSIS, Outubro de 2008, p.16

Rússia ser o actor principal neste sistema de interdependência, as exportações da Rússia, e consequentemente a emergência da Rússia no sistema internacional, está igualmente dependente da procura de gás nos mercados europeus, pelo que a Rússia terá sempre de ter cuidado em usar os cortes de gás indiscriminadamente com fins exclusivamente políticos. O uso exclusivamente político desta arma económica poderia representar um travão à ascensão económica russa. Quanto mais Moscovo ligar a comercialização do gás russo a condicionalismos políticos, maior será a vontade política e a justificação comercial para a Europa procurar alternativas, podendo assim colocar em risco no longo prazo o domínio da Gazprom no continente europeu.

Por outro lado, é fundamental ter-se em conta que o estudo do mercado energético é multidisciplinar. Muitos autores que trabalham no tema da energia fazem-no à luz das escolas de pensamento das relações internacionais, na maioria dos casos, a partir da escola do Realismo (realismo clássico e neo-realismo). Neste sentido, argumentam que a Rússia, na defesa do seu interesse nacional, segue uma política externa de *hard power* porque ela dispõe de muito *hard power* no mercado do gás. Contudo, esse nexos de causalidade não é inevitável, como sugerem outras escolas de pensamento das relações internacionais, como o Liberalismo (liberalismo clássico e liberal institucionalismo), factores como o poder e o interesse nacional podem ir para além do mero aspecto de *hard power*, já que, como sugere Joseph Nye, o *soft power* é igualmente um factor relevante para explicar a política externa dos Estados. Também elementos como a natureza das elites dominantes, a cultura da nação ou o grau de competência da classe política podem explicar determinados comportamentos.

Assim, a energia deve ser também analisada à luz de outras disciplinas como a economia e as suas leis do mercado. A variação dos preços para o gás natural russo, de preço muito mais elevado quando comparado com o gás da América do Norte, não pode ser exclusivamente analisado à luz da política, havendo também razões de mercado que são analisadas neste trabalho. Num mercado de tendências monopolistas, o produtor que detém claramente a maior quota de mercado tem o poder de determinar o nível de preços no mercado, principalmente em mercados onde a elasticidade da curva da procura é manifestamente reduzida, pelo que explicar a política de preços da Gazprom, ou o seu comportamento empresarial rígido na negociação de contractos com base em intenções puramente políticas por parte do Kremlin, é insuficiente. Tal como a teoria do realismo político defende que os Estados procuram sempre o poder, a teoria económica mostra que o empresário procura sempre o lucro. Por isso, o comportamento da Gazprom não pode ser interpretado exclusivamente pelo facto de estar na mão do controle político, porque a sua intenção de maximização do lucro e da manutenção de um mercado tendencialmente monopolista a seu favor, é um interesse natural e que corresponde às leis da ciência económica. Para além dos interesses comerciais legítimos, as acções da Gazprom têm um cunho político, e por isso mesmo a Rússia insiste no seu controle através de um sistema de mercado altamente proteccionista de modo a proteger politicamente e financeiramente esta companhia, já que o mercado energético é eleito pela política russa como o seu grande factor de afirmação no sistema internacional.

Quando questionado sobre se as crises energéticas entre a Rússia e alguns Estados vizinhos são de natureza política ou económica, diz-nos Lionel Beehner do *Council on Foreign Relations*: «It's

*unclear. Many observers say Russia's attempts to raise gas prices in Ukraine were a political gesture, aimed at Kiev's pro-Western government. But after Russia looked to raise the price of gas in Belarus, traditionally a Russian ally, some wondered whether its motivations were more economic. After all, the argument went, these post-Soviet states were getting their gas at a steep discount compared with the rest of Europe (which paid, on average, \$240 per 1,000 cubic meters) and paying well below market-level prices.»<sup>14</sup>*

Também Nadejda Victor da Universidade de Stanford, referindo-se ao aumento significativo dos preços cobrados à Ucrânia em 2006 refere que: «*The truth is that these price increases are not political (...) Rather they reflect worrisome economic and geological facts about Russian gas fields.*» A autora defende ainda que o aumento de preços por parte da Gazprom é explicado por uma gestão ineficiente da empresa que tem provocado uma escalada nos custos de produção.<sup>15</sup>

Os analistas Simon Pirani, Jonathan Stern e Katja Yafimava do *Oxford Institute for Energy Studies* que investigaram sobre as crises energéticas entre a Rússia e a Ucrânia, apresentam uma série de factos que demonstram que há diversas razões extra-políticas que explicam estas crises energéticas e os aumentos de preços cobrados à Ucrânia, desde o incumprimento financeiro por parte da Naftogaz, a principal companhia de distribuição de gás ucraniana, até à escalada nos preços das matérias-primas energéticas em geral.<sup>16</sup>

Também o *Congressional Research Service*, *think-tank* do Congresso norte-americano, tem produzido trabalhos interessantes sobre política e segurança energética. Neste trabalho pegámos essencialmente em dois autores do referido *think-tank*: Steven Woehrel e Paul Belkin. O primeiro no seu artigo intitulado de “*Russian Energy Policy Toward Neighboring Countries*”, aborda a forma como a Rússia lida com os seus vizinhos no âmbito da energia, expondo as disputas energéticas entre os Estados, a negociação de contractos para a venda e compra de gás natural, e a importância estratégica destes para os russos, em particular da Ucrânia para o transporte do gás russo até ao mercado europeu. Steven Woehrel analisa o historial das relações energéticas entre a Rússia e a Ucrânia, caracterizando-o pela falta de transparência (com empresas subsidiárias e *joint-ventures* cujos responsáveis nem sempre são facilmente identificáveis), o não cumprimento dos pagamentos por parte da Ucrânia e que são a principal causa dos cortes da Gazprom, e a tentativa da Rússia em afastar o papel da União Europeia na modernização da estrutura energética ucraniana. No caso dos Estados Bálticos, o autor considera que a Rússia tem procurado adquirir empresas importantes destes países e em particular companhias do sector energético, e quando essas aquisições falham, a Rússia responde cortando o fornecimento de petróleo à região.<sup>17</sup>

Paul Belkin no seu artigo “*The European Union's Energy Security Challenges*”, faz uma abordagem do ponto de vista da União Europeia ao estudar as estratégias que possam ser

<sup>14</sup> BEEHNER, Lionel, *Russia's Energy Disputes*, Council on Foreign Relations, 3 de Fevereiro de 2010, <http://www.cfr.org/energy/russias-energy-disputes/p12327#p5> (acedido a 21/12/2011)

<sup>15</sup> VICTOR, Nadejda, *Russia's Gas Crunch*, The Washington Post, 6 de Abril de 2006, <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/04/05/AR2006040501954.html> (acedido a 21/12/2011)

<sup>16</sup> PIRANI, Simon, STERN, Jonathan, YAFIMAVA, Katja, *The Russo-Ukrainian gas dispute of January 2009: a comprehensive assessment*, Oxford Institute for Energy Studies, Fevereiro de 2009, p.5

<sup>17</sup> WOEHREL, Steven, *Russian Energy Policy Toward Neighboring Countries*, Congressional Research Service, 2 de Setembro de 2009, pp.7-10, 12

prosseguidas de modo a garantir a sua segurança energética e a diversificação dos fornecedores de gás. Belkin analisa a Ásia Central, o Mar Negro, o Médio Oriente e a Noruega como zonas de fornecimento alternativo, assim como alternativas ao gás natural para a União Europeia, como o carvão, a energia nuclear e as energias renováveis. Belkin considera que as disputas energéticas podem aumentar em todo o mundo no longo prazo, e que por isso a União Europeia deve competir pelos recursos energéticos devido à subida constante da procura pela China e pela Índia. Considera também que a crescente dependência em relação à Rússia é motivo para que os europeus procurem garantir fornecimentos vindos do Mar Cáspio, Médio Oriente e Norte de África, que segundo o autor são geograficamente acessíveis à União Europeia. Quanto à dependência em relação à Rússia, Belkin mostra-se preocupado com os estudos que prevêem uma queda da produção da Gazprom no longo prazo, e com a falta de coesão institucional vivida na União Europeia para a tomada de uma estratégia comum a todos os Estados-membros.<sup>18</sup>

No capítulo da estratégia energética da União Europeia, deve-se destacar em particular os trabalhos referentes ao projecto de construção do gasoduto Nabucco, estrategicamente oposto aos projectos russos do *South Stream* e *Nord Stream*. Na corrida entre russos e europeus aos recursos energéticos da Ásia Central, na qual Bruxelas aposta no Nabucco, destacam-se os trabalhos de Jos Boonstra do instituto FRIDE e de Michael Denison do EU-Central Asia Monitoring.<sup>19</sup> <sup>20</sup>Os autores estudam as dificuldades nas relações entre a União Europeia e os Estados da Ásia Central, em especial no âmbito das relações energéticas. A dificuldade que a União Europeia tem em garantir o fornecimento de gás natural vindo da região prende-se com diversos factores, desde o *deficit* democrático desses Estados, passando pelo sistema económico pouco aberto ao investimento estrangeiro, e às dúvidas quanto ao potencial de produção de gás da região, não só porque as suas reservas estão subaproveitadas mas também porque os Estados central-asiáticos já estão comprometidos em fornecer a Rússia e a China, podendo não haver capacidade logística para fornecer a Europa nas quantidades necessárias. Como qualquer dificuldade com que a Europa se depare no âmbito da sua estratégia energética representará uma oportunidade estratégica para a Rússia continuar a ser o principal fornecedor de gás na Europa, a estratégia europeia será igualmente abordada nesta investigação.

Ao longo deste trabalho serão apresentadas várias razões pelas quais o gasoduto Nabucco poderá não ser o “grande messias” para contornar a dependência europeia relativamente ao gás russo. Embora o objectivo desta dissertação não seja analisar qual seria a melhor estratégia para a União Europeia, fica bem presente a ideia de que o Nabucco apresenta muitas dificuldades e poderá não ser suficiente para garantir os objectivos de segurança energética que os líderes em Bruxelas pretendem. Por isso há cada vez mais autores que defendem um intenso debate em torno do LNG (gás natural líquido) como alternativa ao gás natural convencional para a Europa. Mesmo reconhecendo sérias dificuldades ao Nabucco, autores como Katinka Barysh do *Centre for European*

---

<sup>18</sup> BELKIN, Paul, *The European Union's Energy Security Challenges*, Congressional Research Service, 30 de Janeiro de 2008, p.9-12

<sup>19</sup> BOONSTRA, Jos, *The EU-Turkmenistan energy relationship: difficulty or opportunity?*, FRIDE, Outubro de 2010

<sup>20</sup> DENISON, Michael, *The EU and Central Asia: Commercialising the Energy Relationship*, EU-Central Asia Monitoring, Julho de 2009

*Reform*, ou Nicklas Norling do *Central Asia-Caucasus Institute*, defendem que o Nabucco deve seguir em frente.<sup>21 22</sup> Para além de considerarem que diminui a dependência em relação à Rússia, Barysh acrescenta que o Nabucco tem viabilidade comercial e política desde que receba os apoios políticos necessários por parte de Bruxelas e dos governos dos Estados-membros.<sup>23</sup>

A estratégia anti-Nabucco da Rússia passa pelos projectos rivais *South Stream*, cuja construção começará em 2013, e o *Nord Stream*, actualmente em construção e com o primeiro sector já inaugurado. Entre os autores que mais têm estudado este aspecto estão Robert Larsson do FOI (agência de investigação do ministério da defesa sueco), Bendik Whist do instituto norueguês *Fridtjof Nansen Institute*, Zeyno Baran do *Center for Eurasian Policy* do *Hudson Institute*, e Ewa Paszyc do *Centre for Eastern Studies*. É consensual entre estes autores, que os dois streams russos são uma estratégia clara de consolidação ou até de expansão do potencial estratégico russo no mercado de gás natural na Europa. Embora politicamente os líderes governamentais declarem a não rivalidade entre o projecto Nabucco e os dois streams, essa rivalidade existe. Além disso, o Nabucco e os streams têm posto à prova a coesão institucional dos Estados-membros da UE. Os apoios da Alemanha e da Itália aos projectos russos têm minado os desejos de se formar uma estratégia e uma política energética comum dentro da União, o que por sua vez constitui à partida uma oportunidade para a Rússia satisfazer os seus objectivos estratégicos. Entre os autores que estudam os streams russos, não parece haver grandes divergências sobre o que representam estes projectos no mapa da geopolítica energética, uma vez que as intenções russas com a construção de cada stream parecem ser claras. Contudo, as previsões dos resultados que estes streams terão, poderão ser um pouco distintas consoante o autor. No caso do *South Stream*, enquanto Zeyno Baran considera que a Rússia ficará a ganhar poder de *leverage* sobre a Europa, Ewa Paszyc diz-nos que nem o *South Stream* nem o *Nord Stream* serão, nas suas palavras “a salvação da Gazprom”.<sup>24 25</sup> Paszyc acredita que o problema da queda de produção de gás na Rússia deverá ser a grande preocupação dos líderes russos e os dois streams não resolvem o problema, porque vão acentuar a dependência da Rússia em relação à Europa, já que esta é de longe o principal cliente da Gazprom.

Um investigador de um tema tão actual como este necessitará sempre de uma actualização permanente dos dados que dispõe de modo a não deixar desactualizar o seu estudo. Os trabalhos feitos nesta área são publicados com grande frequência, e arrisco afirmar que a partir de 2014 (partindo do princípio de que a construção do Nabucco se inicie em 2013) talvez já se possam extrair novas conclusões significativas sobre a disputa entre os projectos russos e o Nabucco. No futuro será igualmente interessante acompanhar as medidas que a Rússia tomará de modo a resolver os seus problemas internos como a queda de produção ou o galopar das despesas da Gazprom devido a uma gestão cada vez mais rígida e ineficiente provocada por uma gestão política do sector energético e

---

<sup>21</sup> BARYSCH, Katinka, Should Nabucco pipeline project be shelved?, Centre for European Reform, Maio de 2010

<sup>22</sup> NORLING, Nicklas, Gazprom's Monopoly and Nabucco's Potentials: Strategic Decisions for Europe, Central Asia – Caucasus Institute, Novembro de 2007

<sup>23</sup> BARYSCH, ..., p.11

<sup>24</sup> BARAN, Zeyno, Security Aspects of the South Stream Project, Hudson Institute, Outubro de 2008

<sup>25</sup> PASZYC, Ewa, Nord and South Stream won't save Gazprom, Centre for Eastern Studies, Janeiro de 2010

por uma estrutura económica a precisar de reformas profundas, o que será também explicado ao longo deste trabalho.

# 1. A nova Rússia

Em finais da década de 1980 e início da década de 1990, o sistema internacional sofreu uma mudança radical no seu modelo de ordenamento, passando de um modelo bipolar para um modelo unipolar. A União Soviética desmembrou-se em múltiplos Estados, o Pacto de Varsóvia dissolveu-se e deu-se uma reviravolta no modelo político e económico de todos os Estados para lá da antiga cortina de ferro. Embora a transição para a democratização destes regimes tenha sido pacífica na maioria dos casos, a situação política e económica levou tempo a reencontrar a sua estabilidade. Da mesma forma, a política externa russa alterou-se completamente.

## 1.1 A nova política externa da Rússia

Durante os nove anos de administração do presidente Boris Yeltsin após o fim da URSS, a nova Rússia não foi capaz de se reerguer. O choque da adesão rápida ao sistema capitalista não produziu de imediato a prosperidade desejada, provocando no país uma situação de penúria social e com taxas de criminalidade insuportáveis para a sociedade russa.<sup>26</sup>

Com a chegada ao poder de Vladimir Putin em 2000, a Rússia reencontrou o seu lugar no sistema internacional e recuperou o seu prestígio de grande potência. Putin deu a conhecer à Rússia um crescimento económico rápido e contínuo fazendo parte das economias emergentes do clube dos BRIC (Brasil, Rússia, Índia, China), um lugar conquistado pela sua dimensão territorial e populacional aliada a um crescimento económico alimentado sobretudo pela exportação de petróleo e gás natural.

---

<sup>26</sup> «In the first half of the 1990s, crime statistics moved sharply and uniformly upward. From 1991 to 1992, the number of officially reported crimes and the overall crime rate each showed a 27 percent increase; the crime rate nearly doubled between 1985 and 1992. By the early 1990s, theft, burglary, and other acts against property accounted for about two-thirds of all crime in Russia. Of particular concern to citizens, however, was the rapid growth of violent crime, including gruesome homicides.» in Library of Congress Country Studies, <http://lcweb2.loc.gov/frd/cs/cshome.html> (link directo protegido) (acedido a 02/02/2012)





**Ilustração 1 - Crescimento do PIB da Rússia durante os governos de Yeltsin e Putin<sup>27</sup>**

Neste período a política externa russa assiste a uma reformulação profunda. Durante a Guerra Fria, a política externa soviética tinha-se pautado pela utilização de três instrumentos fundamentais de política externa, e que eram comuns à política externa americana: a dissuasão nuclear, a política de alianças (Pacto de Varsóvia vs NATO), e a expansão e manutenção das suas esferas de influência.

Com o final da Guerra Fria, a Rússia perdeu estes três instrumentos. O Pacto de Varsóvia dissolve-se, a instituição militar degradou-se assim como todas as restantes instituições ligadas ao antigo aparelho do Estado soviético. A política da esfera de influência perde o seu significado após a falência do sistema comunista, onde a Rússia não é mais o seu principal representante. Apesar de ainda ser uma potência com armas nucleares, a dissuasão nuclear não tem sido mais utilizada como instrumento de política externa, um ponto que é comum aos países nucleares da NATO.

No mundo do pós-Guerra Fria, as potências emergentes têm-se concentrado numa ascensão mais económica em detrimento da afirmação do seu poder militar. A Rússia não é excepção. Findos os três antigos instrumentos da política externa soviética, os russos sabem que o seu prestígio no sistema internacional se deve em grande parte à posse de enormes reservas de matérias-primas energéticas, em particular o gás natural, o petróleo, e até mesmo o carvão. O poder militar já não é a principal ou única fonte de prestígio dos Estados. Assim, o mercado da energia é o principal activo estratégico da Rússia, permitindo ao país consolidar o seu poder no sistema internacional, principalmente perante os Estados mais dependentes da energia russa, como é o caso da Europa.

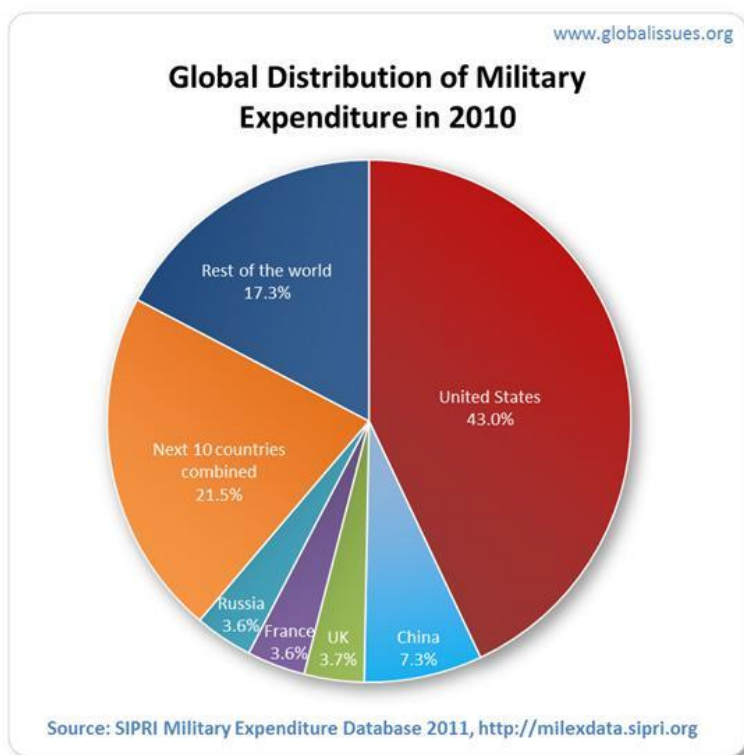
Consideram muitos dos especialistas em relações internacionais que o estatuto de grande potência implica poder militar. Segundo Leopold von Ranke, «as grandes potências são aquelas capazes de assegurar a sua existência contra as grandes potências, e mesmo quando todas as outras potências do sistema Internacional estão reunidas contra si.»<sup>28</sup> Segundo Gottfried von Leibniz, «as grandes potências são aquelas capazes de travar uma guerra contra outras grandes potências.»<sup>29</sup> No entanto, na era da globalização, o poder económico é cada vez mais um novo factor de afirmação internacional dada a crescente relação de interdependência entre Estados. Ao longo

<sup>27</sup> Russia: Key facts, BBC News, <http://news.bbc.co.uk/2/shared/spl/hi/guides/457000/457038/html/> (acedido a 29/09/2011)

<sup>28</sup> Por comunicação oral, Professora Doutora Patrícia Daehnhardt

<sup>29</sup> Idem

deste trabalho, quando me refiro à ascensão da Rússia enquanto grande potência, entendo que essa ascensão é feita pelo meio económico, nomeadamente através de um domínio regional da Europa que é traduzido pelo sistema de dependência que a Rússia gera com o fornecimento de gás natural. A Rússia sabe que se quiser ser considerada uma grande potência, a modernização do seu aparelho militar também é relevante para que possa acompanhar as outras grandes potências. Ao mesmo tempo, a Rússia sabe que a sua ascensão não será prioritariamente pela via militar, já que está muito longe de dispor dos recursos necessários para rivalizar com outras potências como os EUA e a China. Para a Rússia conquistar esse estatuto perante as outras grandes potências, o seu poder deve-se traduzir também por meio económico, e a riqueza em petróleo e gás natural proporciona-lhe essa oportunidade.



**Ilustração 2 - Despesa militar por país, 2011<sup>30</sup>**

O mercado energético europeu na Europa Central e em particular na Europa de Leste, é dominado pela Rússia, de longe o maior fornecedor de gás natural destas regiões o que lhe garante um potencial estratégico enorme e que lhe permite firmar o estatuto de potência mundial.

A segurança energética é um tópico fundamental em qualquer agenda de política externa. Entende-se por segurança energética a relação entre o acesso a matérias-primas energéticas e a segurança nacional de um Estado. Por implicação, a existência de segurança energética pressupõe que o acesso aos bens energéticos seja feito de forma fiável, segura, e diversificada de modo a que os preços se formem por meio do mercado livre. Segundo Jonathan Elking, a segurança energética inclui «*diversifying sources of supply, diversifying the supply chain used for processing, transporting,*

<sup>30</sup> World Military Spending, globalissues, 2011, <http://www.globalissues.org/article/75/world-military-spending> (acedido a 05/03/2012)

*and distributing energy, increasing the reserve capacity of energy networks such as pipelines and power generation and transmission systems, reducing energy demand, which can ease the burden on overstretched distribution infrastructure, creating emergency stocks, developing a redundant infrastructure, disseminating timely market information».*<sup>31</sup>

No caso da Rússia, a energia é o principal instrumento negocial de política externa, o que lhe permite marcar posição nas negociações políticas e económicas com outros Estados. Dada a importância da energia em qualquer economia, o domínio do mercado energético confere aos russos a possibilidade de usar o negócio da energia como arma de *hard power* na sua política externa. Para este trabalho *hard power* é definido como: a utilização coerciva do poder pelo qual um Estado leva a cabo a sua política externa, nomeadamente através de meios militares e económicos. Quanto ao conceito de poder podemos defini-lo, segundo Michael Howard como: «[O poder] é alguma coisa moralmente neutra, não sendo mais do que a capacidade dos indivíduos ou grupos controlarem e organizarem o seu ambiente de acordo com as suas necessidades físicas ou o seu código de valores morais.»<sup>32</sup>

O mercado energético é na verdade um sistema de interdependência, enquanto a Europa necessita de gás e petróleo, a Rússia necessita de o exportar sem correr o risco de perder a sua quota de mercado para outros países produtores. Naturalmente, num sistema de interdependência deste género, o país produtor será aquele que está numa posição mais vantajosa, mas sendo a energia o principal motor da ascensão económica russa, a Rússia tem também interesse em construir com a Europa uma relação comercial e política estável.

Em termos estratégicos, a posição geográfica do país e a sua dimensão são também factores de poder a ter em conta, permitindo-lhe conquistar muito mais facilmente um lugar de excelência em várias regiões do globo, nomeadamente na Europa e na Ásia.

Historicamente, a política externa da Rússia sempre foi muito mais virada para a Europa. A antiga Rússia Imperial (pré-revolução bolchevique de 1917) sempre sonhou com o domínio dos Mares quentes europeus: o Mar Báltico (no qual já tinha uma presença forte) e o Mar Mediterrâneo ao qual tentava chegar através do Mar Negro que já controlava. Para chegar ao Mar Mediterrâneo teria de controlar primeiro os estreitos do Bósforo e Dardanelos, dominados pelo então Império Otomano. A concretização deste sonho foi visivelmente tentada com a falhada guerra da Crimeia de 1853-1856, onde a Rússia foi derrotada pelos otomanos com ajuda da França, da Grã-Bretanha e do Reino da Sardenha. Este antigo sonho imperial russo já não faz sentido nos dias de hoje, desde logo porque a Rússia já não controla a Europa de Leste, e a Ásia tornou-se cada vez mais um palco de acção mais interessante para a política externa russa dada a influência da China, da Índia, do Japão e dos pequenos emergentes - dragões asiáticos. Por outro lado, a ilegalidade da anexação de territórios soberanos segundo o Direito Internacional aliada à crescente influência das organizações internacionais no sistema internacional desincentiva os desejos expansionistas das grandes potências.

---

<sup>31</sup> PASCUAL, Carlos, ELKING, Jonathan, Energy Security. Economics, Politics, Strategies, and Implications, Brookings, s.l, Dezembro de 2009

<sup>32</sup> HOWARD, Michael, Military Power and the International Order, Theories of Peace and Security, s.d, p.42

Quanto às relações externas da Rússia, no que diz respeito às antigas repúblicas soviéticas, as relações são ambivalentes, i.e, uma combinação de boas relações com alguns conflitos periódicos. A criação da Comunidade de Estados Independentes (CEI), em Dezembro de 1991, foi no sentido de aproximar politicamente todos os novos Estados surgidos após o desmembramento da URSS.

A Bielorrússia, liderada por Alexander Lukashenko, é um aliado da Rússia desde o fim da URSS. É considerada por muitos a última ditadura da Europa, o que lhe dificulta a relação com a União Europeia, o que por sua vez justifica a sua política mais virada para Moscovo. Ainda assim, os dois países já têm assistido a alguns conflitos, nomeadamente na dificuldade na negociação da exportação do gás. Por exemplo em 2006, a Gazprom ameaçou a Bielorrússia com cortes caso esta não aceitasse um aumento do preço do gás, que sempre foi negociado abaixo do preço de mercado. Para Steven Woehrel, esta redução do “subsídio russo à economia bielorrussa” esteve relacionada com uma estratégia de pressão da Gazprom com vista a adquirir a empresa energética bielorrussa Beltransgaz. No final a Bielorrússia cedeu nas negociações, passa a pagar mais do dobro pelo gás em relação ao que pagava em 2006 e vende a maior parte da Beltransgaz.<sup>33</sup>

No caso da Ucrânia, as relações parecem mudar consoante o governo eleito seja mais pró-Kremlin ou mais pró-Bruxelas. É um país cujo povo está dividido em relação à postura que o país deve ter em relação à UE e à Rússia. Houve uma crise energética entre os dois países em 2006, i.e, um corte dos abastecimentos da Gazprom, e outra crise em 2009. A de 2009 foi considerada um dos piores conflitos entre os dois países na era Putin, num corte que acabou por atingir outros Estados como danos colaterais. O caso da crise de 2009 será analisado mais à frente num subcapítulo próprio.

No Cáucaso, a Rússia tem más relações com Geórgia que culminaram numa guerra aberta em Agosto de 2008. No conflito territorial Azerbaijão-Arménia, a Rússia tem tido uma posição mais pró-arménia, o que lhe dificulta um pouco as relações com a Turquia que apoia o Azerbaijão.

Na Ásia Central, a Rússia tem um interesse sobretudo a nível energético. Por meio da Gazprom, a Rússia tem adquirido gás central-asiático através de contractos de longo prazo para o revender à Europa e evitar que estes países se tornem rivais comerciais da Rússia dentro da Europa. Da mesma forma, a Gazprom chega mesmo a apostar numa política de aquisições em companhias energéticas destes países. Os maiores impasses nas relações da Rússia com a Ásia Central, prendem-se com as negociações do gás, mas não chegam a atingir pontos críticos. A rede actual de gasodutos da Ásia Central pode também tornar-se cada vez mais num centro de interesse estratégico para a Rússia, já que é uma hipótese possível para a Rússia exportar para a China.

Quanto às grandes potências europeias, a Alemanha e a França têm apostado numa aproximação política e económica à Rússia, opondo-se por exemplo à ideia dos Estados Unidos de expandir a NATO para dentro do espaço da antiga União Soviética (à excepção dos Estados Bálticos). A Grã-Bretanha segue historicamente uma relação mais pró-atlântica do que pró-europeia e por isso não tem construído uma relação tão próxima com os russos, como conseguem os franceses e os alemães. As relações Rússia-NATO são afectadas pela contestação russa em relação à política

---

<sup>33</sup> WOEHREL, Steven, Russian Energy Policy Toward Neighboring Countries, Congressional Research Service, 2 de Setembro de 2009, p.13

americana de deter presença militar em várias partes do globo, incluindo regiões próximas da Rússia, como por exemplo, a vontade dos EUA em colocar bases de defesa antimíssil na República Checa e Polónia (projecto abandonado por Obama), a presença americana no Mar Negro e na Ásia Central, assim como noutras regiões de interesse estratégico para a Rússia. No entanto, o lado positivo da relação da Rússia com a NATO tem sido através de várias parcerias estratégicas como a *NATO Partnership for Peace*<sup>34</sup> ou o *NATO-Russia Founding Act*.<sup>35</sup>

Não obstante o facto de a Rússia não ter herdado a tendência marcadamente imperialista de séculos passados, a filosofia do seu regime mantém ainda alguns princípios políticos que defendeu no passado. A Rússia sempre foi, e continua a ser um Estado de filosofia vestefaliana, i.e, rege-se claramente pelos princípios da não ingerência nos assuntos internos dos Estados, é mais pessimista relativamente ao conceito de ingerência humanitária e considera que um Estado não deve ser forçado a adoptar comportamentos impostos pelas instituições internacionais. Assim, a Rússia é um Estado que defende geralmente o primado do Direito Interno sobre o Direito Internacional. É um Estado soberanista, ou seja, dificilmente delega os seus poderes soberanos a instituições internacionais, veja-se por exemplo o facto de não ter ratificado a Carta da Energia ou de ainda não ter aderido à Organização Mundial do Comércio (OMC) apesar das actuais longas conversações para a sua futura entrada.

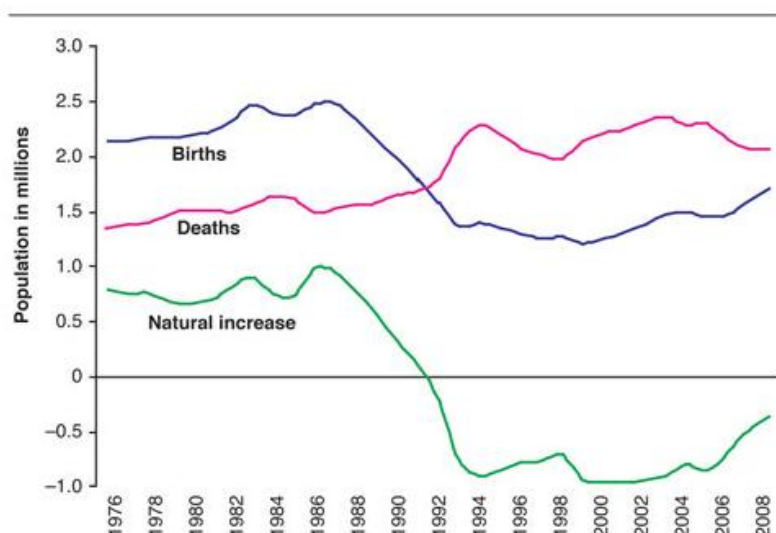
## 1.2 A posição russa nos mercados energéticos

A Rússia é umas das potências emergentes do sistema internacional, o que lhe conferiu o direito a integrar o grupo dos BRIC. A exportação de matérias-primas energéticas, tem sido o factor principal da emergência russa na economia mundial. No entanto, a Rússia depara-se com várias fragilidades que podem comprometer uma ascensão económica sustentável. É um país que tem pela frente um grave declínio demográfico (apenas compensado pela imigração) e um modelo proteccionista e burocrático a precisar urgentemente de reformas.

---

<sup>34</sup> «*The Partnership for Peace (PfP) is a programme of practical bilateral cooperation between individual Euro-Atlantic partner countries and NATO. It allows partners to build up an individual relationship with NATO, choosing their own priorities for cooperation.*» in *The Partnership for Peace programme*, NATO, s.d, [http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics\\_50349.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_50349.htm) (acedido a 17/02/2012)

<sup>35</sup> «*The first section of the Act elaborates the basic principles for establishing common and comprehensive security in Europe. These principles include strengthening the Organization for Security and Cooperation in Europe (OSCE), responding to new risks and challenges "such as aggressive nationalism, proliferation..., terrorism, [and] persistent abuse of human rights..., " and basing NATO-Russian relations on a shared commitment to democracy, political pluralism, the rule of law, respect for human rights, and the development of free market economies. (...) "security and stability in the Euro-Atlantic area;" as well as conflict prevention; joint operations including peacekeeping; defence conversion; combatting terrorism; preventing proliferation; nuclear safety issues; and arms control.*» in *The NATO Russian Founding Act*, Arms Control Association, Maio de 1997, [http://www.armscontrol.org/act/1997\\_05/jm](http://www.armscontrol.org/act/1997_05/jm) (acedido a 17/02/2012)



**Ilustração 3 - Crescimento natural da Rússia<sup>36</sup>**

Segundo a Heritage Foundation, «*Economic freedom is severely challenged in Russia. While strong returns from hydrocarbons have buoyed its economy, prospects for sustained long-term diversification and growth remain dim. An increasingly statist approach to economic management adds to the cost of investment and mutes private-sector dynamism. Pervasive corruption and limited respect for property rights hinder the development of economic activity that is free from government control or influence. Macroeconomic instability is a drag on economic growth.*»<sup>37</sup>

Por agora, a ascensão da Rússia está demasiado dependente da exportação dessas matérias-primas e é urgente diversificar a sua economia de modo a garantir um desenvolvimento endógeno e sustentável, nomeadamente através de uma diversificação de exportações pela produção de bens de maior valor acrescentado.

Segundo o relatório da AICEP Portugal de 2009, «*O sector energético representa actualmente cerca de 65% das exportações totais (em meados da década de 90 representava cerca de 40%), com o petróleo a valer 35% das vendas ao exterior. A crescente dependência da Rússia dos sectores da energia e metais – sendo que estes pesam menos de 15% das exportações totais –, colocam o país numa situação vulnerável às variações de preços nos mercados internacionais.*»<sup>38</sup>

Nenhuma economia funciona sem energia. O petróleo e o gás natural serão sempre recursos naturais com procura, e quem os detém terá sempre um poder de vantagem relativamente a todos os outros actores que deles dependem. Pelo facto de ser um Estado dominador no mercado da energia a nível mundial, podemos inserir a Rússia num conceito de potência energética, i.e, a sua posição

<sup>36</sup> EBERSTADT, Nick, SHAH, Apoorva, Decline in Births, Uptick in Deaths: Russia's Demographic Disaster The American, 26 de Maio de 2009, <http://blog.american.com/2009/05/decline-in-births-uptick-in-deaths-russias-demographic-disaster/> (acedido a 05/03/2012)

<sup>37</sup> Russia, 2011 Index of Economic Freedom – The Heritage Foundation, 2011, <http://www.heritage.org/Index/Country/Russia> (acedido a 09/12/2011)

<sup>38</sup> Rússia Ficha de Mercado, AICEP, Abril de 2009, p.5

privilegiada no mercado do gás natural e do petróleo confere-lhe um estatuto de potência emergente no sistema internacional.

A Rússia é de longe o maior produtor de gás natural do mundo. Da mesma forma, possui as maiores reservas de gás e é o principal exportador a nível mundial.

#### Natural gas - production > TOP 10

Rank	Country	Natural gas - production (cubic meters)
1	<a href="#">Russia</a>	656,200,000,000
2	<a href="#">United States</a>	490,800,000,000
3	<a href="#">Canada</a>	178,200,000,000
4	<a href="#">Iran</a>	101,000,000,000
5	<a href="#">Algeria</a>	84,400,000,000
6	<a href="#">United Kingdom</a>	84,160,000,000
7	<a href="#">Norway</a>	83,440,000,000
8	<a href="#">Netherlands</a>	77,300,000,000
9	<a href="#">Indonesia</a>	74,000,000,000
10	<a href="#">Turkmenistan</a>	72,300,000,000

**Definition:** This entry is the total natural gas produced in cubic meters (cu m). The discrepancy between the amount of natural gas produced and/or imported and the amount consumed and/or exported is due to the omission of stock changes and other complicating factors.

#### Ilustração 4 - Os 10 maiores produtores de gás natural<sup>39</sup>

##### Natural gas - exports > TOP 10

Rank	Country	Natural gas - exports (cubic meters)
1	<a href="#">Russia</a>	182,000,000,000
2	<a href="#">Canada</a>	101,900,000,000
3	<a href="#">Norway</a>	78,100,000,000
4	<a href="#">Algeria</a>	62,600,000,000
5	<a href="#">Turkmenistan</a>	58,000,000,000
6	<a href="#">Netherlands</a>	50,210,000,000
7	<a href="#">Indonesia</a>	29,600,000,000
8	<a href="#">Malaysia</a>	29,060,000,000
9	<a href="#">Qatar</a>	25,990,000,000
10	<a href="#">Trinidad and Tobago</a>	21,030,000,000

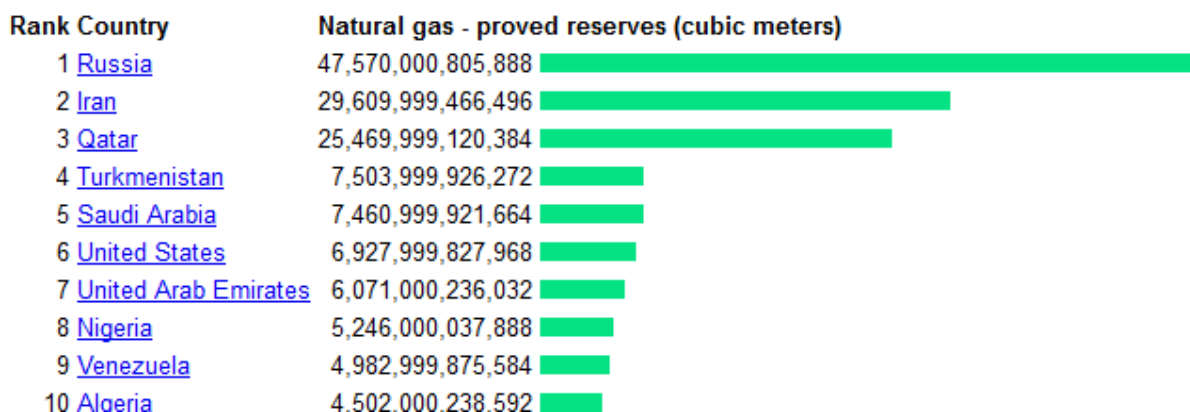
**Definition:** This entry is the total natural gas exported in cubic meters (cu m).

#### Ilustração 5 - Os 10 maiores exportadores de gás natural<sup>40</sup>

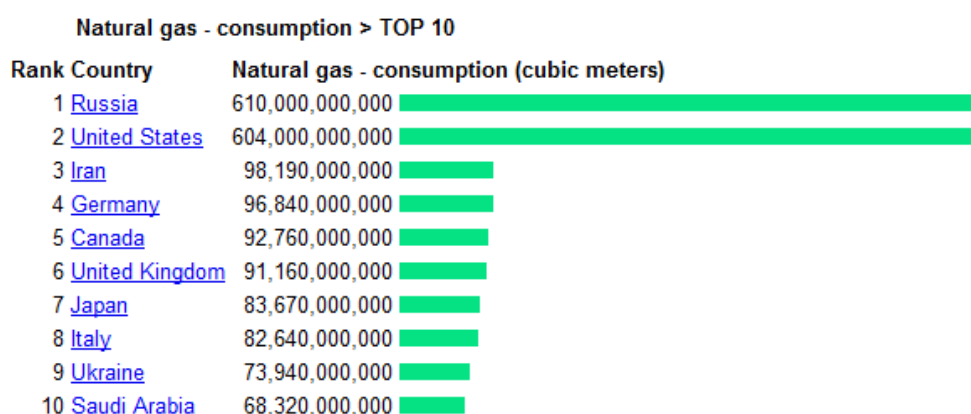
<sup>39</sup> TOP 10 – Natural gas production, Index mundi, 2009, <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=136&l=en> (acedido a 07/12/2011)

<sup>40</sup> TOP 10 - Natural gas exports, Index mundi, 2009, <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=138&l=en> (acedido a 07/12/2011)



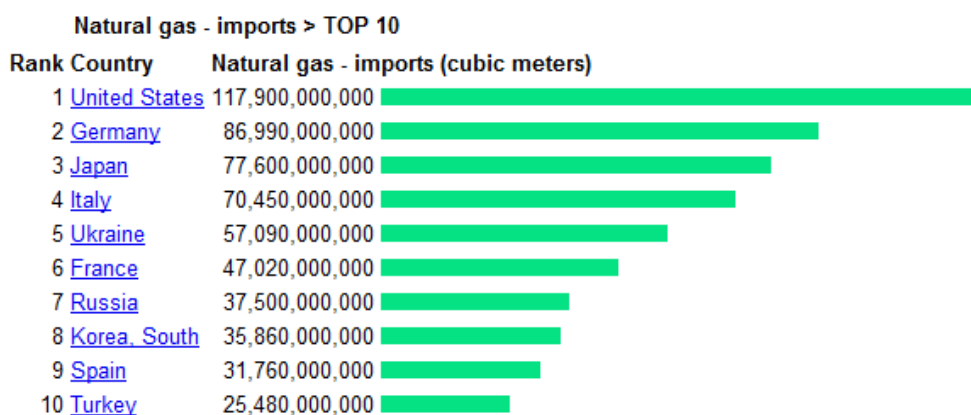


**Ilustração 6 – Maiores reservas comprovadas de gás natural do mundo<sup>41</sup>**



**Definition:** This entry is the total natural gas consumed in cubic meters (cu m). The discrepancy between the amount of natural gas produced and/or imported and the amount consumed and/or exported is due to the omission of stock changes and other complicating factors.

**Ilustração 7 - Os 10 maiores consumidores de gás natural<sup>42</sup>**



**Definition:** This entry is the total natural gas imported in cubic meters (cu m).

**Ilustração 8 - Os 10 maiores importadores de gás natural<sup>43</sup>**

<sup>41</sup> TOP 10 – Natural gas proved reserves, Index mundi, 2009, <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=98&l=en> (acedido a 07/12/2011)

<sup>42</sup> TOP 10 – Natural gas consumption, Index mundi, 2009, <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=137&l=en> (acedido a 07/12/2011)



Os principais campos de gás natural da Rússia são o Urengoy, Yamburg, Orenburg e Shtokman. O Urengoy é o maior campo de gás natural da Rússia e o segundo maior do mundo, ficando apenas atrás do North Dome pertencente ao Irão e Qatar.<sup>44</sup>

Rank	Field	Reserves	Location
1	North Dome	1,200	Qatar/Iran
2	Urengoy	275	Russia
3	Yamburg	200	Russia
4	Orenburg	200	Russia
5	Shtokman	200	Russia
6	Umm Shaif/Abu el-Bukush	175	Abu Dhabi
7	Zapolyaroye	150	Russia
8	Kharasevey	150	Russia
9	Bovanenko	125	Russia
10	Medvezh'ye	100	Russia
11	Hassi R'Mel	100	Algeria
12	South Pars	100	Iran
13	Panhandle-Hugoton	80	U.S.A.

**Ilustração 9 - Principais campos de gás no mundo<sup>45</sup>**

A Rússia é segundo maior produtor de petróleo do mundo e quarto maior consumidor e um dos principais exportadores. A nível de reservas, a Rússia provou até agora ser o oitavo Estado com maiores reservas de petróleo.

O petróleo na Rússia é essencialmente explorado por empresas nacionais. A Rosneft, de capitais públicos, tornou-se a principal petrolífera russa após ter adquirido a defunta Yukos. Uma relativa abertura do mercado energético russo ao comércio internacional permitiu que algumas empresas estrangeiras também participassem na exploração de petróleo do país.

<sup>43</sup> TOP 10 – Natural gas imports, Index mundi, 2009,  
<http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=139&l=en> (acedido a 07/12/2011)

<sup>44</sup> Rússia: A Critical Evaluation of its Natural Gas Resources, Energy tribute, 2007,  
<http://www.energytribune.com/articles.cfm?aid=379> (acedido a 07/12/2011)

<sup>45</sup> Idem

## Oil - exports &gt; TOP 10

Rank	Country	Oil - exports (bbl/day)
1	<a href="#">Saudi Arabia</a>	8,900,000
2	<a href="#">Russia</a>	5,080,000
3	<a href="#">Norway</a>	3,018,000
4	<a href="#">United Arab Emirates</a>	2,540,000
5	<a href="#">Iran</a>	2,520,000
6	<a href="#">Canada</a>	2,274,000
7	<a href="#">Mexico</a>	2,268,000
8	<a href="#">Venezuela</a>	2,203,000
9	<a href="#">Kuwait</a>	2,200,000
10	<a href="#">Nigeria</a>	2,141,000

**Definition:** This entry is the total oil exported in barrels per day (bbl/day), including both crude oil and oil products.

Ilustração 10 - Os 10 maiores exportadores de petróleo<sup>46</sup>

## Oil - proved reserves &gt; TOP 10

Rank	Country	Oil - proved reserves (bbl)
1	<a href="#">Saudi Arabia</a>	266,800,000,000
2	<a href="#">Canada</a>	178,800,000,000
3	<a href="#">Iran</a>	132,500,000,000
4	<a href="#">Iraq</a>	115,000,000,000
5	<a href="#">Kuwait</a>	104,000,000,000
6	<a href="#">United Arab Emirates</a>	97,800,000,000
7	<a href="#">Venezuela</a>	79,730,000,000
8	<a href="#">Russia</a>	60,000,000,000
9	<a href="#">Libya</a>	39,130,000,000
10	<a href="#">Nigeria</a>	35,880,000,000

**Definition:** This entry is the stock of proved reserves of crude oil in barrels (bbl). Proved reserves are those quantities of petroleum which, by analysis of geological and engineering data, can be estimated with a high degree of confidence to be commercially recoverable from a given date forward, from known reservoirs and under current economic conditions.

Ilustração 11 - Os 10 países com maiores reservas de petróleo<sup>47</sup>

## 1.3 A Gazprom - forças e fraquezas

A Gazprom, fundada em 1989, é a maior empresa da Rússia e maior produtora mundial de gás natural. Em 2007 foi responsável por cerca de 80% da produção total de gás natural no país. Foi em 2006 considerada a terceira maior empresa do mundo em termos de capitalização de mercado

<sup>46</sup> TOP 10 - Oil exports, Index mundi, 2009, <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=95&l=en> (acedido a 07/12/2011)

<sup>47</sup> TOP 10 - Oil proved reserves, Index mundi, 2009, <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=97&l=en> (acedido a 07/12/2011)

com um valor aproximado de 246 mil milhões de dólares.<sup>48</sup> Em 2010, segundo a revista *Fortune* foi a empresa que registou maiores lucros também a nível mundial.<sup>49</sup>

A Gazprom é uma empresa pública na qual o Estado russo detém 50,002% das acções.<sup>50</sup> Pelo facto de ser maioritariamente propriedade do Kremlin, esta empresa joga um papel fundamental na política económica do país, permitindo ao governo russo usá-la como instrumento de política externa, nomeadamente para a afirmação da nova Rússia enquanto potência emergente. Desde 2006 o parlamento russo atribuiu à Gazprom o direito exclusivo à exportação de gás, seguindo assim uma política fortemente proteccionista.<sup>51</sup>

A exportação do gás natural russo tem principalmente como destino os novos Estados da antiga União Soviética e a Europa Central e de Leste. No caso da Europa, a Gazprom mantém quase um monopólio, o que confere à Rússia uma imensa capacidade de afirmação regional. Em 2008, a exportação para a Europa foi de aproximadamente 184.4 mil milhões de metros cúbicos, dos quais 95.5 mil milhões para os Estados bálticos e antigas repúblicas soviéticas da Comunidade de Estados Independentes.<sup>52</sup> Para além exportar o gás, a Gazprom tem procurado conquistar presença no sector da distribuição através da aquisição parcial ou por vezes total de companhias energéticas da Europa de Leste e Europa Central.

Neste trabalho optou-se por estudar o potencial do gás russo tomando como ponto principal a relação entre a Rússia e a Europa no mercado do gás natural, porque é essencialmente sobre a Europa que a Rússia projecta o seu estatuto político como potência energética.

Para chegar a mercados mais longínquos aos quais o acesso através dos gasodutos é difícil, a Gazprom tem vindo a apostar na produção de gás natural liquefeito (LNG) de modo a poder exportar através de navios. A empresa já exporta gás natural liquefeito para países como o Japão, a Coreia do Sul e os EUA. A ilha de Sakhalin, pela sua posição geográfica<sup>53</sup>, desempenha o papel principal nesta estratégia. A seguir está representado o gráfico da evolução das exportações de gás natural liquefeito da Gazprom, em milhares de toneladas.

---

<sup>48</sup> Global 500, Financial Times, 2006, <http://media.ft.com/cms/8bd31770-0a7d-11db-b595-0000779e2340.pdf> (acedido a 17/05/2011)

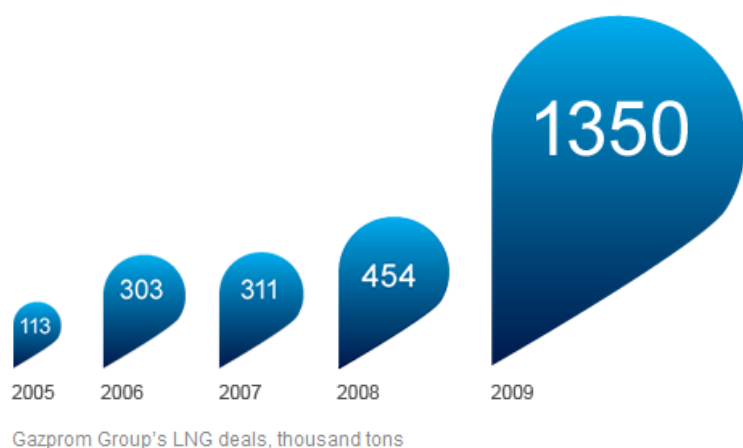
<sup>49</sup> Top companies: Most profitable, Fortune, 2010, <http://money.cnn.com/magazines/fortune/global500/2010/performers/companies/profits/> (acedido a 17/05/2011)

<sup>50</sup> Gazprom Today, Gazprom, <http://www.gazprom.com/about/today/> (acedido a 17/05/2011)

<sup>51</sup> BUCKLEY, Neil, *Duma votes for Russian gas export monopoly*, Financial Times, 16 de Junho de 2006, [http://www.ft.com/cms/s/f042c74a-fd59-11da-9b2d-0000779e2340.Authorised=false.html?\\_i\\_location=http%3A%2F%2Fwww.ft.com%2Fcms%2Fs%2F0%2Ff042c74a-fd59-11da-9b2d-0000779e2340.html&\\_i\\_referer=http%3A%2F%2Fen.wikipedia.org%2Fwiki%2Fenergy\\_policy\\_of\\_Russia](http://www.ft.com/cms/s/f042c74a-fd59-11da-9b2d-0000779e2340.Authorised=false.html?_i_location=http%3A%2F%2Fwww.ft.com%2Fcms%2Fs%2F0%2Ff042c74a-fd59-11da-9b2d-0000779e2340.html&_i_referer=http%3A%2F%2Fen.wikipedia.org%2Fwiki%2Fenergy_policy_of_Russia) (acedido a 17/05/2011)

<sup>52</sup> Gazprom Today, Gazprom, <http://www.gazprom.com/about/today/> (acedido a 17/05/2011)

<sup>53</sup> Situada no extremo oriente da Rússia, no Mar de Okhotsk, que fica junto ao mar do Japão.



**Ilustração 12 - Exportação de gás natural liquefeito pela Gazprom<sup>54</sup>**



**Ilustração 13 - Ilha de Sakhalin<sup>55</sup>**

A Gazprom define oficialmente como prioridade o desenvolvimento das suas actividades em quatro zonas principais: a península de Yamala, a plataforma continental do Ártico, a Sibéria oriental e o extremo oriental russo.<sup>56</sup>

<sup>54</sup> Gas Purchases, Gazprom, 2010, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/> (acedido a 17/05/2011)

<sup>55</sup> Sakhalin Island, Frontline World, 2007, [http://www.pbs.org/frontlineworld/rough/2007/05/russia\\_island\\_olinks.html](http://www.pbs.org/frontlineworld/rough/2007/05/russia_island_olinks.html) (acedido a 07/12/2011)

<sup>56</sup> Gazprom Today, Gazprom, <http://www.gazprom.com/about/today/> (acedido a 17/05/2011)



**Ilustração 14 - A vermelho estão assinaladas as zonas consideradas prioritárias pela Gazprom. A verde está assinalada a Ilha de Sakhalin.**<sup>57</sup>

Apesar da Gazprom centrar a sua actividade no gás natural, também possui uma subsidiária para a exploração de petróleo: a Gazprom-Neft. Esta subsidiária possui reservas provadas de 4,5 mil milhões de barris de petróleo (dados de 2007) e prevê-se que nos próximos 18 anos não enfrentará quebras de produção.<sup>58</sup>

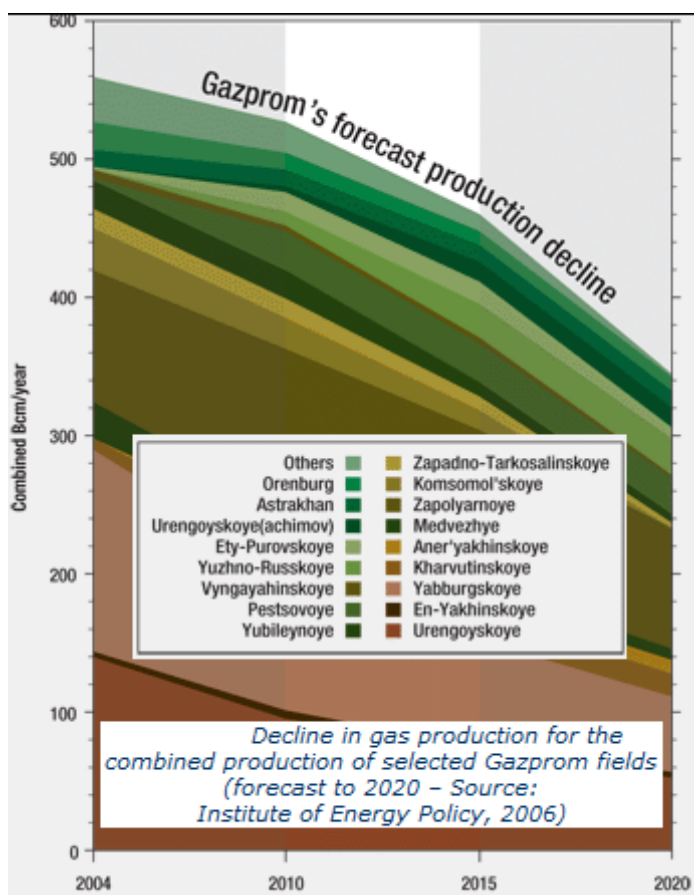
Apesar de tudo, a Gazprom enfrenta desafios complicados a longo prazo. Apesar de ser a maior produtora mundial de gás natural, as previsões apontam para uma queda muito acentuada da produção a longo prazo. Tendo em conta o crescimento do consumo de gás a nível mundial, a Rússia necessita de encontrar uma solução para não perder o seu lugar de destaque no mercado da energia. Para o Energy Tribune, a solução passaria por permitir a exportação de gás natural por parte de outras empresas que não a Gazprom – *«One scenario for the potential contribution of independent producers shows a net increase of 100 billion cubic meters per year by 2010.»*<sup>59</sup> Por outro lado, o Energy Tribune considera que o aumento das tarifas de transporte desincentiva a produção por parte de produtores independentes. A Gazprom teria também de realizar grandes investimentos nos campos de Yamal, Shtokman, Sakhalin e abrir-se mais ao investimento de companhias estrangeiras: *“Investment from foreign companies could, by 2020, help increase production from fields such as Yamal (180 to 190 Bcm per year), the Nadym-pur-Tazovsky area (440 to 445 Bcm per year), and Kovyktinskoye (16 Bcm per year). For Shtokman, foreign investment could allow production to reach 10 Bcm per year by 2010.”*<sup>60</sup> No entanto, independentemente de ser uma solução viável ou não para evitar as quedas de produção de gás na Rússia, uma maior abertura da Gazprom ao investimento estrangeiro poderia diminuir seriamente o seu monopólio, o que seria o oposto relativamente ao que o Kremlin pretende.

<sup>57</sup> Mapa do autor.

<sup>58</sup> Russian oil and gas companies, Russia IC, 30 de Agosto de 2007, [http://www.russia-ic.com/business\\_law/Russian\\_companies/562/](http://www.russia-ic.com/business_law/Russian_companies/562/) (acedido a 07/12/2011)

<sup>59</sup> idem

<sup>60</sup> idem



**Ilustração 15 – Previsão da produção de gás por região pela Gazprom até 2020<sup>61</sup>**

A discussão na Europa sobre a possibilidade de se apostar no consumo de LNG em vez do convencional gás natural gasoso, como começam já a fazer os Estados Bálticos<sup>62</sup>, pode obrigar a Gazprom a enveredar por estratégias neste campo, daí os seus investimentos em LNG na ilha russa de Sakhalin. O transporte do gás líquido não necessita obrigatoriamente de ser feito através de uma rede de gasodutos, pode ser transportado em recipientes através de navios, o que permitirá a outros países longínquos entrar no mercado energético europeu: *“Based on commercial, economic factors, Russia is positioned to be the major force in the global gas market, but will have difficulty acting monopolistically due to alternative LNG supplies that will be available from the Middle East, Australia and Indonesia”*<sup>63</sup>

Outro problema com que a Gazprom se depara é os custos elevadíssimos de exploração e produção. Num mercado quase monopolista, o produtor que detém a maior quota de mercado tem uma tendência natural para se acomodar ao estatuto monopolista, sentindo-se desinteressado em apostar nas vantagens competitivas. No caso da Gazprom têm havido poucos desenvolvimentos na estrutura produtiva o que tem levado os custos de produção a subir constantemente. O gás russo é

<sup>61</sup> Rússia: A Critical Evaluation of its Natural Gas Resources, Energy tribute, 2007, <http://www.energytribune.com/articles.cfm?aid=379> (acedido a 07/12/2011)

<sup>62</sup> Baltic States Agree On Single LNG Import Terminal, Penn Energy, 1 de Fevereiro de 2011, <http://www.pennenergy.com/index/articles/newsdisplay/1359584630.html> (acedido a 02/07/2011)

<sup>63</sup> CHYONG CHI, Kong, Report on: “Russian oil and gas industry: Energy dimensions in Russian Economic and Foreign Policy”, Cambridge Centre for Energy Studies, Novembro de 2007, p. 10



muito caro tendo em conta o preço do gás de outras regiões, e dada a falta de concorrência na Europa, esta situação não se tem traduzido em grandes consequências para a empresa. Mais à frente neste trabalho serão apresentados alguns dados que explicam a variação de preços do gás russo condicionada por factores internos ou alheios à Gazprom.

O sistema fortemente proteccionista da política económica russa tem prejudicado a competitividade da Gazprom e cuja salvação por enquanto é a falta de concorrência. Se o governo russo abrisse os seus recursos naturais a uma exploração mais livre, nomeadamente a companhias estrangeiras, o investimento gerado poderia eventualmente reequilibrar os futuros *deficits* de produção e baixar os custos. Se a liberalização do mercado energético russo pode beneficiar a economia russa em termos gerais, o Kremlin dificilmente aceitaria tal mudança de política, já que isso implicaria abdicar da instrumentalização do gás natural como factor de emergência internacional, uma vez que a liberalização do mercado pode pôr em causa a posição quase monopolista da Gazprom.

A nova política externa russa passa pela ascensão da Rússia no cenário pós-guerra-fria através do plano económico, já que no plano militar a Rússia não tem grandes hipóteses de acompanhar outras grandes potências. O estatuto económico da Rússia como factor de poder traduz-se principalmente pela riqueza em petróleo e particularmente de gás natural. A política externa russa deve orientar os seus esforços para assegurar a dependência da Europa, já que a Gazprom enfrenta grandes desafios a longo prazo nomeadamente uma grande queda na produção e fraca competitividade do seu gás a nível de preços, tornando-se assim numa companhia muito frágil caso surja uma concorrência forte.

## 2. A dependência da Europa da energia russa

O facto da Europa ser dependente do gás natural russo confere-lhe uma desvantagem estratégica relativamente à Rússia. A Rússia tem aqui uma oportunidade para usar o seu gás enquanto instrumento de política externa, e se quiser, pode mesmo usá-lo numa abordagem de *hard power*, tendo ainda assim de ter em conta a relação de interdependência Rússia-Europa. Por outras palavras, a Rússia tem aqui a oportunidade de usar o gás para tentar condicionar as políticas dos Estados dependentes do seu gás, o que tem levado às preocupações dos europeus em definir formas de diversificar os seus fornecedores de modo a garantir a sua segurança energética.

### 2.1 O poder russo e a segurança energética na Europa

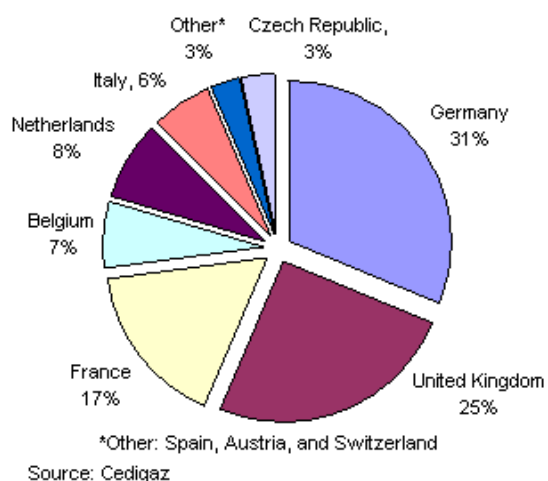
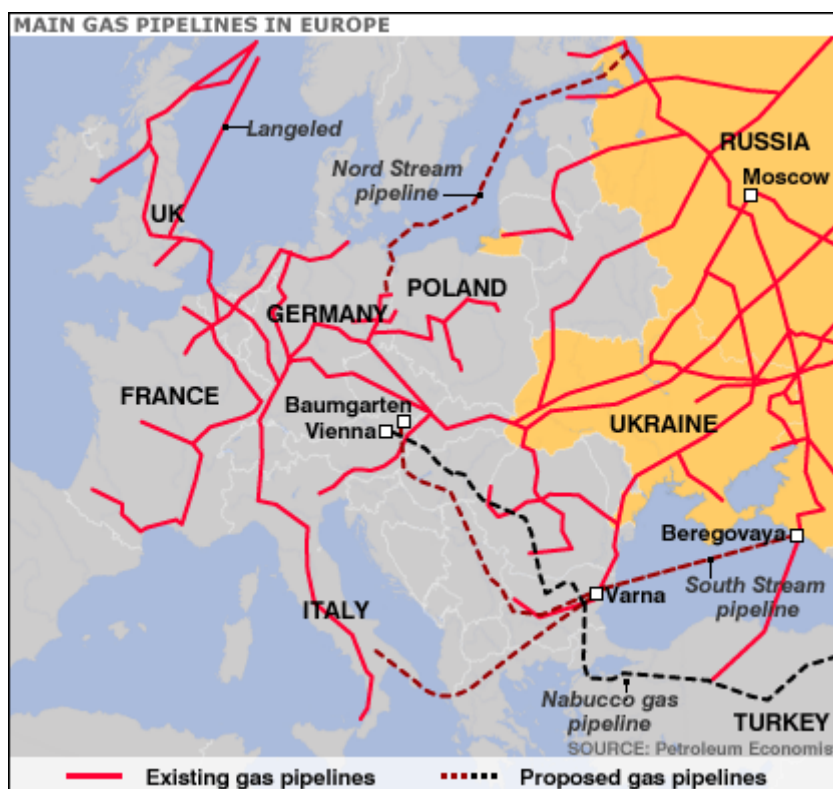
A grande dificuldade que a Europa encontra quando procura diversificar a origem das suas importações de gás, faz com que a Rússia detenha um quase monopólio na Europa, e é assim que o gás natural pode ser considerado um dos principais elementos para o estudo da balança estratégica Rússia vs Europa. Neste contexto, entende-se por balança estratégica o jogo dos interesses opostos da Rússia e da Europa, i.e, o interesse estratégico russo em consolidar a dependência da Europa, e o interesse estratégico da Europa em evitar essa dependência.

O gás natural é exportado em estado gasoso, o que implica que a sua exportação seja feita essencialmente através de gasodutos. A Rússia, pela sua dimensão territorial e pela sua riqueza em combustíveis fósseis, domina tanto a exploração do gás como a rede de gasodutos usada no seu transporte, e é assim que vários Estados europeus têm dificuldade em diversificar a origem da sua importação.

Na Europa, só a Noruega consegue rivalizar de forma relevante. Depois da Rússia, é o principal fornecedor de gás natural na Europa. Na verdade a Rússia tem vindo a perder recentemente para a Noruega a sua quota de exportação para os países europeus. É de salientar no entanto que embora a Noruega se aproxime cada vez mais da Rússia na quota de exportação para a zona europeia da OCDE, a Rússia permanece um quase monopólio nas exportações para a Europa de Leste.



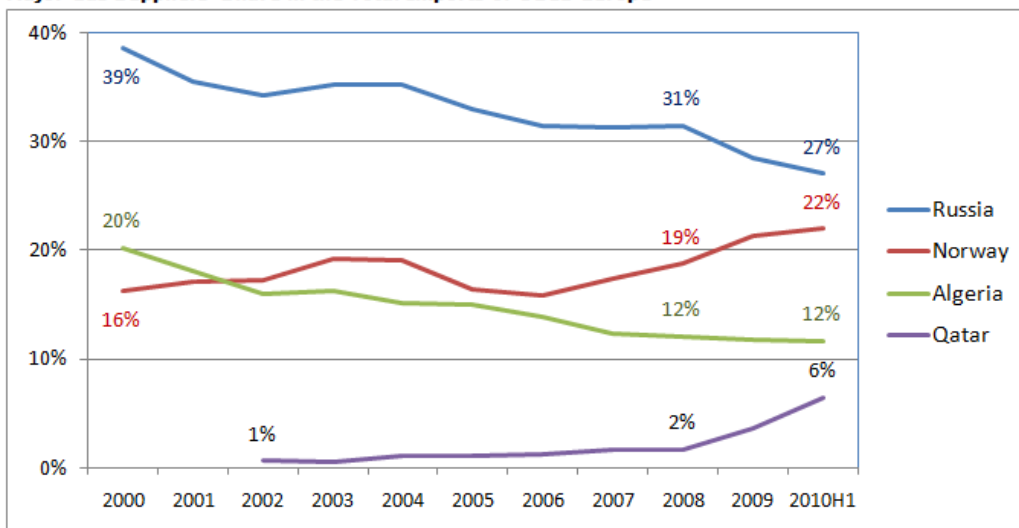
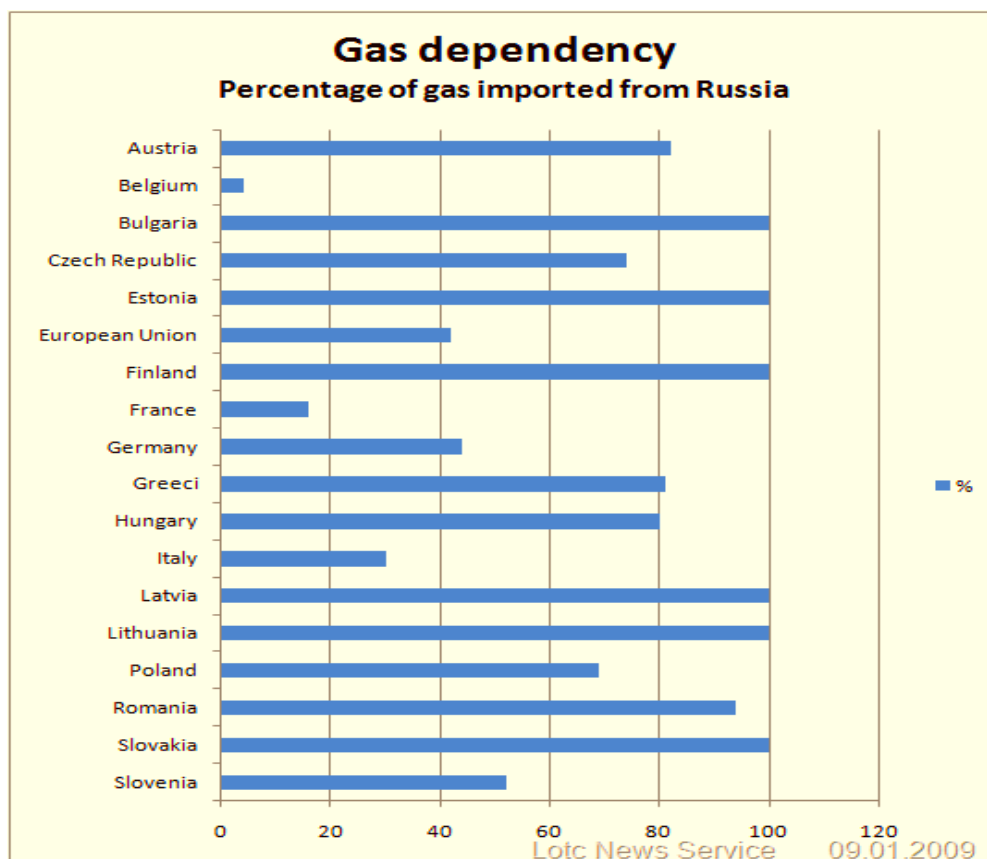
Norway Natural Gas Pipeline Exports, 2009

Ilustração 16 - Destinos da exportação de gás da Noruega e respectivas quotas<sup>64</sup>Ilustração 17 - Mapa de gasodutos da Europa<sup>65</sup>

<sup>64</sup> Norway, U.S. Energy Information Administration, Agosto de 2010, <http://www.eia.doe.gov/countries/cab.cfm?fips=NO> (acedido a 07/05/2011)

<sup>65</sup> Gazprom restores Ukraine gas flow, BBC NEWS, 5 de Março de 2008, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/7276589.stm> (acedido a 05/05/2011)

Major Gas Suppliers' Share in the Total Imports of OECD Europe

Ilustração 18 - Gráfico das quotas de exportação de gás natural para os países europeus da OCDE<sup>66</sup>Ilustração 19 - Percentagem de gás natural que os Estados europeus importam da Rússia<sup>67</sup>

<sup>66</sup> Gazprom continues losing its market share in Europe, East European Gas Analysis, 14 de Setembro de 2010, <http://www.eegas.com/rus-norw-2010-09.htm> (acedido a 05/05/2011)

<sup>67</sup> Gas dependency, Baltic Review, 12 de Fevereiro de 2009, <http://baltic-review.com/2009/02/12/gas-dependency/> (acedido a 05/05/2011)

Como foi possível observar no penúltimo gráfico, a Gazprom começou a perder uma quota significativa nas exportações de gás na OCDE em 2008. No ano seguinte vieram a público alegadas intenções da Gazprom para entrar no mercado do gás norueguês.<sup>68 69</sup> Alguns analistas noruegueses acreditam que a Rússia pretende adquirir direitos na rede de gasodutos da Noruega para assim exportar para o Reino Unido.<sup>70</sup> É de notar que o Reino Unido é segundo principal importador de gás da Noruega.

A estratégia da Gazprom em adquirir quota de mercado através de aquisições em empresas energéticas estrangeiras já não é nova. Esta estratégia já foi aplicada nos Estados bálticos e é actualmente uma aposta na Ásia Central. É uma questão que será tratada mais à frente no trabalho.

Uma falha geral no sistema de abastecimento russo poderia trazer consequências graves para a Europa. No último gráfico verifica-se que há Estados completamente ou quase completamente dependentes exclusivamente do gás natural de origem russa. A segurança energética é um tema muito caro à Europa de Leste. As eventuais falhas de abastecimento que poderão vir a acontecer não serão necessariamente fruto de divergências estratégicas e políticas entre a Rússia e estes Estados, ou de disputas comerciais entre as empresas energéticas de cada país, já que uma falha no abastecimento pode também ocorrer devido a possíveis problemas internos na Rússia. Como vimos anteriormente, a Gazprom enfrenta uma queda de produção no longo prazo, o que por si só deve levar os europeus a procurar outras soluções.

Para além da queda da produção, os europeus devem ter consciência que uma falha nos fornecimentos pode ser provocada pelos mais diversos problemas: catástrofes naturais que atinjam as infra-estruturas de produção ou transporte, ataques terroristas aos gasodutos e ou até mesmo falhas técnicas graves nos sistemas da Gazprom. As falhas técnicas na rede de gasodutos não são propriamente uma raridade. Embora a Europa ainda não tenha sofrido problemas por falhas técnicas graves que lhe trave o abastecimento, a importância do gás para a economia europeia deve levar os europeus a colocar todo o tipo de cenários.

---

<sup>68</sup> Gazprom eyes bases in Norway, Barents Observer, 17 de Fevereiro de 2009, <http://www.barentsobserver.com/gazprom-eyes-bases-in-norway.4558723-116320.html> (acedido a 07/05/2011)

<sup>69</sup> Gazprom shows interest in Norwegian pipeline grid, Barents Observer, 27 de Janeiro de 2009, <http://www.barentsobserver.com/gazprom-shows-interest-in-norwegian-pipeline-grid.4550850-116321.html> (acedido a 07/05/2011)

<sup>70</sup> *idem*



Ilustração 20 – Mapa das rupturas (pontos vermelhos) na rede de gasodutos da Gazprom de 2000 a 2002.<sup>71</sup>

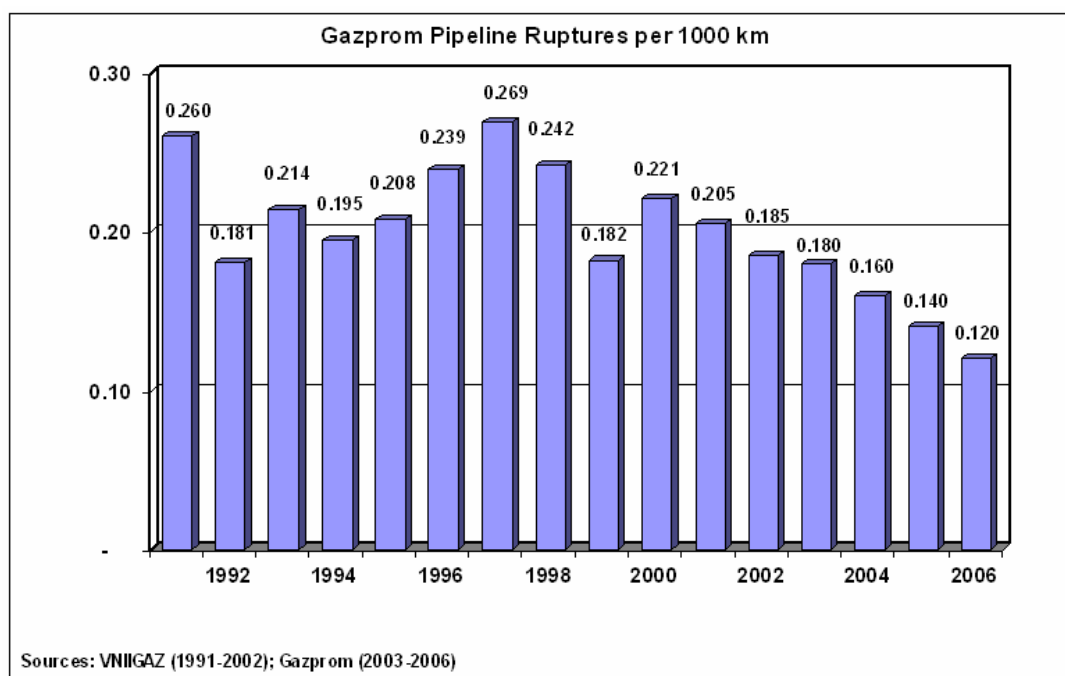


Ilustração 21 - Rupturas nos gasodutos da Gazprom por cada 1000 km.<sup>72</sup>

<sup>71</sup> Gazprom Pipeline Ruptures in 2000-2002, East European Gas Analysis, s.d, <http://www.eegas.com/breaks.htm> (acedido a 08/12/2011)

## 2.2 A dependência dos Estados bálticos

Após o fim do bloco de leste, os processos de democratização levados a cabo pelos antigos Estados da esfera soviética enveredaram por privatizações em massa nos diversos sectores da economia, incluindo o da energia, de modo a reformar o seu modelo económico. Os Estados do bloco ocidental, enquanto acompanhavam as transformações na Europa de Leste e Central, pressionaram sempre estes novos Estados a privatizar rapidamente a sua economia de modo a dissociarem-se o mais possível do antigo modelo comunista.

Vários Estados que seguiram este caminho, muito em particular os Estados bálticos, viram as suas empresas energéticas serem compradas por companhias russas.<sup>73</sup> A dependência destes países em relação ao fornecimento de petróleo e em particular de gás natural vindo da Rússia anda perto dos 100%.<sup>74</sup> Keith C. Smith acredita que as antigas nomenclaturas dos partidos comunistas que actualmente ocupam cargos importantes na administração pública podem estar por detrás destas privatizações pelos laços que gozam com as antigas nomenclaturas da Rússia e que ainda hoje ocupam igualmente altos cargos políticos.<sup>75</sup> Além do mais, os níveis de corrupção surgidos nestes países após a guerra fria levam-nos a crer que esta poderá ser uma explicação bastante possível. Na Europa de Leste apenas a Estónia foge aos elevados índices de corrupção segundo os estudos da ONG Transparency International<sup>76</sup> no seu conhecido relatório *“Corruption Perceptions Index”*.<sup>77</sup>

Após as privatizações, o fornecimento de petróleo à Lituânia foi interrompido nove vezes entre 1998 e 2000.<sup>78</sup> No ano de 2004 cessou o fornecimento de petróleo à Lituânia por via do

---

<sup>72</sup> Gazprom Pipeline Ruptures in 1991-2006, East European Gas Analysis, s.d, <http://www.eegas.com/images/rupture.PNG> (acedido a 08/12/2011)

<sup>73</sup> Veja-se o seguinte exemplo da Estónia: *“For many years the AS Eesti Gaas (Estonian Gas Ltd) was the only gas company in Estónia engaged in the import, transportation, distribution and sales of natural gas. AS Eesti Gaas was established in 1992 on the basis of the state enterprise Eesti Gaas. Initially, the state owned 70% of the shares in the company. Privatisation started in 1993 and was completed in 1999. At present the shareholders in AS Eesti Gaas are:*

- OAO Gazprom — 37.02%;
- E.ON Ruhrgas Energie AG — 33.60%;
- Fortum Oil and Gas Oy — 17.72%;
- Itera Latvia — 9.75%;
- Other shareholders — 1.91%.” in Analyses of Energy Supply Options

and Security of Energy Supply in the Baltic States, IAEA, Fevereiro 2007, p. 32

<sup>74</sup> «The Baltic States (...) About 90% of their oil comes from Russia, and 100% of their natural gas» in WOEHREL, Steven, Russian Energy Policy Toward Neighboring Countries, Congressional Research Service, 2 de Setembro 2009, p.12

<sup>75</sup> SMITH, Keith, Russia and European energy security – Divide and Dominate, CSIS, Outubro de 2008, p. 16.

<sup>76</sup> «Transparency International is a global network including more than 90 locally established national chapters and chapters-in-information. These bodies fight corruption in the national arena in a number of ways. They bring together relevant players from government, civil society, business and the media to promote transparency in elections, in public administration, in procurement and in business. TI’s global network of chapters and contacts also use advocacy campaigns to lobby governments to implement anti-corruption reforms.» in Transparency International, [http://www.transparency.org/about\\_us](http://www.transparency.org/about_us) (acedido a 15/12/2011)

<sup>77</sup> Corruption Perceptions Index 2011, CPI, 2011, <http://cpi.transparency.org/cpi2011/results/> (acedido a 17/02/2012)

<sup>78</sup> SMITH, Keith, Russia and European energy security – Divide and Dominate, CSIS, Outubro 2008, pp. 5-6.

oleoduto de *Druzhba*. Para Keith C. Smith, tais cortes foram a expressão das pressões do Kremlin para que o governo lituano privatizasse o seu porto petrolífero a empresas russas.<sup>79</sup> Não obstante a falta de transparência nas negociações para as privatizações no início dos anos 90, a dependência dos Estados bálticos em relação às importações energéticas russas não muda relativamente ao facto das companhias bálticas estarem nas mãos de accionistas russos ou bálticos, pois estas matérias-primas terão sempre que ser importadas. A vantagem para os russos em comprar as empresas bálticas é o facto de isso lhes abrir a oportunidade de explorar o mercado interno de distribuição nesses Estados. Se por algum motivo a Rússia optar por cortar os fornecimentos, ela pode fazê-lo independentemente de dominar ou não as companhias energéticas que operam dentro destes países. Por outras palavras, se os governos bálticos decidissem impedir as privatizações das suas companhias energéticas, isso não seria suficiente para diminuir a dependência do gás e do petróleo russo. Não é necessário à Rússia dominar os mercados internos para cortar fornecimentos, basta-lhe interromper o fluxo de petróleo e gás a correr nos seus oleodutos e gasodutos.

Relativamente ao gás natural, os Estados bálticos aparentam estar empenhados actualmente numa estratégia que lhes permita serem abastecidos por gás líquido (LNG).<sup>80</sup> A União Europeia poderá ter aqui um papel fundamental nesta estratégia uma vez que poderá disponibilizar os fundos comunitários necessários à construção de um terminal de LNG: *“It appears that the three Baltic states of Lithuania, Latvia and Estonia have agreed to build a single common liquefied natural gas (LNG) import terminal after several years of pushing competing LNG projects. The prime ministers of the three countries said on February 11 2011 that they would seek European Union (EU) funding for a single LNG import terminal.”*<sup>81</sup>

A Agência Internacional de Energia Atómica deixa também bem patente nos seus relatórios a dependência energética dos Estados bálticos relativamente à Rússia.<sup>82</sup> Quanto à Estónia afirma que *«The Estonian market for oil products is deregulated, open and competitive. Estonia has no oil-refining capacity, and therefore all petroleum products are imported — mainly from Lithuania, Finland and Russia. (...) Estonia has no indigenous natural gas, so it is fully dependent on imports of natural gas from Russia. Natural gas is imported into Estonia both directly from Russia and via the Inčukalns underground gas storage (UGS) in Latvia.»*

A Letónia encontra-se numa situação semelhante: *«Large volumes of natural gas from Russia are pumped into UGS in Latvia during the summer for use in the winter, and some re-exports to neighbouring countries. (...) Latvia imports all of its natural gas supplies from Russia. The large available natural gas storage (Inčukalns UGS), with a capacity that exceeds annual domestic consumption, enables the Latvian natural gas supply system to be used for winter deliveries to the St*

---

<sup>79</sup> SMITH, Keith, *Russia and European energy security – Divide and Dominate*, CSIS, Outubro 2008, pp. 5-6.

<sup>80</sup> *Baltic States should build their own LNG terminals – President*, The Lithuania Tribune, 7 de Dezembro 2011, <http://www.lithuaniantribune.com/2011/07/12/baltic-states-should-build-their-own-lng-terminals-%E2%80%93-president/> (acedido a 03/02/2012)

<sup>81</sup> *Baltic States Agree On Single LNG Import Terminal*, Penn Energy, 1 de Fevereiro 2011, <http://www.pennenergy.com/index/articles/newsdisplay/1359584630.html>

<sup>82</sup> *Analyses of Energy Supply Options and Security of Energy Supply in the Baltic States*, IAEA, Fevereiro 2007, pp. 32, 43, 58.



*Petersburg area and Estonia. For that the national gas supply company (Latvijas Gaze) charges appropriate storage and transit fees.»*

Também a Lituânia vive uma situação de dependência: «Lithuania is a very dependent country in terms of energy resources. (...) The remaining primary fuel requirement is imported from neighbouring countries, mainly from Russia — all crude oil, natural gas and nuclear fuel are imported from this country. (...) The supply of crude oil is also available via pipeline from Russia and two existing oil terminals from other countries, including orimulsion from Venezuela. Coal can be supplied by railway from both Russia and Poland.»



**Ilustração 22 - Rede de gasodutos (a vermelho) e oleodutos (a verde) dos Estados bálticos.**<sup>83</sup>

### 2.3 A dependência da Ucrânia

A Ucrânia é um dos países do mundo com maior consumo de gás natural *per capita* e é o principal importador da Gazprom.<sup>84</sup> Os principais consumidores de gás no país são grandes empresas que representam uma fatia importante no PIB e nas exportações ucranianas. O consumo

<sup>83</sup> Global Intelligence, Stratfor, <http://www.stratfor.com/> (Nota: não foi possível retirar o link completo da fonte, acedido a 03/03/2011)

<sup>84</sup> Segundo dados de 2007, a Ucrânia foi o 19º maior consumidor de gás em termos *per capita*. In Energy Statistics, NationMaster, 2007, [http://www.nationmaster.com/graph/ene\\_nat\\_gas\\_con\\_percap-natural-gas-consumption-per-capita](http://www.nationmaster.com/graph/ene_nat_gas_con_percap-natural-gas-consumption-per-capita) (acedido a 14/04/2011)

de gás natural pelas indústrias metalúrgicas e químicas é, segundo o Banco Mundial, de 25% a 30% acima do consumo médio das mesmas indústrias da União Europeia, o que comprova a ineficiência energética destas indústrias. As zonas residenciais representam um quarto do consumo total de gás do país.<sup>85</sup> A Ucrânia é um país altamente dependente do gás natural e do petróleo da Rússia. O director geral da OMC defendeu mesmo que as antigas repúblicas soviéticas deveriam pagar preços normais de mercado pelo gás natural com vista a promover a eficiência energética das suas economias,<sup>86</sup> uma vez que os preços bonificados de que gozam poderão estar a contribuir para essa ineficiência.

Em 2006, 78% do petróleo consumido na Ucrânia foi de origem russa, enquanto que no caso do gás natural, 66% foi abastecido pela Gazprom. O gás fornecido pela Gazprom à Ucrânia é em parte gás russo e gás do Turquemenistão. No entanto, o gás vindo da Ásia Central tem a Gazprom como intermediário, ou seja, esse gás passa também por gasodutos russos.<sup>87</sup> Apesar destes dados, a conclusão de que a Ucrânia é mais dependente relativamente ao petróleo do que ao gás natural é falaciosa. Pelo contrário, a dependência relativamente ao gás natural russo é um facto a ter ainda mais em conta uma vez que metade do consumo energético da Ucrânia é de gás natural. Ao contrário dos Estados bálticos<sup>88</sup>, a Ucrânia toma o gás natural como a sua principal fonte de energia,<sup>89</sup> com uma quota de consumo de gás muito superior à sua quota de consumo de petróleo.

A Ucrânia tem assistido a vários cortes no fornecimento de gás natural russo devido a divergências políticas entre os dois Estados e a disputas entre as suas maiores empresas de gás natural, a Naftogaz da Ucrânia e a Gazprom da Rússia. Tal como a Gazprom, a Naftogaz é uma empresa pública, o que a leva a envolver-se nas questões políticas e nos atritos diplomáticos entre os dois Estados.

Desde o 1991, a Ucrânia tem vindo a abastecer-se de gás natural pelos gasodutos vindos da Rússia. A relação bilateral é agitada por duas vertentes: em primeiro lugar, nesta relação comercial, a Ucrânia gozou quase sempre de um tratamento especial pagando pelo gás natural valores muito abaixo dos preços de mercado.<sup>90</sup> No entanto, este privilégio não impediu os ucranianos de entrarem em incumprimento no pagamento do gás, o que levou a Gazprom a cortar os abastecimentos.<sup>91</sup> Os cortes não são um cenário novo e têm vindo a ocorrer várias vezes desde o início dos anos 90 após a independência da Ucrânia, onde também se verificaram faltas de pagamento.<sup>92</sup>

Em segundo lugar, também a Gazprom manobra politicamente a relação quando decide aumentar inesperadamente os preços cobrados pelo gás como forma de responder politicamente

---

<sup>85</sup> GROMADZKI, Grzegorz, KONONCZUK, Wojciech, Energy Game: Ukraine, Moldova and Belarus between the EU and Russia, Batory Foundation, Agosto de 2007, p.14

<sup>86</sup> OLSON, Parmy, Putin's Kremlin Flexes Its Muscles With Gazprom, FORBES.COM, 1 de Fevereiro de 2006, [http://www.forbes.com/2006/01/02/putin-gazprom-ukraine-cx\\_po\\_0102autofacescan02.html](http://www.forbes.com/2006/01/02/putin-gazprom-ukraine-cx_po_0102autofacescan02.html) (acedido a 14/05/2011)

<sup>87</sup> WOEHREL, Steven, Russian Energy Policy Toward Neighboring Countries, Congressional Research Service, 2 de Setembro 2009, p.7

<sup>88</sup> Analyses of Energy Supply Options and Security of Energy Supply in the Baltic States, IAEA, Fevereiro de 2007, pp. 35, 51

<sup>89</sup> Idem

<sup>90</sup> Ibidem, pp. 7-10

<sup>91</sup> Ibidem, pp.7-10

<sup>92</sup> Idem



perante situações que não agradam ao interesse nacional da Rússia. No final de 2005, após a vitória do candidato pró-União Europeia e pró-NATO, Viktor Yushchenko,<sup>93</sup> a Gazprom declarou que iria aumentar os preços do gás para a Ucrânia em 50USD por cada mil metros cúbicos, passando assim para os 230USD. O novo preço não foi na verdade um preço de asfixia económica, mas sim o preço normal de mercado ao qual a Ucrânia nunca se tinha habituado antes.<sup>94</sup>

Após a recusa da Ucrânia em pagar o valor normal de mercado, a Gazprom voltou a cortar os abastecimentos.<sup>95</sup> No entanto, estes cortes não afectaram consideravelmente as reservas de gás da Ucrânia. Aproveitando-se do facto da Rússia utilizar a rede de gasodutos ucraniana para exportar 84% do seu gás destinado à exportação,<sup>96</sup> a Ucrânia desviou para o seu consumo próprio parte do gás que se destinava aos restantes países europeus. Por sua vez, os Estados da Europa Ocidental, temendo falhas no seu abastecimento de gás, pressionaram a Rússia para que chegasse rapidamente a um acordo com a Ucrânia de modo a garantir a fiabilidade dos abastecimentos.<sup>97</sup>

Passados dois dias a Rússia cedeu e chegou a um novo acordo com a Ucrânia em Janeiro de 2006 que duraria até 2009. Segundo este acordo a Ucrânia passava a importar o gás através de uma empresa intermediária: a RosUkrEnergó.<sup>98 99</sup>

Esta empresa importaria gás para a Ucrânia vindo da Rússia e da Ásia Central a um preço novamente muito abaixo do preço normal de mercado: apenas 95USD por cada mil metros cúbicos contra um preço normal rondando os 230USD: um acordo que lesa comercialmente a Rússia relativamente ao que seria a sua intenção de cobrar valores normais de mercado. A isto, acresce ainda o facto de que o acordo previa que a Rússia se compromettesse a pagar taxas de trânsito acrescidas para o gás russo que seria exportado para os restantes países europeus.<sup>100</sup>

Para a Rússia, a vantagem é a de que com este acordo aumenta a sua presença no mercado de distribuição doméstico ucraniano através da criação de uma empresa para o efeito também prevista no mesmo acordo: a UkrGazEnergó, que na realidade é uma joint-venture dividida a 50%-50% entre a Naftogaz do Estado ucraniano e a RosUkrEnergó.<sup>101</sup>

---

<sup>93</sup> Viktor Yushchenko destacou-se por ser o primeiro presidente ucraniano a defender a entrada da Ucrânia na NATO e na União Europeia.

<sup>94</sup> Idem

<sup>95</sup> Idem

<sup>96</sup> Idem

<sup>97</sup> Idem

<sup>98</sup> Ibidem, p.8

<sup>99</sup> «(...) As UNIAN reported earlier, RosUkrEnergó is a company, registered in Switzerland. 50% of its shares belong to Gazprom, and other 50% - to Ukrainian businessmen Dmitry Firtash (45%) and Ivan Fursin (5%). Since 2006, RosUkrEnergó had been the monopoly middle-Asian gas supplier to Ukraine.» in Nemtsov: Russian part in RosUkrEnergó looks as improper as Ukrainian one, Unian, 17 de Março de 2008, <http://www.unian.net/eng/news/news-241453.html> (acedido a 17/04/2011). Antes de RosUkrEnergó, a Itera foi a primeira intermediária (desde 1994), depois a Eural Transgas de 2003 a 2006, e só depois apareceu a RosUkrEnergó.

<sup>100</sup> Ibidem, p.8

<sup>101</sup> «The agreement would create the company UkrGazEnergó -- a 50-50 joint venture between Naftogaz Ukrainy and RosUkrEnergó -- to market gas within Ukraine. RosUkrEnergó would deliver the mix of Russian and Turkmen gas to Ukraine's border, then would grab a large share of Ukraine's internal distribution market from Naftogaz Ukrainy through this joint venture.» in SOCOR, Vladimir, UKRGASENERGO: A NEW RUSSIAN-UKRAINIAN VENTURE TO DOMINATE UKRAINE'S GAS MARKET, The Jamestown Foundation, 16 de Fevereiro de 2006, [http://www.jamestown.org/single/?no\\_cache=1&tx\\_ttnews\[tt\\_news\]=31394](http://www.jamestown.org/single/?no_cache=1&tx_ttnews[tt_news]=31394) (acedido a 17/04/2011)

Em Março de 2006 o partido de Viktor Yanukovich venceu as eleições para o parlamento. Yanukovich tomou posse novamente como primeiro-ministro assumindo uma orientação tendencialmente mais pro-Rússia ao contrário do presidente à altura, Viktor Yushchenko.<sup>102</sup> A eleição de Yanukovich veio facilitar as negociações com a Rússia: em Outubro do mesmo ano a Rússia comprometeu-se a vender gás natural à Ucrânia por um preço abaixo dos 130USD,<sup>103</sup> novamente abaixo do preço de mercado. Em contrapartida foram exigidas quatro cedências à Ucrânia: primeiro, o adiamento da possibilidade de se fazer um referendo ao povo ucraniano sobre a entrada da Ucrânia na NATO; segundo, a base naval ucraniana de Sevastopol continuaria a ser usada pela marinha russa pelo menos até 2017; terceiro, a RosUkrEnergó continuará a servir de intermediária nos próximos 5 anos. Por último a Ucrânia só receberá gás natural do Turquemenistão se esse gás transitar por gasodutos russos.<sup>104</sup> O acordo foi cumprido durante a era de Yanukovich, mas a cláusula referente à RosUkrEnergó viria a ser violada pela futura primeira-ministra Yuliya Tymoshenko.

Ainda no tempo de Yanukovich em 2007, a Gazprom ameaçou com novos cortes no abastecimento de gás devido a uma grande acumulação de dívidas por parte da Ucrânia. Para resolver mais uma crise energética do género, a Ucrânia pagou parte das dívidas, não em dinheiro, mas em gás que possuía de reserva, e chegou a um acordo com a Rússia para um novo preço a pagar por cada mil metros cúbicos: 179.5USD para o ano de 2008. Isto significou um aumento de 38% no preço relativamente a 2007, que ainda assim se mantinha muito abaixo do preço de mercado.<sup>105</sup>

Em Dezembro de 2007 Yuliya Tymoshenko foi eleita para primeira-ministra da Ucrânia. A sua promessa foi a de que iria acabar de vez com a presença da UkrGazEnergó e da RosUkrEnergó no mercado energético ucraniano. No mês seguinte, em Janeiro de 2008, Yuliya Tymoshenko começou por limitar as quantidades de gás que a UkrGazEnergó podia vender no mercado interno da Ucrânia.<sup>106</sup> Nos dias 3, 4 e 5 de Março do mesmo ano, a Gazprom viu-se obrigada mais uma vez a cortar o abastecimento de gás à Ucrânia, desta vez em 50%. Logo de seguida os responsáveis ucranianos admitiram que se a Rússia não retomasse imediatamente os abastecimentos, a Ucrânia iria começar a desviar o gás destinado à Europa Central/Ocidental para o seu próprio consumo. A 5 de Março foram retomados os abastecimentos e no dia 12 as duas partes chegaram a um novo acordo: a Rússia aceitou eliminar a UkrGazEnergó do mercado doméstico ucraniano, e a Ucrânia deu acesso directo à Gazprom para o fornecimento de gás a grandes empresas em território ucraniano. Cada parte fez as suas cedências, mas o balanço final é de que esta pressão por parte da Ucrânia foi, no final de contas, uma vitória nas intenções da primeira-ministra ucraniana. Após ter consigo pressionar o Kremlin a eliminar a UkrGazEnergó, a primeira-ministra manteve-se determinada a cumprir o resto da promessa: eliminar a RosUkrEnergó. Pouco depois de se ter chegado ao acordo

---

<sup>102</sup> WOEHREL, op.cit, p.8

<sup>103</sup> Um acordo negociado entre os dois primeiros-ministros dos dois países.

<sup>104</sup> ANDERSON, Richard J., Europe's Dependence on Russian Natural Gas: Perspectives and Recommendations for a Long-term Strategy, George C. Marshall – European Center for Security Studies, Setembro de 2008, p.21

<sup>105</sup> WOEHREL, op.cit, p.8

<sup>106</sup> Ibidem, p.9

assinado por Yanukovych, a nova primeira-ministra decidiu alterá-lo unilateralmente, e colocou diversas barreiras à prática usual da RosUkrEnergo em reexportar o gás central-asiático do mercado ucraniano para outros mercados.<sup>107</sup>

A 1 de Janeiro de 2009 a Gazprom voltou a cortar o abastecimento de gás devido a dívidas acumuladas e à dificuldade em chegar a um acordo sobre os preços do gás a pagar pela Ucrânia para o ano de 2009. Quanto às dívidas, por um lado a Gazprom acusou a Naftogaz por falta de pagamento do gás<sup>108</sup>, por outro lado a Naftogaz acusou a Gazprom por falta de pagamento das taxas de passagem do gás que é exportado para o resto da Europa.<sup>109</sup> Após o corte, novamente a Ucrânia desviou para o seu consumo o gás destinado a outros Estados europeus que passa pela rede ucraniana de gasodutos. A União Europeia criticou duramente a disputa entre os dois Estados para evitar falhas no seu abastecimento mas recusou pôr-se do lado de qualquer uma das partes.<sup>110</sup> Nos dias 11 e 12 de Janeiro a União Europeia enviou uma equipa de técnicos para o terreno a fim de identificar e tentar resolver as dificuldades mas acabou por não ter qualquer sucesso.<sup>111</sup> O falhanço das negociações entre a Rússia e a Ucrânia, assim como a incapacidade da União Europeia em mediar produziu consequências em vários países, principalmente na Eslováquia, Moldávia, Bulgária, Roménia, Sérvia, Bósnia-Herzegovina e Croácia.<sup>112</sup>

No dia 18, a Rússia e a Ucrânia chegaram finalmente a um acordo: a RosUkrEnergo é eliminada enquanto intermediária e a Ucrânia passa a ser cobrada em 450USD por cada mil metros cúbicos de gás, um preço que não foi necessário pagar uma vez que a Ucrânia foi usando parte das suas reservas de gás até o preço descer para os 271USD acompanhando a queda do preço do petróleo.<sup>113</sup> Este novo acordo sela assim a vitória de Yuliya Tymoshenko nas suas promessas: a eliminação da UkrGazEnergo e da RosUkrEnergo, conseguindo também manter a importação de gás a um custo inferior ao preço de mercado para todo o ano de 2009.

---

<sup>107</sup> Ibidem, p.9

<sup>108</sup> Ibidem, p.9

<sup>109</sup> Naftohaz Ukraine: Intermediary RosUkrEnergo owes \$40 million for gas transit, Kyiv Post, 3 de Janeiro de 2009, <http://www.kyivpost.com/news/nation/detail/32638/#ixzz1JhfQakLJ> (acedido a 18/04/2011)

<sup>110</sup> WOEHREL, op.cit, p.9

<sup>111</sup> PIRANI, Simon, STERN, Jonathan, YAFIMAVA, Katja, The Russo-Ukrainian gas dispute of January 2009: a comprehensive assessment, Oxford Institute for Energy Studies, Fevereiro de 2009, p.22-23

<sup>112</sup> Ibidem

<sup>113</sup> WOEHREL, op.cit, p.9

*Illustrative European border prices, Transit Charges, Ukrainian Netback and Actual Import Prices in Dollars per Thousand Cubic Metres (\$/mcm)\**

	\$/mcm European border (est)	Transit (est.)	Netback (est.)	Actual import prices	Differential
2004	143.05	27.00	116.05	50	66.05
2005	189.31	31.58	157.73	50–80	77.73–107.73
2006	246.51	36.53	209.98	95	114.98
2007	254.48	38.35	216.13	130	86.13
2008	368.32	41.13	327.19	179.50	147.69

\*note that the only figures which we can be sure of in this table are the Ukrainian import prices. None of the other data are in the public domain. Our European price estimates for 2008 are significantly below the figure of \$450 agreed as the starting point for the 2009 price. The point the data illustrate is that even at much lower European price estimates, the differential is still substantial.

**Ilustração 23 - Quadro comparativo dos preços para a Ucrânia e resto da Europa (valor médio)<sup>114</sup>**

**2.3.1 A natureza das crises russo-ucranianas**

A Ucrânia não foi o único Estado vizinho ao qual a Rússia optou por cortar os abastecimentos energéticos, mas é aceite que a crise energética russo-ucraniana de 2009 foi muito provavelmente a crise energética mais grave entre a Rússia e os seus vizinhos após a extinção da URSS, como consideram os autores do Oxford Institute for Energy Studies: Simon Pirani, Jonathan Stern e Katja Yafimava.<sup>115</sup>

Relativamente às razões que se podem apresentar para explicar as crises energéticas, há uma questão fundamental que se põe: As disputas são comerciais ou políticas? Embora acredite ser uma mistura das duas, diria que estas disputas têm sido mais comerciais que políticas. Como vimos, a Ucrânia tem faltado aos pagamentos do gás, e isso justificou as decisões de cortar os abastecimentos. A Rússia nunca cortou o gás natural à Ucrânia sem que esta faltasse aos pagamentos do contracto em vigor, ou sem que ainda houvesse dívidas por pagar de contractos anteriores. Isto é válido para as crises de 2006, 2009 e para os cortes esporádicos registados no início da década de 1990.<sup>116</sup>

Não obstante o facto de a Rússia apresentar algumas cláusulas de interesse político à Ucrânia durante as negociações das crises energéticas, essa não tem sido a regra geral. O que é facto é que a Ucrânia, embora gozando de contractos bonificados para o preço a pagar pelo gás natural, tem fugido frequentemente aos seus compromissos de pagamento desse mesmo gás. Só o

<sup>114</sup> PIRANI, Simon, STERN, Jonathan, YAFIMAVA, Katja, op.cit, p.10

<sup>115</sup> Idem

<sup>116</sup> Idem

facto da Ucrânia poder comprar o gás a um preço mais baixo, já revela uma decisão política da Rússia, não só porque teoricamente pode garantir maior uma fiabilidade dos pagamentos (que não tem acontecido), mas estes preços são na verdade um subsídio do Estado russo ao Estado ucraniano. Os “subsídios” entre Estados são uma forma de política externa, veja-se o caso da ajuda económica da Rússia ao Chipre, que em contrapartida ajuda a Rússia a exportar armas para a Síria, o que representa uma violação do embargo militar internacional imposto ao país em 2011.<sup>117</sup> Os subsídios atribuídos à Ucrânia podem ter diversas razões políticas que não são facilmente identificáveis pelos analistas, mas nunca podem ser vistos como mera caridade entre Estados. Também numa altura em que se discutia a possibilidade da Ucrânia entrar para a NATO, podem ser levantadas algumas suspeitas quanto à forma como se lidou estas crises.

Segundo S. Pirani, J. Stern e K. Yafimava do *Oxford Institute for Energy Studies*: «*We do not believe that the often-cited desire of the Russian government to use energy as an economic or political ‘weapon’ against European countries played any part in this [2009] crisis. Russia’s relationship with Europe in the gas sphere is and will remain one of mutual dependence: while Europe depends heavily on Russian gas supplies, Russia – which here means both Gazprom and the Russian state – relies heavily on the revenues generated from European sales*». <sup>118</sup> Lionel Beehner do Council on Foreign Relations escreve o seguinte sobre a crise energética de 2006: «*Are these disputes driven more by politics or economics? It’s unclear. Many observers say Russia’s attempts to raise gas prices in Ukraine were a political gesture, aimed at Kiev’s pro-Western government. But after Russia looked to raise the price of gas in Belarus, traditionally a Russian ally, some wondered whether its motivations were more economic. After all, the argument went, these post-Soviet states were getting their gas at a steep discount compared with the rest of Europe (which paid, on average, \$240 per 1,000 cubic meters) and paying well below market-level prices. “The truth is that these price increases are not political”<sup>119</sup>,*” wrote Nadejda M. Victor of Stanford University’s Program on Energy and Sustainable Development in the *Washington Post*. “*Rather they reflect worrisome economic and geological facts about Russian gas fields.*” She says Gazprom’s poor management and a decline in gas production and discoveries from Russia’s major gas fields are fueling these price hikes.» <sup>120</sup>

Não sendo possível negociar por moeda, a Rússia procura cedências políticas por parte da Ucrânia de modo a saldar as dívidas. O caso mais conhecido, já abordado, é o caso das negociações entre o Kremlin e Viktor Yanukovich, com a Ucrânia a comprometer-se, entre outras coisas, a adiar um possível referendo popular sobre a sua entrada na NATO e o alargamento dos prazos de concessão da base de Sevastopol à marinha russa. Esta é uma negociação com claros elementos políticos.

---

<sup>117</sup> A ilha de férias que se tornou russa, *presseurop*, 2 de Fevereiro de 2012, <http://www.presseurop.eu/pt/content/article/1474501-ilha-de-ferias-que-se-tornou-russa> (acedido a 04/02/2012)

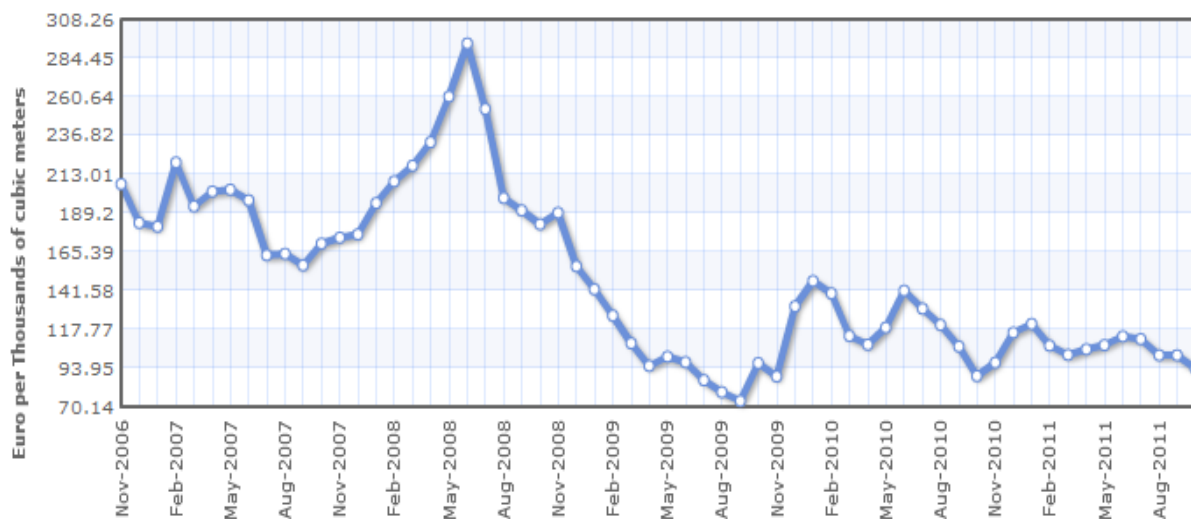
<sup>118</sup> PIRANI, Simon, STERN, Jonathan, YAFIMAVA, Katja, op.cit, p.60

<sup>119</sup> VICTOR, Nadejda, Russia’s Gas Crunch - Looming Shortfall Poses a Tough Choice, *The Washington Post*, 6 de Abril de 2006, <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/04/05/AR2006040501954.html> (acedido a 14/05/2011)

<sup>120</sup> BEEHNER, Lionel, Russia’s Energy Disputes, Council on Foreign Relations, 3 de Fevereiro de 2010, <http://www.cfr.org/energy/russias-energy-disputes/p12327#p5> (acedido a 04/02/2012)

Outro aspecto a ter em conta, é que os preços mais baixos exigidos à Ucrânia poderão não ser uma “benesse” sustentável no longo prazo. Embora possa haver, em determinadas situações, razões políticas por detrás das flutuações de preço do gás natural russo, deve-se ter em conta vários factos:

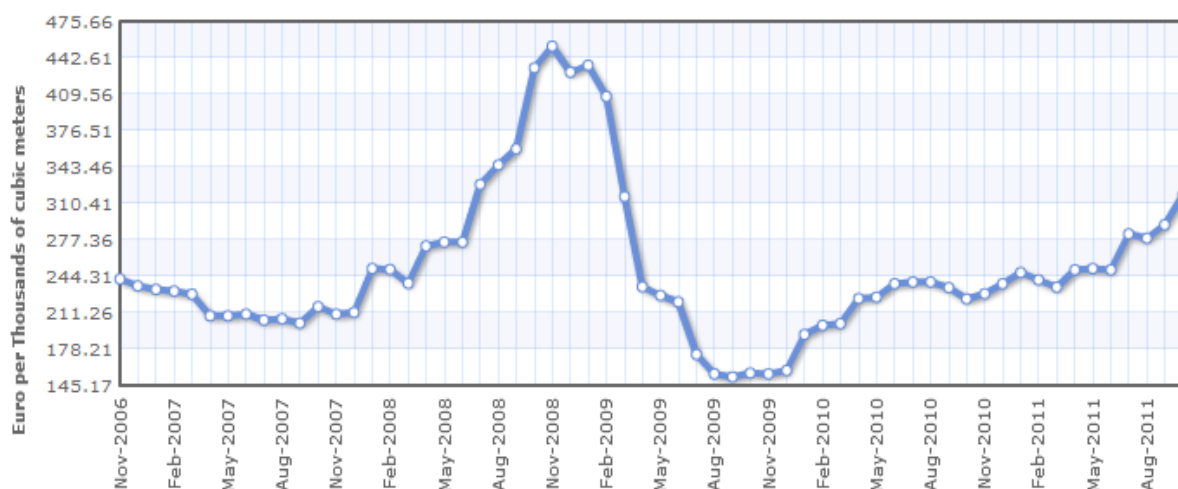
- A diminuição da produção por parte da Gazprom obriga a que os preços aumentem, já que esta é a principal fornecedora da Europa.
- A perda de quota de exportação da Gazprom para a Europa diminui os lucros da companhia, o que lhe retira margem de manobra para negociar preços bonificados com a Bielorrússia e com a Ucrânia.
- O facto de a Gazprom vender o gás natural dentro do território russo a preços muitas vezes abaixo dos custos de exploração/produção,<sup>121</sup> obriga a que sejam feitos lucros mais altos nos mercados internacionais de modo a garantir a rentabilidade da companhia.
- Os aumentos do preço do gás natural nos últimos anos foi também uma tendência natural dos mercados internacionais, limitando-se a acompanhar os preços do petróleo. É de referir no entanto que ainda assim o preço do gás russo é muito mais caro do que o gás de outras regiões do globo, uma característica típica de mercados com falta de concorrência.



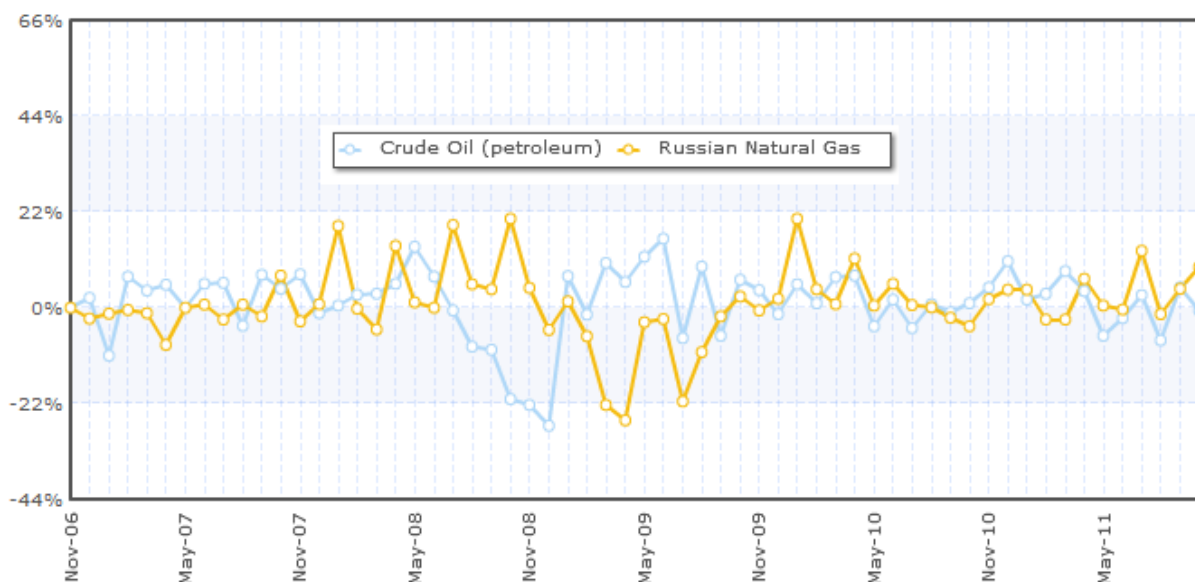
**Ilustração 24 - Evolução do preço do gás natural. Referência: Henry Hub, Louisiana, EUA.<sup>122</sup>**

<sup>121</sup> Os preços baixos do gás natural vendido dentro da própria Rússia, constituem uma estratégia por parte das autoridades públicas de modo a reduzir os custos dos factores de produção e assim contribuir para uma maior competitividade da economia russa.

<sup>122</sup> Natural Gas Monthly Price, IndexMundi, 2011, <http://www.indexmundi.com/commodities/?commodity=natural-gas&months=60&currency=eur> (acedido a 08/12/2011)



**Ilustração 25 - Evolução do preço do gás natural russo. Referência: *border price* na Alemanha.**<sup>123</sup>



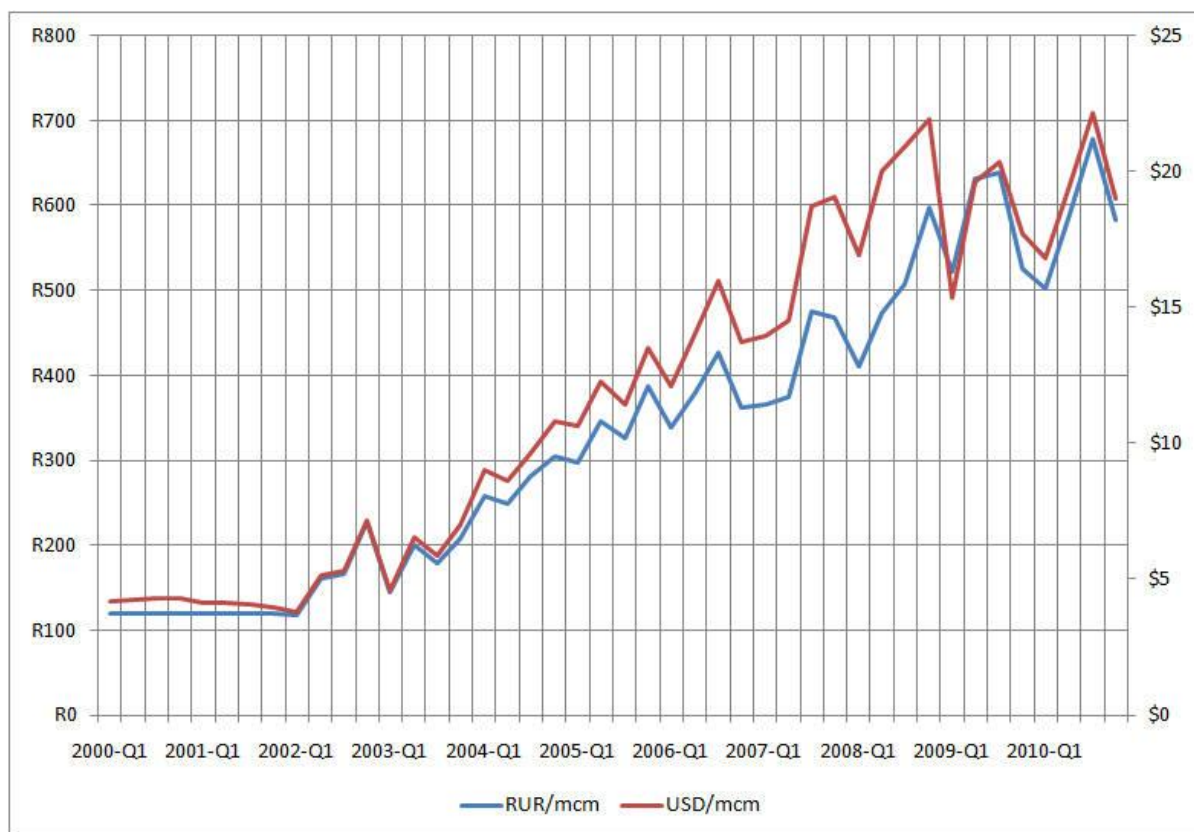
**Ilustração 26 - Comparação entre a variação de preços do petróleo a nível mundial e do gás russo.**<sup>124</sup>

- Os custos de produção/exploração da Gazprom têm subido nos últimos anos o que projecta também os preços de venda para níveis mais altos.

<sup>123</sup> Russian Natural Gas Monthly Price, IndexMundi, 2011, <http://www.indexmundi.com/commodities/?commodity=russian-natural-gas&months=60&currency=eur> (acedido a 08/12/2011)

<sup>124</sup> Russian Natural Gas vs Crude Oil (petroleum) - Price Rate of Change Comparison, IndexMundi, 2011, <http://www.indexmundi.com/commodities/?commodity=russian-natural-gas&months=60&currency=eur&commodity=crude-oil> (acedido a 08/12/2011)





**Ilustração 27 - Evolução dos custos de produção da Gazprom<sup>125</sup>**

Embora a Ucrânia seja dependente do gás russo, a Rússia depende da Ucrânia para exportar o seu gás. Cerca de 84% do gás exportado pela Rússia passa pela Ucrânia, o que lhe confere um maior poder de negociação para assinar contractos com preços mais baixos e cobrar à Gazprom taxas de trânsito mais altas.

A Rússia, para diminuir a sua dependência em relação à Ucrânia para o transporte do seu gás, optou por uma estratégia de novos gasodutos que cheguem ao resto da Europa sem passar pela Ucrânia. São eles o *South Stream* e o *Nord Stream* como será analisado mais à frente.

### **2.3.2 A falta de transparência nas relações comerciais energéticas russo-ucranianas**

Tal como a Ucrânia, a Bielorrússia também tem um consumo enorme de gás natural por habitante. O facto de gozarem o gás russo a preços privilegiados contribui para essa estatística, despreocupando as autoridades políticas para a ineficiência energética das suas economias. Na Rússia sucede-se o mesmo, a Gazprom vende o seu gás às empresas russas por valores

<sup>125</sup> Average gas production cost of Gazprom in 2000-2010, East European Gas Analysis, 28 de Abril de 2011, [http://www.eegas.com/rep2010q4-cost\\_e.htm](http://www.eegas.com/rep2010q4-cost_e.htm) (acedido a 12/05/2011)



normalmente abaixo dos custos de produção.<sup>126</sup> A Ucrânia e a Bielorrússia, para além de altamente dependentes do gás russo, servem como países de trânsito para quase todo o gás russo destinado ao resto da Europa. No entanto, a relação energética entre a Rússia e os seus vizinhos não se parece resumir somente a uma simples relação comercial. O sector da energia é também palco jogos políticos entre os políticos dos países em questão incluindo os empresários das empresas energéticas.

A Bielorrússia tem visto no mercado energético uma oportunidade para consolidar a solidez do seu regime. O regime do presidente Lukashenko compra à Rússia o petróleo abaixo do preço de mercado e revende-o de seguida ao resto da Europa a preços de mercado, num negócio que rende milhões ao governo bielorusso e que pode ser considerado um subsídio do Kremlin. Apesar de uma disputa em 2004 entre os dois países em torno do gás natural, e de um atrito diplomático em 2009<sup>127</sup>, a Rússia e a Bielorrússia continuam a ser dois parceiros com laços bastante fortes. É uma parceria política crucial para a sobrevivência do regime autoritário de Lukashenko, que assim vai evitando as pressões de democratização por parte da União Europeia.

No caso da Ucrânia, o enquadramento legal do mercado energético é vago, o que permitiu a ascensão de grandes grupos oligárquicos com ambições políticas. A Ucrânia tem a particularidade de que muitos altos funcionários do Estado, sejam quais forem os seus cargos actuais, desempenharam no passado importantes funções no sector energético. Segundo Igor Bakay, um ex-homem forte da Naftogaz: *“Todos os que enriqueceram na Ucrânia, foi à custa do comércio do gás”*<sup>128</sup> Em 2000 Igor Bakay foi afastado da Naftogaz por suspeitas de corrupção. Pouco depois aceitou um cargo na administração do presidente Kuchma.

Uma investigação do Banco Mundial em 2003, intitulada de *“Ukraine: Challenges facing the gas sector”* refere de uma forma muito directa: *“Gas sector in Ukraine is a magnet for corruption”*.<sup>129</sup>

Em 1999, o ex-primeiro-ministro ucraniano Pavlo Lazarenko foi preso nos Estados Unidos acusado de lavagem de dinheiro, incluindo em negócios relacionados com o gás natural. Também a ex-primeira ministra Yuliya Tymoshenko, que desempenhou cargos importantes no sector energético durante os anos 90<sup>130</sup>, se viu envolvida em negócios pouco claros no âmbito do mercado do gás natural,<sup>131</sup> e hoje cumpre uma pena de prisão de sete anos.<sup>132</sup>

---

<sup>126</sup> Segundo dados de 2007, a Rússia é o 7º país do mundo com maior consumo de gás *per capita*. A Bielorrússia é o 15º e a Ucrânia o 19º. In Energy Statistics > Natural gas > consumption (per capita) (most recent) by country, Nation Master, 2008, [http://www.nationmaster.com/graph/ene\\_nat\\_gas\\_con\\_percap-natural-gas-consumption-per-capita](http://www.nationmaster.com/graph/ene_nat_gas_con_percap-natural-gas-consumption-per-capita) (acedido a 01/05/2011)

<sup>127</sup> Segundo Lukashenko, a Rússia pressionou a Bielorrússia para que esta reconhecesse a independência da Abkhazia e da Ossetia do Sul. Em contrapartida a Rússia ofereceria um empréstimo de 500 Milhões de USD. In OLIPHANT, Roland, A Problem with the Udder, Russia Profile, 6 de Setembro de 2009, <http://russiaprofile.org/politics/a1244572338.html> (acedido a 02/05/2011)

<sup>128</sup> GROMADZKI, Grzegorz, KONONCZUK, Wojciech, Energy Game: Ukraine, Moldova and Belarus between the EU and Russia, Batory Foundation, Agosto de 2007, p.15

<sup>129</sup> Idem, p.11

<sup>130</sup> WOEHREL, Steven, Russian Energy Policy Toward Neighboring Countries, Congressional Research Service, 2 de Setembro de 2009, p.8

<sup>131</sup> GROMADZKI, Grzegorz, KONONCZUK, Wojciech, ..., p.15

O ex-ministro da energia e combustíveis da Ucrânia, Yuri Boyko, e que tinha sido presidente do conselho de administração da Naftogaz de 2002 a 2005, foi também alvo de suspeitas de corrupção e considerado um lobista na defesa dos interesses da antiga intermediária russa RosUkrEnergó.<sup>133</sup>

A ilação que podemos tirar da falta de transparência no mercado energético ucraniano é que esta conduz a que os negócios energéticos satisfaçam antes de mais os interesses dos políticos que lideram estas políticas em detrimento dos interesses nacionais. Esta é uma situação onde a Rússia sairá provavelmente mais beneficiada, uma vez que os negócios satisfazem tanto o interesse nacional russo como os interesses pessoais de vários políticos ucranianos e até de empresários (quer ucranianos, quer russos) com influência política.

Também do lado da Rússia assistimos a factos duvidosos. O papel das empresas intermediárias ao longo da relação energética Rússia-Ucrânia (tais como Itera, Eural Transgas e RosUkrEnergó) permanece obscuro. As intermediárias podem eventualmente servir como braços de apoio para os jogos políticos dentro daquilo que supostamente deveria ser um mero jogo comercial. Segundo Gromadki e Kononczuk da Batory Foundation de Varsóvia: «*Almost from the beginning of Ukraine's independence, supplies of gas from Russia and Central Asia were handled by companies acting as intermediaries in the transactions, with little known about their owners. (...) It is unclear why Gazprom decided to supply gas to Ukraine for many years through intermediaries when it has its own subsidiary that usually handles this (Gazpromexport). It seems that the intermediary companies enable representatives of the political and business elites of both sides to benefit financially.*»<sup>134</sup> Roman Kupchinsky, da Jamestown Foundation de Washington, D.C, também é pessimista quanto ao papel das intermediárias e quanto à proliferação de uma série de empresas russas em vários Estados europeus cujas actividades não são concretamente conhecidas: «*(...) Russia's state-owned natural gas monopoly Gazprom and its subsidiaries Gazpromexport and Gazprombank systematically created an elaborate web of opaque companies throughout Europe and Russia acting in league with various European partners. This network is linked to nameplate companies in Cyprus, private foundations in Austria, and finance companies in Lichtenstein, which in turn are owned or controlled by shadowy Russian companies. The purpose for the creation of this web of companies is not only a mystery, but also a matter of growing concern for European businessmen, politicians, and law enforcement officials. Such elaborate layers, experts point out, are an indication of money laundering and possible kickbacks to officials involved in their creation. The companies are also believed to be linked to Russian and other organized crime groups.*»<sup>135</sup>

Tanto a Rússia como a Ucrânia e a Bielorrússia, caracterizam-se por grandes entraves burocráticos e legais ao investimento estrangeiro. Esta situação, aliada aos elevados índices de corrupção, contribui para uma menor transparência dos negócios no sector energético destes países. As companhias energéticas da Europa ocidental encontram sérias dificuldades quando pretendem

---

<sup>132</sup> Iron Lady behind bars: Tymoshenko moved to prison, RT, 30 de Dezembro de 2011, <http://rt.com/politics/tymoshenko-prison-sentence-court-015/> (acedido a 08/03/2012)

<sup>133</sup> Ibidem, p.16

<sup>134</sup> Ibidem, p.16

<sup>135</sup> KAPCHINSKY, Roman, Gazprom's European Web, Jamestown Foundation, Fevereiro de 2009, p.4

entrar nos mercados energéticos destes países, tendo que enfrentar regras excessivamente burocráticas e recorrer a tribunais ineficazes para resolver os inúmeros problemas que encontram pela frente. Por outro lado, têm de enfrentar as poderosas companhias energéticas locais, protegidas pelas autoridades públicas, oligarcas e políticos que desempenham cargos nessas companhias.

O ranking anual da facilidade em criar negócios elaborado pelo Banco Mundial, com o nome de “*Doing Business*”, mostra-nos que estes três países são dos que apresentam maiores dificuldades ao investimento. Num universo de 183 economias, veja-se o lugar que cada um destes países ocupa em alguns dos critérios analisados:

Economy	Ease of Doing Business Rank ▲	Starting a Business	Dealing with Construction Permits	Registering Property	Protecting Investors	Paying Taxes	Trading Across Borders	Closing a Business
Belarus	68	7	44	6	109	183	128	93
Ukraine	145	118	179	164	109	181	139	150
Russian Federation	123	108	182	51	93	105	162	103

**Ilustração 28 - Ranking da facilidade de criar negócios da Bielorrússia, Ucrânia e Rússia pelo Banco Mundial**<sup>136</sup>

Como se pode constatar, os três países gozam de uma avaliação muito fraca em vários critérios, o que dificulta a entrada de empresas estrangeiras nestas economias. No caso do mercado energético, por ser um sector privilegiado e protegido pela actuação do Estado, esta situação torna-se ainda mais acentuada. Por outro lado, o facto da Rússia ainda não ser membro da Organização Mundial do Comércio, dá-lhe legitimidade para optar por políticas que defendam acerrimamente a actividade económica nacional, e barrem a entrada nos seus mercados de grandes multinacionais estrangeiras. Veja-se por exemplo o facto de a Rússia atribuir o direito exclusivo de exportação de gás à Gazprom, e de “blindar” esse direito a todas as outras empresas energéticas (quer russas quer estrangeiras).

Segundo o economista sueco Anders Aslund do European Energy Review, e que já conta com uma longa experiência profissional tanto na Rússia como na Ucrânia, cerca 50% dos investimentos da Gazprom ficam perdidos nas malhas da corrupção.<sup>137</sup>

Segundo a organização *Transparency International*, os três países em causas têm níveis de corrupção dos mais elevados do mundo desenvolvido, um problema que foi ganhando expressão muito rapidamente com o caos político e social vivido após o fim dos regimes comunistas. Num universo de 180 Estados, a Rússia e a Ucrânia, em conjunto com outros países, ocupam o 146º lugar enquanto que a Bielorrússia ocupa o 139º, também juntamente com uma série de outros países.<sup>138</sup>

<sup>136</sup> Economy Rankings, Doing Business/World Bank, Junho de 2010, <http://www.doingbusiness.org/rankings> (acedido a 09/05/2011)

<sup>137</sup> ASLUND, Anders, Gazprom in crisis: a chance for reform, European Energy Review, 26 de Abril de 2010, <http://www.europeanenergyreview.eu/site/pagina.php?id=1898> (acedido a 10/05/2010)

<sup>138</sup> Annual Report 2009, Transparency International, 2009

### 2.3.3 A reforma da rede de gás natural ucraniana: modernização, transparência e cooperação

A falta de transparência constitui uma ameaça à credibilidade do mercado energético ucraniano. Embora não se vislumbre uma grande vontade reformista entre as elites políticas da Europa de Leste, o presidente ucraniano Victor Yanukovych, deu um passo que poderá ser fundamental para tornar o mercado ucraniano da energia mais transparente. Apesar de ser um presidente de orientação mais pró-russa, Yanukovych adoptou uma lei a Julho de 2010 de modo a que o seu mercado energético se aproximasse, em termos de legislação, dos padrões da União Europeia. Yanukovych tenta assim seguir uma política externa que aproxime a Ucrânia tanto da Rússia como da União Europeia. A ratificação de uma nova legislação para o sector do gás valeu à Ucrânia um lugar na Comunidade Energética Europeia (criada em 2005)<sup>139</sup> como membro de pleno direito.

A reforma no mercado energético ucraniano, permitirá um acesso mais facilitado por parte dos investidores, menos burocracia no sistema e poderá contribuir para uma maior separação entre o mercado energético e os interesses políticos ou pessoais de parte da elite. Acima de tudo, poderá aproximar politicamente a Ucrânia da União Europeia.

A longo prazo, a Comunidade Energética Europeia vai exigindo novas reformas à Ucrânia, tais como novas regulações no mercado da electricidade. Há todo um conjunto de directivas que encaminharão a Ucrânia no sentido de beneficiar de uma maior transparência e mais investimentos na modernização e manutenção das infra-estruturas energéticas ucranianas, o que permitirá uma maior eficiência à economia ucraniana reduzindo a sua dependência em relação à Rússia.<sup>140</sup> Após a crise russo-ucraniana do gás em 2009, a União Europeia já se tinha mostrado disposta em participar na modernização da rede de gás ucraniana. A União Europeia comprometia-se em disponibilizar um pacote financeiro para o efeito, e em troca, a Ucrânia teria de reformar consideravelmente o seu sector energético, o que acabou por não acontecer.<sup>141</sup>

Embora possam haver ganhos para a Ucrânia com a sua entrada na Comunidade Europeia Energética, Natalia Shapovalova, investigadora do *Think Tank* FRIDE, considera que ainda há arestas por limar: desde logo porque a presença do Estado no mercado do gás pode não resolver o problema da manipulação de preços e da influência da Gazprom no país: «*Despite this advance, the state has maintained its control over state-owned gas exploration companies. They will be forced to*

---

<sup>139</sup> «*Energy Community is about investments, economic development, security of energy supply and social stability; but – more than this – the Energy Community is also about solidarity, mutual trust and peace. The very existence of the Energy Community, only ten years after the end of the Balkan conflict, is a success in itself, as it stands as the first common institutional project undertaken by the non-European Union countries of South East Europe.*»; «*The Treaty establishing Energy Community paves way to a set of common institutions and a legal framework within which these institutions operate. It also defines the rights and obligations of the Parties to the Treaty. In the following, the legal framework established by and under the Treaty will be described.*» in Energy Community, s.d, [http://www.energy-community.org/portal/page/portal/ENC\\_HOME/ENERGY\\_COMMUNITY](http://www.energy-community.org/portal/page/portal/ENC_HOME/ENERGY_COMMUNITY), [http://www.energy-community.org/portal/page/portal/ENC\\_HOME/ENERGY\\_COMMUNITY/Legal](http://www.energy-community.org/portal/page/portal/ENC_HOME/ENERGY_COMMUNITY/Legal)

<sup>140</sup> SHAPOVALOVA, Natalia, *The battle for Ukraine's energy allegiance*, FRIDE, Setembro de 2010, p.2

<sup>141</sup> PIRANI, Simon, STERN, Jonathan, YAMAFABA, Katja, *The April 2010 Russo-Ukrainian gas agreement and its implications for Europe*, Oxford Institute for Energy Studies, Junho de 2010

*sell gas to a government company at a regulated price. This allows the state to manipulate household energy prices, which will further impede the development of the gas exploration market. Furthermore, the new law does not prevent foreign monopolies, such as Russian Gazprom, from operating in the Ukrainian market.»* Assim, a forte presença do Estado ucraniano e da Gazprom pode prejudicar a ascensão de um mercado verdadeiramente concorrencial no sector.

Por outro lado, o governo ucraniano viu-se obrigado a aumentar significativamente os preços do gás de modo a assegurar os empréstimos do Fundo Monetário Internacional, que tem intervindo na Ucrânia desde 2008: *«In a desperate bid to secure an IMF loan and reduce the budget deficit, the government dared to do what its predecessor did not. Yanukovych raised gas prices despite his April 2010 statement that an increase would not be necessary due to the 'discounted' gas price that came with the 25-year prolongation of the Russian Black Sea Fleet's stationing in the Crimea.»*<sup>142</sup>

Quanto à Rússia, dificilmente lhe interessará que a Ucrânia siga um caminho de modo a modernizar o seu sistema de gás. A ineficiência da Ucrânia em termos de consumo energético, permite à Gazprom vender mais no país, e a sua adesão à Comunidade Energética Europeia, uma vez que poderá reduzir a sua dependência em relação à Rússia, dificilmente agradará aos estrategistas da Gazprom.

Em resposta, em Abril de 2010, o primeiro-ministro Vladimir Putin propôs um casamento comercial entre a Gazprom e a Naftogaz com o intuito de modernizar a rede de gás natural ucraniana, e deste modo afastar o possível protagonismo dos europeus na concretização desse objectivo. A proposta foi rejeitada por Yanukovych, sabendo que ao unir as duas companhias neste projecto, a Gazprom teria sempre mais poder dada a sua dimensão incomparavelmente superior. Em vez de uma união, Yanukovych propôs a formação de um consórcio tripartido entre a Ucrânia, a União Europeia e a Rússia, pois a Ucrânia quer evitar um distanciamento político de qualquer um dos dois actores.<sup>143</sup>

A ideia de um consórcio já tinha sido proposta em 2002 igualmente pela Ucrânia. Inicialmente discutiu-se que este possível consórcio seria protagonizado pela companhia russa Gazprom, pela ucraniana Naftogaz e pela alemã E.ON Ruhrgas, mas que viria a falhar após E.ON Ruhrgas anunciar a sua desistência. Actualmente temos a Rússia a tentar formar um consórcio bilateral com a Ucrânia enquanto o governo ucraniano vai tentando convencer as todas as partes a formar antes um consórcio tripartido Rússia-Ucrânia-União Europeia.<sup>144</sup>

É de ter em conta que os projectos *Nord Stream*, *South Stream* e *Nabucco*, a serem finalizados com sucesso, reduzem o papel crucial que a Ucrânia tem no mercado energético europeu. Um cenário composto por novas alternativas de trânsito para o gás natural russo, poderá levar a que a Ucrânia deixe de ser o pivot estratégico do transporte de gás para a Europa. Deste modo, os projectos podem levar, por um lado, a Europa a desistir da modernização da rede de gás ucraniana,

---

<sup>142</sup> SHAPOVALOVA, op.cit, p.2

<sup>143</sup> Ibidem, p.3

<sup>144</sup> Ukraine Braces for Gas Transportation Consortium with Russia, The Jamestown Foundation, 11 de Janeiro de 2012, [http://www.jamestown.org/programs/edm/single/?tx\\_ttnews\[tt\\_news\]=38870&cHash=763b2e2c9450efd623041afab560d9c1](http://www.jamestown.org/programs/edm/single/?tx_ttnews[tt_news]=38870&cHash=763b2e2c9450efd623041afab560d9c1) (acedido a 05/02/2012)

pela sua perda de relevância. Por outro lado, a Rússia perde a sua dependência em relação à Ucrânia como principal país de trânsito para a exportação do seu gás.<sup>145</sup>

No entanto, e apesar das desvantagens, o Nabucco também poderá ser vantajoso para a Ucrânia, ao diminuir a importação de gás vinda dos gasodutos russos e consequentemente reduzir a sua dependência.

Com ou sem os novos gasodutos, a Rússia continua apostada em conquistar presença no mercado energético ucraniano. A energia nuclear não está fora da agenda. Os dois países gozam de uma cooperação crescente em matéria nuclear. A Rússia disponibilizou-se para construir dois novos reactores nucleares na Ucrânia com fundos russos, o que permitirá à Rússia fornecer urânio e assim desenvolver-se cada vez mais no mercado energético da Ucrânia. Está também em cima da mesa a hipótese da Rússia vir a construir uma fábrica de combustível nuclear em solo ucraniano.<sup>146</sup>

## **2.4 A dependência da União Europeia**

A União Europeia é um actor internacional e constituído por três grandes potências (Reino Unido, Alemanha e França), muito embora nem sempre goze de grande coesão institucional, o que dificulta uma acção estratégica conjunta entre os seus Estados-membros.

Nas questões energéticas, a falta de coesão institucional é bem notória. Na realidade, a dependência da Europa em relação às importações de gás russo torna cada vez mais importante a busca de uma solução que permita aos europeus diversificar as origens da importação do seu gás. As divergências entre os Estados europeus têm impedido a UE de adoptar uma política energética comum clara no que respeita ao caso particular do gás natural. Tais divergências serão analisadas mais à frente num outro capítulo próprio para o efeito, assim como as estratégias possíveis a adoptar.

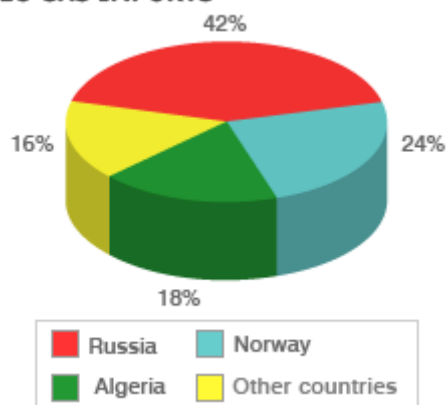
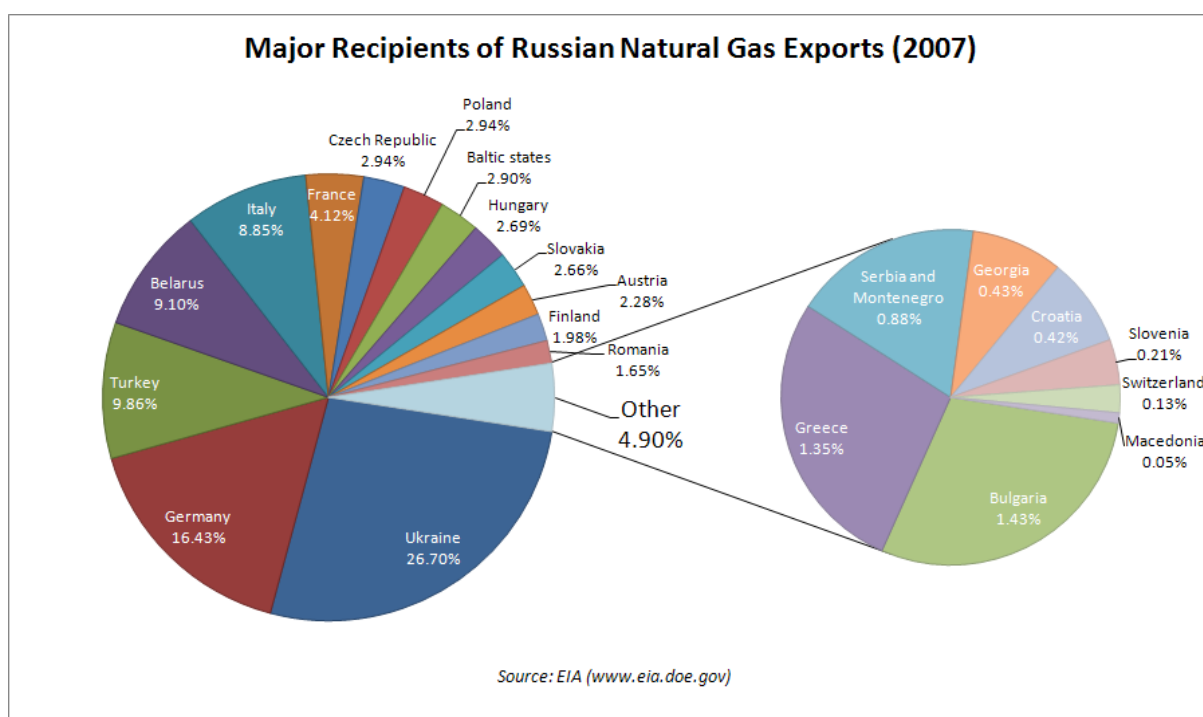
Depois de abordar a posição dos Estados bálticos e da Ucrânia face à Rússia, importa agora analisar a dependência dos Estados-membros da União Europeia. Nos gráficos a seguir estão representadas as origens do gás natural importado pela Europa e os principais destinos da exportação do gás natural russo.

---

<sup>145</sup> PIRANI, Simon, STERN, Jonathan, YAMAFABA, Katja, op.cit, p.28

<sup>146</sup> SHAPOVALOVA, op.cit, p.3



**EU GAS IMPORTS****Ilustração 29 - Origens da importação de gás natural para a União Europeia (2009)**<sup>147</sup>**Ilustração 30 - Destinos da exportação de gás natural russo**<sup>148</sup>

É de assinalar que quanto à “*Ilustração 29 - Origens da importação de gás natural para a União Europeia (2009)*”, embora no conjunto de toda a UE a importação de gás russo não chegue aos 50%, há Estados-membros com uma percentagem muito maior ou muito menor. Na “*Ilustração 19 - Percentagem de gás natural que os Estados europeus importam da Rússia*” ficou bem patente a dependência de vários Estados europeus em relação ao gás natural russo.

<sup>147</sup> ROMAN, Kris, *Russia alarmed over new EU pact*, Rusmedia – the infochannel of Euro-Rus. For a great Europe, from Gibraltar to Vladivostok, eurus4, 22 de Maio de 2009, <http://eurorus4en.wordpress.com/2009/05/22/russia-alarmed-over-new-eu-pact/#more-2059> (acedido a 20/04/2011)

<sup>148</sup> Energy Information Administration, [www.eia.doe.gov](http://www.eia.doe.gov) (não foi possível retirar o link completo, sendo por isso apenas apresentado o link da Home Page do site)

A crise de 2009 foi a mais grave crise energética entre a Rússia e a Ucrânia. Esta crise mostrou à União Europeia que o conflito energético entre os dois países também lhe diz respeito, i.e., levantou suspeitas quanto à credibilidade da Rússia enquanto principal fornecedor de gás natural, e quanto à credibilidade da Ucrânia enquanto principal território de trânsito de gás natural russo destinado ao resto da Europa (como já referido pela Ucrânia passa 84% do gás natural com destino aos países europeus). Dezas seis Estados da União Europeia viram os seus abastecimentos severamente reduzidos com esta crise, atingindo também de forma significativa a Moldávia e muito em particular vários Estados balcânicos cuja crise chegou a ser rotulada de “emergência humanitária”, impedindo muitas famílias de aquecer as suas casas.<sup>149</sup>

Na tabela seguinte, do *European Union Gas Coordination Group*, estão representados os dados relativamente aos cortes de abastecimento aos países europeus durante o corte de gás à Ucrânia em 2009:

---

<sup>149</sup> PIRANI, Simon, STERN, Jonathan, YAFIMAVA, Katja, The Russo-Ukrainian gas dispute of January 2009: a comprehensive assessment, Oxford Institute for Energy Studies, Fevereiro de 2009, p.4



Country	Cut	Diversification	Gas storage	Alternative fuel
Bulgaria	100%	No diversification	Gas storage for 2–3 days, covering 35% of gas demand	Alternative fuel for 20 days
Slovakia	97%	No diversification	Gas storage for several weeks, covering 76% of gas demand	Alternative fuel for one month
Greece	80% BD and TR	Only LNG terminal, fully capable, booked more ships	Only in LNG terminal	One gas power plant switched to oil, sufficient till end of January
Austria	66%	Increased import from Norway and Germany	Gas in storage for several weeks	Yes
Czech Republic	71%	Increased import by 8 mmcm/day from Norway, and via Yamal/Germany	Gas from storage 40 days, 15% increase of domestic production	Not used now, could be coal and oil
Slovenia	50%	Gas from Algeria via Italy, and from Austria but not increased amount	Gas from storage in Austria till Monday then possible decrease of supply by another 20%	Yes
Hungary	45%	Increased gas from Norway by 5%	Gas storage for 45 days	Alternative fuel – crude 90 days, fuel oil 30 days
Poland	33%	Half of the cut covered by Yamal, more gas from Norway	Gas storage for several weeks	Yes
Romania	34%	No diversification	Increased domestic production (60%) and withdrawal from storage	Yes

Germany	60% cut in Southern Germany, 10% total	+20 mmcm receiving from Yamal, more from Norway and Netherlands	Gas storage for several weeks	Not used now
Italy	25%	Increased import from Libya, Norway, and Netherlands	79% full, covers 50% of demand	Not used now
France	15%	Industry covered	80% full	Not used now
Serbia	100%	12% renegotiated with HU	1 mmcm, less than one day, 8% covered by production	3 weeks of fuel oil
Bosnia and Herzegovina	40%	No diversification	No storage	Fuel oil only for 20 days
FYROM	100%	No diversification	No storage	Fuel oil stocks need only for industry
Croatia	40%	Diversification to Italy, but not used, negotiations ongoing	Increased domestic production (43%) and storage withdrawal, 500 mmcm stored	Fuel oil for industry
Moldova (observer)	100%	No diversification	No storage	No alternative

Source: Gas Coordination Group, *Member State General Situation According to Significance of Impact*, Memo 09/3, Brussels, 9 January 2009.

**Ilustração 31 - Tabela representativa da percentagem de gás natural russo que os Estados europeus viram cortados com a crise Rússia-Ucrânia de 2009, assim como as suas hipóteses de diversificação, reservas de gás disponíveis e combustíveis alternativos para fazer face a esses cortes.**<sup>150</sup>

Apesar de a tabela nos mostrar que um corte de gás russo à Europa tem consequências consideráveis para vários países, essas consequências não são tão severas no caso das principais potências da Europa. Se tivermos em conta que a cooperação institucional dentro da União Europeia necessita da vontade política das grandes potências para funcionar eficazmente, a menor dependência das grandes potências europeias face ao gás russo, poderá ser um obstáculo à vontade política da União Europeia em criar uma política externa comum e clara para as questões energéticas. Por outras palavras, para a União Europeia ter vontade política em criar uma política energética eficaz, necessita da vontade política do Reino Unido, da França, da Alemanha e da Itália. A Alemanha e a França, pela sua posição geográfica, dependem menos do gás russo quando comparados com os países mais a Leste, já que estão mais longe da Rússia e possuem uma rede de gasodutos que lhes permite comprar o gás a outros países, como a Noruega e a Holanda. O Reino Unido, por sua vez, não depende da importação de gás vindo da Rússia (ver gráfico seguinte) e é o segundo maior importador de gás da Noruega. Quanto à Itália constitui um actor importante de entrada do gás natural norte-africano na Europa.

<sup>150</sup> PIRANI, Simon, STERN, Jonathan, YAFIMAVA, Katja, op.cit, p.54-55

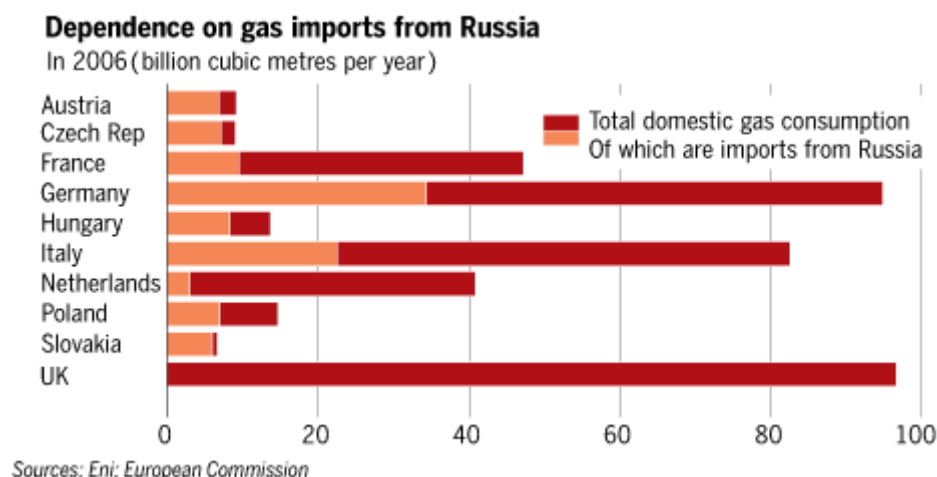


Ilustração 32 - Dependência da Europa do gás natural russo (2006). Note-se que o problema não afecta o Reino Unido.<sup>151</sup>

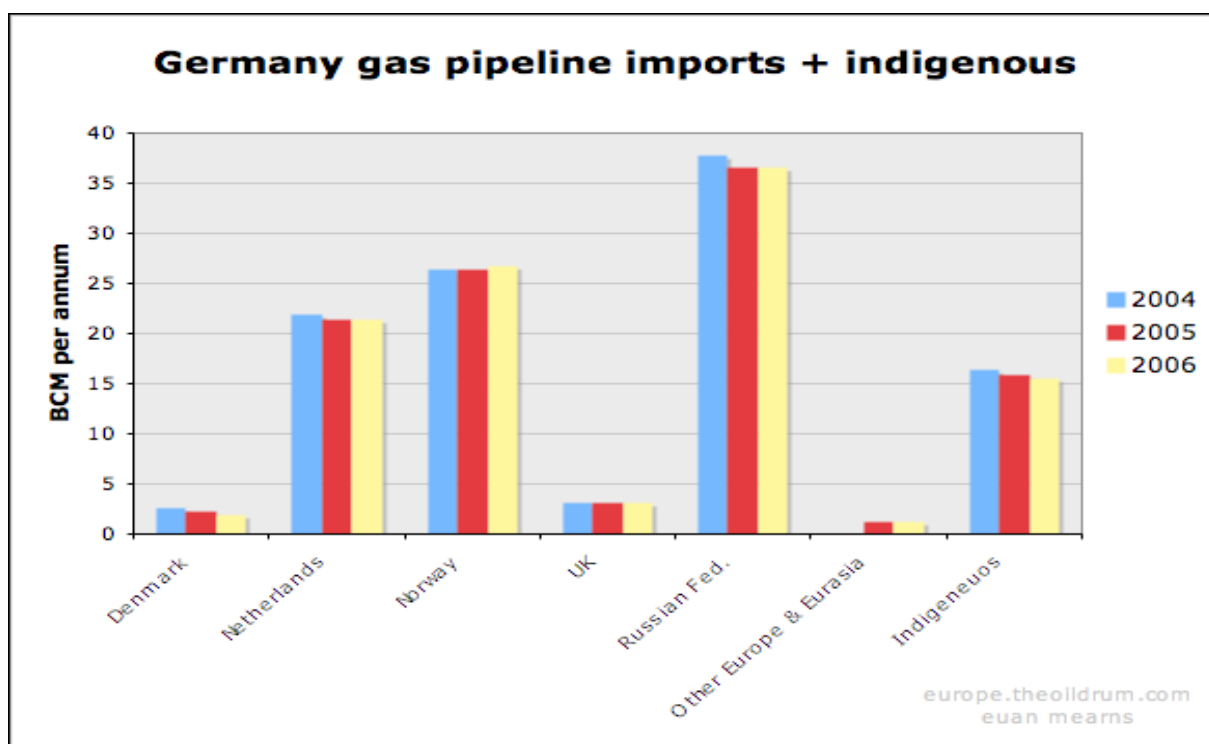
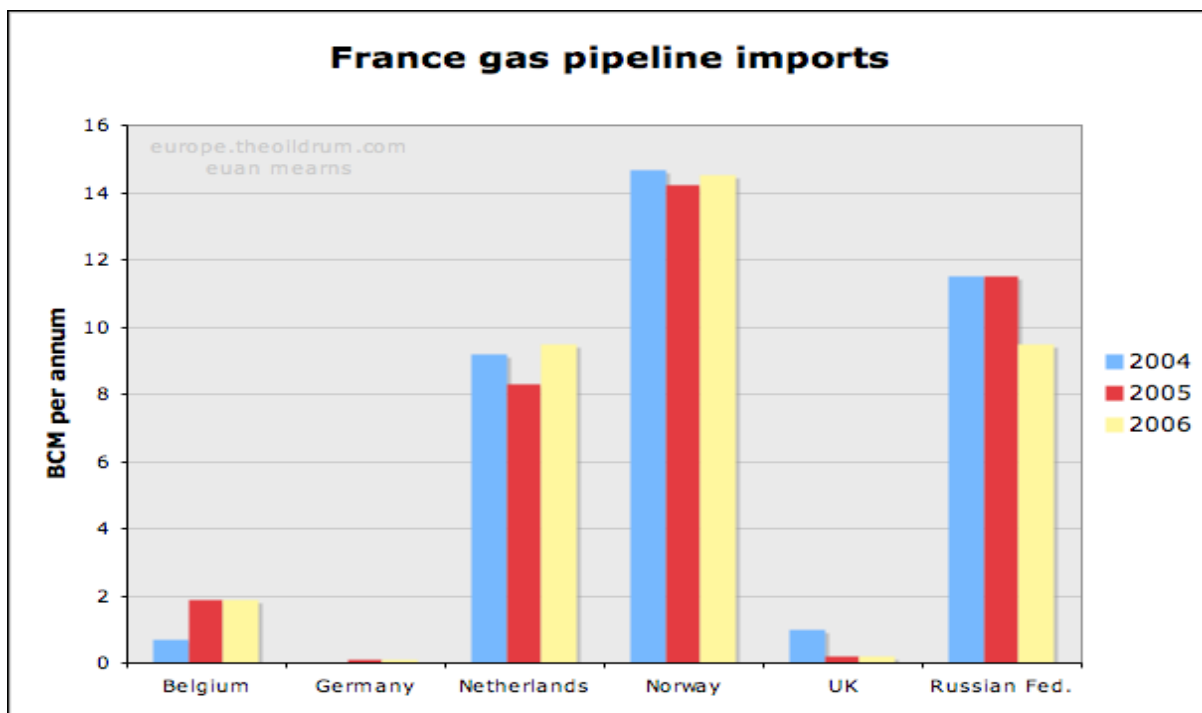
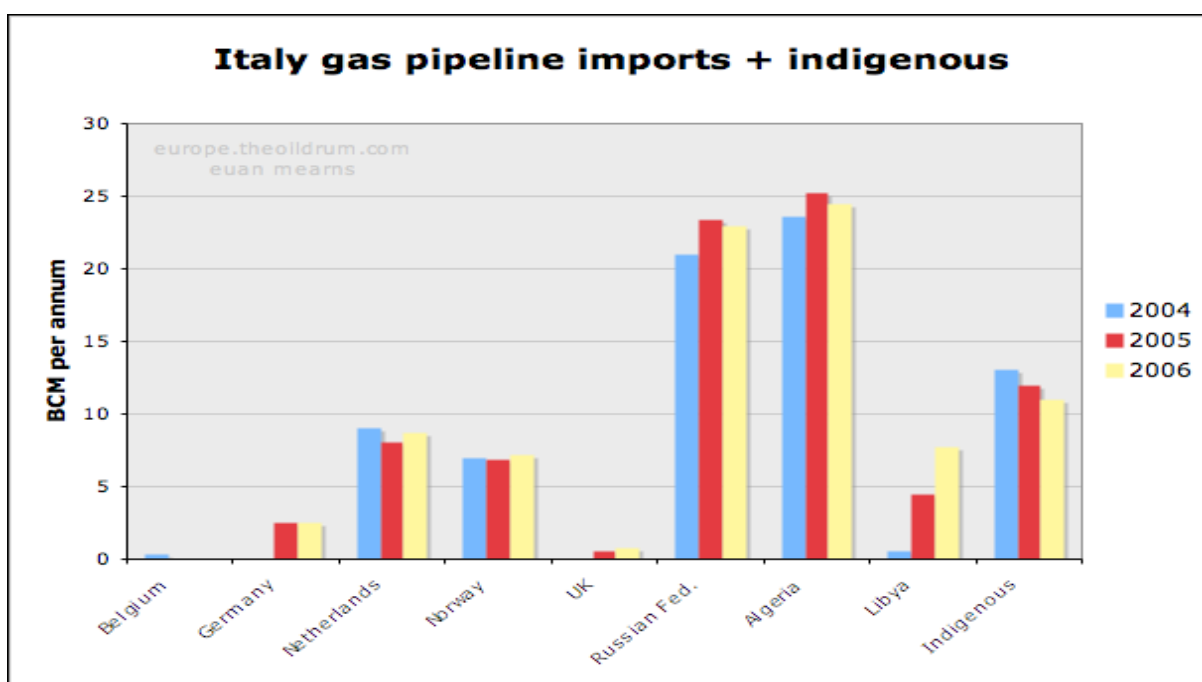


Ilustração 33 - Origens do gás na Alemanha<sup>152</sup>

<sup>151</sup> GORST, I., OLEARCHYK, R., STRAUSS, D., BRYANT, C., Germany warns gas shortage imminent, Financial Times, 6 de Fevereiro de 2009, <http://www.ft.com/cms/s/0/7e81cf2c-dbda-11dd-b07e-000077b07658.html#axzz1KGfe6GDX> (acedido em: 22/04/2011)

<sup>152</sup> MEARNS, Euan, The European Gas Market, 321 Energy, 13 de Dezembro de 2007, <http://www.321energy.com/editorials/mearns/mearns121307.html> (acedido a 09/12/2011)

Ilustração 34 - Origens do gás na França<sup>153</sup>Ilustração 35 - Origens do gás na Itália<sup>154</sup>

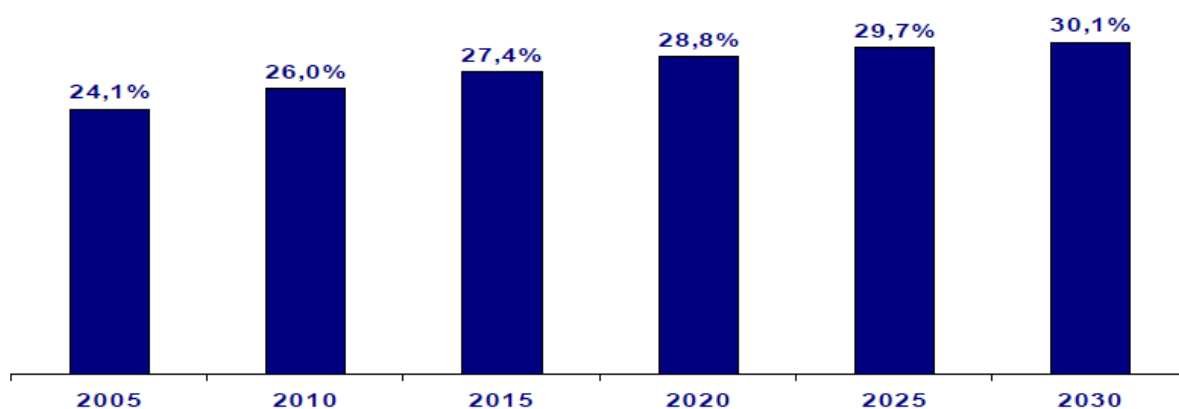
Segundo a *Energy Information Administration* em 2006, nos próximos 25 anos a previsão é de que 60% do gás natural importado pela União Europeia possa ser de origem russa,<sup>155</sup> o que apesar

<sup>153</sup> Idem

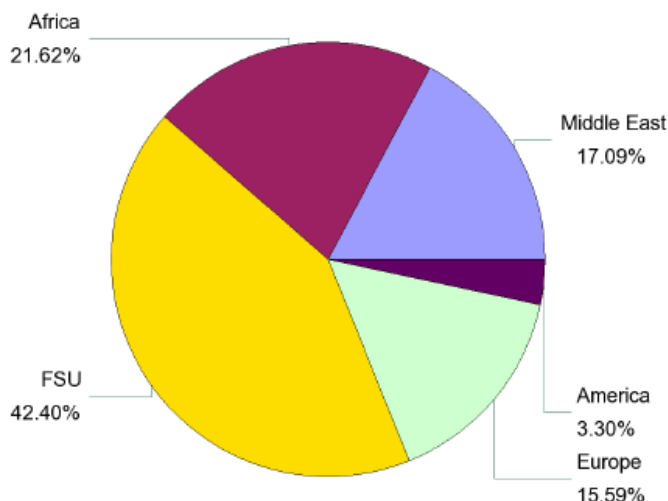
<sup>154</sup> Idem

de tudo contrasta com os estudos do *Energy Tribune* que prevêem uma queda dramática na produção da Gazprom para os próximos anos.

No caso do petróleo a dependência da União Europeia relativamente à Rússia não é tão relevante. A Rússia é o principal fornecedor de petróleo à Europa, mas se necessário, a diversificação das origens da importação é bastante mais fácil. Enquanto o gás natural é normalmente transportado por gasodutos, pelo facto de estar em estado gasoso, o petróleo, que está em estado líquido pode ser transportado de várias formas: oleodutos, navios, camiões-cisterna, comboios etc. Por esta razão, e como já foi referido, há cada vez mais Estados europeus (da UE ou não) a considerar o gás líquido (LNG) como solução para diversificar os seus fornecedores de gás.



**Ilustração 36 - Previsão da quota do gás natural no consumo energético da UE para o longo prazo**<sup>156</sup>



**Ilustração 37 – Origens da importação de petróleo da União Europeia (exclui a exportação de petróleo de Estados-membros para outros Estados-membros). FSU representa as antigas repúblicas soviéticas, onde a Rússia representa 29.7% dos 42.4%. Dados de 2010**<sup>157</sup>

<sup>155</sup> ANDERSON, Richard, *Europe's Dependence on Russia Natural Gas: Perspectives and Recommendations for a Long-term Strategy*, George C.Marshall – European Center for Security Studies, Nº19, Setembro de 2008, p.10

<sup>156</sup> *Long Term Outlook to 2030*, Eurogas, 2007, p.2

A dependência da Europa do gás russo é um factor de potencial estratégico para Rússia e um factor de domínio comercial para a Gazprom. Por isso mesmo interessa à Rússia manter este sistema de dependência enquanto que aos europeus interessa-lhes combatê-lo. As crises energéticas relembraram à Europa das consequências possíveis de um grande corte de gás por parte da Rússia, independentemente da natureza política ou comercial dos incidentes, motivando assim Bruxelas para a persecução de estratégias de diversificação de fornecedores de gás. A crises energéticas com a Ucrânia mostraram também à Rússia que os países de trânsito do seu gás possuem um poder de *counterleverage* nas negociações do gás com a Gazprom, ou seja, há um sistema de interdependência entre a Rússia e a Ucrânia, e que por isso mesmo interessa à Rússia diversificar os países de trânsito como veremos mais à frente. A Rússia sabe que os incidentes energéticos com a Europa de Leste pode prejudicar as relações com a União Europeia caso os Estados-membros se sintam afectados por danos colaterais.

---

<sup>157</sup> Registration of Crude Oil Imports and Deliveries in the European Union (EU27), European Commission, 2010

### 3. A estratégia da União Europeia

A União Europeia tem na sua agenda várias iniciativas para o sector energético desde a diminuição das emissões dos Estados-membros, passando pelo investimento em energias renováveis até à diversificação dos seus abastecimentos energéticos. O projecto Nabucco da União Europeia representa uma ameaça ao poder russo no mercado do gás, daí a importância de ser analisado neste trabalho. Como veremos, o Nabucco não garante por si só a diversificação dos fornecedores de gás na Europa, já que enfrenta inúmeros obstáculos. O grande ponto a reter ao longo deste capítulo é que quaisquer dificuldades que se apresentem ao Nabucco são factores de vantagem estratégica para a Rússia.

#### 3.1 O objectivo central da Europa: a diversificação dos fornecimentos de gás natural

Quando se trata de estudar a estratégia energética da Rússia, torna-se inevitável analisar as estratégias da Europa no contexto energético.

As estratégias dos diferentes Estados têm influência no poder estratégico do gás natural russo. Por um lado, a Rússia procura estratégias que lhe permita consolidar a sua posição dominante no mercado da energia, enquanto a Europa, por outro lado, procura alternativas ao seu abastecimento de gás natural de modo a reduzir a sua desvantagem estratégica e económica. Ou seja, enquanto os Europeus procuram diversificar a origem dos abastecimentos de gás, a Rússia tenta não perder a sua quota de mercado dominante na exportação para a Europa. Deste modo, a Rússia e o resto da Europa estão perante um antagonismo estratégico, o que naturalmente os levará a seguirem estratégias opostas e eventualmente conflituosas.

As disputas políticas entre a Rússia e outros Estados europeus, ou até mesmo com os Estados Unidos, são comumente identificadas como resquícios da Guerra Fria. As disputas energéticas são provavelmente o principal foco de conflito entre europeus e russos na actualidade. Para além de se verificarem cortes no abastecimento de gás à Europa, o facto da Rússia ainda não ter ratificado o Tratado da Carta da Energia<sup>158</sup>, é um dos motivos para o sentimento de insegurança

---

<sup>158</sup> O Tratado da Carta da Energia foi assinado em 1991. A Rússia assinou o tratado mas ainda está por ratificar. Os objectivos principais a que a carta se propõe são os seguintes:

- *the protection of foreign investments, based on the extension of national treatment or most-favoured nation treatment (whichever is more favourable) and protection against key non-commercial risks;*
- *non-discriminatory conditions for trade in energy materials, products and energy-related equipment based on WTO rules, and provisions to ensure reliable cross-border energy transit flows through pipelines, grids and other means of transportation;*
- *the resolution of disputes between participating states, and - in the case of investments - between investors and host states;*
- *the promotion of energy efficiency, and attempts to minimise the environmental impact of energy production and use.*

dos europeus em relação à administração russa. Várias pressões têm sido feitas no sentido da Rússia ratificar a Carta da Energia de modo a garantir mais transparência no mercado energético europeu.

Os cortes no abastecimento de petróleo e gás natural a vários Estados europeus, mostraram à União Europeia que são necessárias soluções para diversificar as origens das importações de gás natural. Seja qual for a natureza e a explicação desses cortes, a possibilidade de novos cortes são uma realidade possível no futuro.

Uma estratégia forte e eficaz para a política energética da União Europeia requer consensos entre os Estados-membros. A falta de consensos tem sido um dos, se não o maior entrave à estratégia energética europeia de diversificação.

### 3.2 O projecto Nabucco

O projecto Nabucco é o projecto de gasodutos mais importante na estratégia europeia de diversificação no abastecimento de gás. O objectivo é criar uma rede de gasodutos que permita à Europa importar gás natural não-russo do Cáucaso e da Ásia Central sem utilizar a rede de gasodutos russa e sem passar pelo território russo.

Embora a discussão sobre o projecto Nabucco já se tenha iniciado em 2002, foi apenas depois da crise russo-ucraniana de 2009 que a Europa se sentiu particularmente alertada e o projecto alcançasse um apoio político entre os Estados envolventes no consórcio.<sup>159</sup>

As companhias energéticas participantes são a Bulgarian Energy Holding<sup>160</sup> (da Bulgária), a BOTAS<sup>161</sup> (da Turquia), a FGSZ (subsidiária da húngara MOL), a OMV<sup>162</sup> (da Áustria), a RWE<sup>163</sup> (da Alemanha), e a Transgaz (da Roménia).<sup>164</sup>

<sup>159</sup> «27 January 2009: Nabucco achieves full political support from the EU and Nabucco countries at the Budapest Summit» in *Brief history of Nabucco*, Nabucco, gas pipeline – gas bridge between Europe and Asia, [http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/company\\_main/about\\_us](http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/company_main/about_us) (acedido a 15/06/2011)

<sup>160</sup> «The Bulgarian Energy Holding EAD (BEH EAD) was incorporated on 18.09.2008 with Minister of Economy and Energy Decision, after renaming Bulgargaz Holding EAD. (...) BEH EAD is a shareholding company with 100% state owned participation. The Holding includes mini Maritca Iztok EAD, Maritsa East 2 TPP EAD, Kozloduy NPP EAD, NEK EAD incl. Electricity System Operator EAD, Bulgargaz EAD, Bulgartransgaz EAD and Bulgartel EAD.» in *About BEH*, BEH, s.d., <http://www.bgenh.com/en/index.php?page=1&sid=1> (acedido a 19/02/2012)

<sup>161</sup> «BOTAS was established on August 15, 1974 by The Turkish Petroleum Corporation (TPAO) under Decree No 7/7871, for the purpose of transporting Iraqi crude oil to the Ceyhan (Yumurtalik) Marine Terminal, in accordance with the Iraq-Turkey Crude Oil Pipeline Agreement signed on August 27, 1973 between the Governments of the Republic of Turkey and the Republic of Iraq.» In *About us*, BOTAS, s.d., <http://www.botas.gov.tr/index.asp> (acedido a 19/02/2012)

<sup>162</sup> «With Group sales of EUR 23.32 bn and a workforce of 31,398 employees in 2010, OMV Aktiengesellschaft is one of Austria's largest listed industrial companies. In Exploration and Production, OMV is active in the two core countries Romania and Austria and holds a balanced international portfolio.» in *About OMV*, OMV, s.d., [http://www.omv.com/portal/01/com/!ut/p/c5/04\\_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os3gDf1OLQC9HZyNXA3dPD18PQ09DAWjQD07N0\\_fzyM9N1S\\_IdIQEAHsuyuEI/dl3/d3/L2dJQSEvUUt3QS9ZQnZ3LzZfME81OFFKQUMyRTBHSUhhNSDJJMTAwMDAwMDA!/](http://www.omv.com/portal/01/com/!ut/p/c5/04_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os3gDf1OLQC9HZyNXA3dPD18PQ09DAWjQD07N0_fzyM9N1S_IdIQEAHsuyuEI/dl3/d3/L2dJQSEvUUt3QS9ZQnZ3LzZfME81OFFKQUMyRTBHSUhhNSDJJMTAwMDAwMDA!/) (acedido a 19/02/2012)



O Nabucco começa nas fronteiras turcas com a Geórgia e o Iraque, fará ligação com a rede de gasodutos já existente no Cáucaso (nomeadamente o *South Caucasus Pipeline*<sup>165</sup>) e na Ásia Central, e termina em Baumgarten (Áustria) a partir de onde fará a ligação com outros gasodutos. O projecto é financiado pelas companhias envolvidas e pela União Europeia, tem um custo previsto de 7.9 mil milhões de euros<sup>166</sup> e a construção está prevista para começar em 2013. A seguir está representado o mapa do projecto Nabucco com os prazos previstos, assim como uma ilustração explicativa e alguns dados técnicos oficiais.

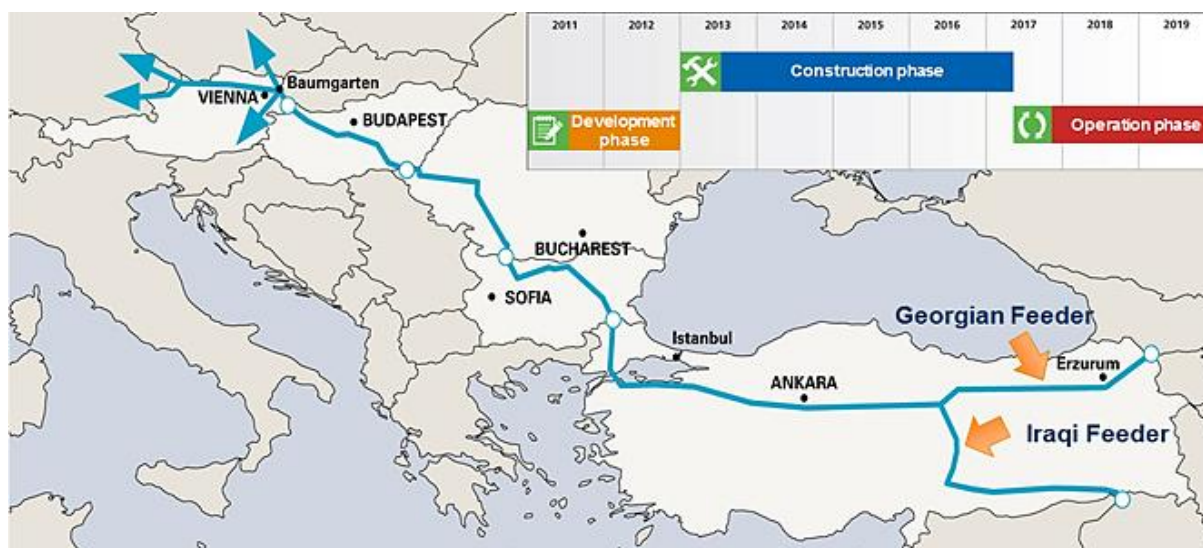


Ilustração 38 - Mapa do Nabucco e prazos de concretização<sup>167</sup>

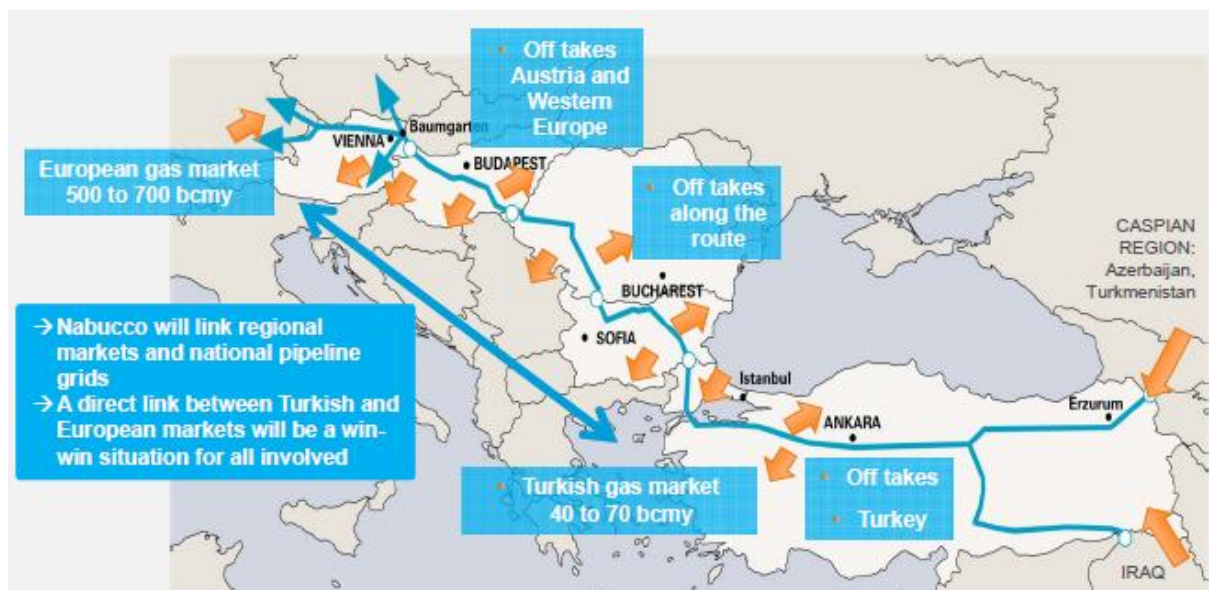
<sup>163</sup> «RWE is one of Europe's five leading electricity and gas companies. Through our expertise in oil, gas and lignite production, the construction and operation of conventional and renewables-based power plants, commodities trading as well as electricity and gas transmission and sales, we cover the entire energy value chain. More than 70,000 employees supply about 16 million customers with electricity and nearly 8 million customers with gas via our fully consolidated companies. In fiscal 2010, we recorded more than €53 billion in revenue.» In *About RWE*, RWE, s.d, <http://www.rwe.com/web/cms/en/111466/rwe/rwe-group/about-rwe/> (acedido a 19/02/2012)

<sup>164</sup> A MOL, a OMV e a RWE já possuem actualmente projectos no Azerbaijão, Turquemenistão, e Iraque.

<sup>165</sup> O South Caucasus Pipeline é um gasoduto que começa no Azerbaijão, passa pela Geórgia e acaba na Turquia. É também conhecido por BTE, cuja sigla representa as cidades da rota: Baku-Tbilisi-Erzurum.

<sup>166</sup> «The Nabucco project is being financed through a combination of investment from shareholders and debt financing from European financial institutions, mainly development banks. Total investment is estimated at EUR 7.9 billion (currently under review), 70% of which will be financed through loans from financial institutions.» In *Overview, Nabucco gas pipeline*, <http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/commercial/overview> (acedido a 25/07/2011)

<sup>167</sup> *Timeline, Nabucco gas pipeline*, [http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/pipeline/timeline\\_steps](http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/pipeline/timeline_steps) (consultado a 25/07/2011)



**Ilustração 39 - Nabucco, explicação ilustrativa do seu funcionamento**<sup>168</sup>

A ligação do Nabucco às actuais redes de gasodutos será feita pelo *South Caucasus Pipeline* (ou BTE) que é operada pela empresa britânica British Petroleum. Está em cima da mesa a construção de um novo gasoduto, o *Trans-Caspian Gas Pipeline*, que ligaria o Turquemenistão ao Azerbaijão via Mar Cáspio, e que depois alimentaria o *South Caucasus Pipeline* que por sua vez forneceria o Nabucco. Numa altura em que ainda há dúvidas sobre se o Nabucco será um investimento viável para a Europa, a concretização do *Trans-Caspian Gas Pipeline* daria mais garantias ao projecto de diversificação europeu. Uma alternativa à construção deste gasoduto trans-cáspio seria a de utilizar a actual rede de gasodutos que liga o Turquemenistão à Turquia por território iraniano.<sup>169</sup> O Irão é no entanto uma alternativa pouco credível pela dificuldade que as democracias ocidentais encontram em lidar com o regime iraniano, veja-se por exemplo as tensões criadas em torno do seu programa nuclear.

<sup>168</sup> Nabucco – The European-Turkish project of choice, Nabucco gas pipeline, 2011, p.10

<sup>169</sup> NORLING, Nicklas, *Gazprom's Monopoly and Nabucco's Potentials: Strategic Decisions for Europe, Central Asia – Caucasus Institute*, Novembro de 2007, p.32



Ilustração 40 - *South Caucasus Pipeline* (BTE) indicado a amarelo e a sua ligação com o Nabucco na cidade turca de Erzurum



Ilustração 41 - Projecto do *Trans-Caspian Gas Pipeline*, ou gasoduto trans-cáspio em português<sup>170</sup>

### 3.2.1 O financiamento do Nabucco

Embora o projecto Nabucco já tenha garantido o apoio político necessário para a sua construção, (ainda que nem sempre muito consistente por alguns Estados europeus como veremos mais à frente) ainda se lhe colocam imensas dificuldades, uma delas é o financiamento.

<sup>170</sup> Bulgaria Tries to Boost Natural Gas Trade with Turkmenistan, novinite.com, 15 de Abril de 2010, [http://www.novinite.com/view\\_news.php?id=115285](http://www.novinite.com/view_news.php?id=115285) (acedido a 27/07/2011)

Para além das empresas privadas do consórcio Nabucco, está previsto o financiamento por fundos comunitários (nomeadamente pelo EIB – *European Investment Bank* e pelo EBRD – *European Bank for Reconstruction and Development*),<sup>171</sup> mas as dúvidas que se colocam perante a sua viabilidade comercial pode levar os investidores privados a recuar nos seus apoios. Em condições normais, um gasoduto é financiado pelas empresas que pretendem comprar e vender o gás natural através deste. Porém, no caso do Nabucco as companhias energéticas do Médio Oriente, do Cáucaso ou da Ásia Central que venderão o gás, não participam na construção do Nabucco, mesmo tendo em conta que o Nabucco não começa no território destas regiões, apenas as liga com outros gasodutos já existentes.

Por outro lado, a rede será partilhada com outras companhias energéticas interessadas em comprar ou vender gás e que não fazem parte do consórcio do Nabucco. Claro que essas companhias terão de pagar os respectivos direitos de utilização, mas este facto, ao limitar o número de empresas envolvidas na construção do projecto, coloca um fardo financeiro inicial muito maior nas empresas do consórcio, situação que aumenta o risco financeiro e comercial do projecto. Esta política de partilha de gasodutos com outras companhias é uma obrigatoriedade imposta pela União Europeia no âmbito da TPA (*Third Party Access*),<sup>172</sup> que consiste em que as empresas que operam os gasodutos sejam obrigadas a permitir a outras empresas que usem esses gasodutos, não podendo monopolizar a utilização dos mesmos.

A grave crise económica actualmente vivida na Europa pode também constituir um obstáculo ao avanço do Nabucco. O impasse com que a União Europeia se depara perante a crise das dívidas soberanas pode contribuir para um congelamento do projecto a nível do financiamento comunitário, numa altura em que aumentam cada vez mais as hipóteses do Banco Central Europeu vir a resgatar financeiramente economias de grande dimensão como a Espanha e a Itália.<sup>173</sup> Em 2003 foi feito um estudo de viabilidade sobre o Nabucco onde a União Europeia se comprometeu a cobrir metade dos custos, mas a alteração do ambiente económico e político na União pode prejudicar esse comprometimento.

A crise económica tem levado à queda no consumo de bens energéticos na Europa, o que pode levar as companhias do consórcio do Nabucco a duvidar da urgência da nova rede de gasodutos, colocando em causa a sua viabilidade comercial e questionando-se se adiar uma vez mais o projecto não seria a solução mais viável, ou pelo menos, a hipótese menos arriscada. A questão da confiança entre as companhias privadas do consórcio são de uma importância vital para a concretização do projecto, já que a sua construção será maioritariamente feita com fundos privados apesar das ajudas comunitárias.

---

<sup>171</sup> Para uma descrição mais detalhada do papel destas instituições no projecto Nabucco, consultar: The Nabucco Gas Pipeline: A chance for the EU to push for change in Turkmenistan, QCEA, Dezembro de 2009, p.24-25

<sup>172</sup> BARYSCH, Katinka, Should Nabucco pipeline project be shelved?, Centre for European Reform, Maio de 2010, p.2

<sup>173</sup> Europeans mull bigger bailout fund for Italy, Spain, EurActiv, 27 de Setembro de 2011, <http://www.euractiv.com/euro-finance/europeans-mull-bigger-bailout-fund-italy-spain-news-507933> (acedido a 06/02/2012)



Apenas 30%<sup>174</sup> dos custos de construção serão suportados directamente pelos fundos do consócio, os restantes serão alimentados por empréstimos contraídos à banca internacional, ao EIB, ao EBRD e provavelmente à IFC – *International Finance Corporation* (uma instituição do Banco Mundial que empresta ao sector privado). É importante recorrer-se a empréstimos de instituições da União Europeia e do Banco Mundial, já que estes mostram-se mais disponíveis a acarretar maiores riscos do que os bancos comerciais convencionais.

### 3.2.2 O fornecimento do Nabucco

Apesar da construção estar oficialmente encaminhada, ainda restam dúvidas sobre quais serão realmente as fontes de fornecimento da nova rede de gasodutos europeia.

O Azerbaijão apresenta-se como a fonte mais viável. Este país possui imensas reservas de petróleo e gás natural que actualmente são exploradas principalmente por empresas ocidentais, como a BP em primeiro lugar, as americanas Exxon Mobile e Chevron, e a francesa Total. A maior companhia energética azeri é a SOCAR, de capitais públicos.



Ilustração 42 - Zonas de exploração de petróleo e gás *offshore* do Azerbaijão<sup>175</sup>

<sup>174</sup> BARYSCH, op.cit, p.3

<sup>175</sup> PETERSON, Josh, Foreign Operators Unlikely To Find Next Shah Deniz, Stratoil, s.d, <http://stratoil.wikispaces.com/Shah+Deniz++Discovery+%26+Disappointment> (acedido a 29/07/2011)



**Ilustração 43 - Rede de gasodutos, oleodutos e campos de petróleo e gás no Cáucaso<sup>176</sup>**

A zona azeri de Shah Deniz é indicada como a principal fornecedora para o Nabucco. É operada pela BP (25.5%), mas também explorada pela noroeguesa Statoil (25.5%), a Total (10%), a russa Lukoil (10%), a SOCAR (10%), e a Turkish Petroleum Overseas Company Ltd (9%). Actualmente bombeia gás para a Turquia através do *South Caucasus Pipeline* e que fará ligação com o Nabucco. Segundo Nicklas Norling do *Central Asia Caucasus Institute*, o *South Caucasus Pipeline* terá de ser alargado de modo a que o Nabucco possa satisfazer melhor as necessidades europeias de abastecimento no longo prazo,<sup>177</sup> do mesmo modo que terão de ser feitos novos investimentos noutras reservas azeris para aumentar a capacidade de produção.

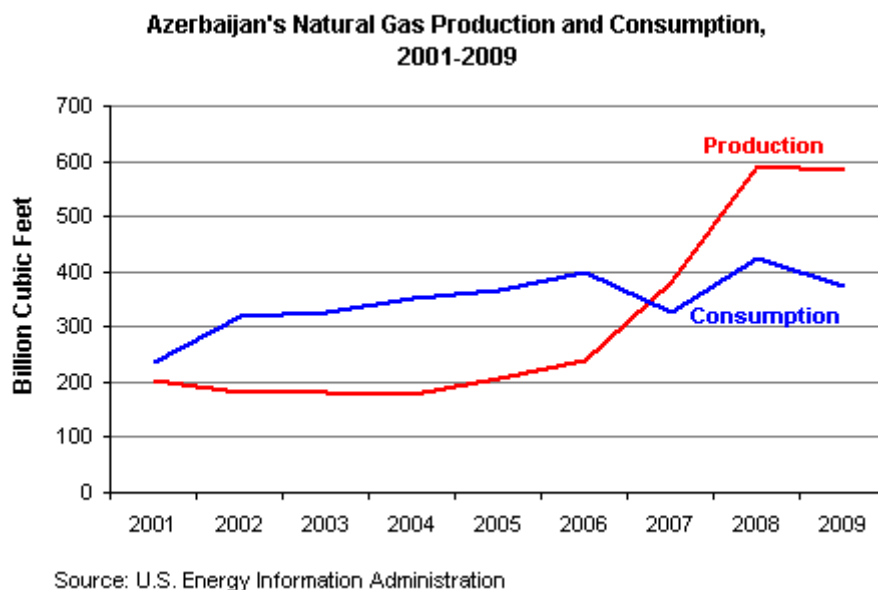
A Turquia e o Azerbaijão gozam historicamente de boas relações o que poderá facilitar as ambições da União Europeia (já que as relações dos dois com a Rússia revela alguns atritos), não obstante o facto de os dois países já terem tido algumas divergências em torno de negociações para a compra de gás, a nível de preços, volumes e tarifas de trânsito.

Embora o Azerbaijão já se tenha comprometido em fornecer o Nabucco, não chegará por si só para satisfazer as necessidades de abastecimento no longo prazo.<sup>178</sup>

<sup>176</sup> Map shows locations of some of the main gas and oil pipelines in the Caucasus region, The Petroleum Economist Ltd, s.d, [http://news.bbc.co.uk/2/shared/spl/hi/pop\\_ups/06/europe\\_enl\\_1138037136/html/1.stm](http://news.bbc.co.uk/2/shared/spl/hi/pop_ups/06/europe_enl_1138037136/html/1.stm) (acedido a 13/05/2011)

<sup>177</sup> NORLING, Nicklas, *Gazprom's Monopoly and Nabucco's Potentials: Strategic Decisions for Europe, Central Asia – Caucasus Institute*, Novembro de 2007, p.30

<sup>178</sup> BARYSCH, op.cit, p.6



#### **Ilustração 44 - Produção e Consumo de gás no Azerbaijão<sup>179</sup>**

O Irão também foi apontado como fornecedor possível mas os analistas têm sérias dúvidas quando à sua viabilidade. Desde logo, os Estados Unidos não querem o Irão a fornecer a Europa. Dada a natureza do regime iraniano e o seu polémico programa nuclear,<sup>180</sup> os americanos não vêm com bons olhos um aprofundamento nas relações comerciais iranianas com o ocidente. Embora o discurso europeu sobre o programa nuclear iraniano seja menos frequente quando comparado com os EUA, a União Europeia apoiou recentemente o embargo ao petróleo do país, pelo que dificilmente se tornará num fornecedor relevante do Nabucco.<sup>181</sup>

Por outro lado, a capacidade de produção de gás do Irão é demasiadamente fraca para conciliar o consumo próprio com a exportação simultânea. Apesar de ser o segundo país do mundo com maiores reservas de gás natural, o Irão tem experienciado falhas no abastecimento de gás dentro do próprio país, nomeadamente nas zonas mais a norte. A Turquia é único importador de gás do Irão, e mesmo assim o gasoduto Tabriz-Erzurum que liga os dois países não tem funcionado na sua capacidade máxima. Em Janeiro de 2007, este gasoduto chegou a parar completamente para que o Irão conseguisse satisfazer um pico inesperado na procura interna devido a um inverno anormalmente rigoroso. O Irão vê-se mesmo obrigado a importar gás natural (principalmente do Turquemenistão) para satisfazer a sua procura interna.<sup>182</sup>

Assim, para que o Irão possa satisfazer a procura de gás na Europa, iria necessitar de investimentos estrangeiros (nomeadamente europeus) nos seus campos energéticos de modo a aumentar a produção. Teriam também de ser feitos novos investimentos ao nível do transporte do

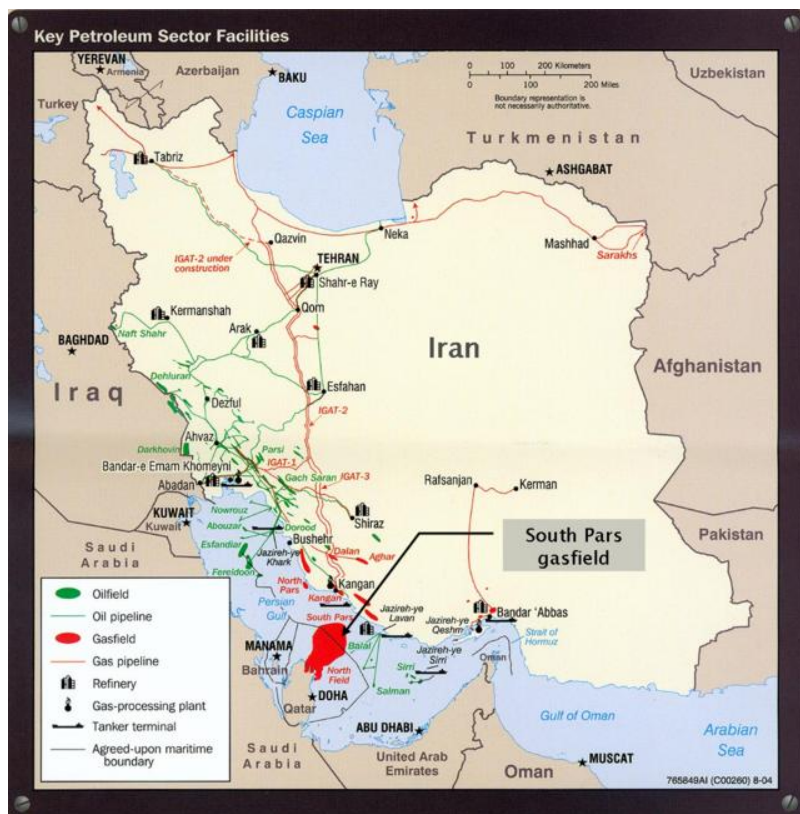
<sup>179</sup> Azerbaijan, Energy Information Administration, Novembro 2010, <http://www.eia.gov/cabs/azerbaijan/Full.html> (acedido a 31/07/2011)

<sup>180</sup> SOCOR, Vladimir, *Strategic Issues Facing the Nabucco Project*, Eurasia Daily Monitor, 20 de Setembro de 2007

<sup>181</sup> EU agrees Iran oil embargo, The Guardian, 4 de Janeiro de 2012, <http://www.guardian.co.uk/world/2012/jan/04/eu-iran-oil-embargo-ban> (acedido a 06/02/2012)

<sup>182</sup> NORLING, op.cit, p.31

gás, já que a maior reserva iraniana de gás, o *South Pars field*, encontra-se no sul do país. A IEA (*International Energy Agency*) estima que o Irão necessite de investir 165 mil milhões de dólares até 2030 no seu sistema de exploração e produção energética.<sup>183</sup>



**Ilustração 45 - Reserva de gás natural iraniana South Pars<sup>184</sup>**

É de ter em conta também que o gasoduto iraniano-turco de Tabriz-Erzurum tem sido alvo de vários ataques por parte dos separatistas curdos do PKK, o que desincentiva ainda mais os europeus a confiarem no Irão como fornecedor.

Outro obstáculo relevante é o *Iran and Lybia sanctions Act*, em vigor desde 1996, através do qual os Estados Unidos impõem sanções às empresas estrangeiras que invistam mas de 40 milhões de dólares no sector energético do Irão ou da Líbia.<sup>185 186</sup>

A seguir ao Azerbaijão, o Turquemenistão apresenta-se como o fornecedor mais credível. Tem a quarta maior reserva de gás natural do mundo (ver Ilustração 6 – Maiores reservas comprovadas de gás natural do mundo). Embora em termos de reservas tenha menos que o Irão, a sua capacidade exportadora é bastante superior já que a sua economia é menos dependente do gás. Tem potencial produtivo para se tornar no grande rival da Rússia na exportação de gás natural para a

<sup>183</sup> Idem

<sup>184</sup> GreenCarCongress, <http://bioage.typepad.com/photos/uncategorized/southpars.png> (acedido a 29/07/2011)

<sup>185</sup> Texto integral disponível em: *Iran and Lybia Sanctions Act of 1996*, Jewish Virtual Library, 3 de Janeiro 1996, <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/US-Israel/IranLybia1996.html> (acedido a 30/07/2011)

<sup>186</sup> Para mais informações sobre as sanções dos EUA ao Irão, consultar: *Iran Sanctions*, U.S. Department of the treasury, <http://www.treasury.gov/resource-center/sanctions/Programs/Pages/iran.aspx> (acedido a 30/07/2011)

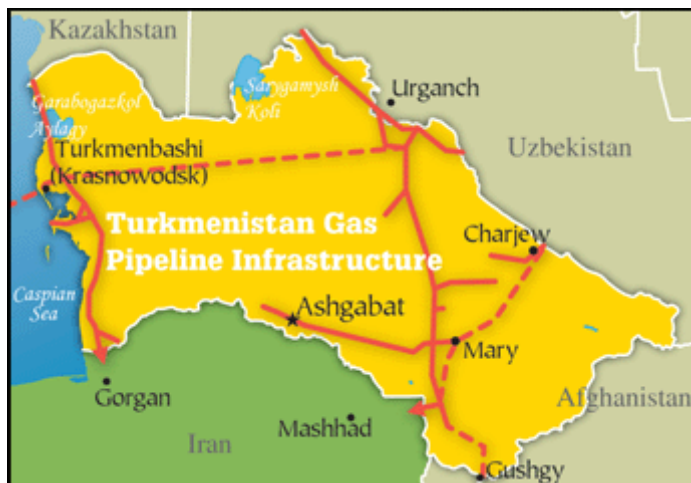


Europa, e por isso a Gazprom tem levado a cabo uma estratégia de aquisições nas companhias central asiáticas e de compra de gás nesta região para revender à Europa a preços mais altos.<sup>187</sup>

A China é o país do mundo onde o consumo e as importações de bens energéticos mais crescem ao ano, e o Turquemenistão é um dos seus principais fornecedores de gás. Outros destinos importantes da exportação de gás turcomana são a Rússia, e o Irão que não consegue satisfazer a sua procura interna apesar de possuir grandes reservas.



**Ilustração 46 - Gasoduto Turquemenistão - R.P. da China, também conhecido por *Central Asia* – *China gas pipeline***<sup>188</sup>

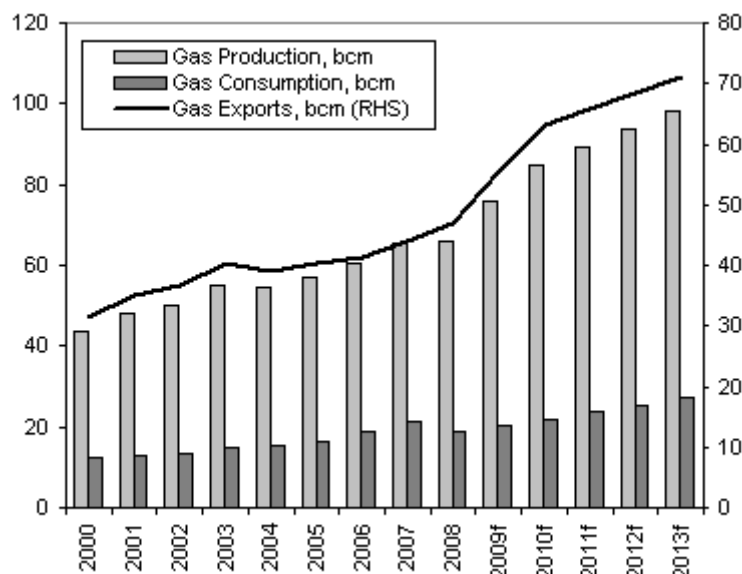


**Ilustração 47 - Rede de gasodutos doméstica do Turquemenistão**<sup>189</sup>

<sup>187</sup> BOCHKAREV, Danila, "European" Gas Prices: Implications Of Gazprom's Strategic Engagement With Central Asia, Pipeline & Gas Journal, Junho de 2009, <http://pipelineandgasjournal.com/%E2%80%9CEuropean%E2%80%9Dgas-prices-implications-gazprom%E2%80%99s-strategic-engagement-central-asia?page=show> (acedido a 06/02/2012)

<sup>188</sup> Central Asia-China Gas Pipeline, Turkmenistan to China, Hydrocarbons-technology.com, s.d, <http://www.hydrocarbons-technology.com/projects/centralasiachinagasp/> (acedido a 30/07/2011)

<sup>189</sup> The State of Natural gas, Energy Tribune, 12 de Junho de 2006, <http://www.energytribune.com/articles.cfm/152/The-State-of-Natural-Gas> (acedido a 30/07/2011)



**Ilustração 48 - Projecção de produção, consumo e exportação de gás do Turquemenistão<sup>190</sup>**

O Presidente do Turquemenistão, Gurbanguly Berdimuhamedov, expressou a disponibilidade do país em fornecer o Nabucco. A companhia alemã RWE, que faz parte do consórcio do Nabucco, já tem acordos para explorar gás no país, juntamente com austríaca OMV, também pertencente ao consórcio.<sup>191</sup>

Apesar do seu potencial produtor e exportador, não é claro que o país seja inteiramente capaz de fornecer a Europa nas quantidades necessárias, pelo menos no curto prazo como nos indica Katinka Barysch: «*First, Turkmenistan has signed export contracts for a lot more gas than it actually produces. For now, there is no gas available for shipments to Europe, and it is unclear how quickly additional volumes may become available. (...) In 2009 and 2010, it signed a number of new contracts with international companies to help develop the giant Yolotan gas field, as well explore offshore reserves. But even these investment commitments are well below the \$10 billion a year that experts say Turkmenistan would have to invest to meet its output targets. (...) Second, Turkmenistan only allows international oil companies to own reserves in offshore fields – and these have yet to be fully explored and may take more time to develop. (...) The reason why China was able to get access to Turkmen gas in just a few years is that it offered Turkmenistan not only to buy a lot of gas for years to come but also to build the pipeline, sort out the transit issues through Kazakhstan and Uzbekistan, help with the development of the gas within Turkmenistan and provide the money needed for all this (which Turkmenistan will repay through the gas it ships to China over the years). (...) The EU has been exploring a mechanism through which it could aggregate the demand from individual European companies and so offer the Turkmens a big contract that would get them excited. A study on how to make this mechanism work (called the Caspian Development Corporation) has not been made public,*

<sup>190</sup> Turkmengaz Plans To Raise Capacity To 100bcm In 2010, Business Monitor International, 22 de Outubro de 2009, <http://store.businessmonitor.com/article/298803> (acedido a 31/07/2011)

<sup>191</sup> BARYSCH, op.cit, p.7

*let alone acted upon, partly perhaps because western companies are wary of the European Commission assuming a role in procuring gas supplies.»*<sup>192</sup>

O Turquemenistão não tem falta de compradores. A exportação para a China cresce a grande velocidade de modo a alimentar a sua ascensão económica: «*While the EU has been considering the Nabucco project for seven years now, China opened its gas pipeline link from Turkmenistan through Uzbekistan and Kazakhstan to Western China in December 2009. At the same time, Chinese investments and loans to the Turkmen government for exploration of gas fields sky-rocketed. Over the past year, China's gas imports from Turkmenistan surpassed those of Russia – traditionally the recipient of the bulk of Turkmenistan's gas exports – and are close to those of Iran that had already surpassed Russia and was in 2009 (and this year) the largest importer of Turkmen gas.*»<sup>193</sup>

A Rússia é também um cliente garantido com contractos de longo prazo, e para onde a exportação vai crescendo à medida que a procura de gás na Europa aumenta, já que esse gás será revendido nos mercados europeus. A União Europeia necessita do Turquemenistão para diversificar os seus fornecedores de gás, mas o Turquemenistão não tem necessariamente razões para ver esta como um cliente indispensável, não só porque já tem clientes para o longo prazo mas também porque entrar activamente no fornecimento do Nabucco poderá criar mal-estar do lado da Rússia com o qual os turcomanos não têm muito a ganhar. Como também já foi referido anteriormente, o Turquemenistão não entra na construção do Nabucco, o que pode ajudar a concluir que este não é uma prioridade na política do país.

O problema da divisão do Mar Cáspio é também um obstáculo à construção do gasoduto trans-cáspio, que por sua vez pode dificultar a viabilidade do Turquemenistão enquanto fornecedor do Nabucco, uma questão que será vista mais à frente.

Quanto ao Cazaquistão, também actor da Ásia Central, é apontado como possível fornecedor. Tal como o Turquemenistão, não tem falta de compradores, pelo que o seu interesse em fornecer o Nabucco dificilmente será visto pelas autoridades cazaques como algo crucial à política energética do país. O Cazaquistão tem actualmente vários contractos de longo prazo para abastecer o mercado russo e chinês, e há dúvidas quanto à sua capacidade de satisfazer o grande mercado europeu nos próximos tempos. No caso particular da China, o aumento constante das suas importações energéticas pode conduzir o Cazaquistão a levar a sua capacidade produtora e transportadora aos limites, adiando ainda mais as suas hipóteses de vir a fornecer a Europa.

Numa breve análise ao potencial exportador do Cazaquistão para fornecer a Europa, o analista Michael Denison do EUCAM deixa-nos uma conclusão rápida e simples: «*The inescapable conclusion, therefore, is that Kazakh gas cannot be relied upon in any significant volume for European use up to 2020, even beyond that, scope is limited*».<sup>194</sup>

---

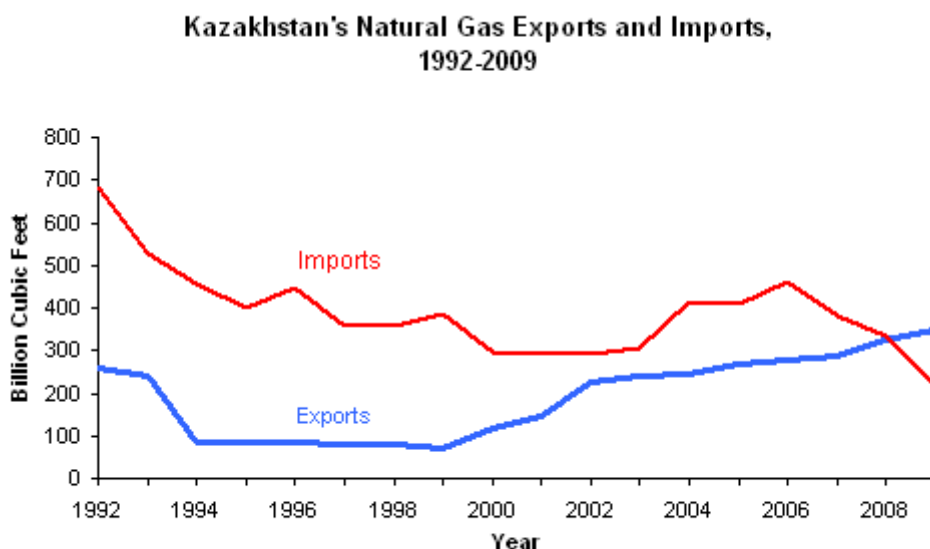
<sup>192</sup> BARYSCH, op.cit, p.8

<sup>193</sup> BOONSTRA, Jos, The EU-Turkmenistan energy relationship: difficulty or opportunity?, FRIDE, Outubro de 2010, pg.2

<sup>194</sup> DENISON, Michael, The EU and Central Asia: Commercialising the Energy Relationship, EU-Central Asia Monitoring, Julho de 2009, p.7

11	<u><a href="#">Iraq</a></u>	3,170,000,000,000	1 January 2010 est.
12	<u><a href="#">Australia</a></u>	3,115,000,000,000	1 January 2010 est.
13	<u><a href="#">China</a></u>	3,030,000,000,000	1 January 2010 est.
14	<u><a href="#">Indonesia</a></u>	3,001,000,000,000	1 January 2010 est.
15	<u><a href="#">Kazakhstan</a></u>	2,407,000,000,000	1 January 2010 est.
16	<u><a href="#">Malaysia</a></u>	2,350,000,000,000	1 January 2010 est.
17	<u><a href="#">Norway</a></u>	2,313,000,000,000	1 January 2010 est.
18	<u><a href="#">European Union</a></u>	2,250,000,000,000	1 January 2010 est.
19	<u><a href="#">Uzbekistan</a></u>	1,841,000,000,000	1 January 2010 est.

Ilustração 49 - Ranking de reservas de gás natural. De notar as reservas do Iraque, Cazaquistão, Noruega, UE, e Uzbequistão<sup>195</sup>



Source: EIA

Ilustração 50 - Evolução das importações e exportações de gás do Cazaquistão (1992-2009)<sup>196</sup>

<sup>195</sup> The World Fact Book, <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2179rank.html> (acedido a 01/08/2011)

<sup>196</sup> Kazakhstan, Marcon International, Inc., s.d, <http://www.marcon.com/marcon2c.cfm?SectionListsID=30&PageID=2089> (acedido a 01/08/2011)



**Ilustração 51 – Rede cazaque principal de gasodutos usados para a exportação de gás natural<sup>197</sup>**

O Uzbequistão é outro país da Ásia Central rico em gás natural (ver Ilustração 49 - Ranking de reservas de gás natural. De notar as reservas do Iraque, Cazaquistão, Noruega, UE, e Uzbequistão). Da sua produção de gás, 80%<sup>198</sup> vai directamente para o consumo interno, por isso dificilmente conseguirá apresentar-se como um fornecedor viável apenas com um excedente de 20%. É um país com enormes entraves burocráticos à actividade empresarial, ficando-se pelo 150º lugar no ranking *Doing Business* do Banco Mundial num universo de 183 regiões.<sup>199</sup> Contudo, conta com alguns investidores internacionais na área da energia, em particular a Gazprom, a também russa Lukoil, a Petronas da Malásia, a inglesa Rosehill Energy (apenas no sector do petróleo) e a checa Eriell Corporation que explora gás na região de Kashkadarya.

Em termos políticos, o Uzbequistão mostrou-se de início indisponível para abastecer o Nabucco,<sup>200</sup> mas actualmente apresenta-se com uma posição contrária.<sup>201</sup> Refere-nos Michael Denison que o Uzbequistão tem alterado a sua política externa nos últimos anos, pautando-se agora por uma aproximação à União Europeia embora não esquecendo a Rússia, como é o caso do facto do presidente Karimov ter apelado ao investimento espanhol e italiano que investissem no sector

<sup>197</sup> Chinese Demand for Central Asian Energy, Eurasian Energy Analysis, 11 de Setembro de 2010, <http://eurasianenergyanalysis.blogspot.com/2010/09/chinese-demand-for-central-asian-energy.html> (acedido a 01/08/2011)

<sup>198</sup> DENISON, op.cit, p.8

<sup>199</sup> Economy Rankings, Doing Business/World Bank, Junho de 2010 (acedido a 02/08/2011)

<sup>200</sup> Uzbekistan Not Interested in Supplying Natural Gas for Nabucco, novinite.com, 7 de Novembro de 2008, [http://www.novinite.com/view\\_news.php?id=98657](http://www.novinite.com/view_news.php?id=98657) (acedido a 02/08/2011)

<sup>201</sup> Nabucco requests commitment from producer countries, Uzbekistan newswire, 9 de Junho de 2011, <http://centralasianewswire.com/Uzbekistan/Nabucco-requests-commitment-from-producer-countries/viewstory.aspx?id=4218> (acedido a 02/08/2011)

energético uzbeque.<sup>202</sup> Para o analista, esta nova posição pode em parte ser explicada pela tentativa do Uzbequistão em pressionar a Gazprom de modo a intensificar os seus trabalhos na região de Ust Yurt.<sup>203</sup> Esta pressão pode ser uma tentativa de mostrar à Rússia que a sua posição no país não é privilegiada relativamente a outros países.

Apesar do Uzbequistão permanecer um país extremamente rígido quando se trata de acolher investimento estrangeiro, e de não parecer garantir reservas ou produção suficiente para se tornar um fornecedor por excelência dos europeus, Michael Denison acredita que o país poderá ser uma boa alternativa no longo prazo, mas não antes de 2025.<sup>204</sup>

Não é comum o Iraque ser apontado como um possível fornecedor do Nabucco, mas as suas enormes reservas de petróleo e gás natural (ver Ilustração 49 - Ranking de reservas de gás natural. De notar as reservas do Iraque, Cazaquistão, Noruega, UE, e Uzbequistão), assim como a sua posição geográfica (faz fronteira com a Turquia) fazem deste país um fornecedor a ter em conta no debate em torno da nova rede de gasodutos europeia, ainda que se chegue à conclusão final de que há melhores opções em cima da mesa.

A húngara MOL e a austríaca OMV já têm experiência na exploração energética iraquiana. O gás iraquiano é fácil de extrair já que está mais perto da superfície ao contrário de outros países. O ideal seria o país bombear gás directamente na rede turca para depois abastecer o Nabucco.

No entanto, há várias questões que nos levantam dúvidas quanto à viabilidade de inserir o Iraque no projecto. A grande instabilidade que se vive no país, que para já não tem fim à vista, representa um risco ao investimento estrangeiro na região. O Nabucco por si só já é um investimento caro que representa grande risco financeiro, e confiar no Iraque para este projecto poderá aumentar ainda mais essa sensação de risco.

Sobre os obstáculos que se encontram no Iraque, acrescenta Katinka Barysch sobre as barreiras políticas internas: «(...) *there are a number of big issues that first need to be resolved before Iraqi gas can flow to Europe. The most intractable is the question of how to share power over, and allocate revenue from, future energy sales between the central government in Baghdad and the regions, in particular the oil and gas rich Kurdish province in the north. There are also disagreements between the various political parties over how much of a role international energy companies should play in the restoration and further development of the country's oil and gas sector.*»<sup>205</sup> Contudo, e de acordo com Barysch, o Iraque tem potencial para fornecer a Europa no médio prazo assim que sejam eliminados os obstáculos políticos internos.<sup>206</sup>

---

<sup>202</sup> DENISON, Michael, op.cit, p.8

<sup>203</sup> Idem

<sup>204</sup> Idem

<sup>205</sup> BARYSCH, op.cit, p.8

<sup>206</sup> Idem

### 3.2.3 Alternativas europeias ao Nabucco

Havendo dúvidas quanto ao sucesso do Nabucco, e apesar da sua concretização já estar encaminhada, há vários especialistas que defendem que a Europa deve apostar em outros projectos de menor custo, mais pequenos e de risco menor.

Um deles é o ITGI (*Interconnector Turkey-Greece-Italy*) cujo objectivo é ligar o actual gasoduto Turquia-Grécia (que já traz gás do Cáucaso) à Itália via Mar Adriático. O projecto é liderado pela companhia grega Depa e o custo estimado anda à volta de 1-1.5 mil milhões de euros e já lhe foram prometidos fundos comunitários.<sup>207</sup> No entanto, para esta rede fornecer grande parte do resto da Europa, seriam necessários novos investimentos para alargar a sua capacidade de transporte na zona da Turquia.



**Ilustração 52 - Mapa do ITGI. A cinzento está o gasoduto Turquia-Grécia, e a branco será a sua ligação à Itália<sup>208</sup>**

O TAP (*Trans Adriatic Pipeline*) é outra alternativa possível. É da mesma linha do ITGI, ligando a Grécia e a Turquia à Itália mas desta vez passando pelo território da Albânia. É um projecto liderado pela Swiss EGL (42%), Norwegian Statoil (42.5%), e E.ON (15%). Tal como o ITGI, o TAP é também financiado em parte pela União Europeia. Ao TAP será ainda acrescentado o IAP (*Ionian Adriatic Pipeline*) de modo a transportar o gás pelo litoral oeste dos Balcãs até à Croácia.

<sup>207</sup> ITGI, Edison, s.d, <http://www.edison.it/en/company/gas-infrastructures/itgi.shtml> (acedido a 06/02/2012)

<sup>208</sup> Turkey-Greece-Italy Pipeline, Cambridge Forecast Group Blog, 10 de Fevereiro de 2008, <http://cambridgeforecast.wordpress.com/2008/02/10/turkey-greece-italy-gas-pipeline/> (acedido a 01/09/2011)





**Ilustração 53 - Mapa do TAP e IAP<sup>209</sup>**

Outro projecto muito falado é o White Stream. Este gasoduto traria gás natural do Cáucaso até à Europa, partindo do Azerbaijão, passando pela Geórgia e depois atravessaria o Mar Negro até a Roménia directamente, ou então faria primeiro escala na Crimeia (Ucrânia) e depois então continuaria até à Roménia. O projecto é liderado pelo consórcio GUEU (*Georgia-Ukraine-EU-Pipeline*) que não revela quais são os seus membros. O custo elevado de um gasoduto subaquático no Mar Negro e as incertezas quando ao seu fornecimento leva vários analistas<sup>210</sup> a duvidar do sucesso do projecto.

<sup>209</sup> TAP and Croatia gas pipeline operator plinacro sign south east Europe MOUC, TAP, 25 de Fevereiro de 2011, <http://www.trans-adriatic-pipeline.com/news/news/detail-view/article/50/> (acedido a 01/09/2011)

<sup>210</sup> BARYSCH, op.cit, p.9



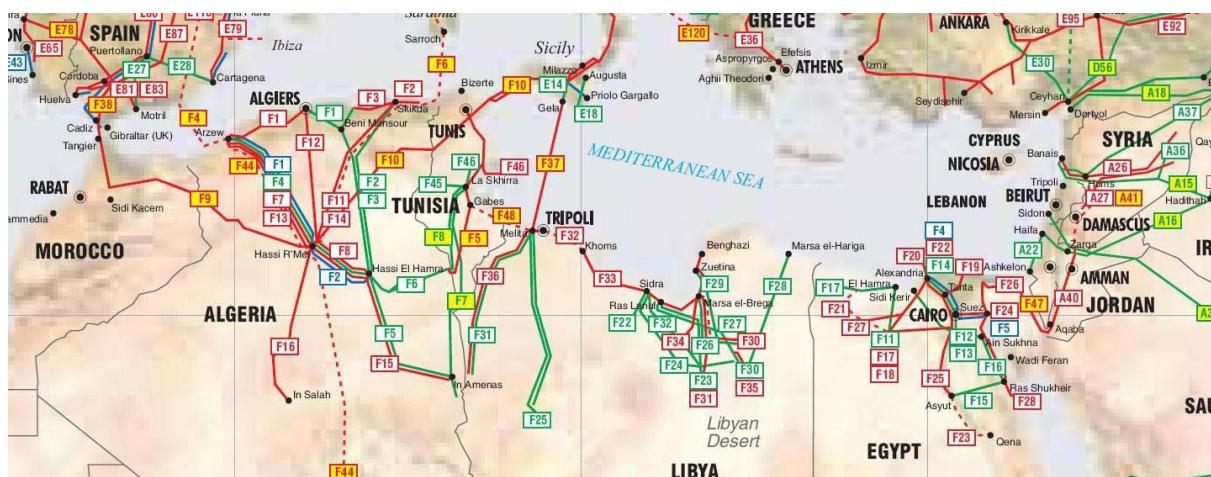


**Ilustração 54 - Mapa do White Stream. Os tracejados verde e roxo representam as hipóteses possíveis.**<sup>211</sup>

Outra alternativa para a Europa é a aposta em novos fornecedores para além da Rússia e da Ásia Central, nomeadamente o Médio Oriente e o Norte de África. Os países do Golfo Pérsico (Bahrain, Irão, Iraque, Koweit, Qatar, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos) possuem 42% das reservas mundiais de gás natural. No Norte de África destacam-se as grandes reservas da Argélia e Líbia. Actualmente, 15% do gás importado pela Europa via gasodutos vem do grupo regional Médio Oriente/Norte de África.<sup>212</sup> A instabilidade actual vivida nos países árabes do Magreb e Médio Oriente são um factor de desincentivo para o investimento das companhias ocidentais, e isto poderá levar os Europeus a temerem estes países como alternativas viáveis ao abastecimento de gás. Os EUA e a União Europeia devem seguir de perto estas regiões pela imprevisibilidade dos incidentes políticos que podem comprometer o normal funcionamento das rotas de petróleo e gás natural.

<sup>211</sup> SCHWARZ, Karl, *The Faild US Business Plan*, Rense, 9 de Janeiro de 2010, <http://www.rense.com/general87/failed.htm> (acedido a 09/12/2011)

<sup>212</sup> BELKIN, Paul, *The European Union's Energy Security Challenges*, Congressional Research Service, 30 de Janeiro de 2008, p.17,18



**Ilustração 55 - Sistema de gasodutos e oleodutos do Norte de África para a Europa<sup>213</sup>**

Dentro da Europa (tirando a Rússia), a Noruega é principal fornecedor e é um dos rivais da Rússia na exportação para os Estados europeus, e que aliás lhe tem ganho quotas de mercado na exportação para os países da OCDE (ver *Ilustração 18 - Gráfico das quotas de exportação de gás natural para os países europeus da OCDE*). Os principais clientes são pela seguinte ordem: Alemanha (25%), França (30%), e Reino Unido (30%). Segundo o *United States Geological Survey*, 25% das reservas mundiais de gás natural ainda por descobrir, encontram-se na região do Ártico, onde vários países têm soberania incluindo a Noruega.<sup>214</sup>

<sup>213</sup> North Africa Pipelines map - Crude Oil (petroleum) pipelines - Natural Gas pipelines - Products pipelines, Theodora, s.d, [http://www.theodora.com/pipelines/north\\_africa\\_oil\\_gas\\_products\\_pipelines\\_map.html](http://www.theodora.com/pipelines/north_africa_oil_gas_products_pipelines_map.html) (acedido a 06/09/2011)

<sup>214</sup> BELKIN, op.cit, p.19



Ilustração 56 - Sistema de gasodutos e oleodutos da Noruega para a Europa<sup>215</sup>

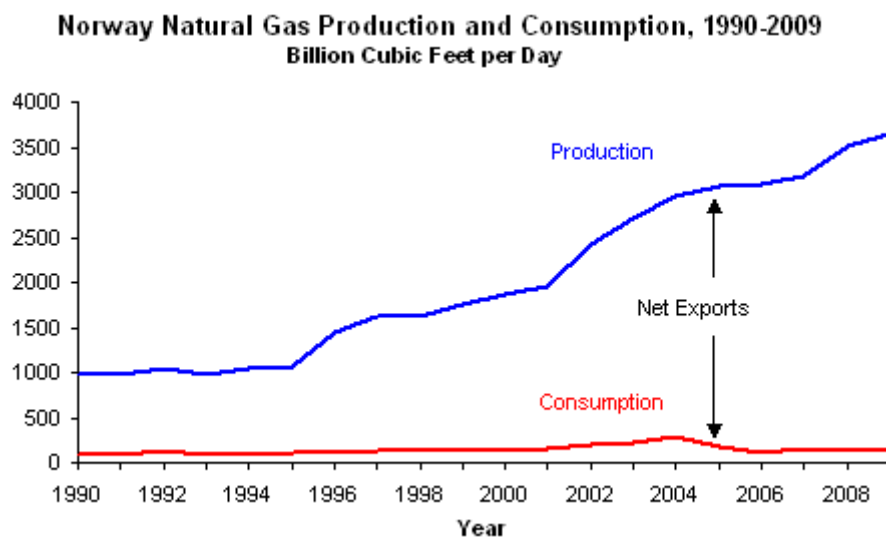


Ilustração 57 - Produção e consumo de gás da Noruega 1990-2009<sup>216</sup>

<sup>215</sup> An unprecedented feat: combined in-line inspection of the world's longest subsea gas pipeline, The Australian Pipeliner, Outubro de 2010, [http://pipeliner.com.au/news/an\\_unprecedented\\_feat\\_combined\\_inline\\_inspection\\_of\\_the\\_worlds\\_longest\\_sub/043606/](http://pipeliner.com.au/news/an_unprecedented_feat_combined_inline_inspection_of_the_worlds_longest_sub/043606/) (acedido a 06/09/2011)



Ilustração 58 - Fronteiras do Ártico<sup>217</sup>

A entrada da Noruega no mercado do gás natural líquido (LNG) é uma oportunidade para a Europa diminuir a sua dependência em relação ao sistema rígido dos gasodutos, que limitam a forma como o gás é transportado e importado. O LNG, por ser líquido, pode ser transportado de várias formas em recipientes próprios (ex: navios, comboios etc).

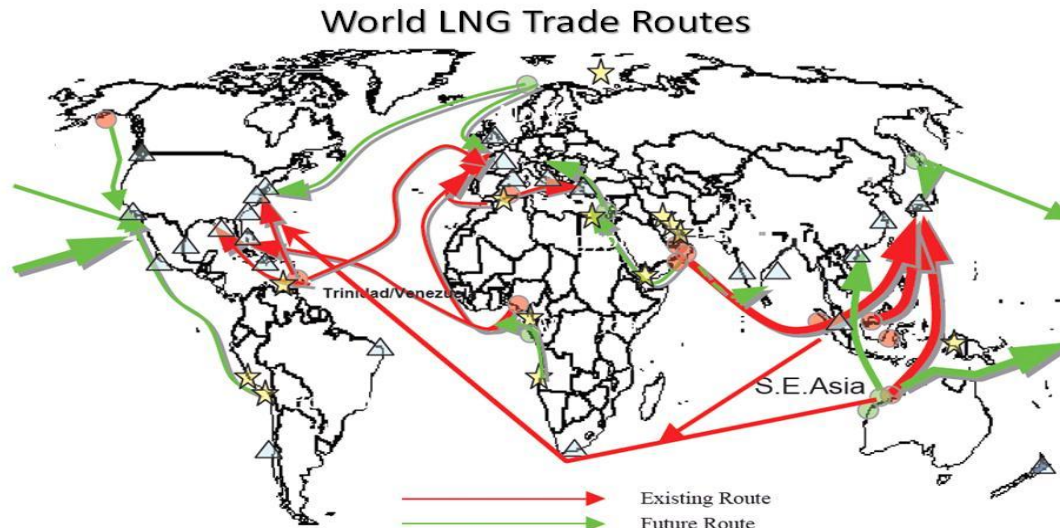


Ilustração 59 - Rotas internacionais do comércio de LNG<sup>218</sup>

<sup>216</sup> Norway, U.S. Energy Information Administration, Agosto de 2010, <http://www.eia.doe.gov/countries/cab.cfm?fips=NO> (acedido a 06/09/2011)

<sup>217</sup> Russia seeks to claim Arctic territory, Rusmedia – the info channel of Euro-Rus, s.d, <http://eurorus4en.wordpress.com/2009/03/04/russia-seeks-to-claim-arctic-territory/arctic-territory-borders/> (acedido a 06/09/2011)

<sup>218</sup> World's largest LNG consumers cut purchases as demand wanes, LNGpedia, 14 de Junho de 2009, <http://www.lngpedia.com/2009/06/16/worlds-largest-lng-consumers-cut-purchases-as-demand-wanes/> (acedido a 07/09/2011)



O gás natural comprimido (CNG – *compressed natural gas*) possui as mesmas vantagens a nível de transporte e tem sido muito usado, por exemplo, pela Bulgária e pela Roménia que importam do Azerbaijão. O CNG requiere um investimento financeiro menor mas a sua tecnologia ainda não está tão desenvolvida.<sup>219</sup>

A companhia norueguesa Statoil está empenhada num projecto de um terminal de LNG de larga escala na Europa. A produção inicial já está acordada para ser exportada para os Estados Unidos, mas futuramente poderá ser exportado para a Europa se esta investir em infra-estruturas para este tipo de gás.<sup>220</sup>

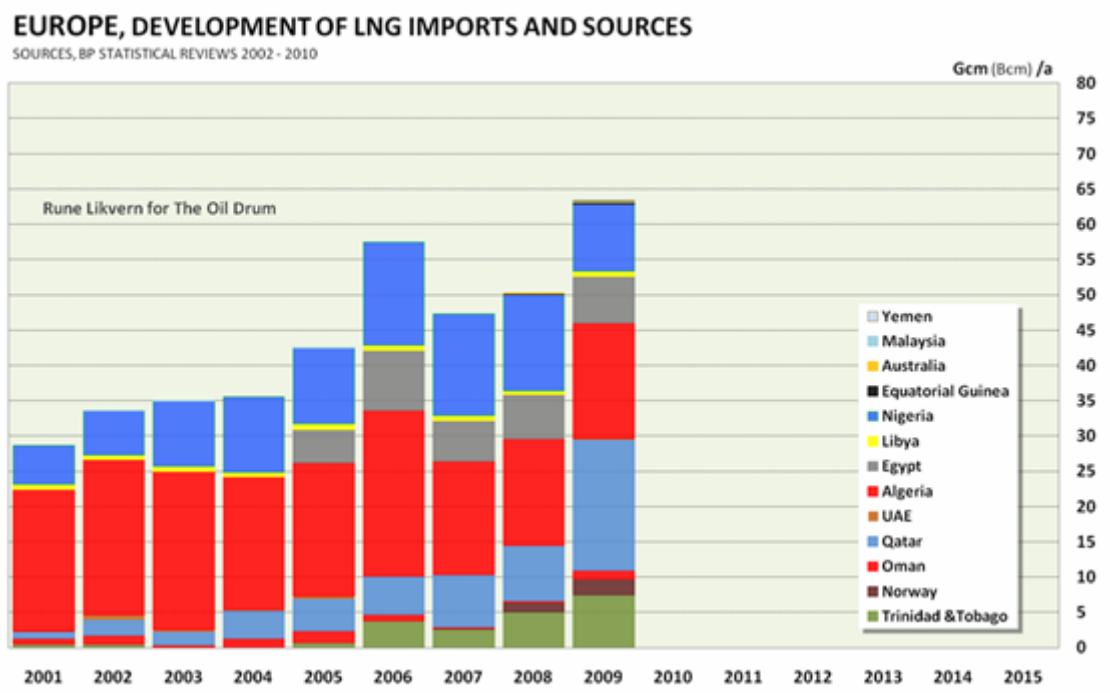


Ilustração 60 - Terminais de LNG na Europa<sup>221</sup>

<sup>219</sup> BARYSCH, op.cit, p.9

<sup>220</sup> BELKIN, op.cit, p.19

<sup>221</sup> Europe Looks to LNG, Energy Tribune, 20 de Março de 2008, <http://www.energytribune.com/articles.cfm/830/Europe-Looks-to-LNG> (acedido a 06/09/2011)



**Ilustração 61 - Importações e fornecedores de LNG da Europa<sup>222</sup>**

Curiosamente, as economias da União Europeia que mais trabalham com o LNG são precisamente aquelas cujos Estados são menos dependentes da Rússia ou de outro fornecedor específico, são eles a Espanha, a Bélgica e o Reino Unido. A Espanha é o único país da União cuja importação de LNG é superior à de gás natural convencional, representando 65% (em 2008) das importações totais de gás. O Reino Unido, prevendo que até 2020 o seu gás seja 80% importado, está empenhado em diversificar o seu consumo importando LNG do Norte de África e Médio Oriente.<sup>223</sup>

O grande obstáculo ao desenvolvimento do LNG na Europa é a falta de infra-estruturas para o efeito, o que necessitaria de grandes investimentos. No entanto, o LNG é uma fonte energética em clara expansão e com grande potencial futuro, (como mostram os gráficos seguintes) por isso mesmo merece a atenção das lideranças europeias.

<sup>222</sup> Europe Faces Tough Choices Over Natural gas, OILPRICE.COM, 7 de Agosto de 2010, <http://oilprice.com/Energy/Natural-Gas/Europe-Faces-Tough-Choices-Over-Natural-gas.html> (acedido a 06/09/2011)

<sup>223</sup> ANDERSON, Richard J., *Europe's Dependence on Russian Natural Gas: Perspectives and Recommendations for a Long-term Strategy*, George C. Marshall – European Center for Security Studies, Setembro de 2008, p.46,47

## Top LNG export destinations (millions of tonnes annually)

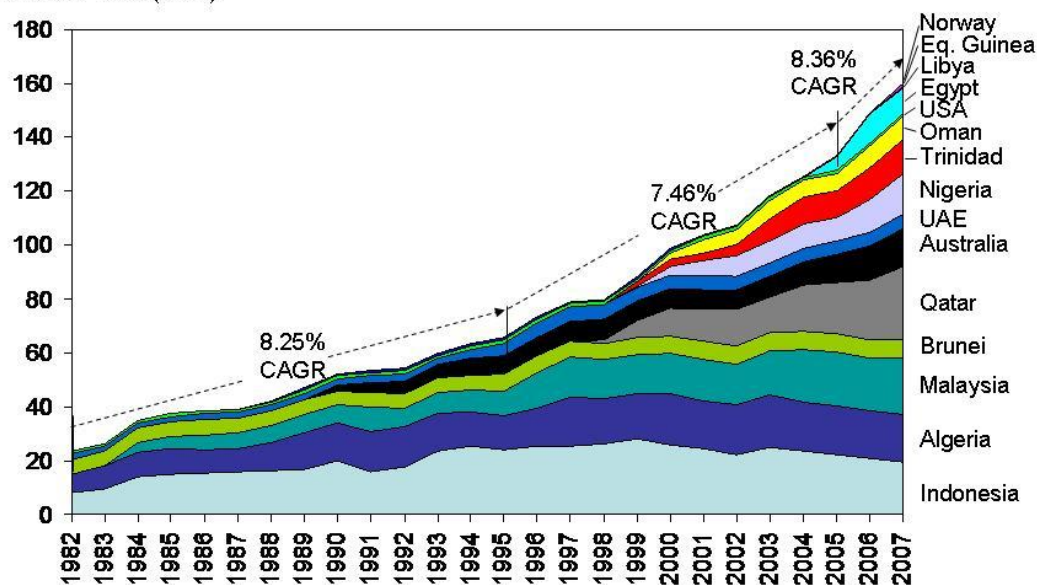
	2008	2010	Future
South Korea	8.5	8.5	NA
India	NA	7.5	22.5
China	5	5	12
Japan	6.9	7.63	11.63
Britain	NA	7.3	9.7
Spain	3.5	3.5	NA
Belgium	2.2	2.2	NA

Source: LNG World News

Ilustração 62 - Principais importadores de LNG<sup>224</sup>

## World LNG Export Growth by Country (1982-2007)

Million Metric Tons (MMT)



Abbreviations: LNG (liquefied natural gas), CAGR (compound annual growth rate).

Source: Zeus Virtual Energy Library ([www.ZeusLibrary.com](http://www.ZeusLibrary.com))

Ilustração 63 - Exportação de LNG por país (1982-2007)<sup>225</sup>

Cindy Hurst explica-nos como funciona o LNG: «*The liquefied natural gas (LNG) industry is one of the fastest growing sectors in the energy market. When referring to LNG, it is important to point out that it is not a new source of energy, but rather a method for delivering an already existing form of energy—natural gas. For decades, natural gas has been transported regionally via an extensive*

<sup>224</sup> COCHRANE, Paul, *The Tiny Giant*, Executive, 5 de Maio de 2011, <http://www.executive-magazine.com/getarticle.php?article=14238> (acedido a 07/09/2011)

<sup>225</sup> LNG Statistics, LNGpedia, s.d., <http://www.lngpedia.com/lng-statistics/> (acedido a 07/09/2011)

*network of pipelines. While this has long been a reliable method for delivering the gas, it has reduced the marketability of the product, forcing suppliers and consumers to be tied together through the fixed infrastructure of pipelines and long-term contracts. LNG, on the other hand, is natural gas in a liquid state. It is produced when the natural gas is cooled at high pressure to minus 256°F, which turns it into a liquid, reducing its volume to 1/600th that of its gaseous state. This makes it economically feasible and technically possible to transport in specially designed tankers rather than relying on a fixed pipeline infrastructure. Once a tanker reaches its destination, it offloads its cargo either in its liquid state into special facilities, where it is stored until it is regasified, or in its gaseous state after being regasified onboard the tanker before being fed directly into a domestic pipeline. LNG offers an alternative method to deliver much needed natural gas around the world, transforming the industry from a regional market into a global market.»<sup>226</sup>*

Richard J. Anderson do George C. Marshall – European Center for Security Studies defende a aposta no LNG para a Europa: «(...) *the EU states should plan to build at a minimum 10 addition LNG facilities over the next decade. With this increased regasification capacity, the EU could and should plan to increase LNG imports to 100 billion m<sup>3</sup>/y in the next several years, by 2015 m<sup>3</sup>/y set a target of 175 billion m<sup>3</sup>/y, by 2020 225 billion m<sup>3</sup>/y, and in 2025 275 billion m<sup>3</sup>/y. Given the rapid expansion in LNG gasification trains and tanker fleets worldwide, such targets would be achievable with the appropriate business arrangements with upstream LNG producing countries. These targets would meet increased energy needs without increasing the aggregate amount of imports from Russia; the Russian percentage share of the EU gas market would actually decrease with such a strategy.(...) A balanced approach should be taken with upstream producers so that no particular supplier gets more than approximately 20% of the EU's overall LNG business so as to not create a situation where one supplier has too much of the market. This would require five or six producing states (...)*»<sup>227</sup>

### **3.3 (In)coesão institucional na estratégia de diversificação**

Se é verdade que a União Europeia possui uma política energética a ser seguida pelos Estados-membros, o mesmo não se pode dizer de uma política externa energética. Ao nível da política energética interna, há muito que a União Europeia se compromete com diversos objectivos: maior eficiência energética, combate ao aquecimento global, metas de redução das emissões de dióxido de carbono, apoio ao desenvolvimento de energias renováveis, diminuição da quota de consumo de combustíveis fósseis etc.<sup>228</sup> No entanto, enquanto a Europa necessita de garantir os

<sup>226</sup> LUFT, Gal, KORIN, Anne, et.al, Energy Security Challenges for the 21st Century, ABC Clio, 10 de Agosto de 2009, p.271

<sup>227</sup> ANDERSON, Richard, Europe's Dependence on Russian Natural Gas: Perspectives and Recommendations for a Long-term Strategy, George C. Marshall – European Center for Security Studies, Setembro de 2008, p.49,50

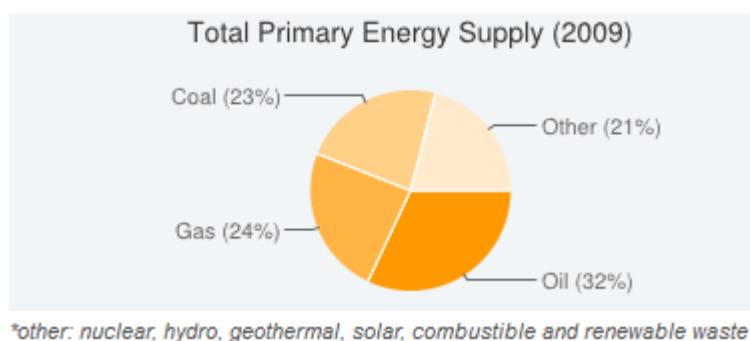
<sup>228</sup> «Specifically, EU member states have committed to reducing total EU-wide carbon emissions by 20% compared with 1990 levels by 2020. They have also pledged to seek international agreement on a 30% reduction target by 2020 in a post-Kyoto Protocol international carbon emissions reduction treaty. In addition, the EU seeks a 20% increase in Europe-wide energy efficiency by 2020 and has mandated that 20% of all EU energy consumption come from renewable sources and 10% of transport



fornecimentos de combustíveis fósseis, é fundamental garantir a diversificação da origem desses combustíveis, como é o caso do gás natural.

Numa altura em que a construção do Nabucco está prestes a seguir em frente, a política de diversificação da União Europeia não se pode ficar apenas pela simples construção de gasodutos já que o Nabucco tem pela frente grandes dificuldades como vimos anteriormente. Assim, a política externa energética da União Europeia (que na prática não existe) não se pode limitar aos grandes investimentos infra-estruturais, e terá de jogar também no palco diplomático com todos os actores intervenientes, e em particular, as companhias energéticas envolvidas, a Rússia, os Estados da Ásia Central, os Estados do Cáucaso, e a Ucrânia, para referir os mais relevantes. Aprofundar relações com outros Estados ricos em matérias-primas energéticas também se pode revelar vantajoso, como o Médio Oriente e o Norte de África.

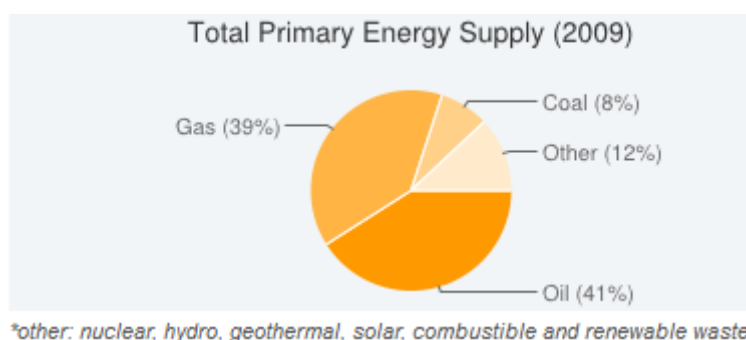
Relativamente à Rússia, a União Europeia dificilmente conseguirá construir uma posição comum na qual se revejam todos os Estados-membros (ou pelo menos as grandes potências). Após a apresentação do projecto Nabucco, ficaram bem patentes as diferentes abordagens dos Estados europeus à Rússia, nomeadamente quanto à política energética. A Alemanha e a Itália colocam-se do lado desta, atribuindo pouca importância prática à política de diversificação europeia, não obstante algumas declarações esporádicas dos seus dirigentes em contrário. Nos gráficos seguintes temos as fontes de energia dos dois países. Note-se que a Alemanha com 24% não é dos mais dependentes do gás, o que talvez possa explicar em parte a menor preocupação com a diversificação (como foi referido anteriormente, no caso da Ucrânia o gás representa cerca de 50% do consumo energético). No entanto as razões destas posições serão analisadas com maior detalhe mais à frente.



**Ilustração 64 - Consumo energético na Alemanha por fonte, 2009<sup>229</sup>**

*fuel from biofuels by 2020. The Commission hopes that EU heads of state will agree on proposed country-specific targets to achieve their goals during the spring of 2008. European Commission president Jose Manuel Barroso estimates that achieving these targets could cost or up to \$87.7 billion, or 0.5% of EU member states' combined annual GDP. However, he has argued that this approximately \$4.50 (3 euros) per week per European citizen represents far less than the cost of inaction. » in BELKIN, Paul, *The European Union's Energy Security Challenges*, Congressional Research Service, 30 de Janeiro de 2008, p.7*

<sup>229</sup> Country gas profile – Germany, Energy Delta Institute, <http://www.energydelta.org/mainmenu/edi-intelligence-2/our-services/country-gas-profiles/country-profile-germany> (acedido a 13/03/2012)



**Ilustração 65 - Consumo energético na Itália por fonte, 2009<sup>230</sup>**

A França também apoia a nova rede russa do *Nord Stream* (na verdade russo-alemã), embora não tão activamente como Alemanha, já que o seu papel no projecto goza de um protagonismo bem menor. À União Europeia, no que toca aos apoios ao Nabucco por parte das grandes potências, resta-lhe o apoio tímido do Reino Unido, que nem sequer é dependente do gás russo. Por outro lado, o Nabucco é muito bem-vindo por outros Estados altamente dependentes, como os Estados Bálticos e a Polónia. Quanto à Ucrânia, o Nabucco vai-lhe retirar o poder de negociação que tem com a Rússia, já que esta depende do território ucraniano para exportar o seu gás.

O que a Comissão europeia tem de procurar fazer é garantir a credibilização do Nabucco. Deve convencer as companhias energéticas, em particular as privadas, de que o projecto é viável financeiramente (eventualmente assumindo parte do seu risco), e de que os fundos comunitários serão garantidamente disponibilizados para diminuir o grau de incerteza destas companhias. Ao nível dos Estados-membros, deve procurar explicar a importância da diversificação das importações de gás, e que os projectos do *Nord Stream* e *South Stream* apenas acentuam a dependência em relação à Gazprom.

Apesar do Nabucco já ter o apoio político necessário para avançar em 2013 (assim dizem as fontes oficiais), a falta de apoio por parte da Alemanha e da Itália (que apoiam os projectos rivais do *Nord Stream* e *South Stream* respectivamente) traz grandes dificuldades. Também a França não fica isenta de críticas, já que a sua passividade perante as discussões energéticas é possivelmente explicada pela sua maior diversidade de fornecedores energéticos (ver *Ilustração 34 - Origens do gás na França*).

Após os cortes de gás à Ucrânia em 2006, a Chanceler alemã, Angela Merkel referiu que a Europa necessitava de uma política energética comum para os próximos 15 anos.<sup>231</sup> Esta preocupação alemã com a diversificação dos fornecedores de gás, não é na verdade coerente com a sua política energética, pois o *Nord Stream* apenas importará gás russo.

<sup>230</sup> Country gas profile – Italy, Energy Delta Institute, <http://www.energydelta.org/mainmenu/energy-intelligence-2/our-services/country-gas-profiles/country-profile-italy> (acedido a 13/03/2012)

<sup>231</sup> HAENTZSCHEL, Thomas, Dependence on Russian gas worries some – but not all – European countries, The Christian Science Monitor, 6 de Março de 2008, <http://www.csmonitor.com/World/2008/0306/p06s01-wogn.html> (acedido a 26/07/2011)

O Nabucco é uma oportunidade para a União Europeia desenvolver uma política energética comum sólida e apoiada pela generalidade dos seus Estados-membros. A verdade é que tanto a Alemanha como a Itália têm privilegiado políticas e acordos energéticos bilaterais com a Rússia à margem do desejo europeu de diminuir a sua quota de importação de gás russo. Outros Estados-membros também optaram há muito por se comprometer com a Gazprom através de contractos de longo prazo para o fornecimento de gás, como a Eslovénia, a Bélgica, a Hungria e a Bulgária.<sup>232</sup>

A Alemanha chegou mesmo a vetar a alocação de 200 milhões de euros para financiar o projecto Nabucco.<sup>233</sup> O argumento de que a União Europeia não devia gastar dinheiro em regiões fora do território comunitário, não faz sentido já que o gás terá que vir de fora do território da União, e por isso o investimento noutras regiões não pode ser excluído. O interesse nacional alemão passa por não apoiar o projecto energético europeu que constitui uma ameaça estratégico-comercial ao *Nord Stream*, protagonizado essencialmente pela Rússia e pela Alemanha, cujo objectivo é transportar gás russo desde a Rússia até à Alemanha por mar, evitando o território da Polónia e Estados bálticos. Já no caso do Nabucco, este não fornecerá gás directamente à Alemanha nem passará pelo seu território, o que faz do *Nord Stream* um investimento bastante mais apelativo para as empresas alemãs. Por outro lado, a Alemanha confia mais na Rússia do que os países de leste, já que conta com um historial positivo na sua relação energética com a Gazprom.

Entretanto a Alemanha reviu a sua posição e já se apresenta como apoiante política do Nabucco, embora se mantenha afastada deste em termos práticos. Uma mudança de postura que só foi possível após a União Europeia reconhecer igualmente o seu apoio político ao *Nord Stream* russo-alemão, apesar dos fortes protestos da Polónia e de outros Estados do Leste.<sup>234</sup>

No *Nord Stream*, participam para além da Gazprom, as companhias alemãs da E.ON e da BASF, e também uma companhia holandesa – a N.V. Nederlandse Gasunie. Pelo facto de ser um gasoduto que passa pelo mar, a Rússia não terá que pagar tarifas de passagem a outros países, reduzindo os custos operacionais do negócio beneficiando tanto alemães como russos.<sup>235</sup> No entanto, é de referir que vários técnicos alertam para o facto de um gasoduto marítimo envolver custos de manutenção bastante superiores. O projecto é altamente criticado pelos Estados bálticos e pela Polónia que temem que a Rússia lhes possa cortar o gás sem prejudicar outros Estados terceiros

---

<sup>232</sup> «Both Germany and Italy, the largest importers of Russian gas, have negotiated long-term deals with Russia to lock in future gas supplies. For Germany and a few others, "Russia's role as a key supplier of oil and gas makes Putin a vital strategic partner who cannot be ignored or antagonized." Such deals are not limited to the major energy consumers. Slovenia and Belgium have entered into negotiations with Gazprom to build a pipeline across the former and to enter the gas distribution market in the latter. Hungary's oil and gas company, Mol, has joined with Gazprom to extend Gazprom's Blue Stream pipeline across the Black Sea through the Balkans into Hungary. In January 2008, Bulgaria signed a deal with Gazprom to join the proposed South Stream project.» in BELKIN, Paul, *The European Union's Energy Security Challenges*, Congressional Research Service, 30 de Janeiro 2008, p.12

<sup>233</sup> BARYSCH, op.cit, p.3

<sup>234</sup> Idem

<sup>235</sup> GILBERT, Spencer, *Gas Politics in Russia and the EU*, Journal of Politics and International Affairs, 2009, p.131

como a Alemanha. Na Polónia chegou-se mesmo a rotular o *Nord Stream* como uma novo pacto “Molotov-Ribbentrop”.<sup>236</sup>

A França é tendencialmente mais pró-*Nord Stream*, o que é o mesmo que dizer mais pró-alemã e pró-russa, já que não é muito dependente da Gazprom e tem uma política externa de aproximação à Rússia. Em Março de 2010 a GDF Suez (antiga Gaz de France) alia-se à Rússia e junta-se ao projecto *Nord Stream*, apesar de não gozar do mesmo protagonismo da Gazprom ou da alemã E.ON no projecto. Katinka Barysch parece sugerir que a posição de Sarkozy perante a Turquia pode explicar parte da opção.<sup>237</sup> A França é contra a entrada da Turquia na União Europeia, e não há dúvida de que o papel fundamental da Turquia no Nabucco pode aproxima-la politicamente dos Estados-membros enquanto fomenta uma grande cooperação num sector tão crucial como o da energia. Por outro lado, a empresa Electricité de France assinou um memorando com a Gazprom para participar no projecto russo *South Stream* também rival do Nabucco.<sup>238</sup> As relações próximas entre grandes empresas dos dois países forçam a França a tomar políticas mais amistosas com a Rússia, e um apoio francês ao Nabucco poderia significar um risco para a diplomacia francesa que não tem muito a ganhar com a concretização deste projecto. A França goza de uma rede diversificada de importação de gás e não depende tanto da Rússia como certos Estados da Europa Central e de Leste. Possui grandes investimentos na área da energia nuclear e não necessita de tanto gás para produzir a sua electricidade.

A Holanda não tem uma posição política muito vincada sobre o Nabucco, mas insere-se no clube russo-alemão de apoio ao *Nord Stream*. Como já foi referido, a companhia holandesa Gasunie participa no projecto *Nord Stream*, o que levará a política holandesa a centrar as suas atenções para este projecto. Também a holandesa-britânica Shell tem vários negócios no sector energético russo,<sup>239</sup> embora não participe no *Nord Stream*.

A Itália importa cerca de um quarto do seu gás à Rússia (ver *Ilustração 19 - Percentagem de gás natural que os Estados europeus importam da Rússia*). Participa activamente no projecto russo do *South Stream* através da sua empresa ENI, que goza de um papel protagonista no projecto juntamente com a Gazprom. O objectivo deste projecto é criar um gasoduto que ligue a Rússia à Europa via Mar Negro. A Itália há muito que goza de boas relações com a Rússia, e dificilmente terá um papel activo na concretização do Nabucco.<sup>240</sup>

O apoio das grandes potências europeias ao Nabucco fica limitado ao Reino Unido, porque embora não seja dependente do gás russo, interessa-lhe que o Azerbaijão entre activamente no mercado energético europeu, já que a BP é a maior companhia exploradora neste país e opera o *South Caucasus Pipeline*. Apesar do apoio político, não há empresas britânicas no consórcio do Nabucco, o que pode afastar o Reino Unido de um papel activo na defesa do projecto.

---

<sup>236</sup> Idem

<sup>237</sup> BARYSCH, op.cit, p.3

<sup>238</sup> Gazprom and EDF sign Memorandum detailing joint participation in South Stream project, Gazprom, 27 de Novembro de 2009, <http://www.gazprom.com/press/news/2009/november/article71994/> (consultado a 26/07/2011)

<sup>239</sup> GILBERT, op.cit,p.131

<sup>240</sup> Idem

A Grécia goza de boas relações diplomáticas com a Rússia. Os gregos importam da Rússia muito material militar<sup>241</sup> e o facto de mais de 80% (ver *Ilustração 19 - Percentagem de gás natural que os Estados europeus importam da Rússia*) do gás da Grécia vir da Rússia colocam os dois países num sistema de relativa interdependência económica (com vantagem para a Rússia). À Grécia interessa-lhe mais o *South Stream* do que o Nabucco, não só porque o primeiro é patrocinado pela Rússia mas porque passa por território grego, o que lhe permitirá cobrar tarifas de trânsito. Foi discutida a construção de um oleoduto russo-grego-búlgaro (Burgas-Alexandroupolis<sup>242</sup>) mas que acabou por falhar dada a discordância da Bulgária por razões ambientais.<sup>243</sup> A actual crise económica grega é também um factor de desincentivo para construção deste oleoduto.



**Ilustração 66 - Oleoduto russo Burgas-Alexandroupolis<sup>244</sup>**

Fora do âmbito das grandes potências, destaca-se o apoio firme ao Nabucco por parte da Polónia e dos Estados bálticos, porque são fortemente dependentes do gás russo e porque por razões históricas não desfrutam de grandes afinidades diplomáticas com a Rússia.

A Turquia também está naturalmente do lado do Nabucco. O seu papel no projecto é fundamental para o seu funcionamento. É a Turquia que fará a ligação entre o Cáucaso e a Europa.

<sup>241</sup> Ibidem, p.132

<sup>242</sup> «The oil pipeline is designed to allow oil from the Black Sea basin to reach the Mediterranean without transiting the Bosphorus Straits. The pipeline was originally planned in 2007, when Bulgaria, Greece and Russia reached an agreement. The pipeline company was formed shortly thereafter, with 51% of the shares divided among three Russian companies. Today, the Bulgarian Ministry of Finance owns 24.5% of the shares, and the remaining 24.5% are divided among two Greek companies with a token 1% ownership by the Greek state.» in *Bulgaria offers Lifeline to Burgas-Alexandroupolis Pipeline*, Eurasian Energy Analysis, 13 de Julho de 2011, <http://eurasianenergyanalysis.blogspot.com/2011/07/bulgaria-offers-lifelin-to-burgas.html> (acedido a 28/07/2011)

<sup>243</sup> *Bulgaria Quits Burgas-Alexandroupolis Oil Pipeline*, Balkan Insight, 7 de Dezembro de 2011, <http://www.balkaninsight.com/en/article/bulgaria-quits-burgas-alexandroupolis-oil-pipeline> (18/02/2012)

<sup>244</sup> *Burgas-Alexandroupolis (Trans-Balkan Crude) Pipeline*, Europe, hydrocarbons-technology.com, s.d, <http://www.hydrocarbons-technology.com/projects/trans-balkan-pipelin/trans-balkan-pipelin1.html> (acedido a 28/07/2011)

Por um lado, há o óbvio interesse económico turco em protagonizar o projecto, mas por outro lado, ao funcionar como ponte de ligação entre a Ásia e a Europa, os europeus construirão com os turcos uma relação de interdependência crescente, o que poderá ser positivo para a sua candidatura a membro da União Europeia.

Como seria de esperar, o Nabucco tem o apoio dos países com empresas a participar no consórcio, e que daí vão poder extrair dividendos económicos: Roménia, Turquia, Bulgária e Áustria. Embora haja uma empresa alemã no consórcio, a RWE, a política alemã prefere dar primazia à E.ON do *South Stream*, que entra no território alemão.

### 3.4 Estratégia de transparência e liberalização

É também crucial o diálogo europeu com outros actores. A União Europeia deve trabalhar com a Rússia de modo a garantir mais transparência ao mercado energético através de acordos de cooperação, os chamados PCAs (*Partnership and Cooperation Agreements*<sup>245</sup>). Neste âmbito, é essencial incentivar a Rússia a ratificar a Carta da Energia (ECT) e a abrir o seu mercado energético ao investimento estrangeiro.<sup>246</sup> No caso do gás natural, a Gazprom goza do direito exclusivo à exportação do gás explorado dentro da Rússia, e a ratificação da ECT iria comprometer a Rússia a liberalizar o seu mercado energético ao nível do investimento, exploração, trânsito, e distribuição de gás.

De acordo com Paul Belkin do *Congressional Research Service*, a União Europeia deve considerar duas opções para a sua política externa energética: ou opta por seguir uma estratégia de diversificação das origens da importação de gás, ou então impõe à Gazprom fortes regulações às suas práticas de modo a tornar-se mais transparente e de acordo com as práticas europeias. No meu entender, é importante para a Europa diversificar não só as suas importações, mas também as suas fontes de energia (como o LNG e o nuclear), independentemente do Nabucco ser ou não a melhor opção. Regular a Gazprom parece-me uma via com alguns riscos, já que sendo uma companhia de tendências monopolistas na Europa, esta poderia interpretar as imposições como provocações e responder com represálias, como por exemplo, com uma maior rigidez na negociação de contractos

---

<sup>245</sup> Para informação oficial mais detalhada, consultar: Partnership and Cooperation Agreements (PCAs): Russia, Eastern Europe, the Southern Caucasus and Central Asia, Europa Summaries of EU legislation, s.d, [http://europa.eu/legislation\\_summaries/external\\_relations/relations\\_with\\_third\\_countries/eastern\\_europe\\_and\\_central\\_asia/r17002\\_en.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/external_relations/relations_with_third_countries/eastern_europe_and_central_asia/r17002_en.htm) (acedido a 04/08/2011)

<sup>246</sup> « In 1991, the European Union launched the Energy Charter Declaration, an initiative intended to promote energy cooperation and diversify Europe's energy supply. The Declaration gave way to the 1994 Energy Charter Treaty that entered into legal force in 1998 and established a framework of rules and agreements to promote international energy cooperation. To date, 51 countries and the EU have signed or acceded to the Treaty. The Treaty seeks to create a level playing field of rules regarding the promotion of foreign energy investments; free trade in energy materials, products and equipment; freedom of energy transit through pipelines and grids; promoting energy efficiency; and providing mechanisms for addressing disputes. » in BELKIN, Paul, The European Union's Energy Security Challenges, Congressional Research Service, 30 de Janeiro 2008, p.12

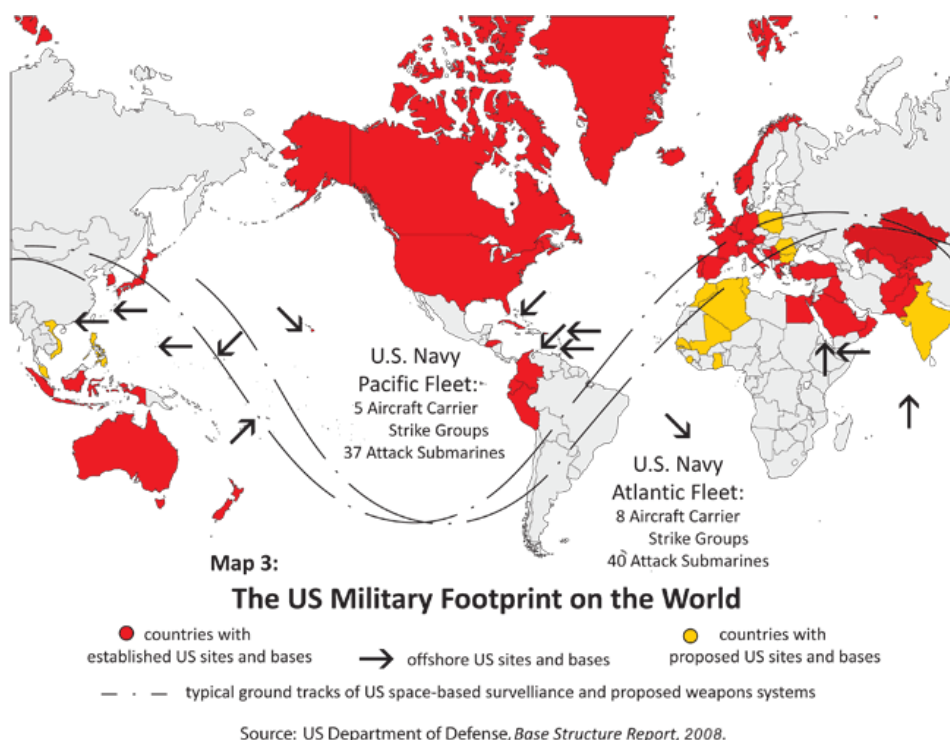
ou através da subida de preços. Para evitar tensões e batalhas jurídicas, a primeira hipótese surge como a mais apropriada.

Tornar o mercado mais transparente e liberalizado pode ser uma ideia apetecível, mas talvez tenha uma aplicabilidade prática limitada. Para liberalizar o mercado energético seria necessário pressionar politicamente a Rússia para que abra o seu sector energético, e o que é facto é que não se sabe muito bem através de que meios é que a União Europeia a poderia pressionar, tendo em conta que as opções proteccionistas russas são tomadas com legitimidade soberana. Não sendo membro da União Europeia, não tendo ratificado a ECT, ou não tendo ainda ratificado o documento para a entrada na OMC, a Rússia não fica comprometida juridicamente ou institucionalmente às práticas europeias do mercado livre.

### **3.5 À conquista da Ásia Central e do Cáucaso**

A Ásia central e o Cáucaso são das regiões mais ricas do mundo em gás natural. Com o fim da URSS e consequente vazio de poder criado na região, os novos Estados junto ao Mar Cáspio tornaram-se alvo de disputas internacionais. A Rússia, a UE, e os Estados Unidos vão trabalhando no sentido de estabelecer as relações diplomáticas mais sólidas com estes países. No caso dos Estados Unidos, há bases militares americanas em quase todos os Estados da Ásia Central excepto no Turquemenistão (ver *Ilustração 67 - Presença militar norte-americana pelo mundo - 2010*). No âmbito da energia, os vastos recursos destes países são cobiçados pela China, que necessita de alimentar o seu rápido crescimento económico, pela UE que quer garantir novos fornecimentos de gás natural, e pela Rússia que pretende manter o seu domínio no mercado energético europeu, e sobretudo impedir que a UE lá chegue, uma vez que isso ameaçaria a sua posição de *top exporter* na Europa.





#### Ilustração 67 - Presença militar norte-americana pelo mundo - 2010<sup>247</sup>

Porém, o interesse da União Europeia nas regiões do Mar Cáspio não é novo: «*Europe's formal interest in the energy resources of the region dates back to 1995 with the creation of the Interstate Oil and Gas Transport to Europe program (INOGATE<sup>248</sup>). This EU initiative (currently with 21 member countries) was designed to promote the construction of regional pipeline systems in order to facilitate the transport of oil and gas to Europe. This was followed by another EU proposal, the "Baku Initiative", which was launched in November 2004 with the participation of the European Commission and the Black Sea and Caspian littoral states. The Baku Initiative was designed to facilitate the progressive integration of the energy markets of the region into the EU market as well as the transportation of the extensive Caspian oil and gas resources toward Europe.*»<sup>249</sup>

O que a União Europeia deve garantir no Cáucaso e na Ásia Central, é que os seus Estados estão disponíveis para o fornecimento do Nabucco no médio e longo prazo. De acordo com o previsto, a construção do Nabucco inicia-se em 2013, mas o abastecimento de gás destes países ainda não está totalmente assegurado para a Europa. Como foi explicado no subcapítulo anterior, o Azerbaijão é para já o Estado que se apresenta como [quase] garantido para fornecer a Europa. Os azeris já expressaram o seu apoio político ao projecto, e o gás natural do país tem a BP como principal explorador, que sendo uma companhia da Europa Ocidental pode funcionar melhor como *confidence booster* para União Europeia e para as empresas envolvidas no projecto.

<sup>247</sup> Map of U.S. Military bases around the world, Hidden Harmonies China Blog, 8 de Agosto de 2010, <http://blog.hiddenharmonies.org/2010/08/map-of-u-s-military-bases-around-the-world/> (acedido a 05/08/2011)

<sup>248</sup> Interstate Oil and Gas Transport to Europe

<sup>249</sup> BELKIN, op.cit, p.14



No entanto, há inúmeras dúvidas quanto aos Estados central-asiáticos. Estes já estão comprometidos com a Rússia e com a China para o fornecimento de gás natural com contratos de longo prazo, e os aumentos de produção nesta região está limitada pela falta de investimentos. Por outro lado, a Rússia está a comprar cada vez mais participações em companhias da Ásia Central. Esta situação representa uma deslocalização dos centros de decisão central-asiáticos para os escritórios da Gazprom. Quer isto dizer que no futuro, comprar gás natural directamente à Rússia ou à Ásia Central não vai ser muito diferente uma vez que a Gazprom joga nos dois palcos. Para contrariar a viabilidade do Nabucco, a Gazprom tem procurado também solidificar a sua presença no mercado de distribuição de gás, e não apenas na sua exportação. Há muito que tenta fazê-lo em larga escala na Ucrânia, mas o que preocupa mais a União Europeia é a participação da companhia russa no desenvolvimento da estação de gás austríaca da OMV em Baumgarten, que aliás é onde terminará o Nabucco.<sup>250</sup>

Para os europeus é importante que se garanta a construção do gasoduto trans-cáspio, fazendo a ligação entre a Ásia Central e o Cáucaso, que por sua vez se ligaria ao Nabucco pela Turquia. O gasoduto trans-cáspio pode ser fundamental para garantir a viabilidade do Nabucco. Segundo Sergei Blagov do Eurasianet.org, à Rússia interessa-lhe sabotar politicamente a construção deste gasoduto subaquático, e a estratégia russa tem passado por exemplo, por impedir a construção do gasoduto invocando argumentos ambientais<sup>251</sup> (já que a Rússia também tem soberania parcial sobre o Mar Cáspio). Independentemente da veracidade destas alegações,<sup>252</sup> ou de serem ou não uma mera jogada política, a Rússia tem muito a ganhar em dificultar o abastecimento do Nabucco.

Uma das grandes dificuldades que a União Europeia encontra para se aproximar destes países está relacionada com os seus regimes. Os Estados da Ásia Central são politicamente pouco transparentes, o investimento estrangeiro é dificultado e há abusos de direitos humanos que barram as boas relações diplomáticas entre a União Europeia e estes Estados. No entanto, a aproximação política à Ásia Central é fundamental para garantir novos fornecimentos de gás.

Em Julho de 2007 foi acordada uma estratégia para a Ásia Central num documento intitulado de *"The EU and Central Asia: Strategy for a New Partnership"*. Em 2010 saiu um outro documento: *"The European Union and Central Asia: the new partnership in action"*. As iniciativas políticas europeias na região incluem áreas como o comércio internacional, educação, ambiente, direitos humanos e energia. Nos documentos, a União Europeia passa a mensagem de que a abertura política destes países, assim como o respeito pelas normas internacionais, é essencial para a criação de parcerias sólidas e maior cooperação com a União Europeia. A Ásia Central não parece especialmente empenhada em satisfazer as "exigências" políticas da *good governance* (i.e, uma governação que implique o respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais dos cidadãos), e os europeus provavelmente terão de fechar os olhos a muitas situações se quiserem

---

<sup>250</sup> SOCOR, Vladimir, OMV Joins with Gazprom to Undercut Nabucco, Eurasia Daily Monitor, Jamestown Foundation, January 29, 2008

<sup>251</sup> BLAGOV, Sergei, Russia tries to scuttle proposed trans-Caspian pipeline, Eurasianet.org, 28 de Março de 2006, <http://www.eurasianet.org/departments/insight/articles/eav032806.shtml>

<sup>252</sup> É importante salientar que o Mar Cáspio é a maior fonte de pesca de caviar, um bem de luxo com bastante importância para as exportações da Rússia e do Irão, pelo que interessa a muitos empresários a manutenção das suas condições ambientais.

realmente acelerar a cooperação energética. As pressões europeias para a reforma destes regimes vêm já desde 1991 com os primeiros PCAs (*Partnership Cooperation Agreements*), em que a União Europeia se propõe a aprofundar as suas relações e a criar uma maior cooperação com a Ásia Central baseando-se nos princípios da democracia e dos direitos humanos, enquanto expressa a necessidade destes países em harmonizar a sua legislação com os padrões europeus, nomeadamente quanto à liberalização económica. No entanto, as PCAs não têm tido o efeito desejado, e a Ásia Central permanece uma região pouco transparente e pouco de acordo com as melhores práticas internacionais.

A União Europeia tem usado também a ajuda como instrumento de política externa para a Ásia Central. No período de 2007-2013 foi disponibilizado um fundo de 719 milhões de euros no âmbito do programa DCI (*Development Cooperation Instrument*). Este programa aparece em substituição do TACIS (*Technical Assistance to Commonwealth of Independent States*) e tem como objectivo cooperar nas áreas do crime organizado, terrorismo, diversificação das actividades económicas, energia e água.

No campo da transparência para o mercado energético, todos os Estados da Ásia Central ratificaram a Carta da Energia, mas ainda falta igualmente a todos ratificar a revisão de 1998. Para além da Carta da Energia, também a EITI (*Extractive Industries Transparency Initiative*) é promovida pela União Europeia. A EITI é uma iniciativa apoiada pelo Banco Mundial que visa dar mais transparência aos actores envolvidos no mercado energético, nomeadamente ao nível dos pagamentos feitos entre empresas do sector e entidades governamentais.<sup>253</sup> Embora a questão da transparência seja importante para uma cooperação mais sólida, a EITI pode não vir a receber a devida atenção dado que a prioridade da União Europeia deve ser a de garantir o fornecimento independentemente do mercado energético destes países ser ou não transparente, isto porque a natureza destes regimes aparenta ser muito avessa a reformas.

O Turquemenistão, pelo facto de ser o Estado da Ásia Central aparentemente mais viável para o fornecimento do Nabucco, deve constituir o alvo prioritário das manobras diplomáticas da União Europeia, já que no Cáucaso o Azerbaijão apresenta-se como um fornecedor praticamente garantido. O que os europeus devem fazer, de acordo com a análise desta dissertação, é concentrar-se na urgência da cooperação energética e adiar as pressões reformistas nestes países. Neste contexto, a política externa russa sai em vantagem, já que se caracteriza por uma política bastante mais pragmática, i.e, a Rússia não tem problemas em estabelecer laços com qualquer país, o importante é que esses laços a favoreçam, não estando interessada em saber se esses regimes são democráticos e transparentes. A União Europeia que sempre se apresentou ao mundo como o estandarte da democracia e dos direitos humanos terá mais relutância em seguir uma linha de *realpolitik*.

Em 2010, o Turquemenistão foi considerado pelo The Economist o terceiro país menos democrático do mundo, apenas à frente do Chad e da Coreia do Norte.<sup>254</sup> Segundo o Heritage Foundation é o 169º país do mundo com menos liberdade económica. A União Europeia e o

---

<sup>253</sup> ENDICOTT, Neil, *The Nabucco Gas Pipeline: A chance for the EU to push for change in Turkmenistan*, The Quaker Council for European Affairs, Dezembro de 2009, p.19

<sup>254</sup> *Democracy Index 2010*, Economist Intelligence Unit, s.d.

Turquemenistão são regimes opostos, mas o realismo é a única via para os europeus concluírem aquele que é o seu objectivo urgente, se construção do Nabucco se iniciar em 2013.

Enquanto a União Europeia tem que se esforçar para se aproximar do Turquemenistão, a Rússia já tem mais trabalho feito na área. As fricções Rússia-Turquemenistão são geralmente em torno das negociações do preço do gás, mas não têm sido especialmente complicadas, com os dois países a conseguirem ultrapassar relativamente bem as suas divergências. Para além do mais, já tem sido discutida uma nova parceria entre os seus governos para alargar a rede de gasodutos Rússia-Turquemenistão.



**Ilustração 68 - Rede principal de gasodutos Rússia-Turquemenistão<sup>255</sup>**

Um outro problema a ter em conta no caso do Turquemenistão, ou de qualquer Estado do Mar Cáspio, é a questão do estatuto deste mar (ou lago). A polémica em torno da divisão do Mar Cáspio pode por em causa a viabilidade da construção do gasoduto trans-cáspio e consequentemente do Nabucco. Esta questão sempre foi muito mais de dimensão regional do que mundial. Quer isto dizer que os conflitos em torno do problema são geralmente debatidos entre os Estados da região. Sendo uma questão regional, a União Europeia não terá uma grande margem de actuação, e apesar da sua tentativa em ganhar um papel de mediador, os avanços não têm sido claros. A Rússia por sua vez, pode jogar mais facilmente no Mar Cáspio já que é uma região natural para a sua política externa.

A divisão deste mar entre os diversos Estados costeiros é recheado de divergências jurídicas desde o início da disputa em 1991, já que cada um defende a sua separação territorial consoante lhe

<sup>255</sup> Central-Asia Center, Gazprom, <http://www.gazprom.com/production/projects/pipelines/central-asia/>  
(*accedido a 10/08/2011*)

satisfaça melhor os interesses económicos, pois é neste mar que está concentrada a maioria das reservas de petróleo e gás natural da região do Cáucaso e da Ásia Central.



**Ilustração 69 - Mar Cáspio**<sup>256</sup>

As marinhas de guerra russa e iraniana têm inclusivamente aumentado a sua presença no mar, o que contribui negativamente para o clima de tensão.<sup>257 258</sup>

A discussão sobre a divisão do Mar Cáspio gira em torno do seu polémico estatuto legal: será um mar, ou será antes um lago? Cada um defende a tese que melhor satisfaz o seu interesse nacional, e apesar de já se terem selado algumas negociações, continua a não existir um consenso geral.

*«If the Caspian is a sea, then it would be divided up into exclusive shares based on each country's coastline and equidistant median line principle [segundo a Convenção sobre o Direito do Mar de 1982]<sup>259</sup>. This would benefit states with a long Caspian littoral such as Russia and Kazakhstan, who have unsurprisingly supported this definition, along with Azerbaijan. If the Caspian is a lake, then all states would receive 20%. Iran, which would get only 13% under a 'sea' definition, backs this interpretation. Turkmenistan, in keeping with its diplomatic awkwardness and opacity, has wavered between the two. There are other issues dependent on the classification, such as control of*

<sup>256</sup> Caspian Sea, Worldatlas explore your world..., s.d, <http://www.worldatlas.com/aatlas/infopage/caspiansea.htm> (acedido a 05/08/2011)

<sup>257</sup> Russia to beef up naval forces in Caspian, M&C news, 4 de Maio de 2011, [http://www.monstersandcritics.com/news/europe/news/article\\_1636959.php/Russia-to-beef-up-naval-forces-in-Caspian](http://www.monstersandcritics.com/news/europe/news/article_1636959.php/Russia-to-beef-up-naval-forces-in-Caspian) (acedido a 05/08/2011)

<sup>258</sup> Iran steps up naval presence in the Caspian Sea, RusNavy, 29 de Abril de 2011, [http://rusnavy.com/news/othereavies/index.php?ELEMENT\\_ID=12135](http://rusnavy.com/news/othereavies/index.php?ELEMENT_ID=12135) (acedido a 05/08/2011)

<sup>259</sup> Minha nota

*the surface as opposed to control of the seabed, transit rights, and so on – but the core of the problem is the sea/lake conundrum. Azerbaijan, Kazakhstan and Russia have already settled the issue between themselves by signing bilateral agreements dividing 64 percent of the sea. These agreements are not recognized by Iran, so the final solution to the legal status of the Caspian still remains to be found.»*<sup>260</sup>

País	Superfície em Km-2	%
<b>Cazaquistão</b>	114.000	30%
<b>Rússia</b>	75.000	19%
<b>Azerbaijão</b>	80.000	20%
<b>Turquemenistão</b>	80.000	20%
<b>Irão</b>	44.000	11%

**Ilustração 70 - Divisão do Mar Cáspio segundo o direito do Mar**<sup>261</sup>

O projecto Nabucco apresenta muitas dúvidas a nível de financiamento e principalmente de fornecimento. A conclusão que retiro deste projecto é a de que não é suficiente para diversificar a origem do gás natural que a União Europeia importa. Em última análise, se o Nabucco falhar, isto representará um factor de vantagem estratégica para a Rússia, porque os europeus poderão estar a desperdiçar recursos que poderiam eventualmente ser usados noutras áreas mais eficazes como o LNG. Será interessante acompanhar o desenvolvimento do projecto nos próximos anos: oficialmente o Nabucco começará a trazer gás para a Europa a partir de 2017 se tudo correr como previsto. Até 2017 ainda pode mudar muita coisa na Ásia Central, quem sabe se até lá os Estados da região não terão já condições para assinar contractos de longo prazo com a Europa como faz actualmente com a Rússia. No entanto, o Nabucco é na verdade um projecto arriscado, e se até lá a Rússia fizer as reformas necessárias para contrariar a queda de produção e a fraca competitividade da Gazprom, então o projecto europeu terá um risco acrescido.

<sup>260</sup> Integration and Division in the Caspian Sea, Caucasian Review of International Affairs, 20 de Abril de 2009, <http://www.cria-online.org/CU - file - article - sid - 35.html> (acedido a 06/08/2011)

<sup>261</sup> FONSECA, Pedro da, *O Novo Grande Jogo da Energia*, Universidade Lusíada, Abril de 2005

## 4. A estratégia da Rússia

De modo a consolidar o seu poder no mercado energético e assim sustentar o seu estatuto de grande potência, a Rússia segue estratégias que lhe permitam consolidar a posição dominante da Gazprom na Europa, ao mesmo tempo que tem em conta as estratégias opostas da União Europeia e que devem ser contrariadas pelos líderes russos.

Como potência energética dominante, a Rússia procura naturalmente a conservação e aumento do seu poder económico e estratégico. Procura formas de continuar a ser o principal fornecedor de gás no mercado europeu e de ultrapassar os obstáculos que se lhe impõem contra a perseguição dos seus objectivos e aspirações, nomeadamente as estratégias levadas a cabo pelos Estados europeus.

Os interesses da Rússia e da Gazprom são pouco ou nada dissociáveis, desde logo porque a Gazprom é pública. Isto significa que os líderes políticos russos são em última análise os líderes da Gazprom, de modo que a companhia procurará satisfazer ambições de política externa e não somente interesses comerciais.

### 4.1 O objectivo estratégico central da Rússia e da Gazprom

Em termos estratégicos, a Rússia tem que controlar a sua posição em relação a vários Estados, em particular os países de trânsito do seu gás como a Ucrânia e a Bielorrússia. Aqui, a Rússia terá de encontrar alternativas para o trânsito do seu gás como o pretende fazer com os projectos *Nord Stream* e *South Stream*. No caso da Ucrânia, que tantos dissabores já causou enquanto país de trânsito, a Rússia tenta maximizar a sua posição naquele mercado interno e evitar que a União Europeia protagonize a modernização do sistema energético ucraniano que diminuiria a sua dependência da Rússia.

Deve também jogar entre os Estados da Ásia Central, ricos em gás natural e que são uma alternativa de fornecimento a ser discutida entre os Estados europeus. A Gazprom tem procurado marcar terreno através de aquisições nas companhias energéticas da região (como a compra da Kyrgyzgaz<sup>262</sup> da Quirguízia, ou a subsidiária KasRosGas<sup>263</sup> criada entre a Gazprom e a KazMynaiGaz do Cazaquistão) de forma a defender seus interesses e a manter a sua posição dominante na Europa. Por outro lado, a administração Putin/Medvedev tem procurado aproximações políticas a estes Estados e evitar que a Europa o faça primeiro através da sua chamada “política de vizinhança” para a Ásia Central. Deve também jogar politicamente com a União Europeia de modo a que esta se sinta desencorajada a procurar alternativas à diversificação das origens do gás.

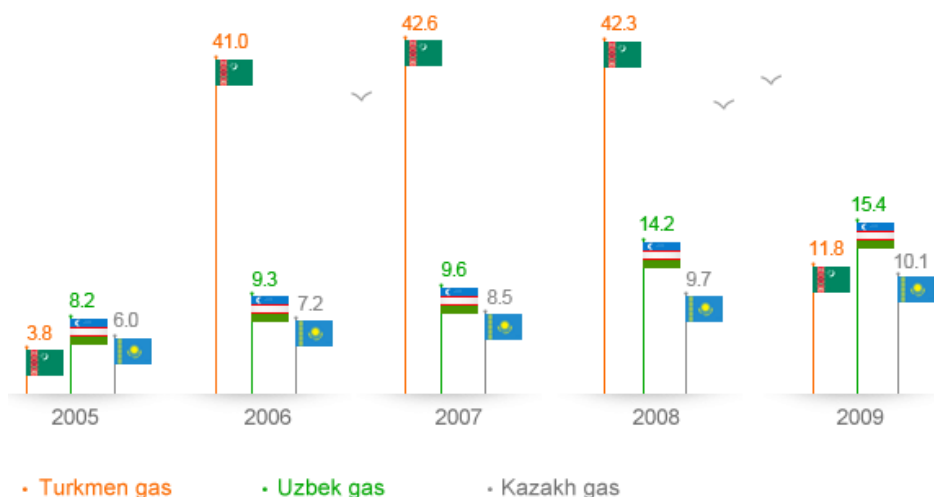
O projecto Nabucco da União Europeia constitui a vanguarda da sua estratégia de diversificação. A estratégia russa passa por descredibilizar a hipótese do Nabucco controlando o gás

---

<sup>262</sup> Gazprom to buy controlling stake in Kyrgyz national gas company, Rianovosti, 5 de Agosto de 2009, <http://en.rian.ru/business/20090805/155733419.html> (acedido a 07/02/2012)

<sup>263</sup> KasRosGas, <http://www.kazrosgas.org/?f2&version=en> (acedido a 07/02/2012)

natural da Ásia Central por um lado, e por outro lado aliciar Estados europeus para os projectos russos (rivais do Nabucco) permitindo-lhes a participação nestes, como é o caso da participação da Itália no *South Stream* e da Alemanha no *Nord Stream*. Outra estratégia russa já em prática é a compra de gás natural à Ásia Central<sup>264</sup> com a assinatura de contractos de longo prazo, muitas vezes por valores acima do preço de mercado para negar fornecimentos ao Nabucco<sup>265</sup> e revender esse gás à Europa a preços mais altos. O gás é comprado sobretudo ao Cazaquistão,<sup>266</sup> Turquemenistão<sup>267</sup> e Uzbequistão,<sup>268</sup> mas há também uma cooperação activa da Gazprom com empresas energéticas da Quirguízia<sup>269</sup> e do Tajiquistão.<sup>270</sup>



**Ilustração 71 - Gás natural comprado pela Gazprom na Ásia Central, 2005-2009<sup>271</sup>**

<sup>264</sup> «In 2009 Gazprom Group acquired 37.3 billion cubic meters of Central Asian gas including 11.8 billion cubic meters of Turkmen gas, 15.4 billion cubic meters of Uzbek gas and 10.1 billion cubic meters of Kazakh gas. Central Asian gas was supplied to Ukraine and Transcaucasian republics. Since 2007 the customers in southern Kazakhstan have been receiving Uzbek gas.» in *Volumes*, Gazprom, s.d, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/> (acedido a 07/02/2012)

<sup>265</sup> FREIFELD, Daniel, *A ópera do grande gasoduto*, Foreign Policy – Edição Portuguesa Foreign Policy, nº12, Outubro/Novembro de 2009, p.58

<sup>266</sup> *Cooperation with Kazakhstan*, Gazprom, s.d, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/> (acedido a 07/02/2012)

<sup>267</sup> *Cooperation with Turkmenistan*, Gazprom, s.d, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/> (acedido a 07/02/2012)

<sup>268</sup> *Cooperation with Uzbekistan*, Gazprom, s.d, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/> (acedido a 07/02/2012)

<sup>269</sup> *Cooperation with Kyrgyzia*, Gazprom, s.d, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/> (acedido a 07/02/2012)

<sup>270</sup> *Cooperation with Tajikistan*, Gazprom, s.d, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/> (acedido a 07/02/2012)

<sup>271</sup> *Volumes*, Gazprom, s.d, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/> (acedido a 07/02/2012)



#### 4.2 O projecto russo-alemão *Nord Stream*

O *Nord Stream*, antigamente conhecido por *North European Gas Pipeline*, é um projecto de dois gasodutos que visa transportar gás natural da Rússia até à Alemanha via Mar Báltico, evitando os territórios terrestres da Europa de Leste, assim como as zonas económicas exclusivas marítimas da Polónia e dos Estados Bálticos. O gás terá origem nas reservas russas de Yuzho-Russkoye numa primeira fase, e mais tarde virá também da península de Yamal.

O consórcio internacional do projecto, oficialmente – Nord Stream AG, tem sede na Suíça e é composto por cinco companhias: Gazprom (com 51%), E.ON<sup>272</sup> (alemã, com 15%), Wintershall<sup>273</sup> (também alemã, com 15%), Gasunie<sup>274</sup> (da Holanda, com 9%), e GDF Suez<sup>275</sup> (da França, com 9%).<sup>276</sup>

<sup>272</sup> «E.ON AG is a major investor-owned energy company. Within the E.ON group operating worldwide, E.ON Ruhrgas in Essen, Germany, is responsible for the global gas business. E.ON Ruhrgas is Germany's gas importer with the broadest portfolio of suppliers. The company receives its gas from several countries, among them Russia and Norway. E.ON Ruhrgas has been receiving natural gas from Russia for 37 years. E.ON Ruhrgas Exploration & Production operates in the British and Norwegian North Sea, Russia and North Africa. Alongside gas production and procurement, the company's infrastructure shareholdings help Europe achieve a high degree of supply security. In partnership with other companies, E.ON Ruhrgas is investing in efficient, technologically advanced gas pipeline systems to link Europe with new and existing gas fields.» in *Our Shareholders*, Nord Stream, s.d, <http://www.nord-stream.com/about-us/our-shareholders/> (acedido a 04/09/2011)

<sup>273</sup> «Wintershall Holding GmbH specialises in energy and is a wholly owned subsidiary of BASF SE, the world's leading chemical company. Wintershall, with its headquarters in Kassel, Germany, has been active in the exploration and production of crude oil and natural gas in various parts of the world for more than 80 years. In Europe the company trades and sells natural gas and is, with its subsidiaries WINGAS and WINGAS TRANSPORT, also an important gas supplier on the German and European market. Wintershall is now Germany's largest producer of crude oil and natural gas. In its exploration and production activities, Wintershall deliberately focuses on selected core regions where the company possesses a wealth of regional and technological expertise.» in *Our Shareholders*, Nord Stream, s.d, <http://www.nord-stream.com/about-us/our-shareholders/> (acedido a 04/09/2011)

<sup>274</sup> «Gasunie is a European gas infrastructure company. Its network ranks among the largest high pressure gas pipeline grids in Europe, consisting of over 15,000 kilometres of pipeline in the Netherlands and northern Germany. The company offers transport services via its subsidiaries in the Netherlands and Germany and also offers other gas-related services, for instance in the field of gas storage and LNG. The company is the first independent gas transport provider with a cross-border network in Europe and aims for the highest standards in safety, reliability, efficiency and sustainability. The Gasunie network forms the core of what is called the northwest European "gas roundabout".» in *Our Shareholders*, Nord Stream, s.d, <http://www.nord-stream.com/about-us/our-shareholders/> (acedido a 04/09/2011)

<sup>275</sup> «GDF SUEZ develops its businesses around a model based on responsible growth to take up today's major energy and environmental challenges: meeting energy needs, ensuring the security of supply, combating climate change and optimising the use of resources. The Group provides highly efficient and innovative solutions to individuals, cities and businesses by relying on diversified gas-supply sources, flexible and low-emission power generation, as well as unique expertise in four key sectors: liquefied natural gas, energy efficiency services, independent power production and environmental services. The Group is listed on the Brussels, Luxembourg and Paris stock exchanges and is represented in the main international indices: CAC 40, BEL 20, DJ Stoxx 50, DJ Euro Stoxx 50, Euronext 100, FTSE Eurotop 100, MSCI Europe, ASPI Eurozone and ECPI Ethical Index EMU.» in *Our Shareholders*, Nord Stream, s.d, <http://www.nord-stream.com/about-us/our-shareholders/> (acedido a 04/09/2011)

<sup>276</sup> *Our Shareholders*, Nord Stream, s.d, <http://www.nord-stream.com/about-us/our-shareholders/> (acedido a 04/09/2011)

Este projecto russo-alemão, apesar de nos ser apresentado como pan-europeu,<sup>277</sup> contará com 1224 km de extensão, e segundo o consórcio bombeará 55 mil milhões de metros cúbicos por ano nos próximos 50 anos. A sua construção já arrancou e a previsão oficial é que termine totalmente no último quarto de 2012.<sup>278</sup> Entretanto o primeiro gasoduto já está concluído e operacional desde Novembro de 2011.<sup>279</sup> O custo previsto pelo consórcio é de 7.4 mil milhões de euros,<sup>280</sup> mas outras fontes não oficiais referem que pode derrapar até aos 9 mil milhões.<sup>281</sup> Será financiado directamente em 30% pelas companhias accionistas, sendo que os restantes 70% serão financiados por empréstimos bancários.<sup>282</sup>



Ilustração 72 – Mapa do *Nord Stream*<sup>283</sup>

<sup>277</sup> WHIST, Bendik, *Nord Stream: Not Just a Pipeline – An analysis of the political debates in the Baltic Sea region regarding the planned gas pipeline from Russia to Germany*, Fridtjof Nansen Institute, Novembro de 2008, p.12

<sup>278</sup> The Pipeline, Nord Stream, s.d, <http://www.nord-stream.com/pipeline/> (acedido a 04/09/2011)

<sup>279</sup> Nord Stream Pipeline Inaugurated – Major Milestone for European Energy Security, Nord Stream, 8 de Novembro de 2011, <http://www.nord-stream.com/press-info/press-releases/nord-stream-pipeline-inaugurated-major-milestone-for-european-energy-security-388/> (acedido a 14/11/2011)

<sup>280</sup> Our Contribution, Nord Stream, s.d, <http://www.nord-stream.com/about-us/our-contribution/> (acedido a 04/09/2011)

<sup>281</sup> WHIST, op.cit, p.6

<sup>282</sup> Idem

<sup>283</sup> Mapa retirado de: Comissão das Petições analisa projecto de gasoduto no Báltico, Parlamento Europeu, 7 de Fevereiro de 2008, <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+IM-PRESS+20080204STO20427+0+DOC+XML+V0//PT> (acedido a 04/09/2011)

#### **4.2.1 O valor estratégico do Nord Stream para a Rússia e para a Alemanha**

Os responsáveis do *Nord Stream* defendem que o projecto é fundamental para segurança energética da Europa, garantindo ao mercado europeu a satisfação da sua procura crescente por matérias-primas energéticas. Apesar de logisticamente os dois novos gasodutos permitirem uma exportação de volumes muito elevados, a Gazprom depara-se com dificuldades na produção de gás natural a longo prazo, desta forma é de ter em conta o risco futuro dos gasodutos deixarem de funcionar à sua capacidade óptima.

Apesar de dominar o mercado do gás natural na Europa, a Rússia sofre ainda de uma grande dependência em relação à Bielorrússia e à Ucrânia para o transporte desse mesmo gás desde o território russo até à Europa central. Durante a crise russo-ucraniana do gás em 2009, em que os cortes à Ucrânia se traduziram igualmente em cortes para a Europa Central e para os Balcãs, as autoridades russas reconheceram a necessidade de encontrar uma forma alternativa de fornecimento de gás natural à Europa. Actualmente, a Gazprom cobra à Ucrânia e à Bielorrússia preços mais baixos em relação a outros Estados, o que em teoria permitira evitar as dificuldades de incumprimento destes países e futuras crises energéticas. O *Nord Stream* apresenta-se assim como um projecto estratégico para Rússia, reduzindo significativamente a sua dependência em relação a estes países de trânsito. Por outro lado, por ser um projecto subaquático, a Rússia não tem de pagar tarifas de passagem aos Estados bálticos, Ucrânia e Bielorrússia, e que aliás estiveram na origem da crise energética entre a Rússia e a Bielorrússia em Janeiro de 2007.

Com o *Nord Stream*, a Rússia passa a contar muito mais com a Alemanha para a distribuição do seu gás natural aos países europeus. A Alemanha goza de uma boa relação com a Rússia, e dada a sua pujança económica dificilmente falhará o cumprimento dos contractos pondo em causa o abastecimento ao resto da Europa.

Por outro lado, se no futuro a Gazprom tiver dificuldade em exportar o gás devido à queda na produção, então a Rússia terá de escolher quais os clientes preferidos e quais os primeiros clientes a serem sacrificados no fornecimento. Se tal se verificar, fará sentido à Rússia usar o *Nord Stream* para abastecer com segurança a Europa, enquanto tenta aumentar a sua produção para continuar a satisfazer a procura dos Estados do leste europeu e de outros com os quais a Rússia não tem uma relação tão próxima como com a Alemanha. Ou seja, a escassez na produção de gás é um factor que faz do *Nord Stream* uma boa aposta para os alemães. A relação comercial do gás entre os dois países também não regista crises, pelo que a questão da dependência energética não é um tema tão caro à Alemanha como aos países do leste europeu.

Por outro lado, a Alemanha pode ver a sua procura de gás natural aumentar significativamente nos próximos anos, já que existe uma forte contestação antinuclear na sociedade alemã e que se veio a acentuar na sequência do desastre nuclear de Fukushima no Japão em Março de 2011. É esperado que a Alemanha feche todas as suas centrais nucleares até 2022.<sup>284</sup> O investimento em energias renováveis apoiado pela União Europeia, não poderá por si só colmatar o

---

<sup>284</sup> Germany: Nuclear power plants to close by 2022, BBC News, 30 de Maio de 2011, <http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-13592208> (acedido a 06/10/2011)

fim da energia nuclear. A Alemanha terá assim de apostar nos convencionais combustíveis fósseis, em particular o gás natural, que é uma fonte energética mais limpa que o carvão ou o petróleo, já que os Estados comunitários têm metas de CO<sub>2</sub> para a atingir.

Deste modo, o projecto *Nord Stream* é também do interesse estratégico da Alemanha. Na verdade, embora o *Nord Stream* se apresente como defensor da segurança energética da Europa, ele é em primeiro lugar uma maior garantia para a segurança energética da Alemanha, que assim se protege de incidentes idênticos à crise energética russo-ucraniana de 2009. Outro interesse fundamental, é o facto da Alemanha ter um papel participativo e chave no projecto, o que não acontece no caso do seu rival Nabucco, que não passa pela Alemanha e no qual a participação das empresas alemãs não é tão interessante, e mesmo a participação da RWE no projecto europeu apresenta sinais de desistência,<sup>285</sup> segundo a empresa «*The approach to Nabucco remains the same, though an interest can only continue if the project is supplied and economic viable*»,<sup>286</sup> o que tendo em conta o capítulo já elaborado sobre o Nabucco parece um argumento convincente. Também a decisão do governo alemão em encerrar as centrais nucleares revela-se desastroso financeiramente para a RWE, o que a obriga a recuar nos investimentos de risco como o Nabucco.<sup>287</sup>

Mesmo fora do campo da energia, interessa à Alemanha ter boas relações políticas e económicas com a economia emergente da Rússia. Segundo o investigador Edward Lucas, existe na Alemanha um importante *lobby* empresarial que influencia a política externa alemã,<sup>288</sup> e que segundo Bendik Whist deriva de um forte investimento alemão na Rússia durante décadas. Acrescenta ainda Whist que qualquer tentativa por parte dos políticos alemães em incorrer contra o *establishment* terá de se confrontar com a oposição deste *lobby*.<sup>289</sup>

Com ou sem uma queda acentuada na produção da Gazprom, é unânime entre os analistas que o *Nord Stream* oferece à Rússia um maior poder de negociação e mais *hard power* em relação à Europa de Leste. Com o *Nord Stream*, o gás natural russo torna-se ainda mais num poderoso instrumento de política externa da Rússia. Independentemente da Rússia usar ou não o gás natural para fins políticos e não meramente comerciais perante estes Estados, o *Nord Stream* confere-lhe essa possibilidade. De acordo com o investigador Robert Larsson do FOI (agência de investigação do Ministério da Defesa sueco): «*By being transit states for much of the gas to Europe, states such as Ukraine, Belarus and Poland have enjoyed some counter-leverage on Russia as they have been able to control the flow of gas for further exports to other end customers. Leverage and counter-leverage*

---

<sup>285</sup> MAZUR, Konrad, *RWE may withdraw from Nabucco*, 25 de Janeiro de 2012 <http://www.osw.waw.pl/en/publikacje/ceweekly/2012-01-25/rwe-may-withdraw-nabucco> (acedido a 07/02/2012)

<sup>286</sup> *RWE reviews role in Nabucco Pipeline*, UPI, 18 de Janeiro de 2012, [http://www.upi.com/Business\\_News/Energy-Resources/2012/01/18/RWE-reviews-role-in-Nabucco-pipeline/UPI-67821326889417/](http://www.upi.com/Business_News/Energy-Resources/2012/01/18/RWE-reviews-role-in-Nabucco-pipeline/UPI-67821326889417/) (acedido a 07/02/2012)

<sup>287</sup> *RWE in loss on German nuclear phase-out*, Hurriyet Daily News, 10 de Novembro de 2011, <http://www.hurriyetaidailynews.com/default.aspx?pageid=438&n=rwe-in-loss-on-german-nuclear-phase-out-2011-11-10> (acedido a 07/02/2012)

<sup>288</sup> LUCAS, Edward, *The New Cold War: How The Kremlin Menaces both Russia and the West*, Bloomsbury Publishing, 2008

<sup>289</sup> WHIST, op.cit, p.14-15

*have created an interdependent and balanced situation that has put some limitations on Russia's ability to cut supplies.*»<sup>290</sup>

A relação energética da Rússia com os países dependentes do gás russo na Europa de Leste, é certamente uma relação na qual a Rússia é o principal beneficiário, no entanto, o facto de a Rússia estar igualmente dependente destes países para o transporte do gás, funciona como poder de *counter-leverage* a que Robert Larsson se refere. O *Nord Stream* é então a consolidação do poder russo nesta relação através da deterioração do poder de *counter-leverage* destes Estados. Uma vantagem imediata para a Rússia, é a possibilidade de negociar os preços em alta com estes países para valores normais de mercado, pois deste modo, aqueles que anteriormente garantiam o transporte do gás russo, vêm-se agora com menor capacidade negocial na mesa de conversações.

O acréscimo de poder que o *Nord Stream* vem dar à Rússia sugere dois tipos de interpretações possíveis: ou a Rússia procura o seu benefício económico através da consolidação do seu quase monopólio de gás natural na Europa (em particular no leste), através da manutenção ou expansão da quota de mercado da Gazprom; ou o *Nord Stream* é para a Rússia um projecto político com o intuito de obter ainda mais poder (*leverage*) sobre a Europa de leste. A interpretação das aspirações russas depende do olhar de cada um sobre aquilo que é a Rússia: será a Rússia parte da cultura ocidental ou oriental? Será que a recuperação de poder da Rússia pós-soviética se faz de uma maneira mais pacífica, ou será feita de uma forma neo-imperialista desfavorecendo a cooperação com os antigos Estados da URSS e do Pacto de Varsóvia? Sobre as duas versões, Filippou Proedrou da Universidade de Sheffield, afirma: «*It depends on how one sees Russia. If one believes that Russia is an aggressive actor that wants to turn off the gas supply to Europe, then, of course this is dangerous. But if one has another image of Russia, namely that it is a European state that is aiming at its economic and political development, and that is being globalized and modernised, then it is not that dangerous. We are always getting back to the 'images of Russia'*».<sup>291</sup>

No caso de se assistir a um corte de gás da Gazprom à Europa que não seja motivado pelo incumprimento dos seus importadores, será mais provável que tal facto se dê pela dificuldade da companhia em produzir o suficiente no longo prazo para satisfazer a procura europeia, como aliás mostram os estudos já aqui apresentados sobre a previsão da queda da produção para os próximos anos.

Não é evidente a ideia de que a Rússia tenha uma agenda de política externa com a intenção de usar o *Nord Stream* como arma de chantagem política contra os seus vizinhos de modo a obter cedências políticas. O principal objectivo do *Nord Stream* é evitar o desvio por parte da Ucrânia do gás russo destinado a outros países em caso de incumprimento nos pagamentos, como tem vindo a acontecer. É isto que nos mostram as crises de 2006 e 2009 já abordadas, a Rússia nunca cortou o gás à Ucrânia sem que houvesse falta de pagamento, e por isso não é justificável o argumento de a Rússia querer cortar o gás indiscriminadamente pelo facto de terem existido estas crises. Do mesmo modo, não há evidências que nos levem a entender que o *Nord Stream* nunca será usado como uma

---

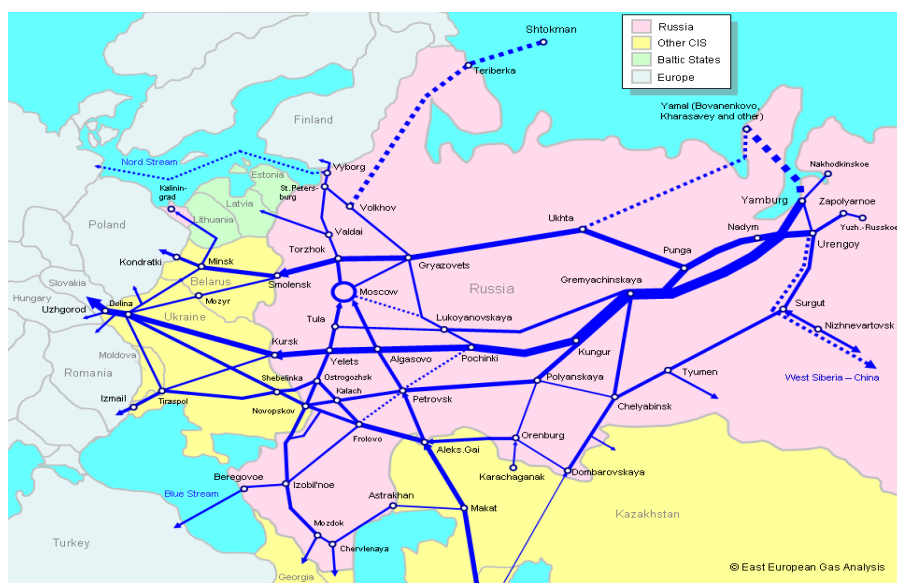
<sup>290</sup> LARSSON, Robert, *Security Implications of the Nord Stream Project*, FOI, 12 de Fevereiro de 2008, p.5

<sup>291</sup> PROEDROU, Filippou, *The EU-Russia Energy Approach under the Prism of Interdependence*, European Security, 2007, Vol.16, No.3, p.329



arma de arremesso contra a Europa de Leste. Apesar do projecto o permitir, o simples facto de um Estado adquirir poder não prova que o vá utilizar para estratégias de *hard power*.

Robert Larsson relembra que embora a União Soviética não tenha trazido à Europa Ocidental problemas no abastecimento<sup>292</sup> e numa época especialmente conflituosa entre este-oeste, os Estados bálticos têm razões para se sentirem mais preocupados em relação às intenções da Rússia, com a qual têm relações diplomáticas instáveis. De facto, após o fim da URSS, a Rússia já cortou por várias vezes o abastecimento de petróleo a estes países, circunstância que o *Nord Stream* não vai alterar, já que os países bálticos são completamente dependentes do gás russo e não são países de trânsito cruciais para a Gazprom como a Ucrânia e a Bielorrússia.



**Ilustração 73 - Rede de gasodutos no território da antiga URSS. É de notar que os Estados bálticos não são fundamentais para transportar o gás russo ao resto da Europa, pois não integram as maiores redes de gasodutos da região.**<sup>293</sup>

Temendo as intenções russas e o seu poder enquanto potência energética, surgiram contrapropostas na Europa de Leste de modo a evitar a concretização do *Nord Stream*. Foi sugerida em 2005 a construção de um outro gasoduto, o Yamal 2 que teria a mesma rota do actual Yamal 1, e que deste modo apenas traria à Rússia mais capacidade de exportação, o projecto foi discutido pela Rússia e pela Bielorrússia, mas o projecto *Nord Stream* ditou o abandono do projecto. Os Estados bálticos propuseram o gasoduto Amber, argumentando que seria mais vantajoso para a Rússia, dado que a operacionalização de um gasoduto em terra (*onshore*) seria mais barato do que um gasoduto subaquático (*offshore*).<sup>294</sup> Certamente que também há um grande interesse destes países nas possíveis receitas vindas das tarifas de passagem. Relativamente à diferença de custos, o consórcio do *Nord Stream* responde da seguinte forma: «an onshore pipeline, whilst cheaper to construct, would

<sup>292</sup> LARSSON, op.cit, p.6

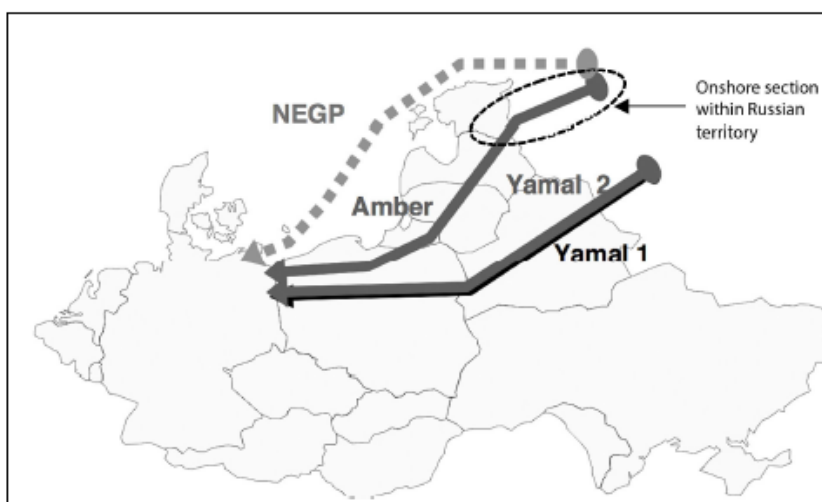
<sup>293</sup> CHAPLYGINA, Anna, *Russia as a Stable Energy Supplier*, Institute for Energy and Finance, 2007, slide.9 (apresentação em powerpoint)

<sup>294</sup> WHIST, op.cit, p.19-20

*be much more expensive to maintain over its lifespan due to the necessity of compressor stations every 200 km along the route».*<sup>295</sup>

Previsivelmente, tais contrapropostas ao *Nord Stream* não foram aceites. O Yamal 2 não concretiza um dos grandes objectivos da Rússia, i.e, não diversifica as rotas do gás. Por outro lado, o Amber embora apresente uma nova rota, não satisfaz a intenção russa de diminuir a sua dependência em relação a países de trânsito, apenas diluiria a sua actual dependência da Ucrânia e da Bielorrússia por três novos Estados. Por outro lado, estes gasodutos não interessariam à Alemanha, já que não seriam projectos russo-alemães. Nestes projectos, a Alemanha perderia o seu papel protagonista de distribuição de gás na Europa que ganha com o *Nord Stream*.

Alternative Onshore Routes –‘Yamal 2’ and ‘Amber’



Source: Janeliunas & Molis (2005: 219). (Oval and 'onshore section' text added)

**Ilustração 74 - Mapa dos gasodutos Amber, Yamal 1, Yamal 2 e NEGP (Nord Stream)**<sup>296</sup>

As questões ambientais que se colocam ao *Nord Stream*, são também motivo de crítica por parte dos Estados bálticos e da Polónia. Estes argumentos são apoiados pela ONG ambiental WWF (*World Wide Fund for Nature*) e apresentados num relatório de 2005 intitulado de “*Risk Assessment and an Environmental Impact Assessment for the North European Gas Pipeline Project (NEGP)*” que acusa o projecto de por em causa habitats naturais marinhos num mar já altamente poluído.

A Suécia e a Finlândia juntam-se aos países bálticos e à Polónia nas contestações ambientais. Um antigo embaixador sueco afirmou sobre o *Nord Stream* o seguinte: «*The Russo-German pipeline (...) will become an immediate threat to the Baltic Sea (...) Whilst laying the pipeline, the Russo-German consortium will stir up poisonous bottom sediments and (...) they will have to remove all kinds of remnants [scrap] that has been laying quietly at the bottom since the Second World War, remnants that are filled with lethal substances: thousands of undetonated mines, great amounts of dumped munitions and chemical weapons. In other words: All the things that the*

<sup>295</sup> Ibidem, p.20

<sup>296</sup> WHIST, op.cit, p.19



*environmental experts are telling us not to do, [Nord Stream] will be doing, and thereby create an immediate threat to the Baltic Sea.»<sup>297</sup>*

Como diz Bendik Whist, os suecos e os finlandeses não têm nada a ganhar economicamente com a construção de um novo gasoduto no Mar Báltico, mas tudo a perder em caso de catástrofe ambiental. Tendo em conta que estes países gozam de uma relação estável com a Rússia, a única forma de fazer oposição ao projecto sem contrariar demasiado Moscovo, é limitarem a sua oposição a argumentos ambientais e evitar posições políticas.<sup>298</sup>

Outra questão estratégica é a presença militar acrescida por parte da Rússia no Mar Báltico que o projecto pode acarretar. Este mar já é desde há séculos um palco de excelência da marinha russa. Actualmente, a frota báltica russa está sediada no enclave russo de Kaliningrado,<sup>299</sup> e poderá aumentar ainda mais a sua importância estratégica assim que o *Nord Stream* estiver concluído, alargando ainda mais os interesses russos na região.

Como afirmou em 2006 o presidente Vladimir Putin: «*The Baltic Fleet also has the task of ensuring our economic interests in the Baltic Sea. We have enough of them (...) [Nord Stream] is a major project, very important for the country's economy, and indeed for all Western Europe. And of course we are going to involve and use the opportunities offered by the navy to resolve environmental, economic, and technical problems because since the Second World War no one knows better than seamen how to operate on the bottom of the Baltic Sea.*»<sup>300</sup>

#### 4.3 O projecto South Stream

O *South Stream* é outro projecto para a construção de uma nova rede de gasodutos com vista a trazer gás do Cáucaso e da Ásia Central até à Europa. Como já foi referido, a Rússia prevê quedas na produção de gás no longo prazo, e o *South Stream* visa ultrapassar esse problema vendendo gás não russo de outras regiões para evitar falhas no fornecimento à Europa. A nova rede de gasodutos propõem-se a oferecer uma capacidade de 63 mil milhões de metros cúbicos anuais e apresenta um custo estimado na ordem dos 25 mil milhões de euros.<sup>301</sup>

O *South Stream* (oficialmente, consórcio South Stream AG baseado na Suíça) é um projecto russo-italiano, protagonizado pela Gazprom e pela companhia italiana Eni<sup>302</sup>. O governo italiano

---

<sup>297</sup> WAHLBACK, Krister, Stop the Russian gas pipeline that threatens the health of the Baltic Sea, Dagens Nyheter, 31 de Julho de 2006

<sup>298</sup> WHIST, op.cit, p.54

<sup>299</sup> Baltic Fleet, GlobalSecurity.org, s.d, <http://www.globalsecurity.org/military/world/russia/mf-baltic.htm> (acedido a 14/10/2011)

<sup>300</sup> WHIST, op.cit, p.34

<sup>301</sup> DEAK, András, Assessing Russian Commitments to the 2015 South Stream Deadline, International and Security Affairs Centre, s.d, p.1

<sup>302</sup> «*Eni operates in the supply, transport, distribution and sale of natural gas. (...) In 2010, sales of natural gas were 97.06 bcm, down 6.66 bcm or 6.4%, mainly due to unfavorable trends on the Italian market. Sales included Eni's own consumption, Eni's share of sales made by equity-accounted entities and upstream sales in Europe and in the Gulf of Mexico. (...) Volumes of gas transported in Italy in 2010 were 83.32 bcm increasing by 6.42 bcm from 2009 due to higher gas deliveries related to a recovery in domestic demand. (...) In 2010, capital expenditures in the Gas & Power segment totaled*

detém na empresa uma participação de 30% com golden share, fazendo da relação Eni-Gazprom uma relação política Roma-Moscovo. No consórcio ainda participam outras empresas com um papel mais secundário, como a francesa EDF SA, a Austríaca OMV, a búlgara Bulgarian Energy Holding, a grega DESFA, a húngara MFB e a sérvia Srbijagas.

Não tendo apenas um propósito meramente comercial para os interesses da Gazprom, o governo russo faz questão de intervir politicamente no projecto, tendo já assinado vários acordos intergovernamentais com outros Estados de modo a recolher outros apoios políticos dentro da Europa para além do governo italiano, nomeadamente a Bulgária, Sérvia, Hungria, Grécia, Eslovénia, Croácia e Áustria.<sup>303</sup>

Com o projecto, a Itália procura um aprofundamento das boas relações com a Rússia, tal como a Alemanha, assim como defender os interesses estratégicos da sua empresa Eni. Ao contrário da Rússia, a Itália não tem um interesse especial em combater o sucesso do Nabucco através do *South Stream*.

Como a Alemanha, a Itália considera a Gazprom um fornecedor fiável e não vê razões para financiar o Nabucco, que não entrando no território italiano não corresponde ao interesse da Eni. O antigo primeiro-ministro Berlusconi tinha uma relação muito cordial com Putin e fazia questão de o demonstrar nos seus discursos durante visitas de Estado entre os líderes.



**Ilustração 75 - Mapa do *South Stream*. Vai da cidade russa de Dzhubga terminando na cidade italiana de Brindisi, e nas cidades austriacas de Baumgarten e Arnoldstein.**<sup>304</sup>

€1.685 million» In *Gas & Power*, Eni, s.d, [http://www.eni.com/en\\_IT/company/operations-strategies/gas-power/gas-power.shtml](http://www.eni.com/en_IT/company/operations-strategies/gas-power/gas-power.shtml) (acedido a 19/02/2012)

<sup>303</sup> *Facts and Figures*, South Stream, s.d, <http://south-stream.info/index.php?id=14&L=1> (acedido a 05/11/2011)

<sup>304</sup> *South Stream on the Map of Europe*, South Stream, s.d, <http://south-stream.info/index.php?id=3&L=1> (acedido a 05/11/2011)

A intenção do projecto vai além da mera supressão das dificuldades de produção da Gazprom dentro da Rússia. O *South Stream* é pensado como um rival de peso ao Nabucco apoiado pela União Europeia. Se o *Nord Stream* já é uma obstrução à viabilidade comercial do projecto europeu dado que consolida a importação de gás russo, o *South Stream* é um rival ainda mais directo pelo facto de seguir uma rota parecida à do Nabucco e de ambos terminarem na estação austríaca de Baumgarten. Tendo os dois projectos quase a mesma rota, e pretendendo importar o gás das mesmas regiões, os dois projectos apresentam-se mais como adversários do que complementares.

O *South Stream* pretende iniciar a sua construção em 2013 e em 2015 iniciar-se-ão os primeiros fornecimentos o que constituiria um entrave ao sucesso Nabucco que apenas começará a operar em 2017. É uma diferença relevante, o que poderá significar que o *South Stream* comprometer-se-á primeiro com os fornecedores do Cáucaso e principalmente da Ásia Central, antecipando-se com a assinatura de contractos de fornecimento com estes países. Assim, se o *South Stream* for bem-sucedido e assegurar a produção da Ásia Central, pode negar o fornecimento adequado ao Nabucco.

Segundo Zeyno Baran do Hudson Institute, tendo em conta que o *South Stream* chega também ao sul da Itália, fica aberta à Gazprom uma oportunidade de entrar no mercado de gás do Norte de África, limitando ainda mais as soluções possíveis da diversificação do fornecimento europeu.<sup>305</sup>

Tal como o *Nord Stream*, o *South Stream* vem dar à Rússia uma maior diversificação dos territórios de passagem do seu gás, evitando transportá-lo pela Europa de Leste. Seguindo uma rota *offshore* (i.e, por mar e não por terra) pelo Mar Negro, evita também os territórios do Cáucaso e da Turquia. É por querer diversificar ao máximo os territórios de passagem que a Rússia optou pelo transporte *offshore*.

---

<sup>305</sup> BARAN, Zeyno, Security Aspects of the South Stream Project, Hudson Institute, Outubro de 2008, p.iii

## PLANNED SOUTH STREAM AND NABUCCO GAS PIPELINES



Ilustração 76 - Mapa do South Stream e Nabucco. Note-se que o traçado do South Stream está desatualizado neste mapa, pois é suposto terminar na Áustria e não no Norte de Itália. Contudo, este mapa mantém-se útil para comparar as rotas do projecto russo e do projecto europeu.<sup>306</sup>

Se o objectivo fosse apenas evitar a Europa de Leste e principalmente a Ucrânia, ter-se-ia optado pela expansão do Blue Stream. A expansão deste gasoduto, conhecida por *Blue Stream 2*, chegou a ser discutida mas a Gazprom decidiu dar prioridade ao *South Stream* de maneira a evitar eventuais problemas na passagem de gás caso surja algum impasse nas relações entre a Turquia e a Rússia. Assim, o *South Stream* sairá da Rússia para entrar na União Europeia via Mar Negro através da Bulgária, evitando Estados que não pertençam à União.

<sup>306</sup> HOPKINS, Sam, *Nabucco Gas Pipeline*, Energy & Capital, 11 de Fevereiro de 2009, <http://www.energyandcapital.com/articles/nabucco-gas-pipeline/827> (acedido a 04/11/2011)



**Ilustração 77 - Blue Stream e secção offshore do South Stream<sup>307</sup>**

A Sérvia acaba por ser o único território terrestre fora do espaço comunitário a fazer parte do *South Stream*. Como aliado histórico da Rússia a Sérvia não deverá constituir preocupação para os russos e conta ainda com o apoio de Moscovo. O governo sérvio assinou os acordos com a Rússia para o *South Stream* precisamente na semana a seguir à declaração de independência do Kosovo. Nesta questão a Rússia colocou-se do lado da Sérvia, ao não reconhecer o Kosovo, fortalecendo mais uma vez a solidariedade eslava numa altura em que o Kremlin escolhe o *timing* perfeito para propor o *South Stream* ao governo sérvio.

Em busca de apoios políticos ao *South Stream*, a Rússia faz o mesmo que com o *Nord Stream*, ou seja, “convida” as grandes potências europeias a entrarem e a ganharem com os projectos russos. No *Nord Stream*, a Gazprom permitiu um papel protagonista à E.ON, consolidando o apoio do governo alemão. No *South Stream*, o papel da Eni conduz também o governo italiano a pôr-se de lado da Gazprom ignorando o Nabucco.

“Dividir para conquistar” é uma expressão apropriada para descrever a linha de acção estratégica da Gazprom, i.e, dividir a coesão institucional da União Europeia no âmbito das políticas energéticas, e assim conquistar, ou neste caso controlar, e consolidar a sua posição comercial hegemónica nos mercados europeus de gás natural. “Dividir para conquistar” requer à Rússia a busca do apoio das grandes potências europeias, por outro lado, a Rússia “conquista” igualmente outros Estados europeus (nomeadamente aqueles por onde passa o *South Stream*) prometendo-lhes tornarem-se, nas palavras de Zeyno Baran, em “*gas hubs*”<sup>308</sup> para o fornecimento de gás à Europa. A estação austríaca de Baumgarten será a mais importante, tornando-se a Áustria o principal *hub* de gás natural do *South Stream*. É de notar que esta é a mesma estação que servirá o Nabucco, concedendo assim aos austríacos da OMV um papel activo naqueles que são projectos rivais, não obstante a tentativa dos responsáveis dos dois projectos insistirem que não há uma “guerra” de

<sup>307</sup> Blue Stream, Gazprom, <http://www.gazprom.com/about/production/projects/pipelines/blue-stream/> (acedido a 10/03/2012)

<sup>308</sup> BARAN, op.cit, p.13



gasodutos entre o Nabucco e o *South Stream*, ou de Martin Bartenstein, o ministro da economia austríaco, ter sugerido a 24 de Janeiro de 2008 a integração dos dois projectos.<sup>309</sup>

Ainda na estratégia de “dividir para conquistar”, note-se que a Rússia escolheu os Estados do norte do Mar Negro (a Bulgária e a Roménia) em vez de ter optado pelo território turco que poderia custar muito menos, já que se evitaria a construção de uma secção *offshore*. Esta decisão pode estar relacionada com o facto da Bulgária e da Roménia pertencerem à União Europeia. Se a Rússia aliciar estes países com as receitas possíveis das tarifas de passagem, pode obter destes Estados algum apoio político dentro de Bruxelas, não obstante o facto de estes Estados estarem igualmente incluídos no projecto do Nabucco.

Uma das dificuldades possíveis que se coloca ao *South Stream*, pouco abordada, é a questão da política comunitária do TPA (*Third Party Access*), e que já foi abordada no capítulo do Nabucco. O TPA talvez perca grande parte da sua relevância devido a um conjunto de diversos factores, e talvez por isso tenha sido posto de parte por tantos analistas. Teoricamente, esta regra imposta ao mercado energético da UE, obrigaria a Gazprom a não monopolizar os seus gasodutos, tendo de disponibilizar a sua rede europeia de gasodutos a outras companhias sobre condições ditas “justas” nunca podendo negar-lhes o acesso. Isto poderia significar que a Europa teria a oportunidade de importar o seu gás de outros Estados que não da Rússia através da rede da Gazprom.

Sobre o TPA e a Gazprom há vários pontos a ter em consideração que poderão retirar a eficácia a esta norma europeia. Desde logo, a Gazprom pode argumentar que a Rússia não ratificou a Carta da Energia, nem pertence à União Europeia ou à Comunidade Energética Europeia, não reconhecendo assim a legitimidade a Bruxelas para lhe impor regras comunitárias. Independentemente destes possíveis argumentos terem ou não validade jurídica, a Gazprom é a maior companhia de gás natural a actuar na Europa e Bruxelas não dispõe de meios para lhe impor regras e sanções suficientes ao ponto da Gazprom alterar as suas políticas, já que a Europa é altamente dependente da Gazprom. Além do mais, a União Europeia já abriu várias excepções ao TPA a outras companhias em diversas situações, e tendo em conta o poder da Gazprom dentro da Europa, esta poderá negociar mais facilmente isenções que lhe permita atingir os seus objectivos. Além disso, há gasodutos russos fora do espaço da União Europeia que seriam necessários aos europeus para diversificar a origem das suas importações ao abrigo do TPA. É possível que a Gazprom não monopolize a utilização da sua rede dentro da União Europeia, mas mesmo abrindo-a a outras companhias, não garantiria mais facilidades na estratégia de diversificação europeia nem prejudicará o objectivo fundamental dos russos: diversificar os territórios de passagem do seu gás e consolidar a sua hegemonia comercial na Europa.

Discute-se também se o custo exorbitante do *South Stream* fará deste um projecto viável comercialmente. No entanto, para além de aumentar a capacidade exportadora da Gazprom, o *South Stream* visa diminuir a dependência de territórios de trânsito estrangeiros e negar ao Nabucco a conquista dos recursos energéticos do Cáucaso e principalmente da Ásia Central. Isto consolidaria a Gazprom como *top exporter* nos mercados europeus. Se o *South Stream* der prejuízo, a Gazprom

---

<sup>309</sup> SOCOR, Vladimir, *OMV joins with Gazprom to undercut Nabucco*, The James Town Foundation, 29 de Janeiro de 2008, [http://www.jamestown.org/single/?no\\_cache=1&tx\\_ttnews\[tt\\_news\]=33332](http://www.jamestown.org/single/?no_cache=1&tx_ttnews[tt_news]=33332) (acedido a 07/02/2012)

pode ganhar noutros campos, como por exemplo, manter um forte poder na definição de preços. Se o Nabucco for um sucesso, a Gazprom terá de enfrentar uma nova concorrência que a obrigará a baixar os preços.

Alguns analistas, por duvidarem da viabilidade comercial do *South Stream*, referem que este projecto não tem a obrigação de ser economicamente viável já que conta com um apoio financeiro garantido por parte do governo russo. Entretanto referem também que esta vantagem do *South Stream* é uma desvantagem para o Nabucco porque este último tem de ser comercialmente viável por ser financiado na sua maioria por verbas privadas.<sup>310</sup> No entanto, se um fracasso do *South Stream* pode ser assumido pelas finanças do governo russo, o Nabucco também tem o apoio financeiro de Bruxelas pela mão do EIB (*European Investment Bank*) e do EBRD (*European Bank for Reconstruction and Development*). Ainda assim o Nabucco está mais dependente da vontade de investidores privados do que o *South Stream*, e se Bruxelas quiser realmente que o Nabucco seja um sucesso terá também que assumir perdas financeiras caso os objectivos do projecto fracassem.

#### 4.4 Lidar com a União Europeia e com a Ásia Central

Com vista a consolidar a sua posição no mercado do gás natural europeu, a Rússia deve jogar principalmente em duas regiões: na Europa Central/de Leste, e na Ásia Central.

É do interesse da Rússia e particularmente da Gazprom, que o Nabucco não atinja os objectivos dos europeus, i.e, importar gás não-russo da Ásia Central e do Cáucaso. Se uma estratégia de diversificação, levada a cabo por um actor internacional, necessita do apoio dos seus Estados-membros para funcionar, então a estratégia da Rússia passa por minar a coesão institucional dos seus Estados-membros. A Gazprom fá-lo aliciando companhias energéticas de Estados membros da União Europeia a participarem nos projectos russos e rivais ao Nabucco, como faz com a E.ON e com a ENI, abrindo caminho ao apoio do governo alemão e italiano. Para minar a coesão institucional da UE nesta área, é importante garantir o apoio das grandes potências europeias, desde logo a Alemanha com o *Nord Stream* (e até mesmo a França) e a Itália com o *South Stream*.

Ainda na questão dos aliciamentos políticos, destaca-se a controversa contratação do antigo Chanceler alemão Gerhard Schröder para os quadros do consócio Nord Stream AG. Durante o seu mandato, Schröder teve o cuidado de construir laços com Putin e tomou várias decisões de política externa em convergência com a Rússia, como por exemplo a oposição à invasão do Iraque pelos Estados Unidos, uma posição partilhada também pela França à altura com Jacques Chirac.

---

<sup>310</sup> Entre estes analistas está Zeyno Baran: « *South Stream is in direct competition with Nabucco—while there will be a huge increase in demand for gas in Europe, but today there is not enough market space for these two pipelines. Unlike South Stream, Nabucco is privately financed and needs the confidence of investors; the European Commission's backing of South Stream would kill Nabucco—at least in the short term and for Caspian gas.* » in BARAN, Zeyno, Security Aspects of the South Stream Project, Hudson Institute, Outubro 2008, p.30



Já depois do seu mandato, Schröder declarou o seu apoio à Rússia noutras questões como a rejeição da independência do Kosovo e o alinhamento com a Rússia defendendo que o presidente da Geórgia, Mikhail Saakashvili, foi o principal culpado da guerra russo-georgiana de Agosto de 2008.<sup>311</sup>

Em 2007, Schröder mostrou-se igualmente do lado da Rússia aquando da crise diplomática entre a Rússia e a Estónia na questão do memorial. A decisão dos estónios em remover um memorial soviético da Segunda Guerra Mundial de um local proeminente causou tensões entre os dois países e na enorme comunidade russa da Estónia. Schröder considerou que a decisão da Estónia “contraria qualquer forma de comportamento civilizado”.<sup>312</sup>

Outra contratação de relevo é escolha do ex-primeiro-ministro finlandês Paavo Lipponen para conselheiro do *Nord Stream* nas questões ambientais.<sup>313</sup> Uma escolha estratégica para apresentar pareceres positivos sobre o impacto ambiental do projecto aos Estados do Mar Báltico, e obter a aprovação destes, sendo a Finlândia precisamente um deles.

Se a Europa conseguir importar quantidades suficientemente grandes da Ásia Central a fornecedores que não sejam controlados pela Gazprom, então a Rússia enfrentará uma concorrência de peso. O gás russo é cada vez mais caro de explorar e a Gazprom precisa de grandes investimentos de modernização para travar os custos de produção crescentes. Este problema traduz-se em ineficiência e perda de competitividade para a Gazprom, que é salva por esta ser um actor dominador na rede de gasodutos da Europa devido à falta de concorrência, mesmo apesar de a Noruega estar a ganhar terreno à Rússia na exportação de gás natural.

Os russos têm ainda que garantir que os Estados central-asiáticos continuem a acordar com a Rússia grandes contractos de longo prazo para a venda de gás. A compra de gás a estes países permite à Rússia revender à Europa a preços mais altos e ocupar a capacidade produtiva desses países dificultando a sua capacidade de exportar directamente para os europeus. Ao ir buscar gás à Ásia Central, a Gazprom consegue também corrigir parte do declínio da produção de gás a que se assiste na Rússia. Assim, a capacidade da Rússia em manter o seu domínio no mercado europeu, dependerá da sua capacidade em consolidar a sua posição na Ásia Central.

No capítulo institucional, o governo russo tem de apostar numa maior cooperação com a Ásia Central no âmbito da Comunidade de Estados Independentes (CEI - criada em 1991), da Comunidade Económica Euroasiática (EAEC ou EurAsEc - criada em 2000), e da Organização do Tratado de Segurança Colectiva (OTSC - criada em 2002). A EurAsEc é um conjunto de acordos de comércio livre (inclusive no mercado energético) entre a Rússia, a Bielorrússia, o Cazaquistão, o Quirguistão, o Tajiquistão, e o Uzbequistão. No entanto, a Rússia está cada vez mais empenhada num projecto de integração económica à semelhança do mercado comum europeu. Em 22 de

---

<sup>311</sup> Serious Mistakes by the West, SPIEGEL Online, 18 de Agosto de 2008, <http://www.spiegel.de/international/world/0,1518,572686-2,00.html> (acedido a 17/11/2011)

<sup>312</sup> s.n, How to fight back, The Economist, 10 de Maio de 2007, [http://www.economist.com/node/9142057?story\\_id=9142057&fsrc=nwl](http://www.economist.com/node/9142057?story_id=9142057&fsrc=nwl) (acedido a 17/11/2011)

<sup>313</sup> Paavo Lipponen to Advise Nord Stream, Nord Stream, 15 de Agosto de 2008, <http://www.nord-stream.com/press-info/press-releases/paavo-lipponen-to-advise-nord-stream-252/> (acedido a 18/11/2011)

Novembro de 2011, foi ratificada na дума russa a União Económica Euroasiática<sup>314</sup> entre a Rússia, Cazaquistão e a Bielorrússia, e que já tinha dado o seu primeiro passo com uma união aduaneira entre os três países desde Julho de 2010. Prevê-se ainda uma cooperação em diversas áreas como a energia, o ambiente, a agricultura e uma integração monetária.<sup>315</sup> Historicamente a Rússia sempre se mostrou relutante em transferir direitos soberanos para instituições supranacionais, pelo que a criar uma União do género, certamente que a Rússia seria um Estado director e não um Estado semi-soberano como acontece na União Europeia.

Quanto às relações com a Alemanha, a Rússia deve trabalhar com os alemães no âmbito do *Nord Stream* e diversificar os territórios de trânsito do seu gás, nomeadamente evitar territórios como a Ucrânia e a Bielorrússia, mas também os Estados bálticos e a Polónia. As elites governamentais dos dois países têm apostado numa aproximação política e é de esperar que os laços económicos crescentes acentuem ainda mais essa boa relação.

Calcula-se que a Rússia prossiga a sua política de aquisições. Na Ásia Central a Gazprom tem feito várias aquisições de modo a consolidar a sua hegemonia nos mercados do gás natural. Também na Europa a Rússia tem comprado várias empresas no antigo Bloco de Leste, uma política que se desenhou cedo após o fim dos regimes comunistas nos anos 90, e não só na área do gás natural. A criação de várias subsidiárias e de *joint-ventures* com outras empresas tem sido outra forma de actuação da Gazprom, numa estratégia de entrar no mercado de distribuição europeu.

Uma estratégia que muitas vezes é apontada à Rússia, é a eventualidade de ser criada uma organização internacional com vista a criar um cartel do gás ao estilo da actual OPEC. Este cartel do gás incluiria provavelmente a Rússia, o Irão, a Argélia, a Líbia, o Qatar, a Venezuela e Trindade e Tobago. A nível regional, já em 2007 tinha havido acordos entre a Venezuela, Argentina e Bolívia para a criação da OPEGASUR (*Organización de Países Productores y Exportadores de Gas del Sur*).<sup>316</sup>

A Ásia Central mesmo sendo rica em gás natural, ficaria fora deste cartel do gás, provavelmente porque a Rússia está confiante quanto à sua influência na região e acredita que vai “conquistar” o gás natural do Cazaquistão e do Turquemenistão para o vender à Europa sob a forma de gás russo. Não tendo a Gazprom claras hipóteses de controlar zonas como o Magreb, Médio Oriente, ou América Latina, fará mais sentido à Rússia optar por uma cooperação estreita com estas regiões.

A posição oficial das autoridades russas relativamente à criação desta nova organização, é a de que esta teria como objectivo “uma coordenação dos fornecimentos de gás” e não um verdadeiro cartel de fixação de preços ao estilo da OPEC, e daquilo que o Irão defende abertamente para esta organização. Vários especialistas conceituados nas questões energéticas, alertam no entanto para a

---

<sup>314</sup> LULKO, Lyuba, Rússia, Belarus e Cazaquistão formam o governo supranacional, pravda.ru, 23 de Novembro de 2011, <http://port.pravda.ru/russa/23-11-2011/32503-0/> (acedido a 24/11/2011)

<sup>315</sup> Eurasian Economic Community, Ministry of Foreign Affairs of the Republic of Belarus, s.d, <http://www.mfa.gov.by/en/organizations/membership/list/a129a29a6011d384.html> (acedido a 18/02/2012)

<sup>316</sup> OHEP, Elio, Venezuela, Argentina, Bolivia sign treaty to create gas cartel OPEGASUR, Petroleumworld, 12 de Março de 2007, <http://www.petroleumworld.com/storyt07031302.htm> (acedido a 25/11/2011)

alegada possibilidade de ser criado um verdadeiro cartel a nível mundial e com uma liderança russa. Entre eles encontram-se por exemplo, Vladimir Socor do Jamestown Foundation, Ariel Cohen do Heritage Foundation, Robert Larsson do FOI, Keith Smith do Center for Strategic and International Studies, e Zeyno Baran do Hudson Institute.

Segundo Vladimir Socor, uma cooperação entre a Rússia e o Irão poderia ser benéfica para a Rússia. Segundo o investigador, a Rússia vê o Irão como um possível rival no mercado de gás na Europa, e uma ligação permitiria dividir mercados, ou seja, o mercado europeu ficava para a Gazprom enquanto a Rússia permitiria ao Irão a entrada no mercado asiático sem grandes obstáculos a nível de concorrência.<sup>317</sup> A ideia de Socor pode fazer sentido, mas como vimos no subcapítulo do fornecimento do Nabucco, o Irão não tem para já grande capacidade exportadora uma vez que não consegue tirar total partido das suas próprias reservas, e chega mesmo a experienciar falta de abastecimento em certas zonas do país, de modo que a divisão de mercados entre o Irão e a Rússia só poderá vir a ser uma ideia credível se o Irão fizer os investimentos necessários nas suas infra-estruturas de produção e transporte de gás natural. Ainda sobre a divisão dos mercados do gás, Ariel Cohen exemplifica que a Argélia e a Rússia podem vir a acordar uma divisão no mercado europeu, e enquanto a Rússia se compromete a não fazer concorrência no fornecimento a Espanha, a Argélia compromete-se a deixar o mercado alemão livre de concorrência para a Gazprom.<sup>318</sup>

Por outro lado, num artigo publicado pelo The Economist, são apresentados argumentos para o facto de não ser credível a criação de um cartel do gás a nível mundial. Refere o artigo que em primeiro lugar a maior parte do gás natural comprado é vendido por contratos de longo prazo, o que dificulta a regulação da produção a nível global assim como definir um preço a nível mundial. Em segundo lugar, o gás é negociado a nível regional e não a nível global como o petróleo. Como o gás natural necessita de uma infra-estrutura de gasodutos e não pode ser transportado livremente por navios ou ferrovia, há produtores de gás natural que dificilmente alguma vez serão concorrentes, já que vão apenas operar nas suas regiões de acesso. Para o gás natural ser transportado com a facilidade do petróleo, seria necessário ser exportado sob a forma de LNG, e refere o mesmo artigo que desta forma só o Qatar (líder mundial de LNG) poderia ambicionar ter um alcance exportador a nível global.<sup>319</sup>

A estratégia da Rússia passa pela construção dos projectos *Nord Stream* e *South Stream*. O primeiro claramente para diminuir a dependência em relação aos países de trânsito da Ucrânia e Bielorrússia. O segundo para além de diminuir igualmente essa dependência, tem como objectivo principal ir buscar à Ásia Central o gás cobiçado pelo Nabucco, negando abastecimentos a este e corrigindo a queda de produção de gás na Rússia que se prevê a longo prazo.

---

<sup>317</sup> SOCOR, Vladimir, *Toward a Russia-Led Cartel For Gas?*, The Jamestown Foundation, 30 de Março de 2011, p.2

<sup>318</sup> COHEN, Ariel, *Gas OPEC: A Stealthy Cartel Emerges*, The Heritage Foundation, 12 de Abril 2007, <http://www.heritage.org/research/reports/2007/04/gas-opec-a-stealthy-cartel-emerges> (acedido a 25/11/2011)

<sup>319</sup> s.n, *A gas OPEC*, The Economist, 5 de Fevereiro 2007, <http://www.economist.com/node/8655645> (acedido a 25/11/2011)

A falta de coesão institucional vivida dentro da União Europeia representa um factor de vantagem para a estratégia russa, dificultando ainda mais as estratégias coordenadas dos Estados-membros facilitando a concretização dos interesses russos na Europa.

## Conclusão

Procurando o renascer do poder da Rússia pós-soviética no sistema internacional, os seus líderes políticos perceberam que o seu país já não tem a capacidade de se afirmar globalmente somente através de aliados militares e de gastos ostensivos no sector da defesa. Agora, a nova Rússia procura uma ascensão económica como forma de melhor se afirmar geopoliticamente perante os actores mais dominantes como os EUA, a União Europeia, a China, o Brasil e a Índia.

Para consolidar a sua ascensão económica, a Rússia vê nas suas riquezas energéticas um potencial demasiado forte para ser desconsiderado. Rica em petróleo, carvão, e gás natural, os líderes russos tomam estas riquezas naturais como elementos decisivos para a ascensão russa nos planos político e económico.

Nesta dissertação estudou-se o caso particular do gás natural, que como vimos, pela sua natureza física, é capaz de conquistar um potencial estratégico que o petróleo não consegue. A afirmação russa através do gás natural, revela-se especialmente através de uma afirmação regional dentro da Europa, no Cáucaso e na Ásia Central.

Dentro da Europa a Rússia mantém uma relação de interdependência com esta através de um mercado de tendências monopolistas a favor da Gazprom. Desta relação de interdependência, a Rússia é o elemento privilegiado, mas é de assinalar que o mercado europeu é a maior fonte de receita da Gazprom.

A Europa é altamente dependente do gás russo, em particular os países do leste e centro do continente. A União Europeia como actor institucional tem tentado colmatar essa situação. Por um lado, através de políticas comunitárias de diversificação dos consumos energéticos, tais como o apoio ao desenvolvimento das energias renováveis, e por outro através de uma estratégia de diversificação de fornecedores de gás tendo como vanguarda dessa estratégia o projecto Nabucco.

Desta dissertação conclui-se que o Nabucco, mesmo já tendo sido aprovado, e se não for adiado entretanto, deixa-nos ainda muitas dúvidas por esclarecer quanto à sua viabilidade comercial. A falta de coesão institucional dentro da União Europeia é um dos obstáculos, a Itália e a Alemanha não estão empenhadas em apoiar o Nabucco, preferindo antes apoiar os projectos russos do *South Stream* e *Nord Stream* respectivamente. Sem um apoio político por parte das grandes potências europeias, Bruxelas fica com dificuldades acrescidas em lidar com os seus planos. A França também tem investimentos nos projectos russos, e o Reino Unido não tem sequer aparecido neste tipo de discussões para nos apresentar uma posição concreta.

Outro problema apontado ao Nabucco prende-se com o seu financiamento. Com um custo oficialmente estimado em 7.9 mil milhões de euros, é um projecto que acarreta alguns riscos. Não tendo um apoio financeiro governamental garantido, como acontece com os projectos da Gazprom, o consórcio Nabucco apoia-se sobretudo na ajuda das instituições europeias, como o EIB e o EBRD e requer a confiança dos investidores privados. Ainda com a recente questão dos *bailouts* a várias economias europeias por parte do BCE e FMI, a União Europeia poderá eventualmente recuar no financiamento do projecto tendo em conta que existem outras prioridades.

Outro problema mais grave é o abastecimento. O Nabucco pretende bombear gás do Cáucaso e da Ásia Central para a Europa evitando o território russo na sua rota. No caso do Cáucaso parece credível a possibilidade da União Europeia conseguir importar gás do Azerbaijão, já que neste país operam muitas companhias energéticas da Europa Ocidental, ao mesmo tempo que as boas relações entre a Turquia e o Azerbaijão dão confiança aos europeus relativamente ao território turco como principal centro de passagem desse novo gás.

Já o fornecimento da Ásia Central não parece ter o mesmo grau de viabilidade, e seria fulcral para o sucesso do projecto já que o Azerbaijão não tem capacidade para satisfazer sozinho a produção de gás que a Europa requer no longo prazo. Dentro da Ásia Central, o Cazaquistão e o Turquemenistão seriam os fornecedores ambicionados pela União Europeia. Estes dois países apresentam no entanto uma série de incertezas quanto à possibilidade de virem a fornecer o Nabucco. Estão ambos comprometidos com contractos de longo prazo para fornecer a Rússia e a China e têm sido alvo de várias aquisições por parte da Gazprom e outras companhias russas. Pela proximidade geográfica e pelos laços políticos, não há razões relevantes para que estes países passem a fornecer a Europa em vez da Rússia. A Rússia e a China já são mercados suficientemente grandes para satisfazer as ambições empresariais das empresas da Ásia Central. No caso particular da China, o seu consumo de gás natural sobe em flecha todos os anos para alimentar a sua ascensão económica, o que retirará à Ásia Central a capacidade exportadora necessária para fornecer a Europa no longo prazo. Nem o Turquemenistão nem o Cazaquistão participam no investimento do Nabucco, o que também prova a falta de entusiasmo dos dois países com a ideia de poder vir a fornecer a Europa.

Ideal para os europeus, e em certa medida para a Rússia, deveria ser a maior liberalização do mercado energético de modo a promover uma concorrência que pouco aparece dado o proteccionismo rígido do governo russo neste campo. A liberalização poderia por um lado baixar os preços para a Europa, enquanto que a Gazprom se via obrigada a investir na sua própria infra-estrutura de modo a tornar-se mais eficiente na sua exploração. Tornando a sua infra-estrutura mais eficiente levaria também a uma maior eficiência no consumo de gás da economia russa, que tem consumos *per capita* altíssimos precisamente pela falta de eficiência e pelos subsídios à energia por parte do governo russo (através de um preço de venda no mercado interno inferior ao preço de produção, que no fundo é como se a Gazprom financiasse os seus próprios clientes no mercado interno). Abrindo-se ao mercado livre, a Rússia também poderia tornar a Gazprom mais competitiva abrindo a empresa e o país ao investimento estrangeiro no sector energético. Por outro lado, enquanto a liberalização moderniza a Rússia e a Gazprom, pode ao mesmo tempo ser uma ameaça à posição de *top exporter* da empresa, o que contraria a estratégia política russa, já que essa é o instrumento da Rússia para consolidar o seu estatuto enquanto potência emergente. Num mercado mais concorrencial a nível europeu, poderia eventualmente promover investimentos privados no sector do LNG de forma a competir com o caríssimo gás russo.

Actualmente a Gazprom é fortemente protegida por medidas proteccionistas do Kremlin. Os líderes russos asseguram-se que só a Gazprom tem o direito de exportar o gás russo, ao mesmo tempo que a fecham a capitais estrangeiros de modo a que permaneça sempre nas mãos da política

rusa. Ao estar protegida pelo governo russo, a Gazprom consegue assim o privilégio de se arriscar em estratégias cuja viabilidade financeira não é clara. Isto permite à Rússia bloquear o aparecimento de uma concorrência forte no mercado europeu. Se certos projectos da Gazprom se revelarem um fracasso financeiro, então a empresa pode contar com uma injeção de capitais alimentada pelos impostos dos contribuintes russos. Ou seja, a Gazprom pode concluir projectos que mesmo não tendo viabilidade financeira, satisfazem o objectivo de proteger a quota de mercado dominante de que a Rússia detém no mercado europeu.

O objectivo da Rússia no actual contexto da energia é simples de compreender. A Rússia procura consolidar e garantir no longo prazo a posição de *top exporter* para a Gazprom no mercado europeu. O caminho russo passa mais, ou deveria passar mais, por uma estratégia de consolidação do que por uma estratégia de expansão. Isto significa que a prioridade da Rússia e da Gazprom deve ser a de garantir a sustentabilidade do seu estatuto dominante na Europa em vez de concentrar os seus esforços políticos e os seus investimentos numa expansão para novos mercados, já que a tendência monopolista da Gazprom na Europa encontra-se ameaçada a longo prazo. E mesmo que se tenha em conta que a conquista de novos mercados pode colmatar a perda de influência no mercado europeu a longo prazo, a Gazprom dificilmente terá meios para jogar em todas as frentes, já que na Europa se vê a mãos com os encargos financeiros dos dois Streams, e entrar em novos mercados é difícil devido à limitação das redes de gasodutos (por isso mesmo, a Gazprom tem feito também alguns investimentos na área do LNG para se libertar destas limitações).

A queda de produção de gás na Rússia é na verdade a principal ameaça ao futuro da Gazprom, e não o projecto Nabucco ou outra estratégia de diversificação europeia. Enquanto a queda de produção ameaça o domínio da Gazprom na Europa, ao mesmo tempo que a Europa fica ameaçada se não tiver outras soluções de abastecimento, também a fraca eficiência do sistema de exploração/produção de gás natural da Rússia é uma séria ameaça já que fica mais exposta ao aparecimento de uma concorrência forte e mais competitiva a nível de preços.

A actual estratégia da Rússia e da Gazprom centra-se na diversificação dos territórios de passagem do seu gás e na conquista do gás natural da Ásia Central. Quanto à diversificação dos territórios de passagem, os russos evitam a sua dependência em relação à Bielorrússia e à Ucrânia que tem trazido problemas ao nível da sua fiabilidade enquanto país de trânsito do gás russo, chegando mesmo a prejudicar o abastecimento à Europa, nomeadamente aquando a crise russo-ucraniana de 2009. Para reduzir a dependência em relação a estes Estados, a Gazprom aposta nos projectos do *Nord Stream* e *South Stream*. O primeiro evita os territórios terrestres através de uma rota por mar (*offshore*) de modo a não depender de nenhum Estado para o transporte do seu gás. O segundo, para além de evitar a Ucrânia, Bielorrússia ou Estados Bálticos, tem como objectivo principal trazer gás da Ásia Central e vendê-lo na Europa como gás russo, assim, não só nega os fornecimentos ao Nabucco como ainda garante novas fontes de gás para colmatar a queda de produção no interior da Rússia.

Mesmo contando com os apoios da Alemanha e da Itália, há analistas que se interrogam quanto à viabilidade financeira dos projectos já que são bastante dispendiosos, principalmente a construção e manutenção dos sectores *offshore* do Mar Báltico (*Nord Stream*) e do Mar Negro (*South*



*Stream*). É no entanto de ter conta que com sectores *offshore* a Gazprom evita o pagamento de tarifas de trânsito, e a questão que fica por responder é até que ponto essa isenção compensará os custos elevados de uma infra-estrutura tão cara. Projectos dispendiosos significam produção cara, o que a longo prazo pode vir a custar caro às companhias dos consórcios dos dois Streams no caso de surgirem no mercado novos *players* mais competitivos e com soluções mais baratas.

A conclusão que se retira desta investigação é de que a Rússia tem o seu potencial ameaçado pelo declínio que poderá vir a assistir no mercado energético. Tendo em conta que se trata de um tema actual, é impossível prever se os líderes russos conseguirão lidar com os obstáculos que se lhes colocam. Os gastos financeiros que os dois projectos dos Streams apresentam podem vir a revelar-se insuficientes para responder aos desafios da Gazprom, em especial o problema da queda da produção, ou até mesmo a estratégia de diversificação que os Europeus poderão conseguir levar a cabo no futuro, ainda que desta dissertação não se encontrem razões para o Nabucco ser visto com muito optimismo, já que também ele apresenta enormes riscos de viabilidade financeira e comercial. Os Streams podem ter a sua importância estratégica, mas não resolvem este problema. De nada vale à Rússia dominar rotas imensas de gás dentro da Europa se depois não dispuser do gás necessário para satisfazer os seus compromissos de exportação. Se as autoridades russas não tiverem sucesso em contrariar esta tendência nos próximos tempos, a ascensão da Rússia poderá estar posta em causa, perdendo assim o seu grande instrumento de emergência económica e política que a levará a ficar para trás relativamente a outras potências emergentes como a China e a Índia.

A Gazprom deve por isso apostar seriamente na modernização da sua infra-estrutura e evitar a queda de produção de gás nos próximos tempos, assim como combater os custos de produção crescentes tornando-se mais eficiente na sua actividade. Provavelmente a Gazprom terá também de olhar o LNG como um mercado possível para o futuro na eventualidade deste vir a ser o futuro do consumo de gás na Europa. A questão que se coloca é se a Gazprom vai ter meios financeiros para fazer tudo a tempo, o que poderá significar que o governo russo intervirá de modo financiar a Gazprom e a manter a supremacia da empresa na Europa a todo o custo, nem que isso signifique acarretar investimentos de retorno incerto e duvidoso.

## Índice de ilustrações

ILUSTRAÇÃO 1 - CRESCIMENTO DO PIB DA RÚSSIA DURANTE OS GOVERNOS DE YELTSIN E PUTIN.....	21
ILUSTRAÇÃO 2 - DESPESA MILITAR POR PAÍS, 2011 .....	22
ILUSTRAÇÃO 3 - CRESCIMENTO NATURAL DA RÚSSIA.....	26
ILUSTRAÇÃO 4 - OS 10 MAIORES PRODUTORES DE GÁS NATURAL .....	27
ILUSTRAÇÃO 5 - OS 10 MAIORES EXPORTADORES DE GÁS NATURAL .....	27
ILUSTRAÇÃO 6 – MAIORES RESERVAS COMPROVADAS DE GÁS NATURAL DO MUNDO.....	28
ILUSTRAÇÃO 7 - OS 10 MAIORES CONSUMIDORES DE GÁS NATURAL .....	28
ILUSTRAÇÃO 8 - OS 10 MAIORES IMPORTADORES DE GÁS NATURAL.....	28
ILUSTRAÇÃO 9 - PRINCIPAIS CAMPOS DE GÁS NO MUNDO.....	29
ILUSTRAÇÃO 10 - OS 10 MAIORES EXPORTADORES DE PETRÓLEO .....	30
ILUSTRAÇÃO 11 - OS 10 PAÍSES COM MAIORES RESERVAS DE PETRÓLEO.....	30
ILUSTRAÇÃO 12 - EXPORTAÇÃO DE GÁS NATURAL LIQUEFEITO PELA GAZPROM .....	32
ILUSTRAÇÃO 13 - ILHA DE SAKHALIN .....	32
ILUSTRAÇÃO 14 - A VERMELHO ESTÃO ASSINALADAS AS ZONAS CONSIDERADAS PRIORITÁRIAS PELA GAZPROM. A VERDE ESTÁ ASSINALADA A ILHA DE SAKHALIN. ....	33
ILUSTRAÇÃO 15 – PREVISÃO DA PRODUÇÃO DE GÁS POR REGIÃO PELA GAZPROM ATÉ 2020 .....	34
ILUSTRAÇÃO 16 - DESTINOS DA EXPORTAÇÃO DE GÁS DA NORUEGA E RESPECTIVAS QUOTAS.....	37
ILUSTRAÇÃO 17 - MAPA DE GASODUTOS DA EUROPA.....	37
ILUSTRAÇÃO 18 - GRÁFICO DAS QUOTAS DE EXPORTAÇÃO DE GÁS NATURAL PARA OS PAÍSES EUROPEUS DA OCDE .....	38
ILUSTRAÇÃO 19 - PERCENTAGEM DE GÁS NATURAL QUE OS ESTADOS EUROPEUS IMPORTAM DA RÚSSIA .....	38
ILUSTRAÇÃO 20 – MAPA DAS RUPTURAS (PONTOS VERMELHOS) NA REDE DE GASODUTOS DA GAZPROM DE 2000 A 2002.....	40
ILUSTRAÇÃO 21 - RUPTURAS NOS GASODUTOS DA GAZPROM POR CADA 1000 KM. ....	40
ILUSTRAÇÃO 22 - REDE DE GASODUTOS (A VERMELHO) E OLEODUTOS (A VERDE) DOS ESTADOS BÁLTICOS. ..	43
ILUSTRAÇÃO 23 - QUADRO COMPARATIVO DOS PREÇOS PARA A UCRÂNIA E RESTO DA EUROPA (VALOR MÉDIO) .....	48
ILUSTRAÇÃO 24 - EVOLUÇÃO DO PREÇO DO GÁS NATURAL. REFERÊNCIA: HENRY HUB, LOUISIANA, EUA. ....	50
ILUSTRAÇÃO 25 - EVOLUÇÃO DO PREÇO DO GÁS NATURAL RUSSO. REFERÊNCIA: <i>BORDER PRICE</i> NA ALEMANHA. ....	51
ILUSTRAÇÃO 26 - COMPARAÇÃO ENTRE A VARIAÇÃO DE PREÇOS DO PETRÓLEO A NÍVEL MUNDIAL E DO GÁS RUSSO. ....	51
ILUSTRAÇÃO 27 - EVOLUÇÃO DOS CUSTOS DE PRODUÇÃO DA GAZPROM .....	52
ILUSTRAÇÃO 28 - RANKING DA FACILIDADE DE CRIAR NEGÓCIOS DA BIELORRÚSSIA, UCRÂNIA E RÚSSIA PELO BANCO MUNDIAL.....	55
ILUSTRAÇÃO 29 - ORIGENS DA IMPORTAÇÃO DE GÁS NATURAL PARA A UNIÃO EUROPEIA (2009) .....	59
ILUSTRAÇÃO 30 - DESTINOS DA EXPORTAÇÃO DE GÁS NATURAL RUSSO .....	59
ILUSTRAÇÃO 31 - TABELA REPRESENTATIVA DA PERCENTAGEM DE GÁS NATURAL RUSSO QUE OS ESTADOS EUROPEUS VIRAM CORTADOS COM A CRISE RÚSSIA-UCRÂNIA DE 2009, ASSIM COMO AS SUAS HIPÓTESES DE DIVERSIFICAÇÃO, RESERVAS DE GÁS DISPONÍVEIS E COMBUSTÍVEIS ALTERNATIVOS PARA FAZER FACE A ESSES CORTES. ....	62
ILUSTRAÇÃO 32 - DEPENDÊNCIA DA EUROPA DO GÁS NATURAL RUSSO (2006). NOTE-SE QUE O PROBLEMA NÃO AFECTA O REINO UNIDO. ....	63
ILUSTRAÇÃO 33 - ORIGENS DO GÁS NA ALEMANHA .....	63
ILUSTRAÇÃO 34 - ORIGENS DO GÁS NA FRANÇA.....	64
ILUSTRAÇÃO 35 - ORIGENS DO GÁS NA ITÁLIA .....	64
ILUSTRAÇÃO 36 - PREVISÃO DA QUOTA DO GÁS NATURAL NO CONSUMO ENERGÉTICO DA UE PARA O LONGO PRAZO .....	65
ILUSTRAÇÃO 37 – ORIGENS DA IMPORTAÇÃO DE PETRÓLEO DA UNIÃO EUROPEIA (EXCLUI A EXPORTAÇÃO DE PETRÓLEO DE ESTADOS-MEMBROS PARA OUTROS ESTADOS-MEMBROS). FSU REPRESENTA AS ANTIGAS REPÚBLICAS SOVIÉTICAS, ONDE A RÚSSIA REPRESENTA 29.7% DOS 42.4%. DADOS DE 2010 .....	65
ILUSTRAÇÃO 38 - MAPA DO NABUCCO E PRAZOS DE CONCRETIZAÇÃO.....	69
ILUSTRAÇÃO 39 - NABUCCO, EXPLICAÇÃO ILUSTRATIVA DO SEU FUNCIONAMENTO.....	70

ILUSTRAÇÃO 40 - <i>SOUTH CAUCASUS PIPELINE</i> (BTE) INDICADO A AMARELO E A SUA LIGAÇÃO COM O NABUCCO NA CIDADE TURCA DE ERZURUM.....	71
ILUSTRAÇÃO 41 - PROJECTO DO <i>TRANS-CASPIAN GAS PIPELINE</i> , OU GASODUTO TRANS-CÁSPIO EM PORTUGUÊS .....	71
ILUSTRAÇÃO 42 - ZONAS DE EXPLORAÇÃO DE PETRÓLEO E GÁS <i>OFFSHORE</i> DO AZERBAIJÃO .....	73
ILUSTRAÇÃO 43 - REDE DE GASODUTOS, OLEODUTOS E CAMPOS DE PETRÓLEO E GÁS NO CÁUCASO.....	74
ILUSTRAÇÃO 44 - PRODUÇÃO E CONSUMO DE GÁS NO AZERBAIJÃO .....	75
ILUSTRAÇÃO 45 - RESERVA DE GÁS NATURAL IRANIANA <i>SOUTH PARS</i> .....	76
ILUSTRAÇÃO 46 - GASODUTO TURQUEMENISTÃO - R.P. DA CHINA, TAMBÉM CONHECIDO POR <i>CENTRAL ASIA – CHINA GAS PIPELINE</i> .....	77
ILUSTRAÇÃO 47 - REDE DE GASODUTOS DOMÉSTICA DO TURQUEMENISTÃO .....	77
ILUSTRAÇÃO 48 - PROJEÇÃO DE PRODUÇÃO, CONSUMO E EXPORTAÇÃO DE GÁS DO TURQUEMENISTÃO.....	78
ILUSTRAÇÃO 49 - RANKING DE RESERVAS DE GÁS NATURAL. DE NOTAR AS RESERVAS DO IRAQUE, CAZAQUISTÃO, NORUEGA, UE, E UZBEQUISTÃO .....	80
ILUSTRAÇÃO 50 - EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES DE GÁS DO CAZAQUISTÃO (1992-2009)...	80
ILUSTRAÇÃO 51 – REDE CAZAQUE PRINCIPAL DE GASODUTOS USADOS PARA A EXPORTAÇÃO DE GÁS NATURAL .....	81
ILUSTRAÇÃO 52 - MAPA DO ITGI. A CINZENTO ESTÁ O GASODUTO TURQUIA-GRÉCIA, E A BRANCO SERÁ A SUA LIGAÇÃO À ITÁLIA .....	83
ILUSTRAÇÃO 53 - MAPA DO TAP E IAP .....	84
ILUSTRAÇÃO 54 - MAPA DO WHITE STREAM. OS TRACEJADOS VERDE E ROXO REPRESENTAM AS HIPÓTESES POSSÍVEIS. ....	85
ILUSTRAÇÃO 55 - SISTEMA DE GASODUTOS E OLEODUTOS DO NORTE DE ÁFRICA PARA A EUROPA .....	86
ILUSTRAÇÃO 56 - SISTEMA DE GASODUTOS E OLEODUTOS DA NORUEGA PARA A EUROPA .....	87
ILUSTRAÇÃO 57 - PRODUÇÃO E CONSUMO DE GÁS DA NORUEGA 1990-2009 .....	87
ILUSTRAÇÃO 58 - FRONTEIRAS DO ÁRTICO.....	88
ILUSTRAÇÃO 59 - ROTAS INTERNACIONAIS DO COMÉRCIO DE LNG .....	88
ILUSTRAÇÃO 60 - TERMINAIS DE LNG NA EUROPA.....	89
ILUSTRAÇÃO 61 - IMPORTAÇÕES E FORNECEDORES DE LNG DA EUROPA .....	90
ILUSTRAÇÃO 62 - PRINCIPAIS IMPORTADORES DE LNG .....	91
ILUSTRAÇÃO 63 - EXPORTAÇÃO DE LNG POR PAÍS (1982-2007).....	91
ILUSTRAÇÃO 64 - CONSUMO ENERGÉTICO NA ALEMANHA POR FONTE, 2009 .....	93
ILUSTRAÇÃO 65 - CONSUMO ENERGÉTICO NA ITÁLIA POR FONTE, 2009.....	94
ILUSTRAÇÃO 66 - OLEODUTO RUSSO BURGAS-ALEXANDROUPOLIS .....	97
ILUSTRAÇÃO 67 - PRESENÇA MILITAR NORTE-AMERICANA PELO MUNDO - 2010 .....	100
ILUSTRAÇÃO 68 - REDE PRINCIPAL DE GASODUTOS RÚSSIA-TURQUEMENISTÃO .....	103
ILUSTRAÇÃO 69 - MAR CÁSPIO.....	104
ILUSTRAÇÃO 70 - DIVISÃO DO MAR CÁSPIO SEGUNDO O DIREITO DO MAR .....	105
ILUSTRAÇÃO 71 - GÁS NATURAL COMPRADO PELA GAZPROM NA ÁSIA CENTRAL, 2005-2009.....	107
ILUSTRAÇÃO 72 – MAPA DO <i>NORD STREAM</i> .....	109
ILUSTRAÇÃO 73 - REDE DE GASODUTOS NO TERRITÓRIO DA ANTIGA URSS. É DE NOTAR QUE OS ESTADOS BÁLTICOS NÃO SÃO FUNDAMENTAIS PARA TRANSPORTAR O GÁS RUSSO AO RESTO DA EUROPA, POIS NÃO INTEGRAM AS MAIORES REDES DE GASODUTOS DA REGIÃO. ....	113
ILUSTRAÇÃO 74 - MAPA DOS GASODUTOS AMBER, YAMAL 1, YAMAL 2 E NEGP ( <i>NORD STREAM</i> ).....	114
ILUSTRAÇÃO 75 - MAPA DO <i>SOUTH STREAM</i> . VAI DA CIDADE RUSSA DE DZHUBGA TERMINANDO NA CIDADE ITALIANA DE BRINDISI, E NAS CIDADES AUSTRIACAS DE BAUGMARTEN E ARNOLDSTEIN. ....	116
ILUSTRAÇÃO 76 - MAPA DO <i>SOUTH STREAM</i> E NABUCCO. NOTE-SE QUE O TRAÇADO DO <i>SOUTH STREAM</i> ESTÁ DESACTUALIZADO NESTE MAPA, POIS É SUPOSTO TERMINAR NA ÁUSTRIA E NÃO NO NORTE DE ITÁLIA. CONTUDO, ESTE MAPA MANTÉM-SE ÚTIL PARA COMPARAR AS ROTAS DO PROJECTO RUSSO E DO PROJECTO EUROPEU. ....	118
ILUSTRAÇÃO 77 - <i>BLUE STREAM</i> E SECÇÃO <i>OFFSHORE</i> DO <i>SOUTH STREAM</i> .....	119

## Bibliografia

### Obras

DOUGHERTY, James, PFALTZGRAFF, Robert, Relações Internacionais – As teorias em confronto, Gradiva, s.l, 2003

HOWARD, Michael, Military Power and the International Order, Theories of Peace and Security, s.l, s.d

ABREU, Francisco, Fundamentos de Estratégia Militar e Empresarial. Obter superioridade em contextos conflituais e competitivos, Sílabo, Lisboa, 2002

PASCUAL, Carlos, ELKING, Jonathan, Energy Security. Economics, Politics, Strategies, and Implications, Brookings, s.l, Dezembro de 2009

LUFT, Gal, KORIN, Anne, et.al, Energy Security Challenges for the 21st Century, ABC Clio, 10 de Agosto de 2009

### Institutos e think-tanks

SMITH, Keith, Russia and European energy security – Divide and Dominate, CSIS, Outubro de 2008

DANNREUTHER, Roland, International Relations Theories: Energy, Minerals and Conflict, Polinares, Setembro de 2010

BUZAN, Barry & Wæver, Regions and Powers: The Structure of International Security, Cambridge University Press, 2003, p.4

PALONKORPI, Mikko, Energy Security and the Regional Security Complex Theory, Aleksanteri Institute, s.d

CHASE, Howard, European Energy policy, Seminário do Aleksanteri Institute, 2006

BEEHNER, Lionel, Russia's Energy Disputes, Council on Foreign Relations, 3 de Fevereiro de 2010, <http://www.cfr.org/energy/russias-energy-disputes/p12327#p5>

PIRANI, Simon, STERN, Jonathan, YAFIMAVA, Katja, The Russo-Ukrainian gas dispute of January 2009: a comprehensive assessment, Oxford Institute for Energy Studies, Fevereiro de 2009

WOEHREL, Steven, Russian Energy Policy Toward Neighboring Countries, Congressional Research Service, 2 de Setembro de 2009

BELKIN, Paul, The European Union's Energy Security Challenges, Congressional Research Service, 30 de Janeiro de 2008

BARYSCH, Katinka, Should Nabucco pipeline project be shelved?, Centre for European Reform, Maio de 2010

NORLING, Nicklas, Gazprom's Monopoly and Nabucco's Potentials: Strategic Decisions for Europe, Central Asia – Caucasus Institute, Novembro de 2007

PASZYC, Ewa, Nord and South Stream won't save Gazprom, Centre for Eastern Studies, Janeiro de 2010

World Military Spending, globalissues, 2011, <http://www.globalissues.org/article/75/world-military-spending>

The NATO Russian Founding Act, Arms Control Association, Maio de 1997, [http://www.armscontrol.org/act/1997\\_05/jm](http://www.armscontrol.org/act/1997_05/jm)

Russia, 2011 Index of Economic Freedom – The Heritage Foundation, 2011, <http://www.heritage.org/Index/Country/Russia>

CHYONG CHI, Kong, Report on: "Russian oil and gas industry: Energy dimensions in Russian Economic and Foreign Policy", Cambridge Centre for Energy Studies, Novembro de 2007

GROMADZKI, Grzegorz, KONONCZUK, Wojciech, Energy Game: Ukraine, Moldova and Belarus between the EU and Russia, Batory Foundation, Agosto de 2007

SOCOR, Vladimir, UKRGASENERGO: A NEW RUSSIAN-UKRAINIAN VENTURE TO DOMINATE UKRAINE'S GAS MARKET, The Jamestown Foundation, 16 de Fevereiro de 2006, [http://www.jamestown.org/single/?no\\_cache=1&tx\\_ttnews\[tt\\_news\]=31394](http://www.jamestown.org/single/?no_cache=1&tx_ttnews[tt_news]=31394)

ANDERSON, Richard J., Europe's Dependence on Russian Natural Gas: Perspectives and Recommendations for a Long-term Strategy, George C. Marshall – European Center for Security Studies, Setembro de 2008

BEEHNER, Lionel, Russia's Energy Disputes, Council on Foreign Relations, 3 de Fevereiro de 2010, <http://www.cfr.org/energy/russias-energy-disputes/p12327#p5>

GROMADZKI, Grzegorz, KONONCZUK, Wojciech, Energy Game: Ukraine, Moldova and Belarus between the EU and Russia, Batory Foundation, Agosto de 2007

KAPCHINSKY, Roman, Gazprom's European Web, The Jamestown Foundation, Fevereiro de 2009

ASLUND, Anders, Gazprom in crisis: a chance for reform, European Energy Review, 26 de Abril de 2010, <http://www.europeanenergyreview.eu/site/pagina.php?id=1898>

SHAPOVALOVA, Natalia, The battle for Ukraine's energy allegiance, FRIDE, Setembro de 2010

PIRANI, Simon, STERN, Jonathan, YAMAFABA, Katja, The April 2010 Russo-Ukrainian gas agreement and its implications for Europe, Oxford Institute for Energy Studies, Junho de 2010

s.n, Ukraine Braces for Gas Transportation Consortium with Russia, The Jamestown Foundation, 11 de Janeiro de 2012, [http://www.jamestown.org/programs/edm/single/?tx\\_ttnews\[tt\\_news\]=38870&cHash=763b2e2c9450efd623041afab560d9c1](http://www.jamestown.org/programs/edm/single/?tx_ttnews[tt_news]=38870&cHash=763b2e2c9450efd623041afab560d9c1)

MEARNS, Euan, The European Gas Market, 321 Energy, 13 de Dezembro de 2007, <http://www.321energy.com/editorials/mearns/mearns121307.html>

BARYSCH, Katinka, Should Nabucco pipeline project be shelved?, Centre for European Reform, Maio de 2010

PETERSON, Josh, Foreign Operators Unlikely To Find Next Shah Deniz, Stratoil, s.d, <http://stratoil.wikispaces.com/Shah+Deniz+-+Discovery+%26+Disappointment>

SOCOR, Vladimir, Strategic Issues Facing the Nabucco Project, Eurasia Daily Monitor, 20 de Setembro de 2007

BOONSTRA, Jos, The EU-Turkmenistan energy relationship: difficulty or opportunity?, FRIDE, Outubro de 2010

Country gas profile – Germany, Energy Delta Institute, <http://www.energydelta.org/mainmenu/edi-intelligence-2/our-services/country-gas-profiles/country-profile-germany>

Country gas profile – Italy, Energy Delta Institute, <http://www.energydelta.org/mainmenu/edi-intelligence-2/our-services/country-gas-profiles/country-profile-italy>

DENISON, Michael, The EU and Central Asia: Commercialising the Energy Relationship, EU-Central Asia Monitoring, Julho de 2009

SCHWARZ, Karl, The Faild US Business Plan, Rense, 9 de Janeiro de 2010, <http://www.rense.com/general87/failed.htm>

GILBERT, Spencer, Gas Politics in Russia and the EU, Journal of Politics and International Affairs, 2009

SOCOR, Vladimir, OMV Joins with Gazprom to Undercut Nabucco, Eurasia Daily Monitor, Jamestown Foundation, January 29

BLAGOV, Sergei, Russia tries to scuttle proposed trans-Caspian pipeline, Eurasianet.org, 28 de Março de 2006, <http://www.eurasianet.org/departments/insight/articles/eav032806.shtml>

ENDICOTT, Neil, The Nabucco Gas Pipeline: A chance for the EU to push for change in Turkmenistan, The Quaker Council for European Affairs, Dezembro de 2009

FONSECA, Pedro da, O Novo Grande Jogo da Energia, Universidade Lusíada, Abril de 2005

FREIFELD, Daniel, A ópera do grande gasoduto, Foreign Policy – Edição Portuguesa Foreign Policy, nº12, Outubro/Novembro de 2009

WHIST, Bendik, Nord Stream: Not Just a Pipeline – An analysis of the political debates in the Baltic Sea region regarding the planned gas pipeline from Russia to Germany, Fridtjof Nansen Institute, Novembro de 2008

MAZUR, Konrad, RWE may withdraw from Nabucco, 25 de Janeiro de 2012 <http://www.osw.waw.pl/en/publikacje/ceweekly/2012-01-25/rwe-may-withdraw-nabucco>

LUCAS, Edward, The New Cold War: How The Kremlin Menaces both Russia and the West, Bloomsbury Publishing, 2008

LARSSON, Robert, Security Implications of the Nord Stream Project, FOI, 12 de Fevereiro de 2008

PROEDROU, Filippou, The EU-Russia Energy Approach under the Prism of Interdependence, European Security, 2007, Vol.16, No.3

CHAPLYGINA, Anna, Russia as a Stable Energy Supplier, Institute for Energy and Finance, 2007

WAHLBACK, Krister, Stop the Russian gas pipeline that threatens the health of the Baltic Sea, Dagens Nyheter, 31 de Julho de 2006

DEAK, András, Assessing Russian Commitments to the 2015 South Stream Deadline, International and Security Affairs Centre

BARAN, Zeyno, Security Aspects of the South Stream Project, Hudson Institute, Outubro de 2008

HOPKINS, Sam, Nabucco Gas Pipeline, Energy & Capital, 11 de Fevereiro de 2009, <http://www.energyandcapital.com/articles/nabucco-gas-pipeline/827>

SOCOR, Vladimir, OMV joins with Gazprom to undercut Nabucco, The James Town Foundation, 29 de Janeiro de 2008, [http://www.jamestown.org/single/?no\\_cache=1&tx\\_ttnews\[tt\\_news\]=33332](http://www.jamestown.org/single/?no_cache=1&tx_ttnews[tt_news]=33332)

s.n, How to fight back, The Economist, 10 de Maio de 2007, [http://www.economist.com/node/9142057?story\\_id=9142057&fsrc=nwl](http://www.economist.com/node/9142057?story_id=9142057&fsrc=nwl)

OHEP, Elio, Venezuela, Argentina, Bolivia sign treaty to create gas cartel OPEGASUR, Petroleumworld, 12 de Março de 2007, <http://www.petroleumworld.com/story07031302.htm>

SOCOR, Vladimir, Toward a Russia-Led Cartel For Gas?, The Jamestown Foundation, 30 de Março de 2011

### **Empresas, agências governamentais e ONGs**

The Partnership for Peace programme, NATO, s.d, [http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics\\_50349.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_50349.htm)

Rússia Ficha de Mercado, AICEP, Abril de 2009

Gazprom Today, Gazprom, <http://www.gazprom.com/about/today/>

Gas Purchases, Gazprom, 2010, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/>

Russian oil and gas companies, Russia IC, 30 de Agosto de 2007, [http://www.russia-ic.com/business\\_law/Russian\\_companies/562/](http://www.russia-ic.com/business_law/Russian_companies/562/)

Norway, U.S. Energy Information Administration, Agosto de 2010, <http://www.eia.doe.gov/countries/cab.cfm?fips=NO>

Gazprom continues losing its market share in Europe, East European Gas Analysis, 14 de Setembro 2010, <http://www.eegas.com/rus-norw-2010-09.htm>

Gazprom Pipeline Ruptures in 2000-2002, East European Gas Analysis, s.d, <http://www.eegas.com/breaks.htm>

Gazprom Pipeline Ruptures in 1991-2006, East European Gas Analysis, s.d, <http://www.eegas.com/images/rupture.PNG>

Analyses of Energy Supply Options and Security of Energy Supply in the Baltic States, IAEA, Fevereiro de 2007



Corruption Perceptions Index 2011, CPI, 2011, <http://cpi.transparency.org/cpi2011/results/>

Global Intelligence, Stratfor, <http://www.stratfor.com/>

Average gas production cost of Gazprom in 2000-2010, East European Gas Analysis, 28 de Abril 2011, [http://www.eegas.com/rep2010q4-cost\\_e.htm](http://www.eegas.com/rep2010q4-cost_e.htm)

Economy Rankings, Doing Business/World Bank, Junho 2010, <http://www.doingbusiness.org/rankings>

Annual Report 2009, Transparency International, 2009

Energy Community, s.d, [http://www.energy-community.org/portal/page/portal/ENC\\_HOME/ENERGY\\_COMMUNITY](http://www.energy-community.org/portal/page/portal/ENC_HOME/ENERGY_COMMUNITY), [http://www.energy-community.org/portal/page/portal/ENC\\_HOME/ENERGY\\_COMMUNITY/Legal](http://www.energy-community.org/portal/page/portal/ENC_HOME/ENERGY_COMMUNITY/Legal)

Energy Information Administration, [www.eia.doe.gov](http://www.eia.doe.gov)

Long Term Outlook to 2030, Eurogas, 2007

Registration of Crude Oil Imports and Deliveries in the European Union (EU27), European Commission, 2010

Brief history of Nabucco, Nabucco, gas pipeline – gas bridge between Europe and Asia, [http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/company\\_main/about\\_us](http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/company_main/about_us)

About BEH, BEH, s.d, <http://www.bgenh.com/en/index.php?page=1&sid=1>

About us, BOTAS, s.d, <http://www.botas.gov.tr/index.asp>

in About OMV, OMV, s.d,  
[http://www.omv.com/portal/01/com/!ut/p/c5/04\\_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os3gDf1OLQC9HZyNXA3dPD18PQ09DAWjQD07N0\\_fzyM9N1S\\_IdIQEAHsuyuE!dl3/d3/L2dJQSEvUUt3QS9ZQnZ3LzZfME81OFFKQUMyRTBHSUhnSDJJMTAwMDAwMDA!/](http://www.omv.com/portal/01/com/!ut/p/c5/04_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os3gDf1OLQC9HZyNXA3dPD18PQ09DAWjQD07N0_fzyM9N1S_IdIQEAHsuyuE!dl3/d3/L2dJQSEvUUt3QS9ZQnZ3LzZfME81OFFKQUMyRTBHSUhnSDJJMTAwMDAwMDA!/)

About RWE, RWE, s.d, <http://www.rwe.com/web/cms/en/111466/rwe/rwe-group/about-rwe/>

Overview, Nabucco gas pipeline, <http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/commercial/overview>

Timeline, Nabucco gas pipeline, [http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/pipeline/timeline\\_steps](http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/pipeline/timeline_steps)

Nabucco – The European-Turkish project of choice, Nabucco gas pipeline, 2011

Azerbaijan, Energy Information Administration, Novembro 2010, <http://www.eia.gov/cabs/azerbaijan/Full.html>

Central Asia-China Gas Pipeline, Turkmenistan to China, Hydrocarbons-technology.com, s.d, <http://www.hydrocarbons-technology.com/projects/centralasiachinagasp/>

The World Fact Book, <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2179rank.html>

Economy Rankings, Doing Business/World Bank, Junho de 2010

ITGI, Edison, s.d, <http://www.edison.it/en/company/gas-infrastructures/itgi.shtml>

TAP and Croatia gas pipeline operator plinacro sign south east Europe MOUC, TAP, 25 de Fevereiro de 2011, <http://www.trans-adriatic-pipeline.com/news/news/detail-view/article/50/>

Norway, U.S. Energy Information Administration, Agosto de 2010, <http://www.eia.doe.gov/countries/cab.cfm?fips=NO>

Gazprom and EDF sign Memorandum detailing joint participation in South Stream project, Gazprom, 27 de Novembro de 2009, <http://www.gazprom.com/press/news/2009/november/article71994/>

Burgas-Alexandropolis (Trans-Balkan Crude) Pipeline, Europe, hydrocarbons-technology.com, s.d, <http://www.hydrocarbons-technology.com/projects/trans-balkan-pipelin/trans-balkan-pipelin1.html>

Democracy Index 2010, Economist Intelligence Unit, s.d.

Central-Asia Center, Gazprom, <http://www.gazprom.com/production/projects/pipelines/central-asia/>

Iran steps up naval presence in the Caspian Sea, RusNavy, 29 de Abril de 2011, [http://rusnavy.com/news/othersnavies/index.php?ELEMENT\\_ID=12135](http://rusnavy.com/news/othersnavies/index.php?ELEMENT_ID=12135)

Integration and Division in the Caspian Sea, Caucasian Review of International Affairs, 20 de Abril de 2009, [http://www.cria-online.org/CU\\_-\\_file\\_-\\_article\\_-\\_sid\\_-\\_35.html](http://www.cria-online.org/CU_-_file_-_article_-_sid_-_35.html)

KasRosGas, <http://www.kazrosgas.org/?f2&version=en>

Volumes, Gazprom, s.d, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/>

Cooperation with Kazakhstan, Gazprom, s.d, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/>

Cooperation with Turkmenistan, Gazprom, s.d, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/>

Cooperation with Uzbekistan, Gazprom, s.d, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/>

Cooperation with Kyrgyzia, Gazprom, s.d, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/>

Cooperation with Tajikistan, Gazprom, s.d, <http://www.gazprom.com/production/central-asia/>

Our Shareholders, Nord Stream, s.d, <http://www.nord-stream.com/about-us/our-shareholders/>

The Pipeline, Nord Stream, s.d, <http://www.nord-stream.com/pipeline/>

Nord Stream Pipeline Inaugurated – Major Milestone for European Energy Security, Nord Stream, 8 de Novembro de 2011, <http://www.nord-stream.com/press-info/press-releases/nord-stream-pipeline-inaugurated-major-milestone-for-european-energy-security-388/>

Our Contribution, Nord Stream, s.d, <http://www.nord-stream.com/about-us/our-contribution/>

Blue Stream, Gazprom, <http://www.gazprom.com/about/production/projects/pipelines/blue-stream/>

Comissão das Petições analisa projecto de gasoduto no Báltico, Parlamento Europeu, 7 de Fevereiro de 2008, <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+IM-PRESS+20080204STO20427+0+DOC+XML+V0//PT>

Gas & Power, Eni, s.d, [http://www.eni.com/en\\_IT/company/operations-strategies/gas-power/gas-power.shtml](http://www.eni.com/en_IT/company/operations-strategies/gas-power/gas-power.shtml)

Facts and Figures, South Stream, s.d, <http://south-stream.info/index.php?id=14&L=1>

South Stream on the Map of Europe, South Stream, s.d, <http://south-stream.info/index.php?id=3&L=1>

Paavo Lipponen to Advise Nord Stream, Nord Stream, 15 de Agosto de 2008, <http://www.nord-stream.com/press-info/press-releases/paavo-lipponen-to-advise-nord-stream-252/>

Eurasian Economic Community, Ministry of Foreign Affairs of the Republic of Belarus, s.d, <http://www.mfa.gov.by/en/organizations/membership/list/a129a29a6011d384.html>

### **Agências noticiosas**

VICTOR, Nadejda, Russia's Gas Crunch, The Washington Post, 6 de Abril 2006, <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/04/05/AR2006040501954.html>

Russia: Key facts, BBC News, <http://news.bbc.co.uk/2/shared/spl/hi/guides/457000/457038/html/>

Rússia: A Critical Evaluation of its Natural Gás Resources, Energy tribute, 2007, <http://www.energytribune.com/articles.cfm?aid=379>

Global 500, Financial Times, 2006, <http://media.ft.com/cms/8bd31770-0a7d-11db-b595-0000779e2340.pdf>

BUCKLEY, Neil, Duma votes for Russian gas export monopoly, Financial Times, 16 de Junho de 2006, [http://www.ft.com/cms/s/f042c74a-fd59-11da-9b2d-0000779e2340,Authorised=false.html?\\_i\\_location=http%3A%2F%2Fwww.ft.com%2Fcms%2Fs%2F0%2Ff042c74a-fd59-11da-9b2d-0000779e2340.html&\\_i\\_referer=http%3A%2F%2Fen.wikipedia.org%2Fwiki%2Fenergy\\_policy\\_of\\_Russia](http://www.ft.com/cms/s/f042c74a-fd59-11da-9b2d-0000779e2340,Authorised=false.html?_i_location=http%3A%2F%2Fwww.ft.com%2Fcms%2Fs%2F0%2Ff042c74a-fd59-11da-9b2d-0000779e2340.html&_i_referer=http%3A%2F%2Fen.wikipedia.org%2Fwiki%2Fenergy_policy_of_Russia)

Top companies: Most profitable, Fortune, 2010, <http://money.cnn.com/magazines/fortune/global500/2010/performers/companies/profits/>

Rússia: A Critical Evaluation of its Natural Gás Resources, Energy tribute, 2007, <http://www.energytribune.com/articles.cfm?aid=379>

Baltic States Agree On Single LNG Import Terminal, Penn Energy, 1 de Fevereiro 2011, <http://www.pennenergy.com/index/articles/newsdisplay/1359584630.html>

Gazprom restores Ukraine gas flow, BBC NEWS, 5 de Março de 2008, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/7276589.stm>

Gas dependency, Baltic Review, 12 de Fevereiro 2009, <http://baltic-review.com/2009/02/12/gas-dependency/>

Gazprom eyes bases in Norway, Barents Observer, 17 de Fevereiro de 2009, <http://www.barentsobserver.com/gazprom-eyes-bases-in-norway.4558723-116320.html>

Gazprom shows interest in Norwegian pipeline grid, Barents Observer, 27 de Janeiro de 2009, <http://www.barentsobserver.com/gazprom-shows-interest-in-norwegian-pipeline-grid.4550850-116321.html>

Baltic States should build their own LNG terminals – President, The Lithuania Tribune, 7 de Dezembro de 2011, <http://www.lithuaniatribune.com/2011/07/12/baltic-states-should-build-their-own-lng-terminals-%E2%80%93-president/>

OLSON, Parmy, Putin's Kremlin Flexes Its Muscles With Gazprom, FORBES.COM, 1 de Fevereiro de 2006, [http://www.forbes.com/2006/01/02/putin-gazprom-ukraine-cx\\_po\\_0102autofacescan02.html](http://www.forbes.com/2006/01/02/putin-gazprom-ukraine-cx_po_0102autofacescan02.html)

Nemtsov: Russian part in RosUkrEnergolooks as improper as Ukrainian one, Unian, 17 de Março de 2008, <http://www.unian.net/eng/news/news-241453.html>

Naftohaz Ukraine: Intermediary RosUkrEnergow owes \$40 million for gas transit, Kyiv Post, 3 de Janeiro de 2009, <http://www.kyivpost.com/news/nation/detail/32638/#ixzz1JhfQakLJ>

A ilha de férias que se tornou russa, presseurop, 2 de Fevereiro de 2012, <http://www.presseurop.eu/pt/content/article/1474501-ilha-de-ferias-que-se-tornou-russa>

VICTOR, Nadejda, Russia's Gas Crunch - Looming Shortfall Poses a Tough Choice, The Washington Post, 6 de Abril de 2006, <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/04/05/AR2006040501954.html>

Iron Lady behind bars: Tymoshenko moved to prison, RT, 30 de Dezembro de 2011, <http://rt.com/politics/tymoshenko-prison-sentence-court-015/>

ROMAN, Kris, Russia alarmed over new EU pact, Rusmedia – the infochannel of Euro-Rus. For a great Europe, from Gibraltar to Vladivostok, eurous4, 22 de Maio de 2009, <http://eurorus4en.wordpress.com/2009/05/22/russia-alarmed-over-new-eu-pact/#more-2059>

GORST, I., OLEARCHYK, R., STRAUSS, D., BRYANT, C., Germany warns gas shortage imminent, Financial Times, 6 de Fevereiro de 2009, <http://www.ft.com/cms/s/0/7e81cf2c-dbda-11dd-b07e-000077b07658.html#axzz1KGfe6GDX>

Bulgaria Tries to Boost Natural Gas Trade with Turkmenistan, novinite.com, 15 de Abril de 2010, [http://www.novinite.com/view\\_news.php?id=115285](http://www.novinite.com/view_news.php?id=115285)

Europeans mull bigger bailout fund for Italy, Spain, EurActiv, 27 de Setembro de 2011, <http://www.euractiv.com/euro-finance/europeans-mull-bigger-bailout-fund-italy-spain-news-507933>

Map shows locations of some of the main gas and oil pipelines in the Caucasus region, The Petroleum Economist Ltd, s.d, [http://news.bbc.co.uk/2/shared/spl/hi/pop\\_ups/06/europe\\_enl\\_1138037136/html/1.stm](http://news.bbc.co.uk/2/shared/spl/hi/pop_ups/06/europe_enl_1138037136/html/1.stm)

EU agrees Iran oil embargo, The Guardian, 4 de Janeiro de 2012, <http://www.guardian.co.uk/world/2012/jan/04/eu-iran-oil-embargo-ban>

BOCHKAREV, Danila, “European” Gas Prices: Implications Of Gazprom's Strategic Engagement With Central Asia, Pipeline & Gas Journal, Junho de 2009, <http://pipelineandgasjournal.com/%E2%80%9CEuropean%E2%80%9D-gas-prices-implications-gazprom%E2%80%99s-strategic-engagement-central-asia?page=show>

The State of Natural gas, Energy Tribune, 12 de Junho de 2006, <http://www.energytribune.com/articles.cfm/152/The-State-of-Natural-Gas>

Turkmengaz Plans To Raise Capacity To 100bcm In 2010, Business Monitor International, 22 de Outubro de 2009, <http://store.businessmonitor.com/article/298803>

Chinese Demand for Central Asian Energy, Eurasian Energy Analysis, 11 de Setembro de 2010, <http://eurasianenergyanalysis.blogspot.com/2010/09/chinese-demand-for-central-asian-energy.html>

Uzbekistan Not Interested in Supplying Natural Gas for Nabucco, novinite.com, 7 de Novembro de 2008, [http://www.novinite.com/view\\_news.php?id=98657](http://www.novinite.com/view_news.php?id=98657)

Nabucco requests commitment from producer countries, Uzbekistan newswire, 9 de Junho de 2011, <http://centralasianewswire.com/Uzbekistan/Nabucco-requests-commitment-from-producer-countries/viewstory.aspx?id=4218>

Turkey-Greece-Italy Pipeline, Cambridge Forecast Group Blog, 10 de Fevereiro de 2008, <http://cambridgeforecast.wordpress.com/2008/02/10/turkey-greece-italy-gas-pipeline/>

An unprecedented feat: combined in-line inspection of the world's longest subsea gas pipeline, The Australian Pipeliner, Outubro de 2010, [http://pipeliner.com.au/news/an\\_unprecedented\\_feat\\_combined\\_inline\\_inspection\\_of\\_the\\_worlds\\_longest\\_sub/043606/](http://pipeliner.com.au/news/an_unprecedented_feat_combined_inline_inspection_of_the_worlds_longest_sub/043606/)

Russia seeks to claim Arctic territory, Rusmedia – the info channel of Euro-Rus, s.d, <http://eurorus4en.wordpress.com/2009/03/04/russia-seeks-to-claim-arctic-territory/arctic-territory-borders/>

Europe Looks to LNG, Energy Tribune, 20 de Março de 2008, <http://www.energytribune.com/articles.cfm/830/Europe-Looks-to-LNG>

Europe Faces Tough Choices Over Natural gas, OILPRICE.COM, 7 de Agosto de 2010, <http://oilprice.com/Energy/Natural-Gas/Europe-Faces-Tough-Choices-Over-Natural-gas.html>

COCHRANE, Paul, The Tiny Giant, Executive, 5 de Maio de 2011, <http://www.executive-magazine.com/getarticle.php?article=14238>

HAENTZSCHEL, Thomas, Dependence on Russian gas worries some – but not all – European countries, The Christian Science Monitor, 6 de Março de 2008, <http://www.csmonitor.com/World/2008/0306/p06s01-wogn.html>

Bulgaria offers Lifeline to Burgas-Alexandroupolis Pipeline, Eurasian Energy Analysis, 13 de Julho de 2011, <http://eurasianenergyanalysis.blogspot.com/2011/07/bulgaria-offers-lifelin-to-burgas.html>

Bulgaria Quits Burgas-Alexandroupolis Oil Pipeline, Balkan Insight, 7 de Dezembro de 2011, <http://www.balkaninsight.com/en/article/bulgaria-quits-burgas-alexandroupolis-oil-pipeline>

Russia to beef up naval forces in Caspian, M&C news, 4 de Maio de 2011, [http://www.monstersandcritics.com/news/europe/news/article\\_1636959.php/Russia-to-beef-up-naval-forces-in-Caspian](http://www.monstersandcritics.com/news/europe/news/article_1636959.php/Russia-to-beef-up-naval-forces-in-Caspian)

Gazprom to buy controlling stake in Kyrgyz national gas company, Rianovosti, 5 de Agosto de 2009, <http://en.rian.ru/business/20090805/155733419.html>

Germany: Nuclear power plants to close by 2022, BBC News, 30 de Maio de 2011, <http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-13592208>

RWE reviews role in Nabucco Pipeline, UPI, 18 de Janeiro de 2012, [http://www.upi.com/Business\\_News/Energy-Resources/2012/01/18/RWE-reviews-role-in-Nabucco-pipeline/UPI-67821326889417/](http://www.upi.com/Business_News/Energy-Resources/2012/01/18/RWE-reviews-role-in-Nabucco-pipeline/UPI-67821326889417/)

RWE in loss on German nuclear phase-out, Hurriyet Daily News, 10 de Novembro de 2011, <http://www.hurriyetdailynews.com/default.aspx?pageid=438&n=rwe-in-loss-on-german-nuclear-phase-out-2011-11-10>

Serious Mistakes by the West, SPIEGEL Online, 18 de Agosto de 2008, <http://www.spiegel.de/international/world/0,1518,572686-2,00.html>

LULKU, Lyuba, Rússia, Belarus e Cazaquistão formam o governo supranacional, pravda.ru, 23 de Novembro de 2011, <http://port.pravda.ru/russa/23-11-2011/32503-0/>

### **Sites diversos**

crony capitalism, BusinessDictionary, <http://www.businessdictionary.com/definition/crony-capitalism.html>

MAZTEZ, José Adelino, complexidade crescente, 2003, [http://maltez.info/respublica/topicos/aalettrac/complexidade\\_crescente.htm](http://maltez.info/respublica/topicos/aalettrac/complexidade_crescente.htm)

Library of Congress Country Studies, <http://lcweb2.loc.gov/frd/cs/cshome.html>

EBERSTADT, Nick, SHAH, Apoorva, Decline in Births, Uptick in Deaths: Russia's Demographic Disaster The American, 26 de Maio de 2009, <http://blog.american.com/2009/05/decline-in-births-uptick-in-deaths-russias-demographic-disaster/>

TOP 10 – Natural gas production, Index mundi, 2009, <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=136&l=en>

TOP 10 - Natural gas exports, Index mundi, 2009, <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=138&l=en>

TOP 10 – Natural gas proved reserves, Index mundi, 2009, <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=98&l=en>

TOP 10 – Natural gas consumption, Index mundi, 2009, <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=137&l=en>

TOP 10 – Natural gas imports, Index mundi, 2009, <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=139&l=en>

TOP 10 - Oil exports, Index mundi, 2009, <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=95&l=en>

TOP 10 – Oil proved reserves, Index mundi, 2009, <http://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=10&v=97&l=en>

Sakhalin Island, Frontline World, 2007, [http://www.pbs.org/frontlineworld/rough/2007/05/russia\\_island\\_olinks.html](http://www.pbs.org/frontlineworld/rough/2007/05/russia_island_olinks.html)

Energy Statistics, NationMaster, 2007, [http://www.nationmaster.com/graph/ene\\_nat\\_gas\\_con\\_percap-natural-gas-consumption-per-capita](http://www.nationmaster.com/graph/ene_nat_gas_con_percap-natural-gas-consumption-per-capita)

Natural Gas Monthly Price, IndexMundi, 2011, <http://www.indexmundi.com/commodities/?commodity=natural-gas&months=60&currency=eur>

Russian Natural Gas Monthly Price, IndexMundi, 2011, <http://www.indexmundi.com/commodities/?commodity=russian-natural-gas&months=60&currency=eur>

Russian Natural Gas vs Crude Oil (petroleum) - Price Rate of Change Comparison, IndexMundi, 2011, <http://www.indexmundi.com/commodities/?commodity=russian-natural-gas&months=60&currency=eur&commodity=crude-oil>

Energy Statistics > Natural gas > consumption (per capita) (most recent) by country, Nation Master, 2008, [http://www.nationmaster.com/graph/ene\\_nat\\_gas\\_con\\_percap-natural-gas-consumption-per-capita](http://www.nationmaster.com/graph/ene_nat_gas_con_percap-natural-gas-consumption-per-capita)

GreenCarCongress, <http://bioage.typepad.com/photos/uncategorized/southpars.png>

Kazakhstan, Marcon International, Inc., s.d, <http://www.marcon.com/marcon2c.cfm?SectionListsID=30&PageID=2089>

North Africa Pipelines map - Crude Oil (petroleum) pipelines - Natural Gas pipelines - Products pipelines, Theodora, s.d, [http://www.theodora.com/pipelines/north\\_africa\\_oil\\_gas\\_products\\_pipelines\\_map.html](http://www.theodora.com/pipelines/north_africa_oil_gas_products_pipelines_map.html)

World's largest LNG consumers cut purchases as demand wanes, LNGpedia, 14 de Junho de 2009, <http://www.lngpedia.com/2009/06/16/worlds-largest-lng-consumers-cut-purchases-as-demand-wanes/>

LNG Statistics, LNGpedia, s.d, <http://www.lngpedia.com/lng-statistics/>

Map of U.S. Military bases around the world, Hidden Harmonies China Blog, 8 de Agosto de 2010, <http://blog.hiddenharmonies.org/2010/08/map-of-u-s-military-bases-around-the-world/>

Caspian Sea, Worldatlas explore your world..., s.d, <http://www.worldatlas.com/aatlas/infopage/caspiansea.htm>

Baltic Fleet, GlobalSecurity.org, s.d, <http://www.globalsecurity.org/military/world/russia/mf-baltic.htm>